Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23152 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA, 5 DEZEMBRO 90 60$00

EDITORIAL

Um paradoxo chamado Provedor

O recurso aos chamados orgãos públicos independentes - como o Provedor da Justiça, o Conselho de Imprensa (agora ameaçado de extinção) ou a (futura) Alta Autoridade para a Comunicação Social - tornou-se corrente nos Estados modernos.

A criação de organismos desta natureza explica-se pela consciência que o Estado cobra da desconfiança dos cidadãos em relação à classe política e à burocracia administrativa, na perspectiva da defesa dos seus direitos e garantias.

Daí o recurso a essas «magistraturas morais ou de influência», que surgem como uma espécie de «écran» situado, teoricamente, a meio caminho entre os cidadãos e o poder.

Ainda que se trate, por via de regra, de orgãos sem poderes coercivos, o Estado abdica de uma parcela do seu poder para delegá-lo em entidades que lhe são exteriores e cuja legitimidade não decorre directamente do sufrágio universal. Fá-lo, com aparente generosidade, porque pretende mostrar à opinião pública que, em matérias controversas e sensíveis, não hesita em recorrer a entidades exteriores, cuja principal fonte de legitimação é a garantia de independência e/ou a competência técnica, dando lugar, desse modo, a uma «criação normativa paralela» (Pierre Bouretz).

A importação destes orgãos de inspiração anglo-saxónica (Alta Autoridade para a Comunicação Social) ou escandinava (Provedor de Justiça), por sociedades como a portuguesa, não se faz de forma pacífica e linear. De resto, a tradução portuguesa de uma instituição britânica tem fortes probabilidades de resultar boliviana ou búlgara, sem ofensa para as nacionalidades em causa. A ausência de uma cultura democrática fortemente enraízada nos nossos hábitos dificulta o bom funcionamento destes

Mário Mesquita

Continua na Pág. 2

Portugueses gastam em jogo 300 milhões de contos/ano

- *Metade dos portugueses joga no Totoloto*
- *A receita do jogo legal dava para construir 785 escolas secundárias*
- *O jogo clandestino é tanto como o legal*

Os portugueses gastam cerca de 300 milhões de contos por ano em toda a sorte de jogos. No jogo legal gastaram, em 1988, 157 milhões, e, segundo estimativas da Misericórdia de Lisboa, quantia aproximada no jogo clandestino.

Trezentos milhões de contos é algo mais do que o orçamento conjunto dos Ministérios da Saúde e da Educação e a parte arrecadada pelo jogo legal dava para construir 785 escolas secundárias.

A sondagem «Os Portugueses e o Dinheiro», que hoje continuamos a publicar, revela que metade dos portugueses joga no totoloto. Enquanto os pobres retiram cerca de 50 milhões para os jogos dos totos, os mais abastados levaram para os Casinos e salas de Bingo cerca de 80 milhões de contos.

Se juntassemos a isto o movimento crescente da entrada de jogos espanhóis em Portugal, mais as fortunas que se queimam em esconsas mesas de jogo por aí levantadas em casas particulares, colectividades e tantas baiúcas, ter-se-ia uma ideia da dimensão do delírio de batota em que os portugueses mergulharam.

O crescimento dos jogos de azar está associado a períodos de recessão económica. A região de Setúbal, por exemplo, é das que mais receitas de Bingo tem registado.

Mas o jogo não é só desespero e perdição. Nós contamos aquela história do bairro social construído por uma sociedade que ganhou, em 1961, um dos primeiros grandes prémios do Totobola. **Págs. 10 e 11**

Os portugueses gostam de jogar -- e de calar-se sobre os ganhos ...

INES já fez rolar uma cabeça no PCP

Carlos Brito, líder do Grupo Parlamentar do PCP, reconheceu terem sido feitas críticas às posições da Direcção do seu partido face aos acontecimentos no Leste Europeu e à situação interna partidária, durante a reunião plenária dos deputados comunistas realizada na Assembleia da República. Brito considerou essas críticas como «normais e integradas nos debates em curso no partido», e disse não se preverem sanções aos seus autores. Sancionado, sim, foi o chefe de gabinete do Grupo Parlamentar e funcionário do PCP, João Labescat, ontem exonerado por se contar entre os militantes partidários fundadores do INES. É a primeira cabeça a rolar a pretexto do lançamento do Instituto de Estudos Sociais pela ala crítica do PCP.

Pág. 7

A situação na Roménia

Frente de Salvação Nacional concorre às eleições de Abril

Da nossa enviada especial Marina Tadeu

Depois de ter tomado medidas populistas, que podem ser entendidas como uma manobra pré-eleitoral, a Frente de Salvação Nacional da Roménia confirmou ontem que concorrerá às eleições livres, previstas para Abril. Com uma estrutura superorganizada, comparativamente aos incipientes partidos em formação no país, a Frente assume-se como uma instituição suprapartidária, que visa "salvar a pátria". Os novos partidos ainda não reagiram à decisão dos novos detentores do poder, mas sabe-se que jovens estudantes, que se empenharam na revolução popular, estão indignados perante esta perspectiva. Silviu Brucan, membro honorário da Frente e presidente do Conselho para a Cooperação do Ministério dos Estrangeiros romeno, em conferência de Imprensa, referiu-se à *novidade* e torneou a questão, ultimamente debatida, sobre a existência ou não da Frente, antes dos acontecimentos de 22 de Dezembro. **Pág.13**

Hoje: a Mosca volta a picar

Suplemento de 32 páginas

RN, CP, Metro e Carris preparam greve conjunta
Pág. 15

Olhar do Mocho sobre a TV por José Sousa Monteiro
Pág. 18

Política de A a Z por Fernando Piteira Santos
Pág. 5

Lotaria dos Reis
1.º 14 826 2.º 55 208 3.º 9 097
Pág. 14

EDITORIAL

Um paradoxo chamado Provedor

continuação da pág. 1

«corpos paralelos» do Estado (veja-se o depoimento do sociólogo Juan Mozzicafredo, nesta edição do "DL").

Os próprios motivos que levaram à sua criação - tradições autoritárias e centralizadoras - conduzem às tentativas para desprestigiá-los. O mesmo Estado que cria esses corpos paralelos encarrega-se de assegurar a sua ineficácia, impedindo que as suas recomendações sejam acatadas. Coisa curiosa, o Provedor da Justiça em Portugal dispõe de maior «dignidade institucional» - detestável expressão! - do que noutros países onde funciona com maior eficácia, conforme explica o dr. Almeida Ribeiro (designadamente na entrevista concedida a João Paulo Oliveira, que publicamos hoje). É um círculo vicioso: «Consultores jurídicos e altos funcionários comprazem-se a rebater os argumentos do Provedor - sublinha o titular do cargo -, mantendo as informações que tinham dado inicialmente ao ministro, o qual, por sua vez, tem tendência para homologar a sua opinião...»

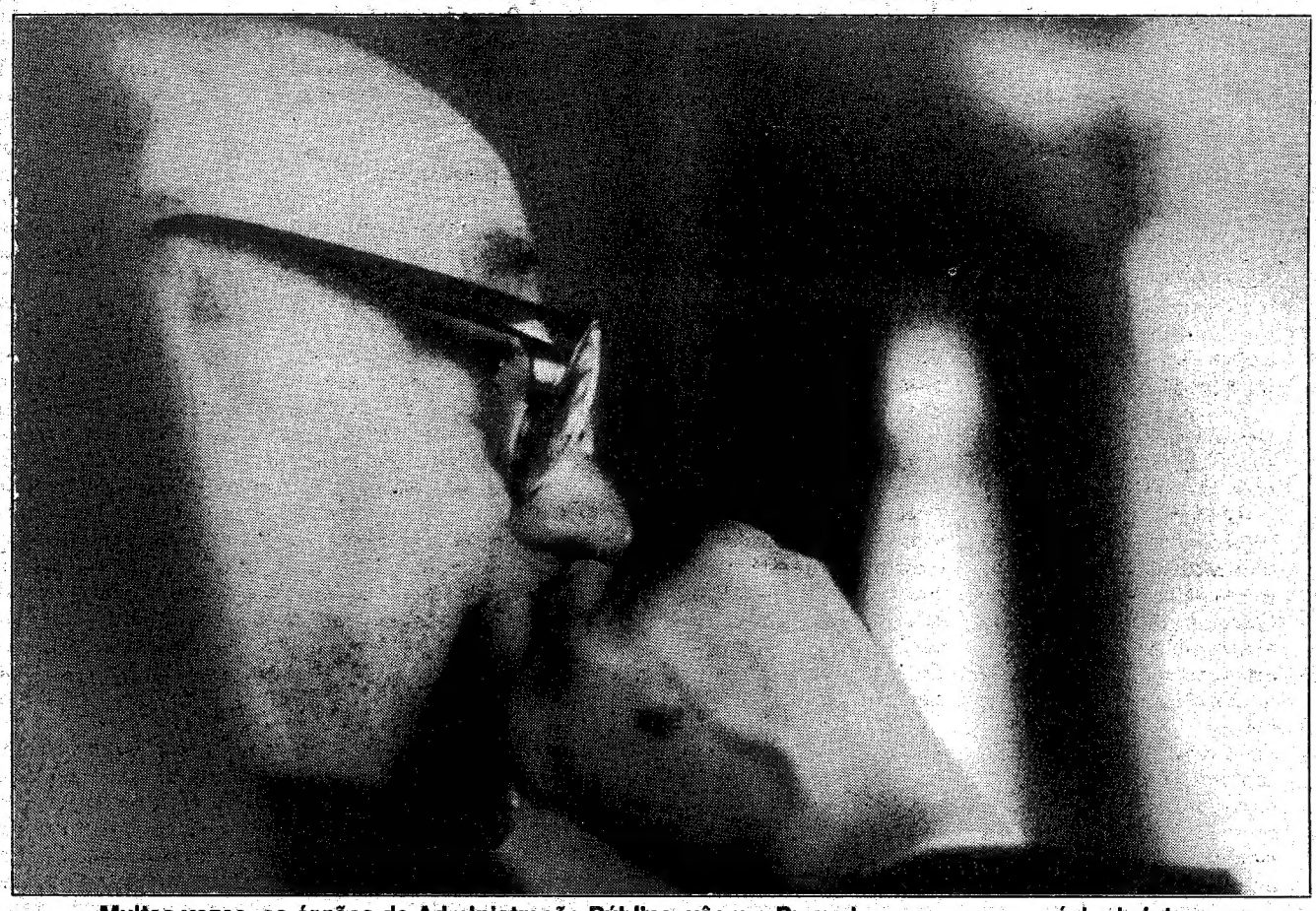
Na perspectiva da classe política e da administração o Provedor é visto como um concorrente, um poder paralelo, ou mesmo «um intruso». No espírito dos nossos governantes, o Provedor de Justiça é um orgão destinado a ser exibido, mostrado, visto, mas não a actuar eficazmente, defendendo, se for caso disso, os cidadãos em conflicto com o poder. Por outras palavras: para os nossos democratas "adesivos", o Provedor é um alibi protector e um ornamento do Estado democrático.

O paradoxo do Provedor da Justiça é este: pede-se-lhe que exista não existindo, mas assumindo a sua não existência com pompa, circunstância e a máxima «dignidade institucional». Nesse caso, o Provedor não provê coisa que se veja, mas não irrita os ministros, nem os assessores, nem os partidos - e assegura a suas reeleição sem dramas.

M. M.

Provedor de Justiça ao «DL»

O PSD nunca me disse por que não me quer



«Muitas vezes, os órgãos da Administração Pública vêem o Provedor como uma espécie de intruso»

P. - A lei contra o ruído é exemplo quase perfeito do abismo que separa, no nosso País, as boas intenções legislativas da vontade de fazer cumprir as leis. Dir-se-ia que, às vezes, a lei visa apenas o acerto formal do passo com outras sociedades, ou decorre de obrigações impostas por enquadramentos internacionais. Bem sei que a Provedoria de Justiça não nasceu sob o signo da inocuidade, mas, ainda assim, proponho-lhe uma comparação entre a eficácia real da lei contra o ruído e a das funções que exerce.

R.- A Provedoria de Justiça não será bem como a lei contra o ruído, até porque a lei contra o ruído permite realmente tomar algumas medidas; não são é efectivamente tomadas. Nós aqui, apesar de tudo, tomamos algumas medidas que dão algum resultado. Às vezes. Não dão é sempre. Não é como nos países escandinavos. Como sabe, foi num país escandinavo que nasceu a ideia do Provedor de Justiça, que se chama *ombudsman*. Aqui, as entidades visadas não respeitam as recomendações do Provedor como nesses países. Suponho que, em parte, por falta de hábito. Falta de hábito e falta de história. O Provedor de Justiça foi criado em 1975, em plena revolução do pós-25 de Abril, e só começou a funcionar praticamente em 1976.

É uma instituição muito nova, mas uma antiga aspiração democrática. A primeira vez que se falou na criação do *ombudsman* em Portugal - ainda não lhe chamavam Provedor de Justiça - foi no Congresso Republicano de Aveiro, em 1969, pela voz do Dr. Vasco da Gama Fernandes, um homem que tem muita admiração pelos países escandinavos. Mais tarde, era eu bastonário da Ordem dos Advogados, em 1972, em plena era marcelista, como lhe chamavam, uma conclusão do I Congresso Nacional dos Advogados defendia a existência de um magistrado - continuava a não se falar em Provedor - que pudesse vigiar os abusos do Poder ou da Administração Pública. Essa conclusão só teve consequências, evidentemente, depois do 25 de Abril - e com características que não existem nos outros países.

A originalidade portuguesa

P. - Características positivas?

R. - Sim. Em primeiro lugar, o Provedor de Justiça está consagrado constitucionalmente e nem todos os outros provedores possuem essa diginidade. Em segundo lugar, também não conheço nenhum Provedor de Justiça, a nível europeu ou mesmo mundial, que seja simultaneamente membro do Conselho de Estado. Entre nós, o Provedor é a quarta entidade do Conselho de Estado. Não conheço também nenhum Provedor equiparado, para efeitos de vencimento, regalias, precedências, etc., a ministro. Têm efectivamente categoria de altos funcionários, mas não esta equiparação. E, durante os dois primeiros anos em que aqui trabalhei, também tinha lugar no Conselho Superior da Magistratura. Depois, houve uma reforma, a meu ver mal feita, e perdi essa posição.

P. - Mal feita porquê?

R.- Porque, havendo muitas queixas por atrasos processuais, eu detinha um ponto de observação muito importante. O Conselho foi reformulado e passaram a fazer parte dele, por exemplo, políticos designados pela Assembleia da República. Eu entendo que por muito úteis que sejam as pessoas designadas pela Assembleia, para o Provedor era um lugar de eleição. Ora bem; nos outros países não se passa nada disto, mas, em compensação, as recomendações do Provedor são muito mais aceites do que aqui.

P. - E por que razão há dificuldade em aceitá-las aqui?

R. - Desde logo porque, no nosso País, a própria burocracia está muito hierarquizada. Para além das demoras - nos meus serviços também há demoras - há a burocracia. Quando faço uma recomendação ou um reparo a um ministro, o ministro manda ouvir, por exemplo, o secretário de Estado do pelouro; este, por sua vez, manda ouvir o director-geral, o consultor jurídico, o chefe da repartição e por aí fora. Depois da recolha de informações, da dactilografia, do envio dos ofícios, faz-se o caminho inverso. E, normalmente, as pessoas ouvidas foram aquelas que já tomaram posição. Consultores jurídicos e altos funcionários comprazem-se, digamos assim, em rebater os argumentos do Provedor, em manter a informação original dada ao ministro - o ministro tem tendência para a homologar. Daí o não serem aceites as recomendações.

A lei portuguesa não prevê qualquer prazo. Quando foi feita a revisão constitucional, estabeleceu-se o princípio do dever de colaboração com o Provedor. Foi um aperfeiçoamento da Constituição que, todavia, não desceu à minúcia de fixar um prazo. Daí que as queixas que o Provedor faz com mais insistência sejam relativas à demora na resposta e, depois, ao não acatamento frequente das suas recomendações.

P. - Isso frustra-o, claro...

R. - Claro. Eu posso ter as melhores relações, e tenho, com alguns membros do Governo, muito boas relações, mas...

P. - Essa falta de colaboração não é também deliberada? Não se sente visto como um intruso, aquele que é apreciado em público, mas detestado em particular?

R. - Sim, muitas vezes os orgãos da Administração Pública vêem o Provedor como uma espécie de intruso, alguém que se está a meter nas rodas da máquina. Repare, por exemplo, no caso de um doente que morre e cuja família me apresenta queixa de mau atendimento, de mau tratamento. Às vezes, acontece que a inspecção dos serviços de saúde, que também abre os seus processos, não vê com bons olhos a intervenção do Provedor e às vezes, pensa assim: se já estamos a tratar do assunto, que tem o Provedor de intervir? Esquecem-se de que o Provedor, quando fala em assuntos que já estão a ser investigados, pretende que se saiba que está atento, e conhecer do resultado, a fim de poder tomar qualquer atitude aconselhável.

P. - A função do Provedor não é, pois, apenas supletiva, é também de acompanhamento...

R. - De acompanhamento e aconselhamento. Utilizámos várias modalidades: a recomendação da revogação de um acto da Administração Pública, ou da mudança de legislação, como fizemos com os tarefeiros - foi criada uma lei; o reparo, quando já não há possibilidade de emendar o acto; e o conselho.

Uma magistratura moral

A Provedoria exerce uma magistratura moral, não dá sentenças e ainda bem - senão convertia-se num tribunal. As pesoas já têm tendência para escrever a quatro ou cinco entidades ao mesmo tempo quando me procuram. E, às vezes, ainda vão para o tribunal sem a gente saber.

A maior parte das queixas são de funcionários públicos, por causa de reformas, de classificações, de promoções, de diuturnidades, e de pessoas que têm problemas de ordem social, que recebem pensões ínfimas, ou abaixo do que julgam ser seu direito, ou que estão à espera de junta médica tempo de mais.

Tenho a consciência de que, logo no início do meu mandato, tomei iniciativas que considero benéficas para o futuro. Nomeadamente com os presos, quando dirigi pessoalmente um inquérito à cadeia de Vale de Judeus; creio que isso teve repercussão no tratamento dos reclusos. Outra foi o inquérito a alegadas violências nas esquadras. As queixas foram dadas como procedentes e toda a gente nota, que depois disso, houve mudança de comandos, mudança de mentalidades e, hoje, o binómio polícia-cidadão é mais aceitável. Notamos essa mudança aqui, com uma diminuição muito grande de queixas deste tipo. Quer dizer que o comando-geral tem

GRANDE ANGULAR

Retrato breve

Tem 68 anos, advogou durante 42, foi tudo na Ordem. Modesto, faz da maçaneta da porta o cabide para o seu chapéu; escrupuloso, paga do seu bolso o que as ajudas de custo não cobrem; independente, trabalha sem cuidar de saber a quem agrada.

Ao Poder deixou há muito de agradar. O PSD não lhe perdoa a defesa dos direitos sindicais da Polícia nem o desmascaramento do IRS; por isso, anda a vetar o seu nome, proposto pelo PS para novo mandato.

Em rigor, ele não sabe de onde vem tanta animosidade. Nunca lhe disseram. E continua, à espera que se decidam, no seu gabinete - espécie de consultório de médico simpático aonde acorrem os doentes das leis. Anda de metro, dá poucos almoços, não quer polícia à porta e é teimoso quanto baste para compensar as frustrações das batalhas perdidas - mais do que as ganhas.

Chama-se Ângelo Vidal d'Almeida Ribeiro e é o Provedor de Justiça. Assiste com serenidade à emergência dos democratas instantâneos como o pudim - ele, que combateu no Plenário. O último conhecido é o encarregado de negócios da Roménia em Lisboa. No dia 11, o Provedor participou num colóquio sobre Direitos Humanos e criticou o regime de Ceausescu. No dia 18, recebeu uma carta do diplomata, protestando contra as suas afirmações, atribuídas a desconhecimento da realidade... e acompanhando uma colecção de obras selectas do ditador romeno, para o Provedor se elucidar de vez. Foi esta criatura que, no dia 23, nos estúdios da RTP, renegou Ceausescu e aplaudiu a mãos ambas a nova ordem no seu País. O Provedor: «Vou-lhe mostrar a carta senão você nem acredita...»

dado ordens rigorosas para o atendimento educado e correcto do cidadão pelo polícia . O eco desse inquérito e a vontade política do Governo em modificar as coisas para melhor permite-me supor que, aí, o Provedor teve alguma influência. Foi muito atacado na altura, mas, apesar de tudo, as consequências foram boas.

Sobra dinheiro falta pessoal

P. - De que meios dispõe o Provedor para o exercício das suas funções? São compatíveis com os fins visados?

R. - Sob o ponto de vista orçamental, o Provedor não tem receitas, não se recebe um tostão seja pelo que for. Quem lhe faz o orçamento é a Assembleia da República. Eu tenho consciência de que administro bem esses dinheiros - tanto que temos devolvido alguns milhares de contos em cada exercício, por os não conseguirmos gastar. Portanto, sob o ponto de vista material, não tenho nenhuma queixa a fazer. Já quanto a disponibilidades de pessoal deparo com grandes dificuldades. Muitas vezes, tenho que recorrer a pessoas de fora. E só posso dispor de mais pessoal se for modificado o quadro que, neste momento, está praticamente preenchido. Fazemos uma administração prudente. Damos aí uns três ou quatro almoços por ano a colegas estrangeiros que cá vêm. Não fazemos como certas entidades que todos os dias oferecem almoços e apresentam as respectivas facturas. Não temos festas nem comemorações. Eu sei que há empresas públicas que têm convidados todos os dias e apresentam contas dos melhores restaurantes de Lisboa. Eu, quando saio para o estrangeiro, fico rigorosamente com as ajudas de custo, não apresento contas de hotel. E, se vou a Montreal ou a Sidney, o preço do hotel é quase o dobro da ajuda de custo que recebo. Pago a diferença do meu bolso.

P. - Já fez algum reparo por causa de comportamentos diametralmente opostos de responsáveis da Administração Pública?

R. - Consta-me, mas não tenho a certeza, nunca vi , que há quem apresente contas de hotel e receba as ajudas de custo. Entendo que isso é ilegal. O Tribunal de Contas jamais aprovará uma duplicidade destas. Penso que, nesse aspecto, a situação está a ser um pouco moralizada. Sei que, em casos especiais, se pode requerer ao ministro das Finanças um aumento da ajuda de custo, mas eu nunca o fiz. Nem tenciono fazer.

P. -Em termos de percentagem, quantas serão as recomendações aceites e as não aceites?

R. - Nem sempre os processos findam numa recomendação. Às vezes, são arquivados, porque o reclamante não tem razão ou já passaram os prazos para se pode fazer qualquer coisa. As recomendações acabam por não ser muito numerosas. Eu diria que são aceites uns 30 por cento. É relativamente pouco .

Uma porta aberta e sem guarda

P. - Isso significa que a Provedoria é uma instituição mal conhecida dos portugueses?

R. - As pessoas sabem, as pessoas conhecem o Provedor. Até na rua, no metro, as pessoas se me dirigem a dizer que querem falar comigo.

P. - Anda, então, de metro?

R. - Às vezes. Quando vou a cerimónias oficiais, a uma festa para a qual sou convidado protocolarmente, uso o carro que me está atribuído, claro. Mas tenho um passe que a Carris me oferece e utilizo-o. Outras vezes, ando de táxi. Não me faz mal nenhum. Já me tem acontecido, andando de metropolitano, as pessoas virem ter comigo. Na rua, a mesma coisa. Há pessoas que esperam ali à porta. Reparou, com certeza, que não tenho nenhum polícia à porta. Nunca quis. Sempre quis que esta casa fosse livre, onde as pessoas possam entrar quando querem.

P. - É uma inovação relativamente a anteriores provedores?

R. - Não, não. Suponho que os anteriores provedores também não tinham polícia à porta. Não, não quero... Sabe, até para gozar de maior liberdade de actuação relativamente a entidades que me poderiam fazer aqui a guarda. As pessoas esperam, pedem para falar. Se não posso nesse dia, marco para outro. Recebo todos. Mesmo sabendo que há pessoas às quais a patologia psiquiátrica chama de paranóicos querelantes ou vítimas de delírio pleiteante. Há pessoas que vivem só para reivindicar um caso que se transforma no centro da sua vida. Essas pessoas chegam excitadas e dizem: « Não saio daqui enquanto não falar com o Provedor!». Algumas, para me abordarem, chegam a esperar horas pela minha saída. Eu recebo toda a gente. Nesse aspecto, não me comparo com certos chefes de repartição, ou certos chefes de secção, ou certos funcionários dos hospitais, como aqueles porteiros que não deixam ninguém falar com um médico. E nunca foi necessário fazer intervir uma autoridade. Tirando uma vez, mas com expressa recomendação para actuar o mais brandamente possível.

Foi o caso de uma velha senhora que pretendia ser recebida e que disse: « Eu não saio daqui sem falar com o Provedor!». A senhora aproveitou uma distracção dos funcionários, desceu para a cave, estendeu uns jornais no chão e deitou-se para passar a noite à espera do Provedor. Veio o guarda, demorou uma hora a convencê-la sem usar qualquer espécie de violência e a velha senhora lá se convenceu. Mas acabei por falar com ela.

P. -A Provedoria não faz jurisprudência porque não é um tribunal. Todavia, produz pareceres. Em que medida eles são acolhidos pelos tribunais?

R. - As pessoas que vêm aqui fazer queixas, quando obtêm uma decisão favorável juntam-na ao processo. Normalmente, não vêm cá dizer qual foi o resulatado. Só em casos excepcionais é que mando saber qual foi a decisão judicial. Com os recursos para o Tribunal Constitucional é diferente. O Provedor é das entidades que mais recorre e das poucas que pode recorrer. Recebemos muitos pedidos de declaração de inconstitucionalidade - claro que não aceitamos todos, porque nem todos têm razão - e o TC envia-nos sempre cópia do acordão.

P. - Qual é a percentagem dos acolhidos?

R. - São relativamente poucos os apresentados, não excedem uma vintena por ano. Pode dizer-se que é quase meio por meio.

Razões ignoradas argumentos inválidos

P. - As suas relações com o Poder têm vindo a deteriorar-se. O PSD não quer tornar a propô-lo, o PS insiste. Que tem a responder às críticas que o Poder lhe faz?

R. - Se nos referirmos às pessoas, as minhas relações com o Poder podem considerar-se boas e normais a todos os níveis. Não tenho conflitos com as pessoas, mesmo que elas não gostem de uma recomendação ou de um reparo. Mas, como sabe, o PSD, o partido que está no Poder, não tem votado a favor da minha recondução, apoiada pelo PS. Devo dizer-lhe que nunca ninguém me explicou abertamente por que não me apoiavam. Mas houve um porta-voz governamental que terá apresentado, um dia, num programa de rádio, três razões pelas quais o PSD não apoiaria a minha recandidatura. A primeira era eu ter defendido a criação de um sindicato da Polícia. Quero esclarecer que nunca defendi propriamente um sindicato; o que eu defendi foi uma associação de classe para a Polícia, chamem-lhe sindicato, chamem-lhe o que quiserem - repeti isto muitas vezes. Ora, a Assembleia da República, com o acordo dos dois principais partidos, acabou por criar na lei a possibilidade de uma associação de classe para a Polícia. Parece-me, portanto, que esse argumento deixou de valer. A segunda razão seria eu ter requerido ao Tribunal Constitucional a inconstitucionalidade de uma dúzia de normas do IRS. Já houve duas alterações e parte delas contempla problemas que eu tinha suscitado. Logo, este argumento também não procede. O terceira razão era que as minhas soluções ou propostas se aproximariam das do Partido Socialista. Ora, eu, quando dou razão a um reclamante, não estou obviamente interessado em saber de que partido ele é, ou preocupado em ir de encontro a posições do Partido Socialista ou do Partido que está no Poder, ou de outro qualquer. Muitas vezes, tomo posições a favor das que são assumidas pelo próprio Poder. E repare que recebo centenas de queixas contra o Governo, contra os altos postos da Administração Pública - e arquivo centenas também. Ao fazê-lo, sem que o Governo se aperceba estou, em muitos casos, a dar razão ao Governo, ou porque os reclamantes não têm razão, ou porque já passaram os prazos, ou porque as leis e o direito administrativo não contemplam a protecção que a pessoa pede. Portanto, esses motivos não colhem. Por outro lado, embora os órgãos de Comunicação Social adiantem nomes, a verdade é que ainda ninguém formalizou a candidatura a Provedor. É por isso que continuo em funções, na esperança de que os partidos possam chegar a um entendimento. Para já, sou eu o único candidato.

P. - Tudo em banho-maria, de momento, pois...

R. - Tudo em banho-maria ou em *stand-by* , se quiser dizer em inglês...Em português é banho- maria. Eu continuo a receber as pessoas, e as queixas, e os convites sociais. O meu quadriénio já acabou há sete ou oito meses, e vou esperando. Não havendo outro candidato e impondo a lei que até ser eleito outro Provedor eu exerça as funções, continuo a exercê-las. Até ser eleito outro ou até eu próprio ser reconduzido. Demitido só posso ser com dois terços dos votos da Assembleia da República, porque é com dois terços que o Provedor é eleito.

A menina dos olhos

P. - Admite que a questão do sindicato da Polícia terá sido a que mais contribuiu para o desagrado do Governo?

R. - Sim... Mas olhe que a do IRS também não agradou muito. O IRS era, para alguns membros do Governo, como a menina dos olhos. Devo dizer-lhe que concordo com a existência do IRS, mas não concordo com o excesso de burocracia - agora em Janeiro vamos ver como vai ser: a contagem, saber aqueles que retiveram na fonte, se depositaram, se não depositaram, se os inquilinos cumpriram com a retenção... Vai ser uma floresta de complicações. E devia ser uma coisa altamente simplificada, com leis que uma pessoa lesse e pudesse logo entender. Houve, há pouco tempo, alterações ao IRS que uma pessoa lia e não percebia nada. Mesmo um jurista experimentado tem dificuldade em perceber. As situações que se criaram! Por exemplo - isto foi, aliás, modificado - a questão das pensões auferidas no estrangeiro. As pensões auferidas no estrangeiro sofriam um corte, uma retenção na fonte, de 25 por cento e houve um caso que me feriu especialmente e me levou a insistir na alteração. Um caso que, tirando meia dúzias de pessoas, toda a gente ignora. Vou contar-lho...

O Banco Nacional Ultramarino tinha uma filial em Timor. Após o 25 de Abril, ao que dizem um daqueles partidos criados após a declaração de independência matou o contínuo do BNU. O BNU, honradamente, estava a pagar uma pensão de 30 contos à viúva do contínuo, que era um timorense. Com a entrada em vigor do IRS, 25 por cento, ou seja, sete contos e quinhentos de uma pensão já de si mísera para a mulher e para os filhos do assassinado eram retidos na fonte. Praticamente, cem contos por ano. Foi um dos casos que levantei, depois de ter recebido aqui uma queixa através de um procurador dessa pobre gente.

«Eu sei que há empresas públicas que têm convidados todos os dias e apresentam contas dos melhores restaurantes de Lisboa...»

continua na página seguinte

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 36 74870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1.º - 1200 Lisboa - Telef. 32 [illegible]204/320784. Depósito legal n.º 1-28/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 86$00.

PORTE PAGO

Quero que esta casa seja livre

GRANDE ANGULAR

continuação da página anterior

Qual o ministro que gosta?

P. - O Poder, nenhum Poder gosta dos Provedores, e nisso reside o mérito e a utilidade da existência deles. Concorda que a função do Provedor é desagradar?

R. - Qual é o ministro que gosta que uma entidade suficientemente independente lhe diga você fez mal e deve modificar o seu despacho? Eu tenho contado isto várias vezes, mas penso que não é de mais repetir. De novo um caso com o Ministério das Finanças. Um emigrante português na Austrália veio com máquinas de filmar e um vídeo, etc., até Faro. Vinha de Sidney. Um funcionário zeloso da Alfândega entendeu que se tratava de uma importação sumptuária e apreendeu-lhe esse material. Ficou logo o homem com o desgosto de não poder mostrar à família, depois de uns tantos anos lá fora, como tinha progredido materialmente; queria filmar a família para a levar consigo... O funcionário da Alfândega revelou pouco sentido do humor fiscal... O homem esteve aqui cinco ou seis meses, regressou à Austrália e perguntou pelas coisas: tinham sido vendidas em hasta pública! Possivelmente, afixaram um edital à porta da Alfândega, que o homem não podia ler. Ficou sem nada. Acabou por fazer uma queixa para aqui, com o apoio do cônsul português em Sidney.

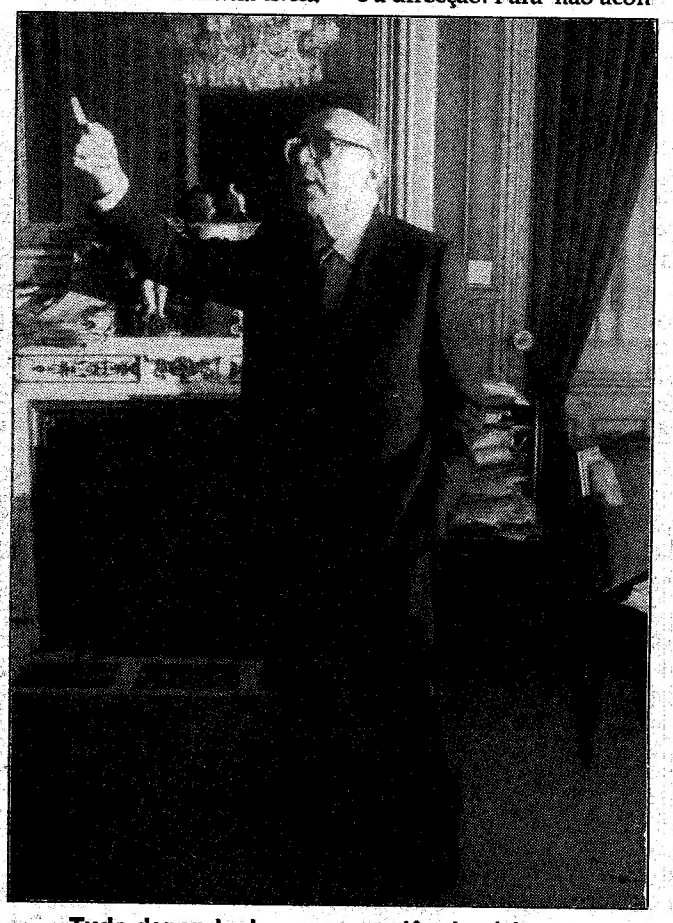
O homem andava tão perturbado que, um dia, dirigiu-se cheio de ódio ao consulado e partiu os vidros, quis arrombar a porta. Nem chamaram a polícia; chamaram uma ambulância que transportou o homem para um hospital psiquiátrico. O Ministério e a Alfândega resistiram à queixa, mas eu acabei por fazer uma recomendação no sentido de que o homem fosse indemnizado pelo Estado português, por 500 contos. Os aparelhos tinham custado menos, uns 200 e tal contos, mas eu entendi que o homem devia receber 500. A Alfândega acabou por concordar com 200 contos. Um secretário de Estado disse que 300 já pagaria tudo. Mas foi o ministro das Finanças que lançou um despacho, dizendo que, no caso, a Administração Pública ficara mal colocada e mandando pagar o que o Provedor recomendara. Eis um caso paradigmático em que valeu a pena o esforço. Demorou anos, mas houve compensação.

P. - Nas reuniões internacionais, os senhores queixam-se muito das dificuldades que enfrentam? Há quem se queixe mais do que o senhor?

R. - Talvez não haja tanta gente a queixar-se como isso. Depende dos países, mas também de o Provedor ser nacional ou regional ou, até, de uma cidade. Paris tem um, é o sr. Junot, descendente do general Junot que nos invadiu. Recebe milhares de queixas. O sr. Chirac, o presidente da Câmara, deu-lhe poderes, deu-lhe a confiança necessária para ele resolver os assuntos dos munícipes que se queixam com razão. Do Canadá e da Irlanda tenho ouvido queixas sobre a demora na aceitação das recomendações dos provedores. Mas, nalguns destes países, a projecção do Provedor não é tão grande como aqui. Há um mês e tal, estive em Quebec, a convite dos meus homólogos canadianos, que realizavam o seu congresso. Queixavam-se de que a Imprensa nunca falava deles. Eram eles que tinham que pedir. Em Portugal, como sabe, se há pessoa assediada pelos órgãos de Comunicação Social é o Provedor. Eu não tenho que andar a solicitar entrevistas. São os senhores que se interessam pela actividade do Provedor.

P. - Dir-se-ia que em Portugal estão reunidas todas as condições para uma grande eficácia da Provedoria: dignidade institucional, sensibilidade da Comunicação Social...

R. - Sim. Mas, sabe, tudo depende de uma consciência cívica muito grande. De todos. A começar nos governantes e a acabar nos governados. Essa consciência cívica



«Tudo depende de uma consciência cívica muito grande. De todos. A começar nos governantes»

deveria reforçar as intervenções do Provedor de Justiça, que são uma forma de fazer democracia. Esta é uma instituição que só é concebível em países democráticos. Veja o caso da Polónia. Foi preciso a democracia, embora moderada, porque há ainda muito caminho a percorrer nos países de Leste, para que a necessidade do Provedor tivesse expressão.

P. - Como aprecia a existência de provedores nos jornais?

R. - Os grandes jornais do mundo, o «Washington Post», o «El Pais» e outros - existem cinco ou seis no Canadá e trinta e tal nos Estados Unidos - têm um provedor. Uma pessoa independente, que é o intermediário entre o leitor e a direcção. Para não acontecer aquilo que muitas vezes acontece, que é o jornal ter sempre razão. A pessoa, às vezes, ainda sai enxovalhada quando pede uma rectificação. Escrevo muito pouco para os jornais a pedir rectificações. No princípio, escrevia. De duas ou três vezes que escrevi para um semanário, diziam sempre que não valia a pena fazer a rectificação, porque não tinham dito aquilo que eu dizia que tinham dito. Enfim...

Nunca fizeram nada e dizem-se democratas...

P. - Gosta de ser Provedor? Hoje?

R. - Sabe, eu fui advogado durante 42 anos. Fui tudo na Ordem dos Advogados. Fui director da revista da Ordem, presidente do Instituto da Conferência, bastonário. Vivi intensamente como advogado. Quando aceitei vir para aqui, proposto pelo PS e pelo PSD, em 1985, convenci-me de que a vida febril do advogado cederia o passo a uma actividade mais calma. Enganei-me. Tenho que participar em colóquios, que dar entrevistas, que fazer palestras nas universidades sobre a Provedoria ou sobre Direitos Humanos, que é um pouco a minha especialidade... Eu vou sempre, gosto de difundir a razão de ser desta instituição, fundamental em democracia e só possível em democracia.

P. - As suas palavras lembram-me que, ao folhear colecções antigas do DL, deparei, por acaso, com uma pequena notícia de um julgamento no Plenário de Lisboa em que o Dr. Ângelo d'Almeida Ribeiro defendia antifascistas. Luta antiga...

R. -Ah, sim, os tribunais plenários! Fui lá muitas vezes. Não ia fazer comícios, ia defender pessoas. Um dia, Marcello Caetano explicou-me a razão pela qual os processos políticos não eram do foro das comarcas, eram julgados em Lisboa ou no Porto. A razão era esta: assim o Governo só é atacado em dois sítios; de outro modo, os ataques multiplicar-se-iam por todo o País...Sabe, aqueles que andaram pelo plenário hoje até são esquecidos... e aparecem outros que nunca fizeram nada e se dizem democratas.

João Paulo de Oliveira

O Estado dá, o Estado tira

Em Portugal é assim: o Estado dá, o Estado tira. Cria orgãos para o fiscalizarem e defenderem a legalidade democrática, mas não respeita os seus pareceres, recomendações, e ignora os seus pedidos de resposta. Tem acontecido com orgãos como a Provedoria de Justiça, Alta Autoridade Contra a Corrupção e o Conselho de Imprensa. A explicação está no facto de a sociedade portuguesa ainda viver muito de acordo com uma lógica de clientelas, assente nos interesses de grupo, no conluio e em decisões informais, casuísticas e arbitrárias. Quem o diz é o sociólogo Juan Mozzicafredo, acrescentando que «em Portugal nada é igual a si mesmo, mas também nada muda na administração pública».

Esta postura não depende de um problema de má vontade contra estes organismos, mas da lógica de funcionamento de um Estado «contemporâneo e neo-corporativo». Um Estado em que os conflitos e os interesses dos cidadãos são regulados através de estratégias de contenção mútua e não de critérios universais, próprios de uma sociedade democrática predisposta para a mudança.

Segundo Juan Mozzicafredo, professor do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE), trata-se de uma fórmula que serve o Estado português porque lhe permite regular as forças da sociedade e manter um equilíbrio. «Não é o regime que está em crise - estes orgãos até são produto da democracia -, mas enquanto o Estado funcionar com esta lógica, clientelar e corporativa, o poder alternativo não terá grande eficácia» - disse-nos.

Tal facto é sinal de que a sociedade institucional é mais moderna e democrática que a real. «É uma sociedade com demasiados paradoxos. Dá e retira poderes. Está muito agarrada aos interesses de grupo e ainda não sabe lidar bem com as novas regras democráticas. Daí que haja um desfazamento entre as normas e os comportamentos. Não basta haver normas democráticas quando os comportamentos são autoritários» - explicou-nos Juan Mozzicafredo.

Exemplo disso são alguns dos casos do ano: Leonor Beleza, Costa Freire, Cadilhe, Tomás Taveira e o da sindicalização dos agentes da PSP.

No Verão de 1985, o Provedor de Justiça defende o direito dos agentes da PSP à sindicalização e declara guerra aberta ao então ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, e ao Governo do Bloco Central, que, baseado na maioria, o tinha eleito, por ambos se oporem à formação de uma associação desta classe.

Quatro anos passaram, governos mudaram e apesar das recomendações do Provedor a polémica continua acesa.

Há bem pouco tempo, a Imprensa lançou para a opinião pública o escândalo sexual que envolve o arquitecto Tomás Taveira. O caso fez tremer figuras públicas e os tribunais decretam uma providência cautelar que proíbe a publicação de material sobre o assunto nos orgãos de comunicação social. Apesar do Conselho de Imprensa ter denunciado esta situação como estando próxima da censura prévia e de pôr em perigo a liberdade de Imprensa, nada foi alterado. Pelo contrário, os orgãos de comunicação social passaram a ser o alvo preferido de alguns elementos do executivo.

Na opinião de Juan Mozzicafredo não é de estranhar que orgãos como a Alta Autoridade Contra a Corrupção, Conselho de Imprensa e Provedoria de Justiça vejam as suas recomendações ignoradas. Isto, porque a sua função é ser implacável com os deslizes dos poderes públicos no sentido de defender os direitos dos cidadão.

«Estes organismos vêm-se cortados nas suas recomendações porque são o contrapoder. Mexem com a lógica do Estado, vão contra os seus acordos e põem em causa as elites públicas e privadas. São uma espécie de poderosos do deserto. Não têm consequências e isso é trágico para quem ocupa essas funções» - disse-nos.

A.M.I

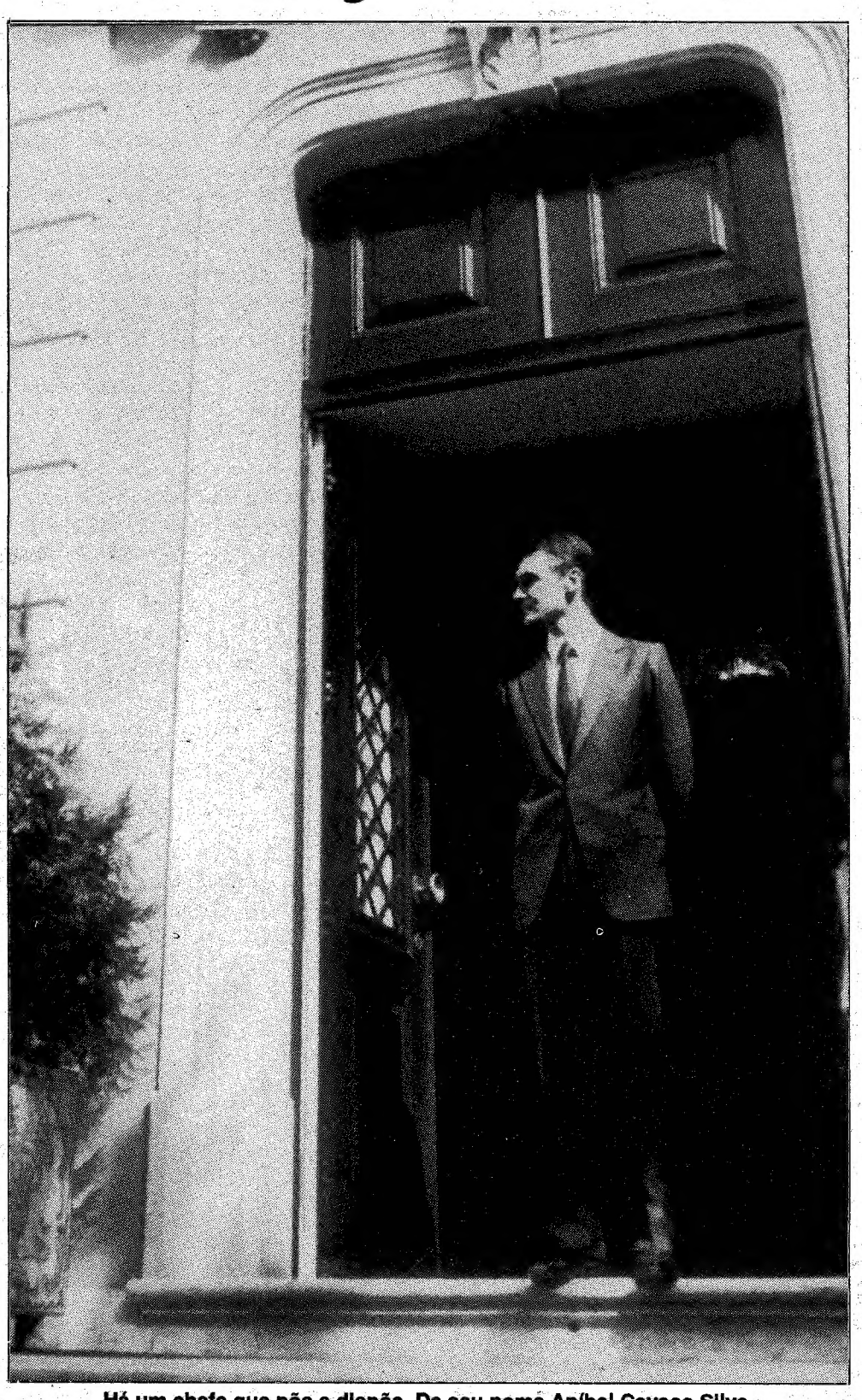
REMODELAÇÃO E SOLIDÃO

Estava a vida política suspensa da palavra do Doutor Cavaco Silva quando outras palavras abalaram e do doce auto-contentamento acordaram o Primeiro-Ministro. Era Álvaro Barreto a preconizar a remodelação do Governo; era Eurico de Melo a demitir-se dos cargos políticos que ocupava. E as declarações prestadas a «O Jornal» por Álvaro Barreto e as palavras escritas por Eurico de Melo foram o bastante para sairmos daquele arrastado jogo de cabra-cega e de expectativa, no qual, uma vez mais, os jornalistas foram acusados de delirantes invenções e de antecipações especulativas. Doutor Cavaco Silva estava contente com os seus ministros. E o País, na sua maioria do PSD apoiante, também. Os jornalistas que, de quando em vez, levantavam a questão da remodelação governamental, eram, na realidade, agentes do mal, fautores de desestabilização.

Não havia que dar significado político aos avisos dos resultados eleitorais. Em 1991 – segundo Cavaco Silva – o País renovaria a sua confiança nas capacidades e virtudes do PSD. Esvaziando as intrigas dos semanários e dos diários, desmentindo as acusações dos vários sectores da Oposição, desprezando as opiniões, ignorando as críticas, o Governo – no juízo do Doutor Cavaco Silva – estava para durar. O País fazia justiça às intenções e competências de Leonor Beleza, apreciava as habilidades de Miguel Cadilhe, louvava a energia disciplinadora de Silveira Godinho. Ele, Cavaco Silva, defendia-os, com a sua acção e orientações se solidarizava. E criou-se, para uso do **partido** e para uso do **Governo**, a teoria de que a «remodelação» só do Primeiro-Ministro dependia. Cabia-lhe escolher o momento, as áreas a remodelar, as pessoas. O próprio engenheiro Álvaro Barreto, que nas respostas aos entrevistadores de «O Jornal» (29/12/1989) vai tão longe, perguntado sobre as áreas que estavam mais necessitadas de «remodelação», respondeu: «Quanto a isso, abstenho-me de comentar, visto que é uma questão, puramente, da confiança do senhor primeiro-ministro.»

No plano do **partido**, o Doutor Cavaco Silva concentrou os cuidados e os poderes. Cabe-lhe pensar e decidir. No fundo, numa tendência que a nomeação do vice-presidente derrotado, Carlos Brito, para um cargo no Governo, reforça, o PSD governamentaliza-se, as estruturas directivas partidárias confundem-se com as responsabilidades governamentais. E o presidente do PSD, sendo o primeiro-ministro do Governo do PSD, vê-se dotado de um poder de decisão política e administrativa a que a obediente maioria parlamentar dá suporte. É um poder sem limites e sem fiscalização. É um poder autocrático.

A remodelação anunciada no início dos trabalhos das mais altas instâncias nacionais do PSD, convocadas para procederem a uma análise da situação após o desastre das eleições autárquicas continentais e insulares, atingiu os dois ministros mais contestados, Miguel Cadilhe (Finanças) e Leonor Beleza (Saúde), o ministro Silveira Godinho, responsável pelos lamentáveis acontecimentos do Terreiro do Paço, o ministro Álvaro Barreto que, apesar de crítico, se dispunha, pela «grande solidariedade e amizade... para com o senhor primeiro-ministro», a permanecer no Governo, e a segunda e veneranda figura do partido e do Governo, o Vice-Presidente, num e noutro, Eurico de Melo.



Há um chefe que põe e dispõe. De seu nome Aníbal Cavaco Silva. Um homem que ama o poder solitário. Que ama o poder. E que ficou mais só.

Sabemos que este não assistiu à reunião de terça.-feira, dia 2 de Janeiro, que se prolongou até às quatro horas da madrugada de 3 de Janeiro. Mas o distanciamento de Eurico de Melo indicia uma atitude que excede a simples demissão dos seus cargos ministeriais: a Vice-Presidência do Governo e o Ministério da Defesa Nacional. Não será especulativo concluir que a crise política se gera a dois níveis: a direcção do partido e a composição do Governo. E ocorre perguntar se as substituições operadas, com a excepção de Miguel Beleza na pasta das Finanças, não reduziram a capacidade tecnocrática, não acentuaram uma diminuição do estatuto político do Governo.

A remodelação não corresponde às «críticas de direita» (dentro do PSD e da Direita), nem corresponde às «críticas de esquerda» (dentro do PSD e da Esquerda). É certo que o Doutor Cavaco Silva cedeu à pressão interna e externa, de uma grande parte da militância do PSD e da opinião pública, no que se refere a Leonor Beleza e Miguel Cadilhe. É certo que, cedendo, perdeu a face relativamente a afirmações anteriores relativas aos dois controversos ministros. Mas ignorou outros casos: o de João de Deus Pinheiro, o de Valente de Oliveira, o de Silva Peneda. A remodelação foi curta. Não satisfaz a Oposição. Não dá, igualmente, satisfação à «direita social e política» que aspirava a ter voz no Governo enquanto não logra definir-se e encontrar-se em termos organizativos. Não foi esta vez, ainda, de Daniel Proença de Carvalho ou de Pedro Ferraz da Costa terem assento no Governo.

F. Piteira Santos

De resto, é na perspectiva de uma «crítica de direita» à actividade do Governo e à estratégia política do PSD, que deverá ser interpretada a importante entrevista do engenheiro Álvaro Barreto, tão estranhamente oportuna. Um membro do Governo veio reconhecer em público que nos maus resultados eleitorais «a componente – Governo é importante. Houve quer no nível elevado da abstenção quer em certas classes sociais descontentes com o Governo, o desejo de dar não o cartão vermelho, mas sim um segundo cartão amarelo ao Executivo. Já nas europeias isso tinha sido claro e, agora, havendo outras razões, está subjacente um descontentamento em relação ao Governo. Descontentamento que, em parte, é justificável...». Mais adiante, Álvaro Barreto confirma o seu pensamento: «Não tenho dúvidas, como já disse, de que há descontentamento com o Governo.»

Em conseguência, para dar resposta a esse descontentamento, Álvaro Barreto declara: «Eu faria uma reestruturação do Governo. E nos dois sentidos: uma reestruturação do próprio funcionamento do Governo, tentando abolir, tanto quanto possível, uma certa burocracia, que ainda pesa, e tentaria refrescar o Governo com pessaos novas, cuja popularidade não tenha sido corroída pelo tempo. Sem dúvida alguma, caminharia para uma remodelação do Governo. Em suma: uma reestruturação na organização do Governo e caras novas.»

As declarações de Álvaro Barreto foram publicadas a 29 de Dezembro. A 2 de Janeiro, Cavaco Silva imitaria uma remodelação. Cinco ministros partiam. Um saía pelo seu pé, Eurico de Melo. Outro era despedido por ter invadido a área secreta das decisões pessoais do Primeiro-Ministro, o decano em funções ministeriais, Álvaro Barreto.

Feita à pressa a «remodelação» não foi anunciada com a correlativa «reestruturação» que, igualmente, se afigurava necessária. Cavaco Silva, ele só, tomou as suas decisões sem ouvir os órgãos do partido e evitando que eles se pronunciassem. O Governo remodelado apresenta um perfil político baixo. Não se espera que o PSD ganhe credibilidade governativa ou alargue a influência perdida. Aparece reforçada, comprovada, a ideia de ter o PSD perdido a autenticidade de uma vida partidária participada. Há um chefe que põe e dispõe. De seu nome Aníbal Cavaco Silva. Um homem que ama o poder solitário. Que ama o poder.

E que ficou mais só.

NOSTALGIA

Quando eu ainda não estava convertido à instituição do casamento e, juvenilmente, namorava, uma moça houve que me ocupou as atenções mas era hábil em irritar-me pela sua placidez perante tudo o que a rodeava e até pela nossa relação, que acabou por morrer de morte natural. Se se defrontava com um problema, ela dizia que mais valia «não pensar» sobre o assunto, condição elementar - no seu entender simplista e cómodo - para as coisas se resolverem por si mesmas. É evidente que a minha namorada de escola detestava tudo o que implicasse qualquer nível de abstracção, a começar pela racionalização dos seus actos e a acabar na matemática, que odiava solene e prazenteiramente. Eu, pelo meu lado, era um chato.

Pois bem: acontecia que o pai dela se dedicava a reflectir no seu lugar, e lembro-me (não vão tantos anos como isso) de ele um dia me chamar ao seu escritório, lá em casa, me oferecer um whisky e esperar atrás dos óculos professorais, de historiador, que eu me sentasse para me falar. Esperava uma reprimenda qualquer sobre capítulos mais erógenos do nosso namoro, que ele, embora discretamente, vigiava. Mas não, soubera de uma zanga mal resolvida entre nós, de um amuo mútuo já excessivamente prolongado e aconselhou-me paciência: «Bem sei que não é fácil, Rui, mas é assim: entre ela e a realidade não se cruza nada. Atira-se de braços abertos, não sabe decidir, não conclui sobre coisa alguma. Tudo está bem porque é assim e se é assim é porque não é de outro modo. E aceita que te diga que tu tens a mania de complicar.» Até hoje, devo dizer, não compreendo integralmente como pode alguém ter uma «relação directa com a realidade», mas ponho-me a adivinhar.

Continuando o meu defeito de então, medito agora sobre tudo aquilo que se interpõe entre mim e esse mundo fascinante e aterrorizador, a um tempo, que é tal realidade, e pergunto-me se não é a própria faculdade de comunicarmos que dela nos distancia sem outro remédio. Ler, ouvir música, ver televisão ou um filme são vícios diários a que me dedico, e entendo às tantas que misturo tudo isso, com uma revista aberta no colo, os «headphones» na cabeça e um vídeo a passar à minha frente. E só não me assusto porque suponho que estou a par de tudo, que assim posso efectivamente sentir-me uma pessoa «do mundo». Mais: na minha condição de jornalista creio estar mais informado que o cidadão médio e até me vejo como um «opinion maker», com a ilusão de que possibilito às pessoas que vejo com o «DL» debaixo do braço na estação de comboio um acesso mais linear à dita realidade, que afinal cada vez menos sei o que é.

Já não há romance ou ensaio que leia por inteiro, pausadamente. Não há artigo jornalístico que me transporte do topo da página até ao fundo, nem fita ou debate televisivo que acompanhe minuto a minuto, ou disco que aprecie com o devido respeito. E no entanto não paro de os consumir, não houve balanço dos anos 80 ou prospectiva dos 90 que pelo menos não «considerasse». Às vezes, claro, sinto-me sufocado.

Nos entretantos destas indecisões, dou por mim a olhar uma página de anúncio, colorida e charmosa, de uma magazine qualquer do tipo «Face» e fico-me por ali. Talvez, afinal de contas, seja essa a «minha» realidade, assim deslocada, alheia, cega, burra, e vence-me uma irresistível nostalgia por aquela namorada irresponsável e leviana dos tempos de liceu. A remodelação de Cavaco Silva? As dez horas que abalaram o mundo na Roménia? Que importância tem isso, digam-me?

Rui E. Paes

MEDIOCRACIA

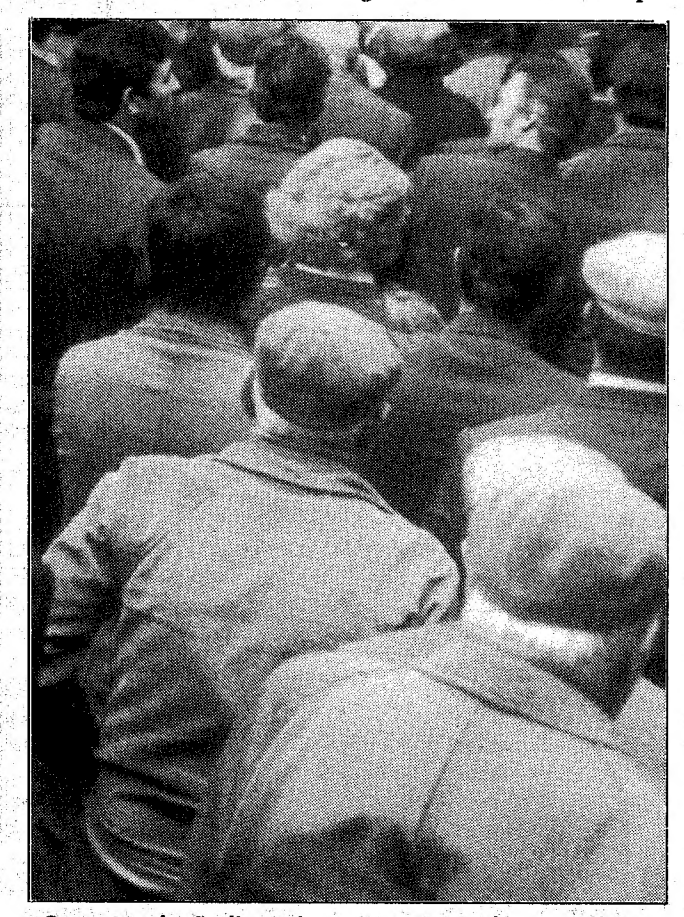
Por Fernanda Mestrinho

Portugal entra na década de 90 com enorme «deficit» social e desencanto colectivo. Os anos 70 (25 de Abril) foi o tempo do sonho, os anos 80 da miragem e êxito individual obrigatório, os 90 obrigam à reaprendizagem da solidariedade.

O cavaquismo foi o **«yupismo»** à portuguesa, saloio. Traduza-se por **«salve-se quem puder»** e **«todos ao monte»** (subsídios da CEE e acções) **«e fé em Deus»**. O trabalho foi desvalorizado, a «iniciativa», muitas vezes de duvidosa legalidade, elogiada. Acentuou-se a discriminação social.

Por isso, o eleitorado português continua a reagir com uma violência brutal na urna de voto. É uma raiva contida e uma irritação expressa. Os dirigentes políticos deviam prestar mais atenção ao manhoso silêncio lusitano e ao seu terrível sentido de justiça. Diluída a contestação na agressividade quotidiana, os consecutivos terramotos eleitorais descarregam a fúria da população.

As cidades estão invisíveis, a ostentação do dinheiro fácil tornou-se uma provocação. Criaram-se hábitos de consumo europeus e mantiveram-se, para a maioria, os salários nacionais. A carta aos reformados, anunciando o pequeno aumento, tem uma condescendência senhorial; cada carta foi um voto a menos no Governo.



Se a população lhes vira as costas, a classe política tem o que merece

Sondagens e análises

Os resultados das autárquicas, de que falaremos mais adiante, demonstram como a opinião pública engana as sondagens, antes das eleições, e ignora algumas análises políticas e propaganda informativa. Chega quase a ser divertido como **«eles»** pensam estar a influenciar uma população e esta lhes respondem com uma gargalhada. Nem mesmo às sondagens se confessam...

Foi assim quando o PS se reduziu quase a metade, após o Governo do Bloco Central, com o nascimento e morte do PRD, a vitória do Mário Soares e os 52% do PPD. Em qualquer dos casos, foi a exigência de mudança ou derrota do autoritarismo. Só que, enquanto a população mostra uma independência saudável, alguns fazedores de opinião revelam uma dependência grotesca. E foi assim que na noite das eleições autárquicas, em 18 de Dezembro:

- Vi o primeiro-ministro «engalfinhar-se» nos resultados eleitorais e analistas políticos alterarem os seus comentários;

- Ouvi uma rádio teimar na vitória de Marcelo Rebelo de Sousa, quando este já tinha lido a declaração de derrota;

- Li artigos contra Cavaco Silva de quem sempre o endeusou ou, hesitantes, de quem teme a sua recuperação ou depreende a nomeação. Não é de novo nem de agora. É a «mediocracia» em vez de democracia dos «media».

Se a população lhes vira as costas, à classe política tem o que merece. Vivem, uns com os outros, em circuito fechado, em lealdades transitórias e opiniões flutuantes. Para estes a permissividade, para outros a mais absoluta exigência moral. Há dois pesos e duas medidas. Uma breve troca de palavras com o novo presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio, e reafirmei essa convicção. Esperemos que o dirigente do Partido Socialista, a quem se reconhece categoria intelectual, prescinda de cortes acéfalos e inverta a relação do PS com a Comunicação Social. Mesmo quando grande parte desta, nomeadamente a RTP, tardou a reconhecê-lo como o primeiro partido ou, nos dias seguintes, parecia que nada tinha acontecido.

Estamos nos anos 90. Cavaco Silva remodela o Governo, quando devia apresentar a demissão. Por muito menos, Francisco Pinto Balsemão, em 1982, assumiu a derrota, por muito menos (...). Seria oportunidade única de voltar a formar Governo, um novo Executivo. Ano de todos os Congressos, difícil para o PSD, de desafogo para o Partido Socialista. Quanto ao CDS e ao PCP será a luta pela manutenção de influência na vida política. A vitória de Jorge Sampaio demonstra que o eleitorado comunista se conquista pela sedução e não pela agressão.

Com a humilhação de verem reeleger Mário Soares, alguns dos dirigentes do PSD não lhe poupam, já, elogios. Seria bom recordar algumas das declarações desses responsáveis e qual a reparação feita aos militantes do PSD expulsos por terem apoiado Mário Soares. Sempre os dois pesos e as duas medidas. Tal como agora, se desmultiplicam nos ataques a Cavaco Silva, com algum despudor e falaciosas justificações.

Com o Mercado Único em contagem decrescente, os dirigentes políticos do Poder estão claramente desorientados com os acontecimentos no mundo. Apressam-se em declarações sobre a queda do Muro de Berlim, que contradizem em seguida. Ninguém lhes pediu opinião rápida, e não são levados a sério. Ora querem estar na Europa, correr para os países de Leste, ou acenar com os países de expressão portuguesa. Na década de 90, a Europa tem mais em que pensar do que num pequeno país para onde já canalizou milhões de contos, mal aproveitados.

Vive-se uma economia fictícia e um desenvolvimento retardado. Os resultados eleitorais demonstram que a população tem essa noção e condena o Governo.

Concluimos com a questão de Mediocracia - a democracia dos **«media»** - para sublinhar a sua importância quando funcionam as regras do jogo: o debate entre Marcelo Rebelo de Sousa e Jorge Sampaio e as rádios locais. No primeiro caso, venceu quem esteve melhor ou revelou uma transparência de personalidade, perante um ensaio falhado de nova imagem. Quanto às rádios locais, tiro tardiamente o chapéu. Muitos dirigentes locais defendiam-nas como forma de controlar o Poder (os exemplos vêm de cima...), mas aconteceu o contrário. E nalgumas derrotas ou resultados tangenciais, as rádios locais tiveram um papel importante: o acesso da população ao confronto dos candidatos. Ao contrário de alguns analistas políticos, que têm sempre razão e autocitam-se febrilmente, sobre as rádios locais, ou não tinha razão...

POLÍTICA

Soares empossa novos ministros

Enquanto não se conhece a totalidade dos novos secretários de Estado que vão integrar o Governo, surgem demissões na Agricultura

tO Presidente da República confere posse esta tarde aos seis novos ministros propostos por Cavaco Silva nesta sua remodelação governamental. A cerimónia está marcada para as 17 horas, no Palácio de Belém. São empossados Carlos Brito, ministro da Defesa, Miguel Beleza, ministro das Finanças, Manuel Pereira, ministro da Administração Interna, Arlindo Cunha, ministro da Agricultura, Arlindo de Carvalho, ministro da Saúde e Fernando Real, ministro do Ambiente e Recursos Naturais. Mário Soares assinou já os decretos que nomeiam estes membros do Governo e exoneram os cinco ministros substituidos.

O Ministério do Ambiente é um novo departamento na estrutura do Governo, o qual irá autonomizar, segundo o Executivo, alguns serviços neste momento integrados no Ministério do Planeamento e da Administração do Território. «A criação deste novo ministério traduz a importância que o primeiro-ministro atribui ao aproveitamento equilibrado dos recursos naturais, à preservação do ambiente e à defesa da qualidade de vida das populações» - afirma a Presidência do Conselho de Ministros em comunicado.

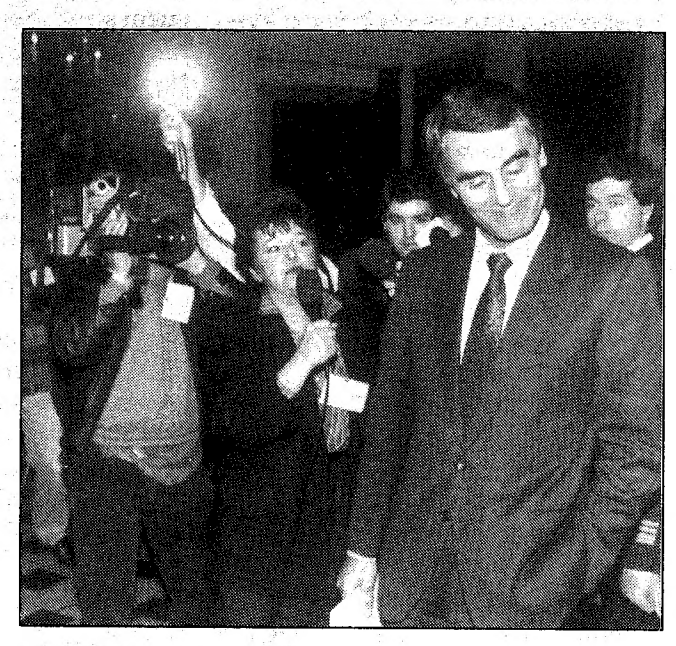
Pimenta recusou convite

Para este pelouro foi convidado, em primeiro lugar, Carlos Pimenta, tal como o DL noticiou em primeira mão. Pimenta conferenciou com vários membros do Governo antes de tomar uma decisão, entre eles Couto do Santos e Macário Correia, e acabou por recusar o convite. Foi então convidado Fernando Real, reitor da Universidade de Trás-os-Montes e ex-secretário de Estado do Ensino Superior no primeiro Governo de Cavaco Silva. Tem 67 anos e é conhecido como especialista em assuntos geológicos. Macário Correia mantém-se como Secretário de Estado

A criação deste Ministério é interpretada por fontes governamentais, ouvidas pelo DL, como «mais uma tentativa de dar uma aparência de modernidade à estrutura do Executivo, chamando a si preocupações ecologistas, elevadas assim como prioridade de primeira grandeza». Trata-se da única alteração orgânica introduzida nesta remodelação. E há já quem a compare com a criação do Ministério da Juventude, a surpresa de Cavaco aquando da tomada de posse do XI Governo.

Surpresa não foi a saída de Licínio Cunha, o até agora secretário de Estado do Turismo. As suas grandes divergências com o ministro Ferreira do Amaral eram conhecidas e as suas relações pessoais também não eram as melhores. Oficialmente, as razões divulgadas foram «cansaço» e «esgotamento». Licínio Cunha tem já substituto: Miguel Sarmento, até agora presidente da Empresa Nacional de Turismo - ENATUR.

Enquanto não se conhece a totalidade dos secretários de Estado que vão integrar o Executivo agora em remodelação, sabe-se já que no Ministério da Saúde vão continuar todos os elementos que integravam a equipa de Leonor Beleza.



Cavaco entrou mudo e saiu calado da audiência da última vez que foi a Belém

Demissões na Agricultura

Entretanto, no Ministério da Agricultura alguns altos funcionários estão a demitir-se em solidariedade com Álvaro Barreto. Gomes da Silva estava indigitado para Director-Geral dos Mercados Agrícolas, mas já não irá tomar posse. Henrique Granadeiro, presidente do IFADAP e Carlos Portas, presidente do Instituto de Investigação Agrária, já tinham apresentado as suas demissões a Álvaro Barreto ainda antes de se conhecer a remodelação. Tinham-se comprometido com o ministro a continuar mais algum tempo, só que, face à saída de Barreto, apressaram as suas demissões. Gama Pinheiro, director regional da Agricultura do Alentejo e João Fialho, subdirector, apresentaram também os seus pedidos de exoneração a Álvaro Barreto.

Eurico de Melo e Leonor Beleza, segundo a agência Lusa, vão voltar ao Parlamento para ocuparem os seus lugares de deputados. Eurico de Melo foi eleito por Braga e Leonor Beleza pelo Porto. Aguarda-se com expectativa que lugares poderão vir a ocupar no interior do PSD.

A.J.T./M.J.R.

Savimbi em Portugal entre os dias 13 e 20

A grande dúvida à volta da visita de Savimbi a Portugal gira à volta da eventualidade de se encontrar com Cavaco. O programa da sua estada em Portugal não está completamente esboçado. Não se sabe ainda que encontros terá durante os cinco dias de permanência em Lisboa, entre 13 e 18 do corrente.

A agenda da sua visita de oito dais ao nosso país será, contudo, sobrecarregada: o líder da Unita chegará à capital de amanhã a uma semana, ficando cinco dias na capital. Depois viajará para o Porto, onde estará nos dias 18 e 19. Neste mesmo dia voará para a Madeira, a convite do Governo Regional, também por dois dias. Será a última etapa desta sua contestada visita a Portugal, contra a qual ontem se manifestaram PS e PCP na Assembleia da República. Um grupo de cidadãos protestou, também ontem, a vinda de Savimbi a Portugal, considerando-a «inoportuna».

Desconhece-se toda e extensão dos contactos que Savimbi terá em Lisboa, mas a deslocação à Assembleia da República, onde será recebido pela Comissão Parlamentar de Negócios Estrangeiros, Comunidades Portuguesas e Cooperação está a suscitar polémica. PS e PCP consideraram «inoportuna» a audiência que aquela comissão parlamentar vai conceder ao líder da Unita, em data ainda a fixar entre 13 e 19. O Grupo Parlamentar comunista salienta que ela é «contrária aos interesses nacionais e da paz».

PSD e CDS votaram ontem favoravelmente um pedido de audiência, na Assembleia da República, solicitado pela Unita: o Grupo Parlamentar socialista absteve-se na votação, sublinhando não estar devidamente esclarecido o carácter político da deslocação da Savimbi a Portugal.

«Pretendíamos ter informações oficiais sobre o caso. Por isso, foi votado um pedido nosso, terça-feira, para que o Governo prestasse esclarecimentos sobre o enquadramento político da visita. O pedido foi rejeitado pelo PSD», afirmou Edite Estrela.

Aquela deputada e os seus colegas socialistas da comissão - Mota Torres, Raul Rego, Manuel Alegre e Sottomayor Cardia - consideraram, face à ausência de tais esclarecimentos, a audiência «inoportuna e contrária aos interesses fundamentais da política externa portuguesa». Idêntica opinião manifestaram os dois deputados comunistas que integram a comissão.

Além de Lisboa, Porto e Funchal, Coimbra é outra das cidades onde Savimbi se deverá deslocar, de acordo com informações prestadas pelo Forum Português para a democracia e Paz em Angola, que organiza a visita de Savimbi a Portugal. Estão previstos encontros e reuniões com destacadas personalidades políticas e empresariais em todas elas.

O programa de Lisboa ainda não está estabelecido em definitivo, não se sabendo em que termos e circunstâncias Savimbi se poderá encontrar - se isso vier a acontecer - com Cavaco Silva, na altura já regressado dos EUA. Informações provenientes de Washington adiantam que a Administração dos Estados Unidos poderia aproveitar a visita de Cavaco para lhe solicitar maior empenhamento no processo de paz em Angola, em particular junto do MPLA. O dia da sua chegada ao Porto será assinalado, sobretudo, por uma importante recepção na Câmara Municipal, no último acto público de Fernando Cabral. Savimbi almoçará, depois, numa unidade hoteleira portuense, com Paulo Valada, Carlos Brito, Vieira de Carvalho e António Vilar, os quatro presidentes do Forum Portucalense - Associação Cívica para o Desenvolvimento da Região Norte.

Lisboa: Sampaio acumula pelouros

Projectos como o do hotel Hilton ou o do Alto do Lumiar serão na futura Câmara, da responsabilidade de Jorge Sampaio. O presidente eleito do Município lisboeta, além de ficar responsável pela coordenação geral do executivo camarário, acumulará ainda os pelouros das Relações Externas e do Planeamento e Gestão Urbanística.

Rui Godinho, do PCP, que na anterior gestão não possuía pelouro, terá agora sob a sua alçada a Recuperação dos Núcleos Históricos, a Limpeza e Higiene Urbana, a Gestão, Recuperação e Manutenção da Frota e, finalmente o Saneamento Público.

O pelouro da Cultura ficará para o socialista João Soares e Anselmo Anibal, que se candidatou como independente pelo PCP, ficará com pelouro da Administração Interna da Câmara.

Para os pelouros do Turismo e Ambiente e do Trânsito e Arruamentos foram destacados Vitor Costa (PCP) e Machado Rodrigues (PS), respectivamente.

Os pelouros do Desporto, Educação e Juventude e do Pessoal e Finanças, foram atribuídos a Rego Mendes (PCP) e Luis Simões (PS).

Vasco Franco, do PS, continua com o pelouro da Habitação, ficando igualmente responsável pelos Bombeiros e Polícia Municipal.

A maioria da nova Câmara (PS/PCP/PEV/MDP), que deverá tomar posse logo que sejam publicados oficialmente os resultados definitivos das eleições de 17 de Dezembro, reservou os pelouros do Abastecimento, Iluminação Pública, Srviços Eléctricos e Acção Social para a oposição (PSD/CDS/PPM), liderada por Marcelo Rebelo de Sousa, mas não é ainda certo que tais pelouros sejam aceites.

Hilton novamente

Entretanto, o executivo camarário cessante volta a analisar hoje, em reunião extraordinária, a questão do projecto para o Alto do Parque Eduardo VII, por proposta de Nuno Abecasis.

«Será tudo imprevisível», disse ao Diário de Lisboa o vereador Rui Godinho, fazendo a antevisão do que se irá passar.

De facto, Abecasis insiste na aprovação da proposta rejeitada na passada semana.

Jorge Sampaio

O DL apurou que o edil pôs à disposição da vereação durante dois dias o volumoso processo do alto do Parque, o qual, segundo afiançou uma fonte camarária, tem «um metro de altura».

A disposição junto dos vereadores da oposição quando chegar a hora de votar deverá ser a mesma da passada semana, ou seja, não aprovar nada e remeter tudo para os sucessores. Porém, há que contar sempre com as oscilações de Pombo Cardoso. De facto, este vereador socialista tem votado algumas questão essenciais com Abecasis, por isso não se sabe para que lado é que fará maioria hoje.

I Série
N.º 4
Dia 5
de
Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 1/90:
Inquérito parlamentar à actuação das autarquias do Seixal e de Loures na concessão de favores ao PCP

Ministério das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 3/90:
Altera o quadro de pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa na parte referente ao pessoal médico

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 4/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão de Relações Públicas e Protocolo do Município de Coimbra

Ministério da Justiça

Decreto-Lei n.º 10/90:
Altera pela primeira vez e de forma intercalar o Decreto-Lei n.º 177/86, de 2 de Julho, relativo ao processo especial de recuperação de empresas

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto n.º 2/90:
Desafecta do regime florestal parcial uma parcela de terreno com 3 ha a favor do Município de Ovar

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 122.035 contos

Acordo na Assembleia, à terceira tentativa

Guerra das Estrelas chega atrasada a Almodôvar

Ainda não foi ontem, e esta era a terceira tentativa, que a estação de rastreio de satélites de Almodôvar recebeu a luz verde do Parlamento: por inexistência de consenso de todas as bancadas--o Partido Comunista inviabilizou-o--a votação foi adiada para a próxima terça-feira.

Este acordo fora celebrado em 1984, por troca de cartas entre o então ministro Jaime Gama e o embaixador americano Holmes, mas o Tribunal Constitucional chumbou-o na sua primeira versão.

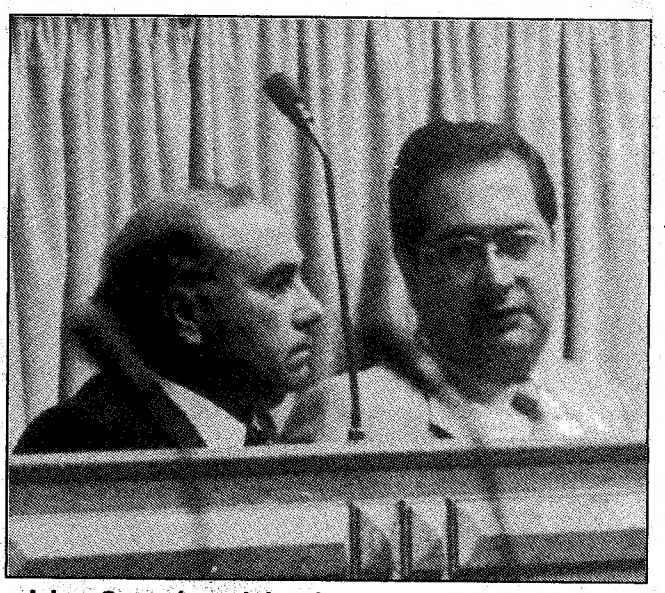
No início da actual sessão legislativa, o acordo voltou ao Parlamento: mas, já com os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros instalados para o debate, verificou-se que faltava um documento formalmente imprescindível, o parecer do Conselho Superior de Defesa. A aprovação foi assim adiada, pela segunda vez e até ontem.

À terceira tentativa parece que é mesmo de vez, pois o Partido Socialista já manifestou o seu apoio à aprovação do acordo de que, aliás, fora padrinho: mas só na terça-feira serão contados os votos.

Do debate finalmente travado sobre esta matéria apurou-se a total e obstinada oposição dos Verdes e a natural rejeição do acordo pelo Partido Comunista. Os Verdes até deram conferência de Imprensa para acentuar as razões da sua oposição, no fundo e na forma, à integração prática de Portugal na rede de vigilância do espaço exterior controlada pelo NORAD (Comando de defesa aeroespacial dos Estados Unidos).

«Este acordo vai contra o sentido dominante no mundo, que é o da desmilitarização e o desarmamento», disse Herculano Pombo aos jornalistas, *«e o progresso e o desenvolvimento técnico-científicos estão aqui aplicados ao serviço de uma estratégia de cariz militarista»*.

A estação de Almodôvar é uma das cinco dependentes do NORAD e a única que ainda não entrou em funcionamento. As outras localizam-se no Novo México, Hawai, Coreia do Sul e ilha de Diego Garcia. Todas elas constituem uma parcela significativa do projecto conhecido por «Guerra das Estrelas» o que implica passar Almodôvar a constar como alvo prioritário em território nacional, no caso eventual de uma guerra planetária.



«Jaime Gama é o pai da criança», recordou Herculano Pombo a propósito do projecto de Almodovar

Os Verdes do Parlamento, pela voz de Herculano Pombo, juraram empenhar-se *«em novas acções públicas e de reclamação do cancelamento da estação electro-óptica de Almodôvar»*, assim como aproveitaram a embalagem para voltaram a assestar baterias sobre o alargamento do campo de tiro de Alcochete e a prorrogação do acordo de cedência da base de Beja à Alemanha Federal. Os americanos, ainda por cima, devem-nos 40 milhões de dólares de contrapartidas pela utilização da base das Lajes...

Dizem tratar-se, nos três casos, de *«iniciativas que, mais ou menos camufladas, se inserem na intensificação e reforço do armamento e suas estruturas de apoio»*. Condenam ainda *«o secretismo imposto pelo Governo a todo o processo que é de transcendente importância para a segurança dos portugueses»*. Por isso mesmo e tal como farão os deputados do Partido Comunista, votarão contra a aprovação deste acordo no próximo plenário da Assembleia da República.

Daniel Reis

Chefe de gabinete do PCP a primeira vítima do INES

A primeira vítima do Instituto de Estudos Sociais (INES) foi ontem encontrada na Assembleia da República: trata-se do chefe de gabinete do Grupo Parlamentar do Partido Comunista, João Labescat, que acaba de ser exonerado.

Labescat desempenhava funções de apoio aos deputados comunistas há sete anos e goza de gerais simpatias no Parlamento, entre funcionários e deputados. A sua competência profissional tem sido repetidamente afirmada pelas direcções parlamentares comunistas; mas cometeu a ousadia de ignorar as recomendações da Direcção do seu partido para se alhear do lançamento do INES e subscreveu o manifesto como membro fundador. Logo, o PCP exonerou-o, por alegada perda da confiança implícita ao cargo de chefe de gabinete, mas mantém-no como funcionário e representante do partido na Comissão Nacional de Eleições. Assediado pelos jornalistas a justificar este procedimento, o líder parlamentar comunista comparou o caso ao de uma secretária de empresa que tenha assinado acções de propaganda da concorrência e por isso perde o lugar.

Carlos Brito não se eximiu, contudo, a assumir a sua parte das responsabilidades no caso. Ele respondeu a uma pergunta do DL com a informação de que a exoneração de Labescat foi decidida, conjuntamente, pelas direcções do Grupo Parlamentar e do Partido. Disse, no entanto, depois de acentuar tratar-se de situações diferentes--um é funcionário do partido, o outro é deputado--que José Magalhães, único subscritor do manifesto do INES entre os membros da bancada comunista, «não está, de momento, em causa».

O ex-chefe de gabinete do Grupo Parlamentar do PCP comentou, em declarações aos jornalistas, que a exoneração «foi um acto desnecessário e injusto» e que «a melhor resposta às perguntas que possam fazer» se encontra «no acto em si e nos seus fundamentos».

Governo regula controlo anti-doping

As análises de dopagem passam a ser feitas sem aviso prévio, abrangem atletas e todos os técnicos desportivos

Os atletas e todos os agentes desportivos a ele ligados vão ser obrigados a uma contra-análise para confirmação de dopagen, determina um decreto-lei ontem aprovado em Conselho de Ministros. O controlo pode ser feito fora do tempo de competição e sem aviso prévio.

A regulamentação deste decreto será feita pelo Comité Olímpico e pelas federações desportivas, encarregadas, pela nova lei, de fixar a lista de substâncias e métodos dopantes.

O decreto ontem aprovado prevê a criação de um Conselho Nacional Anti-Dopagem, orgão consultivo e de coordenação a nível nacional das acções contra estimulantes artificiais no desporto. Dá também garantia de mecanismos e instâncias de recurso.

A produção e comercialização de «genéricos», um dos dossiers que mais controvérsia gerou, enquanto Lenor Beleza esteve em funções no Ministério da Saúde foi aprovado também ontem. Fernando Nogueira, ao prestar as habituais declarações aos jornalistas depois da reunião do Conselho de Ministros, defendeu as posições de Beleza alegando que tais medicamentos são 20 por cento mais baratos do que os normais. Esta lei, refira-se, abrange todos os utentes do Serviço Nacional de Saúde que, para possuírem comparticipação nos medicamentos, terão de optar pelos genéricos.

Trata-se de produtos farmacêuticos semelhantes aos que já existem no mercado, mas com prazo de protecção de patente já terminada e que podem ser vendidos sem indicação de marca, à semelhança do que se pratica em vários países comunitários e também em alguns estados norte-americanos.

Até ser publicada a legislação aprovada ontem desconhece-se quem irá produzir tais medicamentos.

BREVES

PS quer debater o Programa como se o Governo fosse novo

O Partido Socialista, não podendo exigir um debate sobre o programa do Governo, já que de um novo Governo não se trata, manifestou ontem intenções de tirar efeitos políticos parecidos ao activar a ida a S. Bento de Cavaco Silva e a sua corte de ministros.Em requerimento ao Presidente da Assembleia, o líder do Grupo Socialista, António Guterres, propôs para isso a um debate de política geral, a pretexto de que «é pública a remodelação ministerial que afecta um número muito significativo de ministros».

Não é crível que a Maioria e Vitor Crespo lhe façam a vontade, não obstante a invocação por Guterres da *«indispensabilidade de o Governo remodelado poder apresentar perante a Assembleia da República a sua visão dos problemas nacionais e as suas propostas»*.

Promoção dos perdedores é castigo aos eleitores

Como era de esperar, o tema da remodelação do Governo foi ontem glosado em todos os tons, na Assembleia da República, prevalecendo, o mor das vezes, o tom jocoso usado pelas bancadas da Oposição.

O CDS, pela voz de Narana Coissoró, sintetizou o ramalhete de comentários ao garantir que *«o prémio da promoção a ministro de um perdedor nas eleições só pode significar a punição do eleitorado que votou mal»*.

Narana concluiu a longa diatribe contra a remodelação com uma pergunta dirigida à bancada da Maioria:

«De demissão em demissão e de substituição em substituição, quem nos garante que não chegará a vez do próprio Primeiro-Ministro, em tempo mais curto do que era legítimo esperar?».

À espera do noticiário das sete para saber quem caiu

Para o deputado centrista, a remodelação estava, ontem, a ser feita *«hora a hora»* tendo garantido, na ocasião, que esperava *«o noticiário das sete para saber que ministro mais vai ser apeado»*

No mesmo sentido, mas mais subtil, se ouviu o socialista José Lello, do Partido Socialista, dirigir-se a João de Deus Pinheiro e aos secretários de Estado presentes no hemiciclo:

«Muito boa tarde», saudou o deputado do Porto, *«senhor ministro e senhores membros do Governo, se é que ainda o são...»*

ECONOMIA

Habitação: SGII recusam assumir papel do Estado

Novo regime não foi bem aceite e causa preocupação no sector da gestão e investimento imobiliário

Um decreto-lei, publicado no dia 3 de Janeiro, que estabelece novo regime das Sociedades de Gestão e Investimento Imobiliário (SGII) não está a ser bem aceite por este ramo de actividade, havendo mesmo quem tenha afirmado ao «DL» que «*o Estado não pode obrigar as entidades privadas a desempenhar o papel que lhe cabe*».

O Conselho de Ministros deliberou recentemente alterações ao regime que instituiu as SGII, afirmando que tal visa a dinamização do mercado de arrendamento para a habitação. Afirma o decreto-lei que «*as sociedades de gestão e investimento imobiliário (...) têm-se revelado um instrumento privilegiado de reactivação do sector imobiliário e, dentro deste, do mercado de arrendamento*».

O objectivo do Governo é garantir um dinamismo e um esforço de investimento orientados para o mercado de arrendamento de habitação, a fim de acabar com algumas das dificuldades que se sentem no sector.

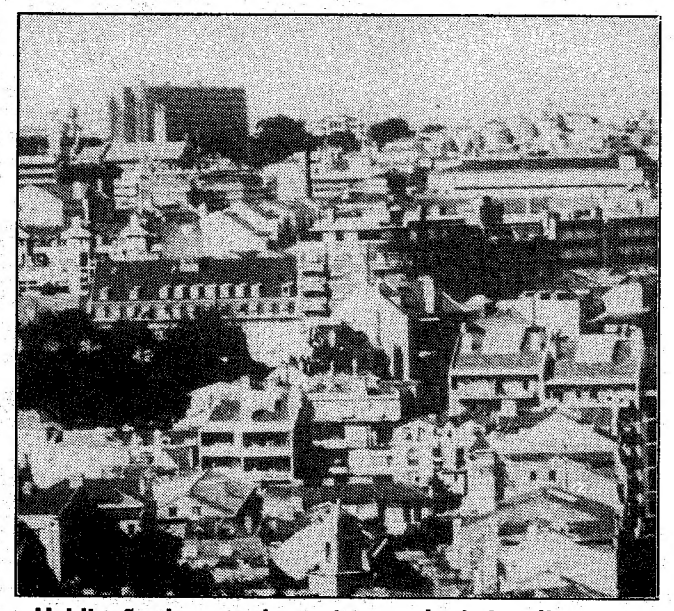
Segundo disse ao «DL» o administrador de uma SGII que pediu para não ser citado, «*apesar da opinião que possa ter quanto à intervenção estatal na habitação, o Governo não pode contradizer-se*». A questão é posta em termos simples: «*Por um lado, o Governo defende a livre iniciativa e, por outro, vem agora limitar a acção dos empreendedores*».

Posto de outra forma, pela nossa fonte, o problema resumir-se-ia à liberdade das sociedades gerirem e investirem nos mercados que mais rendessem, fosse o terciário, a especulação imobiliária ou a habitação. «*Nós é que gerimos e, dentro de um mercado livre, nós é que deveremos definir os campos onde vamos apostar*», foi dito ainda.

Condicionalismos

O Conselho de Ministros deliberou atenuar os condicionalismos impostos para aquisição de terrenos, com o objectivo de criar condições para que as sociedades constituídas no ramo da construção imobiliária possam ter um papel mais activo e eficaz, a fim de dinamizar o sector.

Por outro lado, as SGII que venham a ser autorizadas, a partir da data de entrada em vigor do novo decreto-lei, terão que constituir mais de um terço do seu património em aplicações em imóveis destinados a arrendamento para habitação.



Habitação de arrendamento: cavalo de batalha entre Estado e empreendedores

Aqui é que a questão se torna mais grave, no entender nas empresas, que vêem com apreensão terem de condicionar a sua actividade, para poderem assumir o papel que consideram caber ao Estado.

Refira-se que às novas sociedades é também exigido, no final do primeiro e do segundo anos de actividade, a aplicação, respectivamente, de 15 e 25 por cento do seu património imobiliário em imóveis destinados a arrendamento para habitação.

«*Isso vai limitar a nossa actividade que, em termos globais, está vocacionada para um mercado de compra e venda e não de arrendamento*», foi também dito ao nosso jornal.

As SGII já constituídas, ou cuja constituição já tenha sido autorizada à data de entrada em vigor do novo decreto-lei, devem fazer acréscimos anuais mínimos de cinco por cento, nos casos em que as suas aplicações em imóveis destinados a arrendamento para habitação não respeitem o limite de um terço do seu património.

Estes acréscimos situam-se no rácio «habitações para rendimento/património habitacional» até que seja alcançado o referido limite.

O novo regime estabelece também que estas sociedades apenas possam adquirir terrenos que se destinem directamente à execução de programas de construção, não podendo o valor total dos terrenos detidos, depois dos três primeiros anos de actividade, ultrapassar os 10 por cento do valor global do respectivo património imobiliário.

Este decreto-lei, já esperado no sector das SGII, está a ser analisado pelos Fundos de Gestão, já que é conhecido ser intenção governamental legislar de forma a que, também estes, tenham que dirigir, por lei, a sua actividade para a habitação de arrendamento.

Novos escalões do IRS

No seguimento da proposta do Orçamento Geral do Estado, entraram em vigor os novos escalões do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS), os quais foram ajustados em 20 por cento.

Nesta conformidade, os rendimentos até 540 contos passam a ser taxados a 16 por cento; os de 540 a 1020 a 20 por cento; os de 1020 a 1500 a 27,5 por cento; os de 1500 a 3 600 a 35 por cento; e os acima de 3600 contos a 40 por cento.

Os abatimentos aos rendimentos líquidos foram também actualizados, incluindo os juros de encargos da dívida para habitação do agregado familiar, despesas de educação e similares e ainda prémios de seguros de doença, acidentes pessoais, de vida e contribuições para sistemas facultativos de segurança social.

Nas deduções ao rendimento foi alterado o "Bruto do Trabalho" de 250 para 300 contos, tanto para casados como para solteiros. Os abatimentos ao rendimento líquido das famílias (educação, juros e prémios de seguros) passaram a ter um limite máximo de 105 contos para os solteiros e de 210 para os casados, sendo o abatimento mínimo, respectivamente, de 52,5 e 105 contos.

As deduções à colecta passaram a ser, por cada dependente, de 12 contos e dos contribuintes de 23 contos para solteiros e de 17 para casados.

Economia mundial cresce menos

Uma quebra ligeira no ritmo do crescimento da economia mundial é prevista para 1990 pelo GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) no seu relatório anual. Embora considerando que a situação é geralmente encorajadora, mas oculta a grave situação económica dos países menos desenvolvidos e mais afectados pelo problema da dívida.

Diz aquele organismo internacional que nos países desenvolvidos a inflação deverá ser menor do que em 1989.

Nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá o comércio e a actividade produtiva terão índices de crescimento inferiores aos da média dos restantes paíse s industrializados.

Segundo a previsão do GATT, os países da Europa Ocidental deverão ter, em média, taxas de crescimento da ordem dos três por cento, devendo o Japão exceder aquela média.

De referir que análises à economia portuguesa prevêem para o corrente ano um crescimento da economia que deverá ultrapassar os cinco por cento, enquanto que se estima que a inflação se mantenha aos níveis actuais (cerca de 13 por cento).

Evitar flutuações

Segundo o GATT, com os principais países em diferentes fases do ciclo económico, a economia mundial deverá evitar flutuações acentuadas, que normalmente ocorrem quando todos os principais países se encontram simultaneamente em ciclos de expansão ou contracção.

Aquela instituição considera igualmente que deve continuar a merecer atenção a persistência de acentuados desequilíbrios externos entre os principais parceiros comerciais, que resultam, em larga medida, dos desequilíbrios entre o investimento e as poupanças nacionais.

Entretanto, lembramos que, por um lado, o Japão está a fazer evidentes esforços para aumentar as importações, enquanto que, por seu turno, a Europa procura ser cada vez mais "auto-suficiente" e acelerar as exportações.

Incerteza

Para o GATT, o panorama de incerteza para os preços dos bens de consumo primários deve contribuir para importantes diferenças no comportamento comercial dos países em desenvolvimento, considerados individualmente.

Recorda este organismo das Nações Unidas que muitos países de África e da América Latina têm diante de si mais um ano de crescimento zero ou negativo do rendimento *per capita* .

Nesta conformidade, acrescenta, continuarão a ser uma prioridade dos centros de decisão, na década que se inicia, os esforços para suster o agravamento do nível de vida desses países e para apoiar programas de reforma interna.

Década de 80

O GATT, através do seu director-geral, faz igualmente um balanço da década de 80, considerando que se assistiu a um renovado interesse nas relações económicas entre Estados-membros de regiões geográficas determinadas.

Na Europa Ocidental, refere, a Comunidade Económica Europeia manteve o seu processo de integração com vista ao mercado único de 1993.

Por outro lado, acrescenta, o acordo de comércio livre entre o Canadá e os Estados Unidos, iniciado no princípio de 1989, aproximou ainda mais estes dois parceiros comerciais.

Na América Latina, África, Ásia e Pacífico continuam em curso iniciativas para promover uma maior cooperação económica entre os Esta-dos.

O relatório sublinha ainda o facto de alguns países da Europa Oriental se terem juntado aos países em desenvolvimento no desejo de se orientarem mais pelas forças de mercado para promoverem o desenvolvimento e participarem mais activamente nos mercados mundiais de bens e serviços.

Este facto leva o director-geral do GATT a considerar provável que o sistema de comércio multilateral registe novo surto de actividade, sobretudo com o previsto afluxo de capitais aos países do bloco do Leste, à medida que estes forem reestruturando as suas economias.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$90	55$90
ALEMANHA FED. (marco)	87$20	88$40
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$955	4$205
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$20	129$70
(notas de 5 a 1000)	127$70	130$20
DINAMARCA (coroa)	22$40	22$80
ESPANHA (peseta)	1$314	1$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$65	151$15
(notas de 5 a 1000)	148$15	151$65
FINLÂNDIA (marka)	36$70	37$70
FRANÇA (franco)	25$55	26$25
HOLANDA (florim)	77$20	78$30
IRLANDA (libra)	231$25	235$25
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$989	1$044
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	242$25	246$75
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	95$30	96$80
VENEZUELA (bolívar)	3$330	4$130

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Os portugueses

Inquérito - Sondagem «Diário de Lisboa» - Euroteste

Costuma jogar em quê?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Lito-ral	Int. Norte	Int. Sul
Lotaria	12,1	18,2	23,2	7,0	6,0	14,4
Totobola	24,4	27,5	34,9	25,0	11,3	24,5
Totoloto	55,4	64,1	67,5	52,0	40,8	57,4
Bingo	3,9	6,2	7,6	3,0	1,4	2,5
Máquinas jogo	3,7	5,0	7,0	3,4	2,7	0,7
Roleta	0,2	--	1,0	--	0,5	0,2
NR	42,1	32,4	29,4	45,7	57,8	40,7

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Lotaria	12,1	25,2	18,6	6,4	2,8
Totobola	24,4	29,2	39,7	20,0	4,3
Totoloto	55,4	61,5	75,4	51,1	25,7
Bingo	3,9	12,1	6,0	0,9	--
Máquinas jogo	3,7	8,5	6,6	1,3	--
Roleta	0,2	--	0,3	0,4	--
NR	42,1	33,6	23,0	45,5	74,3

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Lotaria	9,5	19,9	7,1	16,5	8,2
Totobola	28,7	30,9	11,3	37,8	12,5
Totoloto	61,8	69,4	30,9	63,1	48,6
Bingo	6,1	4,2	0,6	5,7	2,4
Máquinas jogo	7,1	2,6	0,2	6,2	1,5
Roleta	0,3	0,3	--	0,3	0,1
NR	34,7	28,9	67,0	32,7	50,4

Costuma pôr a cruz no boletim do Totoloto/ Totobola para, se lhe sair, não saber que foi premiado?

%

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Lito-ral	Int. Norte	Int. Sul
Sim	65,2	70,8	59,4	64,4	60,1	66,5
Não	34,8	29,2	40,6	35,6	39,9	33,5

%

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Sim	65,2	81,6	64,1	64,9	37,2
Não	34,8	18,4	35,9	35,1	62,8

%

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Sim	67,0	67,4	54,8	67,2	63,0
Não	33,0	32,6	45,2	32,8	37,0

Universo e amostra

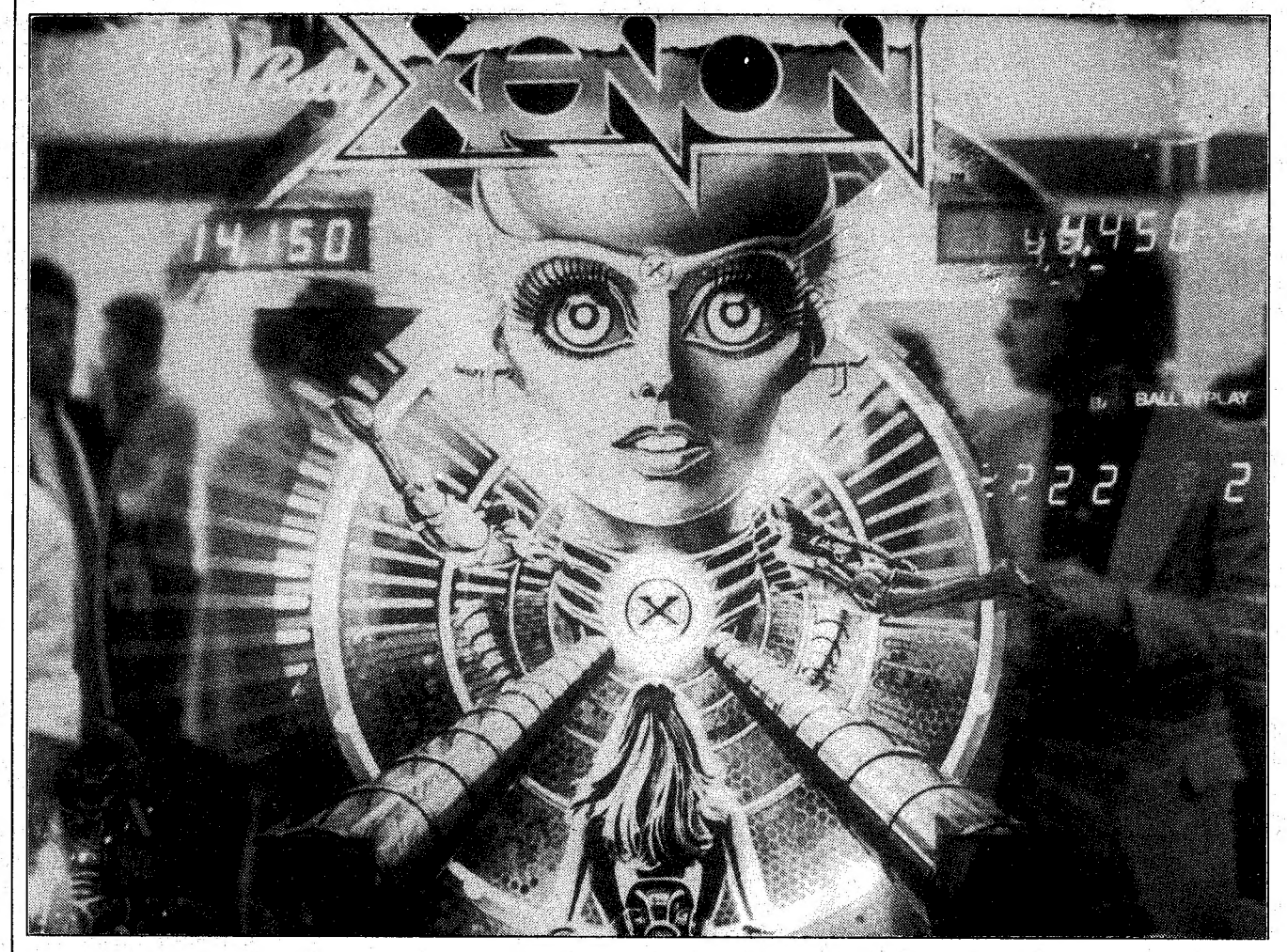
O universo desta sondagem foi constituído por indivíduos com 15 anos ou mais, residentes no Continente em localidades de 100 ou mais habitantes. A amostra foi de 1000 entrevistas. Destas, 37,4 por cento foram realizadas no Litoral, 23,5 na Grande Lisboa, 15,7 no Interior Norte, 12,6 no Interior Sul e 10,8 no Grande Porto.

Por faixas etárias, a sondagem reservou 39,5 por cento da amostra ao grupo dos 15 aos 34 anos; 32 por cento ao grupo dos 35 aos 54 anos; e 28,5 aos de mais de 54 anos.

Por classes, a amostra foi constituída por 185 indivíduos das classes A/B; 423 da classe C1; 316 da classe C2; e 76 da classe D.

A caracterização das classes foi feita, sumariamente, pelos seguintes elementos:

Classe A: rendimento familiar superior a 150 contos e nível de instrução universitário; **classe média alta (B):** rendimento entre 100 e 150 contos, nível de instrução média; **classe média superior C1:** rendimento entre 60 e 100 contos e instrução média profissional; **classe média inferior C2:** rendimento entre 30 e 60 contos, operários e trabalhadores, com instrução primária; **classe baixa (D):** rendimento até 30 contos, trabalhadores não especializados e dos serviços domésticos, de instrução primária incompleta, residentes em zonas pobres.



Eu jogador não me

Em épocas de recessão económica aumenta a procura da Lotaria, Totoloto, Totobola e do Bingo. Quanto menos dinheiro há mais se joga. Se o salário não chega procuram-se outras alternativas. Para muitos, a alternativa é o jogo. Joga-se para tentar a sorte ou azar, e por hábito. Os números da chave são escolhidos supersticiosamente, a idade, o dia em que o filho faz anos, o número da porta, etc., etc. A esperança é a última coisa a morrer, dizem. E as pessoas esperam e jogam. As receitas globais do jogo legal em Portugal confirmam essa tendência. Curiosamente, os portugueses não gostam de revelar esta faceta.

Não só não revelamos onde jogamos como não gostamos de ser conhecidos em caso de saída de um prémio. Comprova-o esta sondagem e a nossa própria experiência. Nenhum recém contemplado pela sorte aceitou ser entrevistado para o DL. As pessoas procuram defender-se de eventuais oportunistas.

A grande maioria, 65,2 por cento, pede o anonimato ao preencher os boletins de Totobola e Totoloto. O dado mais saliente surge na subdivisão do grupo etário dos 15 aos 34 anos. Apenas 11,8 por cento das pessoas com idades entre os 30 e 34 anos quer manter-se anónimo.

As pessoas de mais baixos rendimentos são excepção no conjunto das classes sociais, 62,8 por cento, não pretende fazer segredo do seu prémio. Não conhecem a riqueza, não sabem quais são os seus problemas. A maior percentagem de anónimos, 70,8 por cento, reside na Grande Lisboa e pertence à classe alta e média alta, 81,6 por cento.

Uma amostragem feita, a pedido do DL, pelos serviços de escrutínio do Totobola e Totoloto revelou que 80 por cento dos apostadores põe a cruz nos boletins para se lhe sair o prémio, conservar o anonimato.

Uma parte significativa dos inquiridos, 42,1 por cento, esconde os seus hábitos de jogo. Este valor aumenta significativamente no Interior Norte, onde 57,8 por cento não menciona qualquer modalidade. A explicação não está apenas no segredo que as pessoas fazem dos vícios. Esta é a zona do país com maiores deficiências nos transportes e comunicações. De onde é possível concluir que também o jogo, não tem só a ver com a capacidade monetária dos indivíduos. É muito importante a possibilidade de acesso aos bens de consumo.

Pode-se comprovar esta tese com a análise dos resultados nos dois principais distritos nacionais, Lisboa e Porto, onde apenas 32,4 por cento e 29,4 por cento, repectivamente, não responde. Recorde-se que são estas zonas que engrossam o volume de receitas dos jogos. Por exemplo, segundo o relatório do Totobola e Totoloto, os lisboetas têm uma agência para mil e 500 habitantes.

A distribuição por idades e sexos indica-nos que os mais idosos e as mulheres jogam pouco, a maioria não dá qualquer resposta. O que confirma que o jogo é ainda um hábito masculino, situando-se a classe etária dos jogadores entre os 35 e 54 anos.

O Totoloto é preferido por 55,4 por cento das pessoas. A justificação está na própria mensagem publicitária:« É

Mais do que o orçamento da Educação

Em Portugal, o que se gasta em jogo legal, por ano, dava para construir 19 auto-estradas de 50 km, 26 hospitais, 392 faculdades, ou 785 escolas secundárias, as receitas globais, em 1988, foram de 157 millões de contos. Se somarmos o volume do jogo clandestino, este valor atinge os 300 milhões. Muito mais do que gastaram, o ano passado, o Ministério da Educação ou o Ministério da Saúde.

Os portugueses jogam e muito. A maioria tenta a sorte em mais de uma modalidade. Lisboa é, também, a capital do jogo. Seguem-se-lhe Porto e Setúbal. As modalidades vencedoras são o Totoloto e as máquinas e roleta do Casino.

O número de apostas indica-nos o Totoloto, o jogo mais popular. Foram gastos em 1988, 44 millões e 700 mil contos, 28,4 por cento do total de todos os jogos.

Os valores movimentados apresentam o Casino, máquinas e bingo,o campeão de receitas. Mais de 64 mil contos, representando 40,82 por cento da totalidade.

Comparativamente a outros países, como ficou comprovado com a Lotaria Europeia, temos a maior taxa de vendas de Lotaria de todo o mundo. Por cada sorteio são emitidos cerca de 70 mil bilhetes. A percentagem de sobras não ultrapassa os 20 por cento.

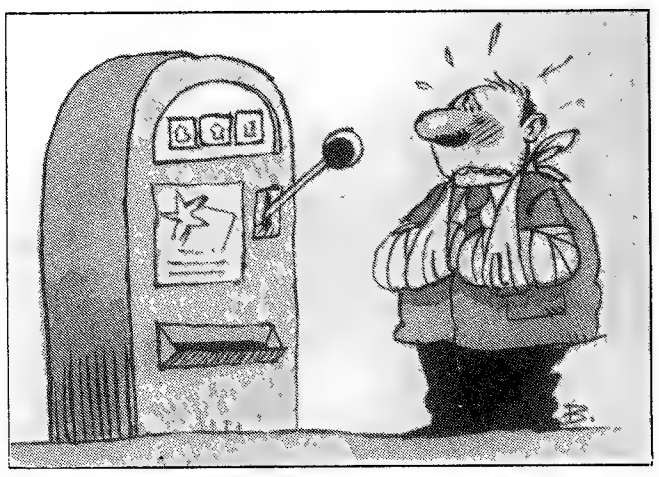
A distribuição de receitas por distrito do Bingo e jogos sociais - lotarias, Totobola e Totoloto- não traz novidades. Lisboa regista quase 30 por cento do valor das apostas e metade do total de cartões vendidos. O Porto surge em segundo lugar, 17,8 por cento no Totobola e Totoloto e cerca de 25 por cento no Bingo. Setúbal, zona com graves problemas económicos, está em terceiro lugar.

A grande diferença reside em Aveiro, penúltimo no Bingo e quarto no Totobola e Totoloto.

Do jogo clandestino não há dados. Conscientemente, ou não, todos já apostámos ilegalmente. Quem nunca comprou uma rifa para a festa de finalistas, ajudou a paróquia, contribuiu para as despesas do clube ou do partido? Isso

e o dinheiro (4)

confesso...



fácil, é barato e dá milhões». Sendo o de prémio global maior, e apesar das probabilidades de saída serem inferiores a qualquer outro jogo, o custo de cada aposta é mínimo.

Com apenas 50 escudos qualquer pessoa se pode habilitar ao sorteio. No Interior Norte, menos de metade dos indivíduos opta pelo Totoloto, 40,8 por cento. Em relação a outros tipos de jogo, verifica-se que a Lotaria tem pouca adesão no Litoral e no Interior Norte.

A avaliar pelas respostas à nossa sondagem, os grupos sociais economicamente mais débeis, classe baixa e média inferior (D), não frequentam as salas de casino e do bingo. Cerca de 20 por cento da classe alta e média alta (A/B), e 12,6 por cento da classe média superior (C1), inclui o Bingo, as Máquinas e a Roleta na lista das suas preferências. O Bingo tem a particularidade de ter mais simpatias na classe alta, 12,1 por cento. De realçar que estas modalidades apresentam uma facturação superior da Lotaria, Clássica e Popular, Totobola e Totoloto, o que se explica pelas grandes quantias de dinheiro despendidas por cada jogador nestes jogos. Na subdivisão da classe etária, dos 15 aos 34 anos, verifica-se que os jovens, dos 15 aos 24 anos, preferem as máquinas, colocando esta modalidade em terceiro lugar.

Céu Neves

e da Saúde

é ilegal. A Santa Casa da Misericórdia é a única entidade promotora de concursos de apostas mútuas e com competência para aplicar multas. Tudo o resto- cartões, bilhetes, rifas, introdução em território nacional de uma lotaria estrangeira- é ilícito.

Apesar de se estimar um valor elevado, ninguém arrisca números. A única referência que temos é o relatório de contas do Totobola e Totoloto, de 1988. Este lamenta o aumento do jogo clandestino, «onde segundo inquéritos levados a feito, embora sem base científica, o volume de dinheiros movimentados naquelas participações poderia ser já superior ao que se regista nos jogos legais».

RECEITAS GLOBAIS DO JOGO

em milhões de contos

	1988	%
LOTARIA NACIONAL	22,2	14,1
LOTARIA POPULAR	4,4	2,8
TOTOBOLA	6,9	4,4
TOTOLOTO	44,7	28,4
CASINO	64,3	40,8
BINGO	14,9	9,5
TOTAL	157,4	100,0

Há horas felizes...

Tempos houve em que quem ia receber a taluda levava uma pasta, um polícia e, algumas vezes, o cauteleiro que lhes tinha vendido a "sorte" . Hoje as grandes quantias vão directamente para a conta bancária. Apenas a Lotaria Popular traz , ainda, à Santa Casa alguns dos felizes contemplados. O ritual desapareceu e as manifestações de felicidade são raras. Normalmente, quem recebe menos é quem faz mais alarido. Vai para um canto da tesouraria e conta o dinheiro nota a nota. Parece que ganhou uma fortuna. Mas, os talismãs, as crenças, a ilusão de ser rico, continuam.

Nos serviços da Misericórdia contam-se algumas histórias rocambolescas da Lotaria .O relato mais conhecido é sobre um senhor que comprou o bilhete e o colou na porta de sua casa para "dar sorte". O "feitiço" resultou, os números foram premiados. O contemplado tentou descolar a cautela, mas esta ameaçava rasgar-se. Arrancou a porta e apareceu com ela para levantar o prémio.

A reacção mais espontânea foi a daquele velhote que se apresentou nos serviços da Misericórdia porque tinha a terminação. A empregada que o atendeu disse-lhe que tinha o primeiro prémio. O homem levou as mãos à cabeça e saiu disparado pela porta. Horas mais tarde, já refeito da surpresa, apareceu para receber o dinheiro.

Menos sorte teve um jogador que se dirigiu à tesouraria com várias fracções. Depois de uma verificação atenta das mesmas responderam-lhe que estas não tinham qualquer valor. O homem muito convicto respondeu: "Não pode ser! Eu sonhei com a Virgem Santíssima e ela disse-me que eu tinha ganho a lotaria".

Pior que não ser um "feliz contemplado" é ser acusado de falsificador. Sobretudo quando a pessoa em causa é um agente da autoridade. Foi o que aconteceu a um polícia que queria levantar uma fracção viciada. A fraude foi detectada e a funcionária pediu-lhe a identificação. O agente correu em direcção à rua e nunca mais apareceu.

Do Totobola e Totoloto não se conhecem as primeiras reacções, até porque os resultados são divulgados directamente, ou pela rádio, ou pela televisão.

O que se conta tem a ver com a forma como se advinhou a chave e a aplicação do dinheiro recebido. Ainda hoje se lembra a sorte do pastor alentejano que, sem nunca ter visto um desafio de futebol, acertou isoladamente na chave do totobola. Estávamos em 1963. No ano anterior um guarda da PSP acerta no "13" , mas nem por isso deixa de se apresentar no seu local de trabalho. No entanto, devido à curiosidade popular,os seus superiores são obrigados a conceder-lhe dois dias de folga para se ausentar da cidade .

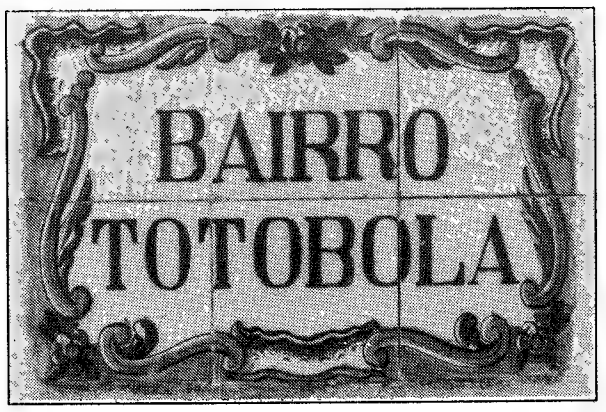
Em 1972, um professor quando recebeu o prémio deu a cada um dos seus 36 alunos uma nota de mil escudos. Houve, também, um jogador que viu mal a sua chave e rasgou o impresso pensando que ainda não era desta que a sorte lhe tinha sorrido. Valeu-lhe não ter pedido o anonimato. Na segunda-feira, a rádio apresentava-o como o único totalista.

Estas são algumas das histórias que se contam. Seguir-lhes o rasto é difícil. Se a alteração económica dos premiados conduziu a uma mudança de vida, torna-se mais complexo avaliar. Sabe-se que compraram uma casinha e um carrito para si, para os filhos ou para os pais, e pouco mais. Se antes de serem "ricos" eram reservados, a reserva depois é muito maior.

C.N.

O Bairro Totobola

Foi o maior prémio até então recebido, dois mil 260 contos, repartidos por uma "sociedade" de 22 pessoas. Em 1965, quando foram os únicos totalistas, deu para erguer o "Bairro Totobola", no Mucifal, em Sintra. A iniciativa foi do senhor Tita que, com os 186 mil escudos que recebeu, construiu seis casas. Hoje ri-se muito quando fala no valor do seu "império" que confessa não saber ao certo qual é. Para ele, este prémio não foi um começo, mas deu-lhe um "grande empurrão".



Dos contemplados, 14 compraram o terreno e construiram as moradias . É difícil imaginar que cerca de dois mil contos tenha dado para tanto, mas, segundo o impulsionador do bairro, presentemente seriam cem mil. Na altura uma telha custava 11 tostões e meio, neste momento são precisos 56 escudos. Um pedreiro ganhava 45 escudos por dia, hoje recebe cinco contos.

Aquele foi um ano de sorte. Sairam prémios diversas vezes. A maioria das pessoas da sociedade da "Marisqueira Tita" "criou uma vida extraordinária, os outros, uns seis ou sete, daí a um mês já não tinham dinheiro".

Quando souberam que tinham" um 13" estavam longe de calcular o valor do mesmo. Na semana anterior, os totalistas receberam apenas 40 escudos. Só à meia-noite veio a confirmação de que eles eram os únicos a acertar na chave. O senhor Tita lembra-se deste dia "como se fosse hoje" e recorda que a primeira pessoa a dar-lhe os parabéns foi o Artur Agostinho às oito horas da manhã de segunda-feira.

Há, ainda, uma pequena curiosidade nesta história, alguém a quem a sorte passou ao lado. Um rapaz que fazia parte da sociedade e a quem foi paga a quota-parte, na altura 20 escudos, e que acabaria por desistir de jogar.

O senhor Tita fuma cachimbo e é proprietário de quatro firmas, oito carros, as piscinas das Azenhas do Mar, vários terrenos e prédios. Joga regularmente, em especial no Totobola, e tem recebido pequenos prémios. Nunca jogou na bolsa e diz porquê: "Se sabemos ganhar dinheiro porque não somos nós a semeá-lo. O dinheiro é a coisa mais difícil de semear. E na bolsa temos de esperar que sejam os outros a semear os nossos ganhos".

Fora o episódio do Totobola, a história deste "comerciante" é igual a tantas outras. Quando se casou não tinha nada, hoje não sabe ao certo quanto vale a sua fortuna. Há "coisas que não têm preço". Aos 55 anos de idade gosta de mostrar que tem dinheiro. No entanto, para ele a parte material já não é tudo. E a prová-lo está a vaidade com que fala dos filhos, uma rapariga que aos 22 anos "já era advogada" e um rapaz que com 14 anos está no 10º ano.

C.N

SEGUNDA-FEIRA> Impostos: muitos lhes fogem e ninguém os encontra

INTERNACIONAL

Ligações à CIA complicam julgamento de Noriega

Ex-lider panamiano no banco dos réus constitui um teste à independência da justiça americana face à administração Bush

Do nosso correspondente em Washington

Os advogados de Manuel Noriega anunciaram que a preparação do seu processo de defesa levará cerca de nove meses, enquanto que o Procurador Geral da Justiça dos EUA admitiu publicamente existir «vários e significativos» obstáculos a ultrapassar devido às ligações mantidas no passado entre o general panamiano e a CIA.

A equipa de advogados particulares para a defesa de Noriega já manifestou intenção de exigir a apresentação de um grande número de documentos classificados, e que incluem gravações, com o objectivo de demonstrar as ligações entre o seu cliente e aqueles serviços secretos americanos, as quais remontam aos anos 70.

O almirante Stansfield Turner, que foi director da CIA durante a administração Carter, entrevistado pelas cadeias de Televisão ABC e CNN admitiu que o general Noriega esteve por diversas vezes na lista de pagamentos daquela organização. Turner adiantou ter prescindido da colaboração do oficial durante o seu mandato, por ter descoberto que este havia subornado vários sargentos dos serviços secretos do Exército americano. «Por isso, Noriega sabe muita coisa a nosso respeito», adiantou o ex-director da CIA, acrescentando: «É embaraçoso que o tenhamos apoiado tanto e durante todo este tempo. Por isso, penso haver aqui razões para embaraços, embaraços que teremoas que assumir».

Apesar de tudo quanto Manuel Noriega possa saber acerca da CIA, o almirante Stansfield Turner é de opinião que a acusação poderá ser capaz de evitar a interferência em questão de segurança nacional. Esta é, também, posição assumida por Dick Thornburgh, o Procurador Geral da Justiça. Thornburgh revelou que um grupo de especialistas do Departamento da Justiça teve já a oportunidade de analisar as questões e os documentos mais sensíveis a utilizar neste processo judicial. Na opinião dos peritos, não há, aparentemente, nada que possa impedir que o julgamento avance.

Nas últimas 24 horas, nos meios de Comunicação Social norte-americano, o debate centrou-se, não só nas implicações processuais deste julgamento, que deverá arrastar-se por dois anos, mas também em torno do grau de imparcialidade que poderá ser garantido ao réu.

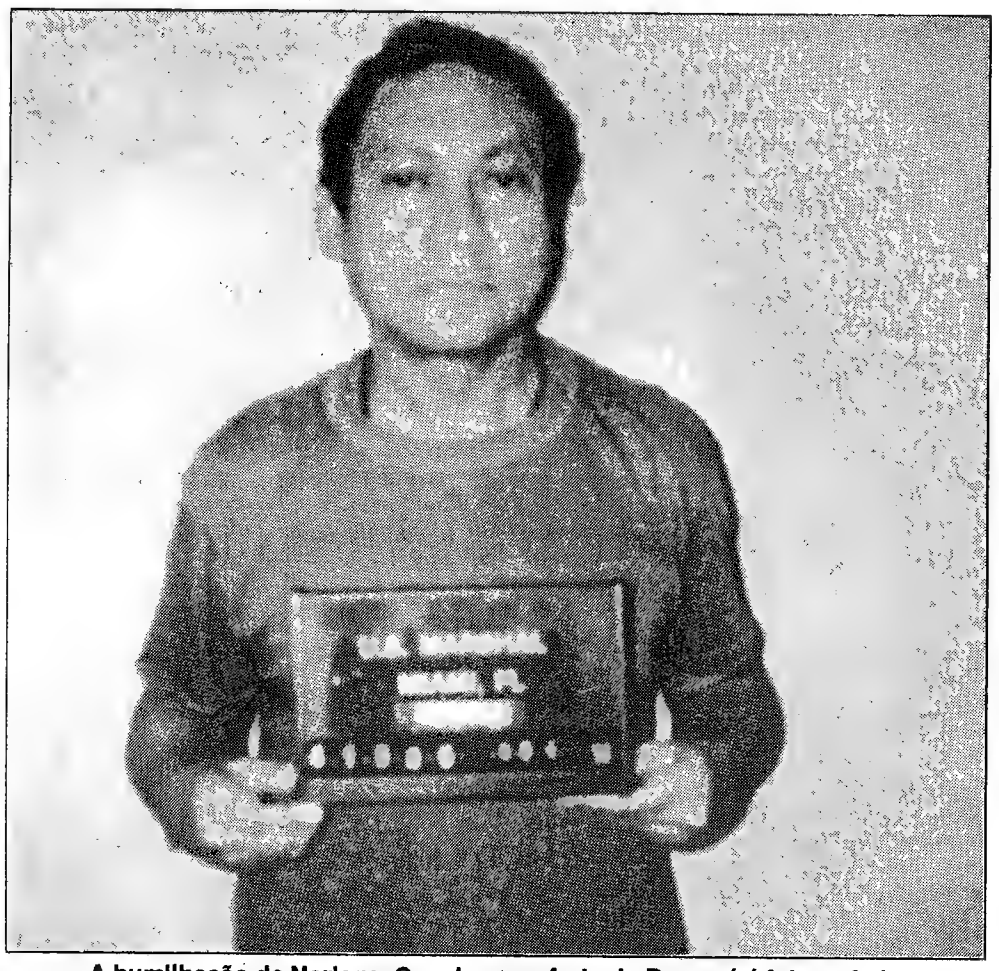
Para o professor de Direito da Universidade de Harvard, Alan Dorshowitz, é o sistema judicial americano que vai a Tribunal.

Na sua opinião, nenhum júri e nenhum juiz terão a coragem de mandar Noriega em liberdade - mesmo que a mereça - depois do presidente Bush o ter virtualmente condenado nas suas mais recentes declarações feitas em público. Para o professor Dershowitz, quando está em causa a defesa da política externa do país, o sistema judicial vigente não tem capacidade de resposta, havendo que encontrar-se outro recurso que não faça recair em meros jurados uma tão pesada decisão.

Outra questão controversa levantada em redor deste julgamento prende-se com a credibilidade das testemunhas a apresentar pela acusação.

As autoridades americanas estão a bascar grande parte da acusação nos testemunhos de ex-acólitos de Noriega há muito presos nos EUA. Uma das testemunhas-chave é Floyd Carlton, o antigo piloto pessoal do ex-ditador, e que foi detido nos EUA, em 1987, altura em que iniciou os seus depoimentos. A defesa já fez saber que vai atacar pela base a argumentação urdida com base na confissão de Carlton, alegando total falta de credibilidade.

Filipe Vieira



A humilhação de Noriega. O ex-homem forte do Panamá é fotografado para os registos policiais norte-americanos

Os trunfos do ex- homem forte

O ex-líder panamiano, Manuel António Noriega, rejeita a autoridade da Justiça dos Estados Unidos no seu julgamento por tráfico de drogas e corrupção. Noriega, que foi ontem apresentado perante o tribunal de Miami cerca de 20 horas depois da sua rendição, «recusa submeter-se à jurisdição deste tribunal porque ele é um prisioneiro político trazido ilegalmente para este país» - afirmou o advogado de defesa Frank Rubino. O general enfrenta várias acusações que o poderão levar a uma pena de 140 anos de cadeia.

Na opinião dos observadores norte-americanos que têm acompanhado o caso, este é o início de um longo e complicado processo que talvez venha a embaraçar os próprios Estados Unidos.

De facto o caso Noriega parece estar ainda no seu começo. E apesar de George Bush ter minimizado a colaboração do ex-homem forte do Panamá com a CIA, pensa-se que o processo poderá mexer com vários dossiers reservados e que a própria Administração Bush talvez tenha que encarar a difícil sittuação de ter de os explicar. Tanto mais que são já conhecidos, pelo menos, dois encontros entre Bush e Noriega. O primeiro verificou-se em Washington, em 1976, quando Bush era o director da CIA, e o segundo em 1983, no Panamá.

Este será um dos trunfos de Noriega durante o seu julgamento. Vários comentadores políticos norte-americanos não excluem a hipótese dos Estados Unidos serem obrigados a chegar a um acordo sobre esta questão dos «documentos sensíveis» que correm o risco de virem à tona na avalanche de revelações que o julgamento pode vir a causar.

Entretanto, o tom das declarações entre Washington e o Vaticano continua algo dissonante. No seu primeiro comentário à rendição de Noriega às tropas dos Estados Unidos, o porta-voz do Vaticano, Joaquin Navarro-Valls afirmou que o general deixou a Nunciatura no Panamá de «vontade própria e sem condições».

Estas declarações vêm de alguma maneira contradizer as declarações de satisfação das autoridades norte-americanas acerca de eventuais pressões exercidas pelo núncio apostólico panamiano, Sebastian Laboa, no sentido de Noriega se entregar aos Estados Unidos.

Em Moscovo, um porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros soviético comparou o julgamento de Noriega nos Estados Unidos com a «Lei Lynch» e afirmou que não havia veredicto de culpa que pudesse justificar a intervenção norte-americana no Panamá.

«Nenhum Estado tem o direito de tomar a Lei nas suas próprias mãos», explicou o porta-voz soviético, segundo o qual o julgamento de Noriega implicaria «uma violação dos direitos do Governo do Panamá e dos princípios de não intervenção da Carta das Nações Unidas».

Em Cuba os orgãos de Comunicação Social limitaram-se a informar a rendição de Noriega sem mais comentários.

Durão Barroso em Luanda

O secretário de Estado da Cooperação, Durão Barroso, chegou esta manhã a Luanda, a convite do Governo angolano, para se inteirar da evolução recente do processo de paz na região.

Amanhã , José Eduardo dos Santos vai conceder uma entrevista em directo ao «Jornal de Sábado»na RTP. Segundo o «DL» pôde apurar junto de fontes diplomáticas em Lisboa, o Presidente angolano poderá aproveitar a ocasião para tentar influenciar Cavaco Silva a intervir junto ao Governo norte-americano no sentido da flexibilização das posições da administração Bush face no conflito em Angola. Cavaco Silva parte para os Estados Unidos na próxima quarta-feira.

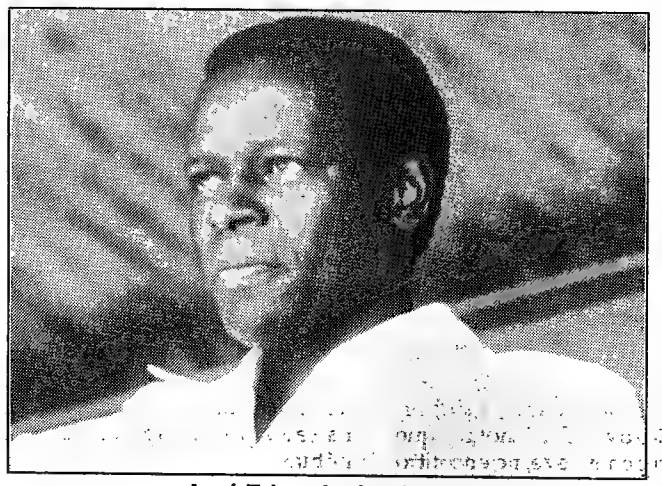
Entretanto, fontes militares em Angola continuam a dar registo de violentos confrontos entre as forças do MPLA e da UNITA.

Segundo as mesmas fontes, as FAPLA conseguiram penetrar no perímetro de defesa em Mavinga, considerada uma verdadeira zona tampão para o acesso ao quartel -general da UNITA, na Jamba.

Sabe-se também que as tropas lideradas por Jonas Savimbi lançaram uma contra-ofensiva às posições tomadas pelas tropas de Luanda sendo Mavinga é considerada ainda como uma zona em disputa.

Em Lisboa, o Forum para a Paz e Democracia em Angola, considerado em alguns meios como um lobby pró-UNITA, enviou uma mensagem ao Presidente da República, Mário Soares, ao Presidente da Assembleia da República e ao primeiro-ministro em que pedem a intervenção junto das autoridades angolanas para que se ponha fim aos confrontos que já causaram elevadas baixas em ambas as partes.

Redacção DL



José Eduardo dos Santos

INTERNACIONAL

Roménia: Frente quer continuar à frente

Com uma série de medidas populistas, as novas autoridades iniciaram na prática a sua campanha eleitoral

Da nossa enviada especial

O aparelho cada vez mais intrincado da Frente de Salvação Nacional da Roménia, que se propôs governar temporariamente o país, mostrou ontem, com os trunfos que já angariou, a sua cartada definitiva. Em Bucareste, o "Libertate", um dos seus sete ou oito órgãos que circulam entre as mãos dos poucos que a ele têm acesso, anunciava a novidade do dia. Esta força política, que não se assume como partido, vai mesmo concorrer às eleições de Abril. A questão não é pacífica. Quem, com tão pouco tempo, está suficientemente preparado para fazer frente à "Frente"?

Por entre o anúncio sistemático de medidas populistas - o estabelecimento da semana de cinco dias, em vez de seis, redução do preço de electricidade, alargamento das emissões televisivas e entrega de terrenos a agricultores por conta própria - a super-organizada Frente assumiu ontem, de caras, o papel que o seu nome sugere: salvadora da pátria.

"Na nossa legislatura está explícito que não pretendemos constituir-nos como partido político. No entanto, como ampla organização que somos, na qual se reunem todas as personalidades que corajosamente lutaram pela liberdade e se manifestaram contra a tirania totalitária, vamos apresentar-nos, a par com todos os partidos democráticos da Roménia, às eleições de Abril".

Estudantes indignados

Estas declarações provocaram a indignação dos estudantes que, inegavelmente, deram o corpo e a alma ao violento processo de derrube de Ceausescu. Em abordagens isoladas nas ruas de Bucareste, os jovens tentam explicar aos jornalistas estrangeiros aquilo que consideram ser "uma estratégia democrática de censura àqueles que, verdadeiramente, fizeram a revolução".

A qualquer momento espera-se a reacção da mão cheia de partidos já inscritos para as eleições.

Silviu Brucan, membro honorário da Frente e presidente do conselho para a cooperação económica do Ministério dos Negócios Estrangeiros, referiu-se sem qualquer ênfase à novidade e torneou a questão da existência prévia da Frente de Salvação Nacional aos acontecimentos do passado dia 22 de Dezembro.

Em conferência de Imprensa ontem proferida, este antigo membro do Comité Central do Partido Comunista da Roménia, antigo embaixador do país nos Estados Unidos e um dos principais contestatários da velha guarda do regime de Ceausescu, referiu-se à visita de Shevardnadze ao país, anunciada para amanhã, e falou sobre o maior interesse que dela advém para os romenos: a cooperação energética.

O Partido Camponês Nacional uma das formações políticas surgidas após a queda de Ceaucescu, inscreve-se para as eleições de Abril

Apesar da insistência da catadupa de jornalistas estrangeiros presentes na sala, Brucan nada adiantou sobre a estratégia do movimento a que pertence, acabando por se referir à remodelação diplomática do país e ao relacionamento deste com a França. Mas por referir ficaram, o futuro enquadramento político do impopular PC romeno e do exército submetido à Frente e sobretudo o balanço dos danos e mortos dos últimos acontecimentos do país.

Agora, enquanto se aguarda a visita de Shevardnadze, e durante a próxima semana, do ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Laurent Dumas, os romenos velam os seus mortos e preparam-se para entender aquilo que, no Ocidente, os estrangeiros chamam democracia.

Marina Tadeu

Contradição de Gorbachev sobre a Lituânia

Uma surpresa e uma reserva caracterizaram a visita a Moscovo de Algirdas Brazauskas, secretário-geral do partido comunista da Lituânia. Uma surpresa porque Gorbachev, depois de há dias haver firmemente criticado a decisão do PC lituano de se separar do PCUS, agora disse a Brazauskas que não iria interferir nas consequências dessa separação. Uma reserva porque, expressada esta opinião, Gorbachev acrescentou que, de qualquer modo, a sua opinião não representa o pensar do Comité Central do partido comunista soviético.

Gorbachev foi até mais longe pois também disse que não interviria no processo de declaração de independência nacional, cuja execução foi anunciada pelos comunistas lituanos.

Esta informação foi dada em Moscovo pelo secretário do PC da Lituânia, Vladimir Beriozov. Fez notar que Gorbachev teve, no encontro com Brazauskas, uma atitude completamente diferente da que assumiu na recente reunião do Comité Central do PCUS, em que foi condenada a separação, determinada pelos lituanos, entre o seu partido comunista e o da União Soviética. O Comité Central recusou-se, até agora, a reconhecer o Partido Comunista Separado da Lituânia.

Mais atenção aos problemas internos

A reunião agora realizada em Moscovo, entre Gorbachev e Brazauskas, destinou-se a preparar a visita à Lituânia que o líder soviético fará entre 10 e 12 deste mês e durante a qual serão discutidos aspectos do processo independentista dos lituanos, como comunistas e como país.

O encontro entre os dois dirigentes foi, segundo Beriozov, «...muito cordial e marcado por compreensão mútua».

Após a visita de Gorbachev a Vilnius, o Comité Central do PCUS voltará a reunir para nova apreciação do problema.

Segundo fonte diplomática soviética em Londres, o líder soviético teria adiado todos os contactos com entidades estrangeiras, que tinha previsto para Janeiro, a fim de dar mais atenção «...aos problemas internos». Foi, assim, adiado um encontro entre o líder trabalhista Kinnock e Gorbachev, que estava marcado para o próximo dia 16.

Dúvidas na Letónia

Na Letónia começa, hoje, uma reunião plenária do Partido Comunista local, durante a qual se espera que seja decidida a realização, em breve, de um congresso extraordinário do partido para estudar a possível declaração de independência do partido em relação ao PCUS. Já há dias, o parlamento de Riga eliminou da constituição da república o Artigo 6, que atribui ao partido comunista a exclusividade do exercício do Poder, tal como acontece na Constituição soviética.

Na Letónia, os letões representam apenas 52 por cent da população, sendo o restante formado por russos, bielorussos, ucranianos, lituanos e outros ainda. Esta é uma das razões por que os letões se sentem particularmente dependentes da URSS.

Uma recente sondagem revelou a existência de muitas divergências na população da Letónia, acerca da possível separação entre a república e a União Soviética, de que faz parte desde a anexação soviética realizada ao abrigo do Pacto Germano-Soviético. Muitos dos inquiridos referiram que se a Letónia se separar da URSS piorará o sistema de abastecimentos à república.

Redacção DL/Lusa/Reuter

B R E V E S

Bush mantém sanções à Líbia

O Presidente norte-americano, George Bush, considerou ontem, em carta enviada aos líderes do Congresso, que a Líbia continua a apoiar o terrorismo internacional o que justifica que os Estados Unidos prorroguem por mais um ano as sanções económicas ao Governo de Muammar Kadhafi. As sanções foram decretadas por Ronald Reagan em Janeiro de 1986 em represália pelos atentados nos aeroportos de Roma e Viena em Dezembro do ano anterior, atribuídos ao grupo de Abu Nidal, apoiado por Tripoli. Na sua carta Bush afirma que a Líbia continua a constituir uma «ameaça permanente e extraordinária» aos EUA.

Explosão em Medellin mata cinco

Cinco pessoas morreram ontem em Medellin, Colômbia, na explosão de um laboratório de droga clandestino, disse a polícia. No local foram apreendidas 41 caixas com produtos químicos destinados ao processamento de cocaína. A explosão ocorreu horas depois de a polícia secreta ter responsabilizado o Cartel de Medellin pelo sequestro do filho do principal conselheiro do Presidente Virgílio Barco, em Dezembro. O diário colombiano «El Tiempo» afirma na sua edição de hoje que o Cartel raptou 18 pessoas nas últimas três semanas, na sua maioria pertencentes às famílias mais ricas do país. A polícia não confirmou a informação.

Casos de SIDA passam os 200 mil

O número total de casos de SIDA no mundo passou os 200 mil no final de 1989, anunciou ontem a Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo a mesma fonte o número de novos casos em 1989 (36.942) foi inferior ao registado em 1988 (64.673) e ao de 1987 (47.582), embora os peritos da organização considerem que a luta contra a SIDA será mais difícil nos anos 90. Os Estados Unidos continuam à frente nas estatísticas da OMS, com 113.211 vítimas, seguidos pelo Brasil com 8.064 casos e a França com 8.025.

Nova droga invade Grã-Bretanha

Uma nova droga em forma de pílula e com os aspecto de pequenos cristais de gelo, está a preocupar a polícia britânica que ontem advertiu para a sua «grande expansão» no país. O estupefaciente, originário do Hawai, denomina-se «Ice» («Gelo») e o seu processamento é muito semelhante ao do «crack», um derivado da cocaína, embora o seu efeito, segundo a Scotland Yard, seja duas ou três vezes mais potente. O «Ice» pode ser processado numa cozinha normal, sem qualquer equipamento científico, e é fácil de fumar em cachimbos ou em cigarros. A Soctland Yard está igualmente preocupada porque os cães- especiais não farejam a nova droga.

Lusa

QUOTIDIANO

Petroleiro polui águas nacionais

Solidariedade internacional privilegia Marrocos

O superpetroleiro iraniano «Khark 5», que teve um incêndio a bordo a 19 de Dezembro, ao largo de Sagres, derramando 70 mil toneladas de crude, só deverá deixar a zona económica exclusiva nacional amanhã, disse hoje ao «DL» o Comandante Naval da Madeira, capitão Janes Semedo.

Segundo a agência Lusa, o navio entrou na região depois de as autoridades espanholas terem proíbido a travessia das suas águas.

O comandante Semedo afirmou que o petroleiro continua a largar resíduos de crude, estando a ser escoltado pelo navio-patrulha «Cacine» que o localizou ao largo da Madeira. O barco - com cerca de 200 mil toneladas de petróleo a bordo - navega lentamente, pelos seus próprios meios, no rumo «240» (sentido aproximadamente sudoeste) tendo passado numa área compreendida entre a Madeira e as Ilhas Desertas.

O governo iraniano fizera, ontem, um pedido formal às autoridades de Madrid para autorizar a entrada do petroleiro. Esse apelo representou o cumprimento da primeira condição imposta por Espanha para acolher o «Karg-5». A segunda condição seria fixar, em Tenerife, o porto de destino da embarcação depois da limpeza e desgaseificação dos tanques afectados pelo incêndio. Estas operações seriam supervisionadas por especialistas espanhois.

Madrid e Teerão estão em contacto permanente, tendo sido formado uma espécie de gabinete de crise, ao mais alto nível, para dar respostas a este pedido.

O «Aragon», outro petroleiro acidentado no nosso litoral, já chegou às Canárias

Recorde-se que um outro petroleiro, o «Aragon», de pavilhão espanhol, que também sofreu uma avaria a semana passada, derramando 25 mil toneladas de crude, chegou quarta-feira ao porto da companhia petrolífera «Cepsa» de Santa Cruz de Tenerife, onde descarregará o resto dos tanques.

Entretanto, notícias de Rabat referem que a mancha de petróleo derramada pelo «Kharg-5» está a menos de 15 quilómetros da costa marroquina, numa zona compreendida entre o porto de Safi e a cidade de Ualidia. Testemunhos de pessoas que sobrevoaram hoje a zona num avião do comando especial constituido para fazer face à catástrofe indicam que o crude se está a aproximar e que o vento continua a soprar em direcção oeste-este, ainda que com menos força que ontem.

A maré negra, inicialmente formada por uma mancha homogénea de 300 quilómetros quadrados, dividiu-se nas últimas horas em várias partes devido ao mau tempo.

O Governo de Marrocos tem recebido várias ofertas de ajuda para prevenir os seus interesses, incluíndo a colaboração da administração Bush e dos governos francês e espanhol.

Também o rei Fahd, da Arábia Saudita, atribuiu 50 milhões de dólares a Marrocos para ajudar a limpar o crude. O monarca telefonou ao rei Hassan, manifestando preocupação e solidariedade perante a situação, razões pelas quais fez «a humilde contribuição», como classificou o gesto.

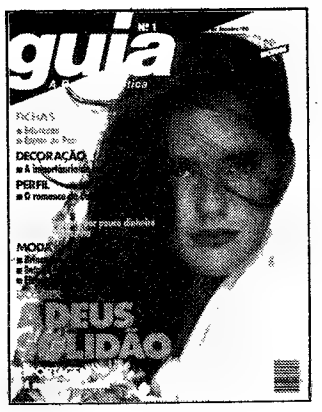
Nova revista semanal

«Guia - A Revista Prática» é o nome de uma nova publicação semanal que a partir de hoje está nas bancas.

No tom coloquial e amistoso que caracterizam as suas intervenções, Alice Cruz, directora da revista, afirma, no primeiro editorial, que «Guia é um espaço aberto onde parece caber tudo».

Diversificada nas suas 66 páginas, a nova publicação aborda temas que vão desde a moda à beleza, passando pela decoração e bricolage. Reportagens, temas de hoje, direito, psicologia, sexologia, nutrição, educação, são alguns entre outras temas presentes na Guia.

Segundo Alice Cruz, «Guia gosta da simplicidade, mas joga pelo seguro. Tem especialistas de prestígio em cada área, disponíveis, também, para ajudar a resolver problemas particulares dos leitores.



Aposta num grafismo onde a paginação e cores se articulam com as palavras, as ideias e as imagens, numa proposta tão criativa como pragmática».

Custa 150 escudos e veio consolidar a posição do grupo TV Guia como sociedade editora de publicações.

A Alice Cruz e ao seu novo projecto o «DL» deseja as maiores felicidades.

B R E V E S

Sousa Tavares na PEI

Francisco Sousa Tavares, director do semanário «O Liberal», comprou a participação de 33 por cento de acções que Jorgue Figueiredo detinha na PEI, ainda há pouco adquiridas a Pedro Santana Lopes.

Por seu turno, o semanário «Tempo» exibe, desde ontem, o nome dum novo director no cabeçalho. Trata-se de Moreira da Cruz, que foi presidente do conselho de administração da antiga proprietária deste semanário e a quem se atribui a sua recuperação económica e financeira.

Esperança de Machado Macedo

O presidente da Ordem dos Médicos, Machado Macedo, afirmou-se «muito esperançado» no diálogo com o novo ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho.

«Fiquei com muito boa impressão», disse Machado Macedo, após o primeiro encontro informal com o novo titular da pasta da Saúde, realizado ontem, ao fim da tarde, em Lisboa.

Lotaria Nacional

Informação dos números premiados na extracção de hoje da Lotaria Nacional.

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
LOTARIA NACIONAL
4/5 fracção privilegiada

NUMEROS PREMIADOS
14 826 - 130 000 contos
1 - +7 000 contos
55 208 - 30 000 contos
9 097 - 9 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO
14 825 - 1 500 000$00
14 827 - 1 500 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO
55 207 - 850 000$00
55 209 - 850 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO
9 096 - 396 500$00
9 098 - 396 500$00

PREMIOS DE 2 000 CONTOS
5 064; 6 031; 6 286; 17 478; 22 011; 28 742; 34 002; 36 223; 37 790; 42 999; 47 641; 50 798; 57 495 e 59 402.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
1 500 000$00 - 3405 Fracção nº 1
600 000$00 - 826
120 000$00 - 208
60 000$00 - 097
25 000$00 - 055; 231; 331; 353; 401; 873 e 892
13 000$00 - 6
12 000$00 - 4

PREMIOS DE CENTENAS
50 000$00 - 14 801 a 14 900
30 000$00 - 55 201 a 55 300
20 000$00 - 9 001 a 9 100

O direito aos prémios caduca no dia 5 de Março de 1990
Esta informação não contempla a acumulação de prémios
Nem dispensa a consulta da lista oficial

Sequestro e violação leva polícias à cadeia

Dois guardas da Polícia de Segurança Pública foram ontem condenados a cinco e nove anos de prisão pelo Tribunal Criminal de Lisboa, por sequestro e violação de uma jovem de 16 anos.

Segundo a acusação, o crime verificou-se em 18 de Outubro do ano findo, quando os dois guardas, trajando à civil mas em funções de vigilância, interpelaram a jovem Daniela quando transitava na zona da Estrela, em Lisboa, próximo do quartel da GNR e do cemitério dos ingleses.

Pediram-lhe o bilhete de identidade e como o não trouxesse consigo obrigaram-na a entrar num automóvel particular, alegadamente para ser levada à esquadra e ser devidamente identificada.

No entanto dirigiram o carro para a Serra de Monsanto onde, num lugar ermo, lhe apontaram uma pistiola e afirmaram «serem polícias falsos mas que se portasse bem que aquilo era a sério»

Ambos violaram a jovem Daniela, que teve de faltar cinco dias ao emprego devido a lesões e traumas psíquicos. Antes porém participara o caso à Polícia de Segurança Pública, mas os agentes que receberam a denúncia, tantaram abafar o caso, não registando a denúncia, sendo mais tarde alvo de processos disciplinares por esse facto.

No entanto a jovem vendo que a PSP não procedia a diligências e suspeitando do que se estaria a passar, fez nova participação, desta vez na Polícia Judiciária, que investigou e instruíu o processo, identificando os autores do crime e esclarecendo as circunstâncias em que foi levado a efeito.

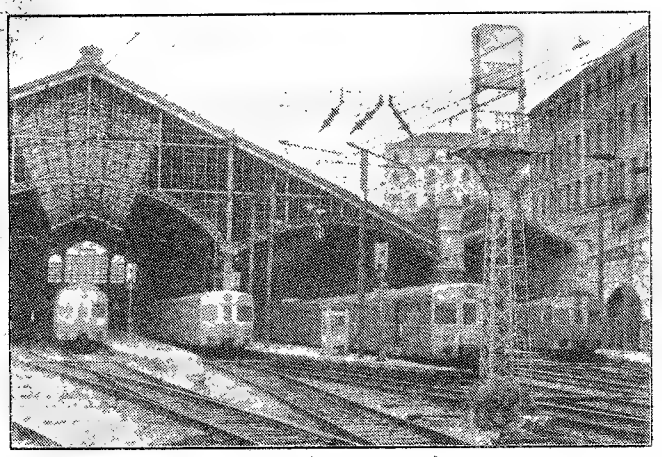
Um dos elementos, talvez o mais importante para a identificação dos autores da violação, foi a referência de que um dos guardas tratava o colega por «Zeca Diabo», alcunha ouvida pela vítima e que corresponde ao agente Jorge Manuel Marques, alás já com vasto cadastro de infracções relacionadas com excesso de álcool, atentado ao pudor e desrespeito pelas hierarqias.

O colectivo que julgou este processo, constituído pelos juízes Ricardo Cardoso, Hermínio Antunes e Joaquim Caramelo, do primeiro Juízo Criminal do Tribunal da Boa Hora, condenaram os réus, para além das penas de prisão, a indemnisação de mil contos à vítima e à expulsão da PSP. O Tribunal atenuou a pena a Fernando Cunha, apenas cinco anos, atendendo ao bom corportamento anterior e ao faco de ser delinquente primário, o que não se verificáva com o cúmplice, Jorge Manuel de Jesus Marques que assim foi condenado a nove anos de reclusão, visto terem sido provados os crimes de sequestro com violência.

QUOTIDIANO

Trabalhadores dos transportes encaram greve conjunta

Regulamento de carreiras no cerne da luta no Metro, Carris, RN e CP



Comboios podem parar de novo

A situação interna na Carris, Metropolitano e Rodoviária Nacional está a agravar-se, pelo que os sindicatos estão a encarar a hipótese de encetar formas de luta, nomeadamente o cumprimento de paralisações coincidentes com a greve já convocada para a CP. E se até aqui o problema comum era a negociação das tabelas salariais, o regulamento de carreiras transformou-se agora na chama capaz de incendiar as empresas de transporte.

Segundo afirmou ao «DL» José Brandão, dirigente do SITRA (UGT), «depois do acordo salarial negociado entre alguns sindicatos e a administração da Carris, os conselhos de gerência do Metro e da Rodoviária começaram a recuar nas posições já assumidas».

No caso da Carris, o SITRA e a FESTRU (CGTP), que não subscreveram o Acordo de Empresa com a administração, recorreram para a conciliação, e realizou-se ontem a primeira reunião. Para além dos sindicalistas, estiveram presentes representantes do Ministério da tutela (Obras Públicas, Transportes e Comunicações), do Emprego e Segurança Social e da administração da empresa.

«Não houve qualquer evolução, mas ficou já agendado um novo encontro para o dia 12», adiantou José Brandão, acrescentando que essa reunião será «fundamental para a tranquilidade na empresa».

A reunião conciliatória não adiantará nada em questão de matéria salarial mas, se houver abertura ministerial, outras situações poderão ser resolvidas.

«O SITRA leva para a mesa de negociações duas questões cruciais: o enquadramento dos motoristas e do pessoal ligado ao tráfego e a redução do horário de trabalho dos funcionários oficinais», afirmou o dirigente sindical.

Os sindicatos «não têm ilusões» quanto à possibilidade das tabelas salariais serem alteradas, mas «outros passos podem ser dados para ultrapassar conflitos».

A estratégia do SITRA é «encaminhar as reuniões de conciliação para a resolução dos problemas sobre regulamento de carreirras», explicou José Brandão, adiantando: «Queremos conseguir algo que possamos apresentar aos trabalhadores como 'recompensa' pelo mau acordo salarial».

Na reunião do dia 12 pode-se entrar numa nova fase na Carris. Mas se ela não resultar, «é dado como certo que os sindicatos repensarão a situação e a resposta a dar... onde a greve é a mais provável», garantiu José Brandão.

A reposição do poder de compra dos trabalhadores, o SITRA considera-o um problema geral (e não só dos funcionários das empresas de transportes), pelo que o remete para a concertação social, através da UGT, central em que (por enquanto) está filiado.

Metro: o recuo

No Metropolitano a situação interna era já complicada, mas os conflitos estão agora a agudizar-se.

Estavam a decorrer reuniões entre a gerência e os sindicatos para a revisão do clausulado do Acordo de Empresa e as alterações no regulamento de carreiras era a matéria em que se estavam a obter melhores resultados.

No entanto, depois do acordo celebrado na Carris, o Conselho de Gerência do Metro recuou e suspendeu as negociações, alegando «problemas nas categorias», segundo uma fonte sindical.

Mas outra medida dos responsáveis pela empresa veio agravar o mau estar já existente: a verba avançada para a reposição do poder de compra relativa ao ano transacto, incluída no subsídio de refeição, foi distribuída de forma desigual: 160 escudos para os quadros e 140 para o restante pessoal, discriminação que não se verificou na Carris.

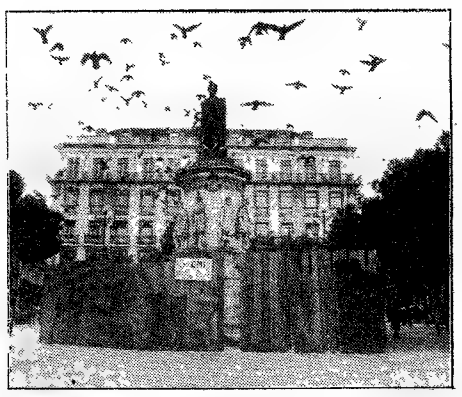
«Tudo isto gerou um grande descontentamento e é motivo de conflitualidade imediata, juntando-se o Metro às outras empresas que encaram a hipótese de paralisar simultaneamente com a CP», disse José Brandão.

Por fim, na Rodoviária Nacional, a gerência não aceita discutir nada, o que levou o SITRA a enviar à FESTRU um ofício convocando-a para uma reunião. A finalidade é «analisar a situação e discutir medidas a tomar».

Segundo José Brandão, se todos estes conflitos se mantiverem, «os sindicatos estudam a hipótese de fazer coincidir com a greve na CP, que se prolonga até ao dia 26, paralisações na Carris, Metro e Rodoviária. Não serão greves de 24 horas, mas paralisações por turnos e a recusa às horas extraordinárias, durante vários dias».

Para aquele dirigente sindical, «é de estranhar que o Primeiro Ministro faça uma remodelação governamental e mantanha no mesmo lugar o ministro dos Transportes, responsável pelo sector que mais conflitos registou e que mais dinheiro custou ao erário público».

Elsa Andrade



Camões merecia melhor

Contrastando com a cidade europeia que é Lisboa, os serviços da Câmara Municipal colocaram, em torno da estátua de Camões, um tapume que choca aos olhos de quem o vê, devido ao seu estado deteriorado. Segundo Victor Reis, vereador do pelouro da Cultura, tal deve-se «à urgência de vedar aquela zona à população devido ao risco de ruina que a estátua corre, por os terrenos estarem a dar de si». Este tapume encontra-se no Largo de Camões há vários meses e o seu estado tem vindo a piorar devido ao mau tempo que se tem feito sentir.

Victor Reis disse ao DL que a Câmara Municipal de Lisboa fez um estudo sobre o estado dos diversos monumentos da capital e chegou à conclusão que a estátua de Camões necessitava de especial atenção.

«Da análise que fizemos verificámos que a estátua estava a sofrer uma inclinação apreciável e a sua degradação era notória. Com mais de 100 anos, aquele monumento foi vítima de diversos atentados, como os pregos que se pregavam para montar as barracas das festas, as pessoas que se empoleiravam, entre outras atrocidades», salientou o vereador.

O próximo passo será «desmontar e recuperar a estátua», como nos disse o autarca.

MALHAS DA JUSTIÇA

Tribunal duvida

«Não ponham as mãos nos bolsos quando falarem com o juiz» recomendou o oficial de justiça, lembrando aos réus que estavam no Tribunal. O alerta não foi de todo desprovido de sentido já que a juíza, iniciado o julgamento, se viu na necessidade, também ela, de sugerir aos arguidos que descruzassem as pernas. «Não estamos numa esplanada, meus senhores».

Entende-se: nenhum deles era novato nas lides judiciais e todos pareciam ser bastante esquecidos. Não sabiam precisar quais os delitos anteriores nem tão pouco as penas sofridas. A juíza tratou de refrescar a memória dos quatro réus «fisgados» a jogar dados no Intendente. Dois deles eram já reincidentes e os outros com muitas histórias para contar....

António Manuel, que todos conhecem por Jorge, incluindo os companheiros - vá-se lá saber porquê - garantiu ser a primeira vez que se viu envolvido numa situação de jogo apesar de já ter tido alguns dissabores com as autoridades.

Três vezes foi acusado de furto qualificado e outras tantas absolvido. Primeiro a ser ouvido, foi o que mais falou e, justiça lhe seja feita, o menos desmemoriado de todos.

A Manuel Dias, pelo contrário, tudo se lhe varreu da memória.

Nem mesmo a cicatriz na cara lhe avivava a lembrança do ano e meio na prisão, quando em 69 foi detido e condenado por furto e agressão. Várias vezes acusado por jogar ilicitamente, também ele se tinha esquecido desses tempestuosos anos.

José Domingues lamentava-se, alto e bom som: «Sempre fui azarento», Jura que há sete anos se não mete no jogo, precisamente desde que casou. Pai de duas meninas, ganhou juízo, diz. De verdade, o seu cadastro está recheado de acusações de burla e jogo ilícito. Em Novembro último, esteve dentro mas nem disso se lembrava.

De boné na mão e apoiado numa bengala, José Henrique levanta-se por ordem do Tribunal.

É o último réu a ser ouvido e logo diz, de sua sentença, nada ter a ver com «toda aquela confusão». Ia para S. Lázaro, onde tinha marcada uma consulta e «calhou passar por ali».

Como calhou, também por acaso, ter sido apanhado pela rusga, juntamente com os outros, que não conhece. Casado, com meio século de existência e já reformado, José Henrique é um «iniciado na arte de bem jogar» mas esteve já duas vezes detido por outras proezas. Condenado a oito meses de prisão por furto de gado, em Benavente, repetiu, cinco anos depois, a façanha na Moita e esteve mais dois anos e meio á sombra. Não se esqueceu.

Todos Inocentes

Todos inocentes, afinal. Só combinavam a ida à bola, para ver o Benfica. Apareceram os dois agentes, à paisana, Ambos juram a pés juntos que havia uma «roda» onde jogavam os dados, que os quatro estavam a «lançar», com dinheiro na mão, escondidos entre os carros, que eles bem presenciaram antes de lhes deitarem a mão.

Mas dados e dinheiro desapareceram, repentinamente, antes da captura. E sem dados e dinheiro, nada se pode provar. «Estão absolvidos» sentencia a juíza.

E explica porquê: «Se estavam a jogar, que lhes sirva de emenda. Se não estavam, fez-se justiça na sua plenitude».

Cá fora, os quatro réus descruzam destinos. As mulheres de Jorge e de Manuel Dias, em silêncio durante o julgamento, deram enfim largas à sua indignação: «Que :juíza! Ela bem tentou apertar com eles, a grande cabra».

Emília Trindade

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

ADMISSÃO DE PESSOAL

A Câmara Municipal de Almada pretende recrutar TÉCNICO AUXILIAR para a área de Animação Cultural.

- Compete ao Técnico Auxiliar de Animação Cultural:
  - — Dinamizar/realizar acções de animação sócio educativa e cultural;
  - — Acompanhar/apoiar projectos a realizar no âmbito das actividades da Casa Municipal da Juventude.
- **Condições exigidas:**
  - — 11.º ano de escolaridade, completo;
  - — Idade entre os 20 e 30 anos;
  - — Experiência de trabalho na área de animação sócio educativa e cultural.
- **São factores preferenciais:**
  - — A experiência de trabalho com jovens;
  - — A formação específica na área;
  - — O conhecimento do concelho de Almada.

Oferece-se remuneração e condições de acordo com o definido para a Função Pública (Autarquias Locais).

As candidaturas deverão ser enviadas para o Departamento de Recursos Humanos desta Câmara Municipal, Av.ª D. Nuno Álvares Pereira n.º 76-C, 2800 Almada, até ao prazo de 8 dias após publicação deste aviso.

Almada, 19 de Dezembro de 1989

A Vereadora do Pelouro de Administração Geral e Informação

Maria de Fátima de Alegria Antunes Valença Mourinho

Fim da guerra fria

A Europa - que futuro?

Um fim possível das guerras não é o fim da História nem a pasmaceira de que fala Fukuyama, nem muito menos o fim da arte, nem o insolúvel de uma liberdade vazia. À minha afirmação da morte das ideologias no texto *A Galinha de Barro*, que li na altura do prémio da APE, Mário Soares contrapôs-me que a ideologia da democracia não estava morta. E eu nada soube responder porque isso era perfeitamente certo e perfeitamente errado. Porque a democracia é uma ideologia como valor global, mas não é uma ideologia e sim um *caldo* para todas elas, ou seja onde todas elas podem vir a germinar. De todo o modo, é dentro dela que poderemos imaginar a organização do enfrentamento de uma admissível liberdade vazia. A liberdade existe em função do que a define ou limita, como a luz se determina em função do que por ela é iluminado. Que é que a liberdade «vazia» pode iluminar? A verdadeira razão, a mais profunda e inconfessável do absoluto investido no Partido Comunista é que o mais difícil para o homem de suportar é ele próprio. Numa carroça, escrevi um dia, quem tem menos problemas é o cavalo. O primeiro existente em que a liberdade se ilumina é o cumprimento de uma vida humana na sua trágica e maravilhosa condição. Porque a vida como valor é o indiscutível de qualquer outro valor que se assuma como tal. Ou o que está antes desse por ser o seu último fundamento.

Para realizar o quê? Mas sabê-lo é já não haver problema. A arte. Hegel anunciava a sua morte como anunciava o fim da História. E é essa a ideia que nos toma ao considerarmos em múltiplas exposições de artes plásticas, o que nos parece mais próprio de uma lixeira municipal. Em *Alegria Breve* ainda, perdoe-se-me, eu pus o problema, fazendo todavia, que o artista a vir à aldeia, como outros representantes dos valores destinados à morte, aí não viesse, ou seja admitindo que a morte lhe não estava prometida. Porque a arte *não pode morrer*. Morrem, como sabemos, algumas das suas espécies, como as espécies vivas, mas outras as vêm render. A arte não pode morrer porque o «sentimento estético» é um *a priori* humano. Pensar que a arte pode morrer é admitir que pode conceber-se um ser humano com outra estrutura sensível ou mental. Hegel admitiu a morte da arte porque a considerava uma etapa na revelação da Ideia: «longe de ser a forma mais elevada do espírito, só recebe a sua verdadeira consagração na ciência» (=filosofia). Ou seja, ela é uma etapa na ascensão ao pensar, à reflexão. E do mesmo modo, o seu grande referencial era a religião. Nós, porém, sabemos hoje que a racionalidade, longe de ser uma superação do sensível *é dele uma dependência*. Jamais a razão pôde demonstrar a sua primazia pelo motivo óbvio de que não converte quantos forem dela dotados e honestos. E se a arte não tem já um referencial no religioso, tem-no no que o antecede e lhe dá fundamento, ou seja no sagrado. De todo o modo, é fortemente impressionante que se possa hoje afirmar ou pôr a hipótese da morte da arte sem um estremecimento de pavor. Porque o grave não é que a arte morra, já que não pode morrer: é que se admita a sua morte como a coisa mais natural do mundo.

Já o admitir-se o fim da História é mais humanamente compreensível. Porque toda a acção do homem visa um fim e nada de mais admissível que ele sonhe atingi-lo. Nós somos consciente, pro-jecto, um lançarmo-nos para a frente, e é *lógico* aspirar-se a que esse continuado pro-jectar-se cesse um dia de vez. E que é que sonha um qualquer político ou filósofo senão que a sua opção ou conclusão sejam *definitivas*? Acaso é compreensível que um político ou pensador interiorize a ideia de que amanhã é perfeitamente lógico não ter razão? Hegel teve a concepção espantosamente genial de ressalver todas as hipóteses de negação do que se admita para o pensar, concebendo a Ideia ou Absoluto que se vai auto-revelando nas sucessivas suas faces até à coincidência final de si consigo, ou seja ao fim das sucessivas negações. Mas por ironia do destino foi ele quem primeiro concebeu claramente (e de algum modo *logicamente*) que a História acabava consigo ou seja que a História cessava nele toda a evolução - como Marx, na sua peugada, admitiu o fim da História na vitória do proletariado.

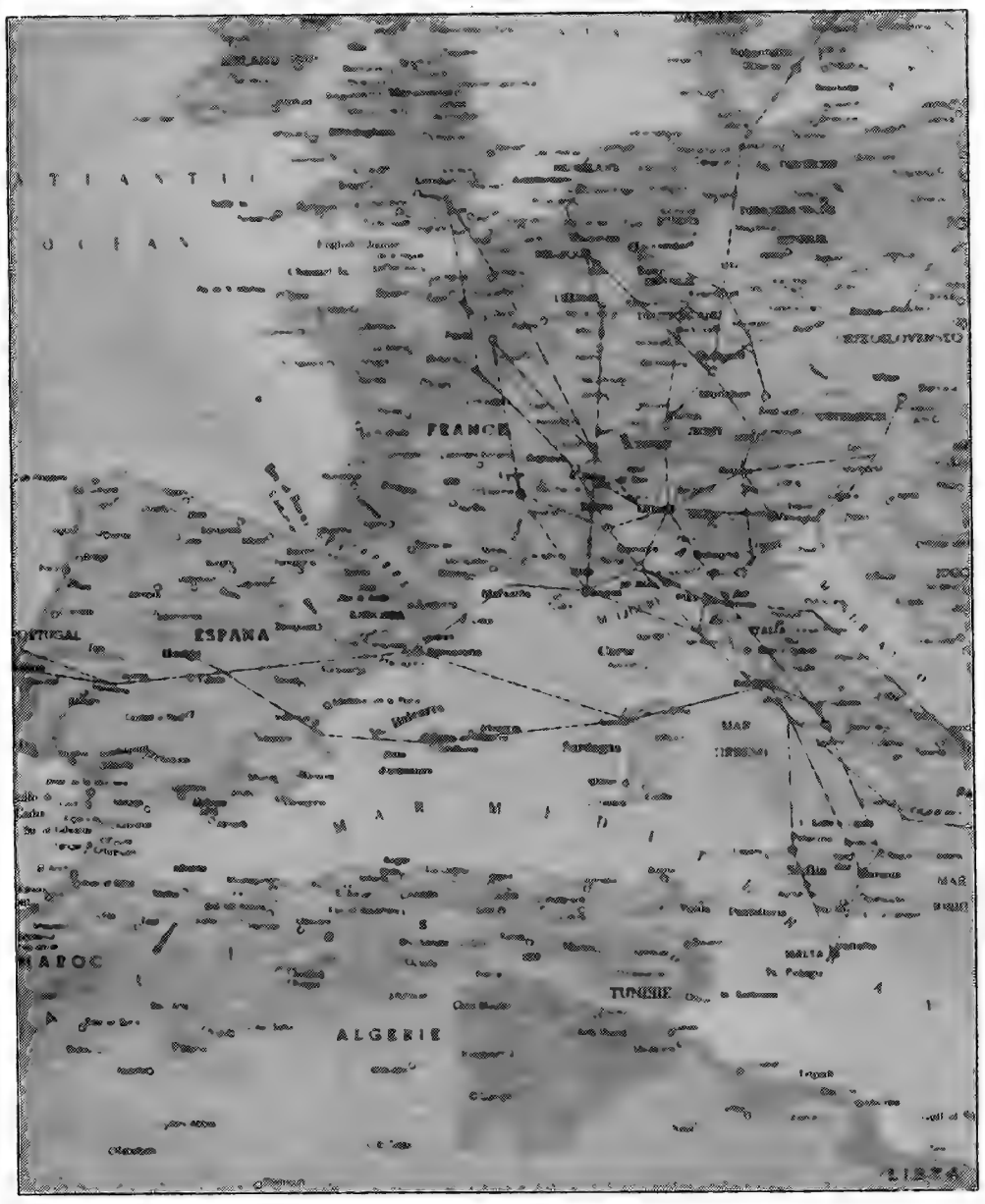
Simplesmente a História não parou. Terá findado agora com o presumível fim das guerras? com o desfazer da arte? Com o fim do último grande mito do comunismo que reabsorveu em si a vária gama das solicitações humanas? A pergunta é lógica e simultaneamente absurda ou mesmo ridícula. Porque o fundamento da resposta tem que ver - como no caso da arte - com a estrutura do ser humano. Porque se o homem é estruturalmente pro-jecto, distanciamento de si, impossível fechamento em si como o animal, então a sua realização tende a operar-se pela constante procura, busca de uma finalidade, realização de si em termos de futuro. Mas isso é o que constitui intrinsecamente a História, ou seja um arrancar-se o homem a si num projecto da sua realização. Admitir para o homem o fim da sua História é conceber a sua recondução a uma condição animal. Porque esse é que de facto não tem história. E se extensivamente se admite que a tem, como, aliás, o próprio universo, tal história não é dele mas a projecção nele da nossa, ou seja um investimento humano naquilo que o não é.

Resta que a Europa está ameaçada. Sim. Bem o sabemos. E não nos basta a ideia, o prémio de «consolação» de que ela será de todo o modo a Grécia do mundo, o núcleo da sua cultura, a pedagoga da sua promoção. A Europa está ameaçada fundamentalmente no que poderíamos chamar o seu estatuto humano ou mais precisamente demográfico. Por este andar - li há tempos em referência à Suécia - daqui a um século não há suecos. A Europa está velha e o seu futuro, sem futurologia, é o de um imenso lar para idosos. Que outros problemas surjam com um superpovoamento, não nos propomos aqui considerá-los. Mas para já, há o problema de que *nasça gente nova*. A admissível «velhice» da sua cultura é apenas a meta do envelhecimento do Mundo. *Graecia capta cepit ferum victorem*, a Grécia vencida venceu o feroz vencedor, disse Horácio, como é sabido. E era o que hoje diria, em referência à Europa, um Horácio moderno. Não é em termos de cultura que a Europa está ameaçada, é em termos de *gente*. Decerto o impulso à acção atenua-se ou extenua-se na falta do que o justifique. Mas que impulsos culturais movimentam a América - para lá dos que de nós ela importou? A defesa da Europa reside sobretudo em si mesma. A acção dos bárbaros contra Roma fez-se sobretudo pela infiltração. Os ideais de justiça e libertação foram uma dádiva que a Europa estendeu aos outros povos. Mas é possível que na sua be la generosidade se tenha esquecido um pouco de si. Como se nessa generosidade se incluísse a dádiva de si mesma... E é num equilíbrio entre a sua identidade e a identidade dos outros que pode encontrar-se um concerto do mundo. E isso implica a *nossa afirmação*, até onde o orgulho não seja um sonho de oprimir.

Não é possível, na derrocada de todos os valores, imaginarmos os que no futuro nos hão-de orientar. Porque muitos desses valores se geram no próprio acontecer histórico. Do «amor», ao homem «discreto», ao «honrado comerciante da nossa praça» - que de valores postos em causa, ou tipificados ou docemente ridículos... E se isso é assim para uma ordenação da vida, a nossa imaginação não basta para concebermos até que ponto essa ordenação pode gerar em si a semente da violência. Mas sabemos ou *queremos* saber que tal violência possível nas margens do fundamental deixará esse fundamental como a morada do que facilmente se concebe como o grande valor do homem, que é ele próprio. E é aí que outros valores nascerão como a paz, a harmonia, a aceitação em plenitude da sua condição, a criatividade cultural e artística - tudo o que traduz o seu destino de ser privilegiado entre a profusão dos seres, ou se se quiser, de «rei da criação», que é o lugar de onde o descrédito generalizado dos valores o pretendeu apear também, mas que é de direito e de facto o seu, pela prodigiosa e única possibilidade de *se* pensar.

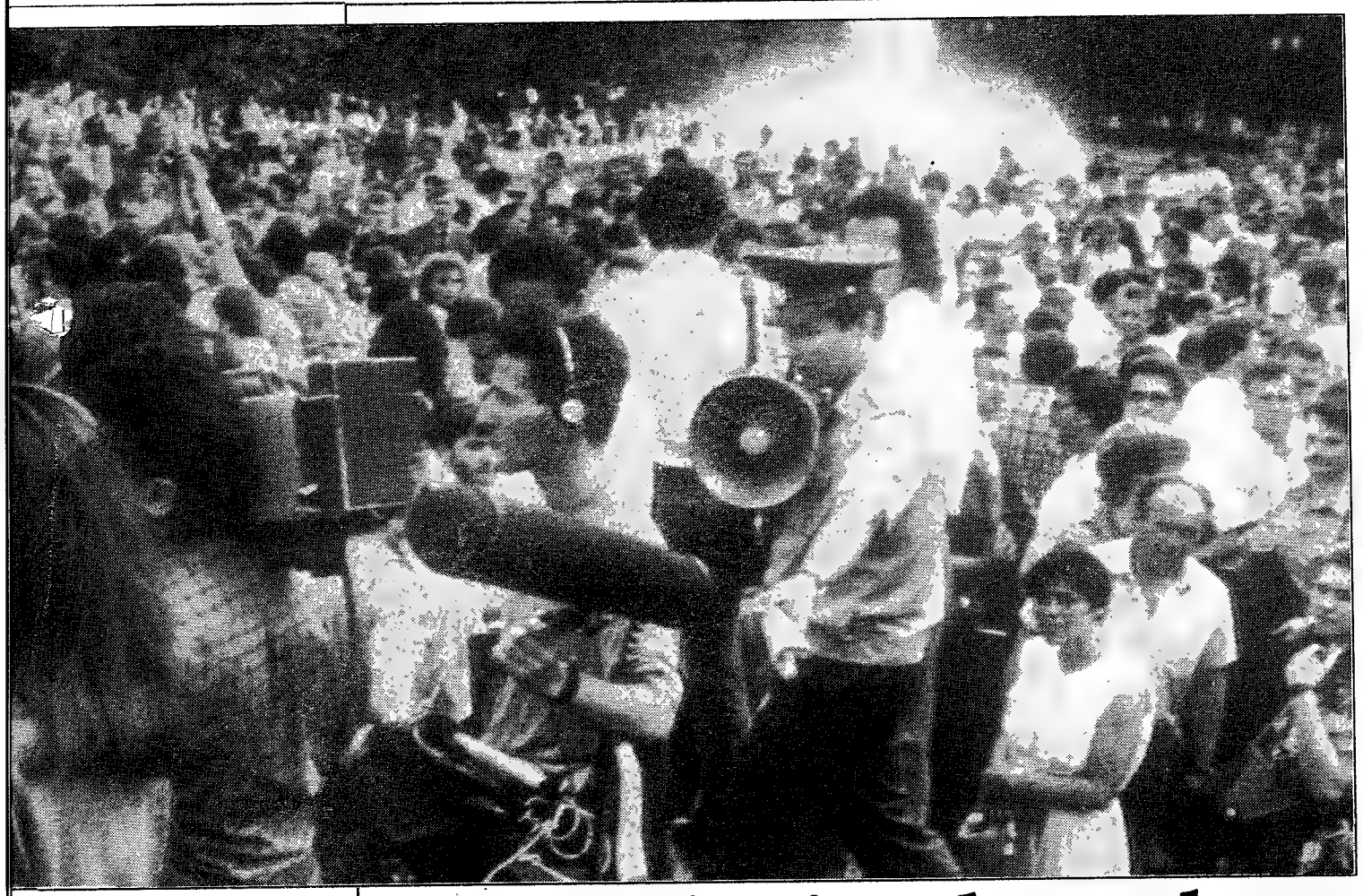
Terminando, porém por onde começámos, deveríamos agora perguntar-nos se o comunismo, dominando o Mundo durante quase um século, numa abrangência que não incluiu apenas os oprimidos mas decerto a elite da intelectualidade, não significou afinal nada, além de uma grande ilusão - o que foi afinal já muitíssimo. Eu penso que teremos de separar na proposta comunista o seu *não*, que opôs à injustiça económico-social, do seu *sim*, que foi a solução que quis impor. Mas que houve de novo nesse *não*, em confronto com o que outros - os «utópicos» - tinham trazido? E em que medida a violência do seu *sim* forçou mais eficazmente a injustiça a corrigir-se? Paralelamente a isso, em que medida a evolução da consciência do homem (a liberdade é a consciência da necessidade - dizia Hegel) não é decisiva, ou seja a última instância em que se decide o «progresso»? O problema do balanço é extremamente difícil, até porque a resposta estaria no recomeço do século *sem* a experiência comunista. E deixo de lado a criminosa utilização dos seus meios, porque sempre os fins são logo outros quando os meios os contradizem. Assim me parece incrível que se elogie

Manifestação em Moscovo: as teses d intenção apolética de uma ideologia rvpturas no



A Europa será de todo o modo a Grécia do mundo

ou fim da História?



teses de Fukuyama traduzem uma ologia fortalecida com as recentes uras no Leste

agora Cunhal, apenas porque não teve a oportunidade de ser o Estaline que tem lá dentro, ou seja um Salazar bastante melhorado. E se este elogio parte mesmo de anti-comunistas declarados, é de supor que isso se deva a uma impensada gratidão por se não ter cumprido o *medo* que dele tiveram... Não é possível, pois, dar um balanço rigoroso ao que o comunismo significou - pelo que pretendeu e pelo que veio a realizar. Mas provisoriamente admito que não significou *nada*.. De Napoleão diz-se que restou o código. Parece no entanto evidente que foi ele quem privilegiadamente disseminou («de contrabando», disse Garrett) as ideias que frutificaram nas revoluções liberais, ou seja num valor indubitavelmente *positivo*.

De todo o modo, se o comunismo significou alguma coisa de positivo também, isso mesmo submerge-se na vaga imensa dos crimes que cometeu, nas distorções brutais que trouxe à cultura, na mentira incomensurável que aniquilou milhões e milhões de vidas consumidas no seu vazio. Ele foi assim «o maior logro do século» como pude dizer há quatro anos. Ou um «colossal embuste» como disse Mário Soares aqui há dias.

Vergílio Ferreira

As ideologias do poder, ou as teses de Fukuyama

1 - É assim o Poder: ilude-se a si próprio e forja uma realidde que justifique essa ilusão.

É assim o pensamento ideológico: escolhe os «factos históricos» que lhe servem para justificar o que lhe é difícil explicar. Perpetua-se ou defende-se nos paradigmas.

É assim a crença política: cria a consciência para justificar o regime e o sistema que serve.

É assim que soa a conferência de Francis Fukuyama: sustentar, com uma leitura interessante e parcial da evolução da política internacional assente até há bem pouco tempo na existência de blocos antagónicos de poder e sistema económico, a euforia, a utopia delirante do liberalismo que se revê vitorioso nos últimos acontecimentos políticos de Leste e no desenvolvimento triunfante das estratégias ocidentais. Euforia de vitória que não deixa de exprimir uns certos laivos do terror da visão do fim da História: fim da História ou fim do que é humano, tal como o entendemos?

2 - Este relato de uma conferência proferida na Universidade de Chicago, que nos é dado comentar, merecia antes e sobretudo não um comentário académico mas sim um comentário político. É que, ainda que apoiada no pensamento de filósofos que informaram a análise histórica e de sociologia política dos grandes acontecimentos por muitos de nós ainda presenciados (a construção dos Estados socialistas após a 2.ª Grande Guerra, as tensões inter-blocos da Guerra Fria, a vigência e a morte dos «fascismos», a derrota e o ressurgimento do poder económico e tecnológico no Pacífico, a evolução dos sistemas democráticos e liberais, etc.), a análise de F. Fukuyama traduz em si mesma, mais do que uma análise histórica, uma intenção apologética de uma ideologia fortalecida com as recentes rupturas políticas e ideológicas no Leste e centro da Europa e na China, e justifique, com suposta racionalidade histórica os valores, comportamentos e estruturas políticas e ocidentais. Uma nova ideologia que preserve ainda um comportamento económico dominado pelo jogo macro-político internacional que, pelo seu poder, controla os grandes surtos de violência e de revolução (até esgotando, pela situação profunda de miséria que esse jogo determina, a revolta latente em tantas zonas de África, América Latina, Ásia) tendendo a manter um estado de equilíbrio global entre blocos e nações: Estado universal e homogéneo que Fukuyama prevê ser atingido no final da História.

A «construção mental» deste Estado denuncia a análise objectiva e a previsão histórico-filosófica com as quais F.F. pretende justificar o futuro. A visão futurista deste Estado é a de um controlador dos conflitos internacionais pelas regras da economia, um regulador da cultura latente das sociedades de consumo pela extensão progressiva das leis do mercado, instituinte de uma ordem democrática pela adesão universal ao sistema de direitos e deveres dos indivíduos. Seria esta adesão à democracia e ao liberalismo a justificação dos acontecimentos recentes da queda dos regimes totalitários socialistas e de conversão ao sistema de economia de mercado, mais do que o resultado do jogo táctico dos Estados decorrente da internacionalização da economia, da reorganização dos centros e pólos de poder político a níveis de competitividade cada vez mais complexos, da institucionalização da negociação enquanto forma de regulação de interesses e conflitos.

3 - O fim da História, isto é, dos acontecimentos epacio-temporais objectivamente reconhecidos de mudança e ruptura na evolução da organização social, apresenta-se assim como uma interpretação científica da História, que mascara o seu significado político, operativo.

As «consumações dos tempos», os «adventos de Reinos e Impérios», o Quiliasmo, os «milénios que começam», apresentam-se periodicamente na História que não acaba, como justificações para uma História que se quer que acabe. A sua rítmica emergência histórica, à escala secular, confirma o seu carácter intencional: a escatologia posta ao serviço da utilidade, o futuro que faz arranjo ao presente...

Nada melhor para justificar uma utopia do que anunciá-la como uma ucronia.

Há um significado «entorpecedor», sedativo e securizante na imagem de um Mundo sem contrastes, relevos e sobressaltos graves que nos é proposto sob uma roupagem científica - mas reconhece-se demasiadamente a utilidade implícia em tal significado para tornar interessante o exercício de analisar e debater a operação mental e o suporte sem dúvida erudito em que se fundamenta.

De qualquer modo, parece demasiadamente marcada pela evolução no curto-prazo, para a leitura do qual não há ainda perspectiva temporal de avaliação suficiente, a base da qual se quer partir para tão imponente, imodesta e taxativa predição escatológica _ a presente versão de «Fim da História», virá a ser, provavelmente, mais uma, arrumada junta com as outras, pela própria História...

4 - Temos a percepção de que um certo ciclo histórico está no fim, embora não possamos predizer o futuro. Porque, para além da lógica desconhecida da emergência da Humanidade em cada lugar, em cada época. A vida tem horror à morte. E é por isso que o conflito faz parte da vida, e deste renasce a Humanidade em cada lugar e em cada época.

Daí o incómodo que causa este artigo de F. Fukuyama (devo esclarecer que não conheço qualquer outro, nem lhe sinto a falta). Mas incomoda-me verificar que não bastou ao pensamento contemporâneo a demonstração Popperiana da pobreza do Historicismo, que deita por terra a possibilidade de predizer, com base no conhecimento histórico, o futuro da Humanidde, futuro que decorre e emerge da evolução do conhecimento humano. Incomoda-me esta postura intelectual que ainda nos nossos dias antevê uma espécie de anomia de toda a Humanidade causada não por estados de carência mas por uma abundância de bens e riquezas produzida pelos mecanismos regulares e certos do funcionamento da democracia liberal: um tédio histórico, sem mudanças sociais e políticas, sem lutas e conflitos que teriam deixado de ter sentido neste fim de século com a adesão dos povos e nações aos equilíbrios económicos e políticos, homogeneizantes e universais, do liberalismo. A ciência do social e do humano dos nossos dias, embora de difusão mais lenta, torna bem mais compreensível a realidade em que vivemos do que as leituras que dela se fazem deduzidas linearmente de paradigmas filosóficos, mesmo que sejam Hegelianos, eivadas de pensamento tecnológico. Só estas leituras podem ainda, como parece ser a de Fukuyama, manter a crença no mito da racionalidade do comportamento social e político, na satisfação humana através da sociedade de consumo, no determinismo das leis e das regras da intervenção política e social, na compatibilidade da ordem social com o progresso científico e económico, no seu crescimento em função monótona e contínua.

A complexidade das sociedades modernas, a dialética da ordem e desordem e o jogo dinâmico da conflitualidade entre pessoas, grupos e nações são hoje referências do conhecimento científico que parecem ausentes do desenvolvimento da exposição produzida por F. Fukuyama.

A conferência de F. Fukuyama não parece particularmente excitante a nível académico, nem particularmente inovadora - mas serve bem ao conforto latente, permanente e renovável que exigem as ideologias do Poder, todas as ideologias do Poder, mesmo quando se anunciam e se querem fazer passar por negação de toda a ideologia.

Teresa Ambrósio

A.M.A Auto Monumental do Areeiro S.A. ®
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA

olhar de mocho

Bacalhoada

Faltava ainda a politização do bacalhau, da faneca e do chicharro. Ontem à noite no 2, chegou-lhes a hora da verdade e com receita típica da Televisão portuguesa. Um filme tipo salada russa ou caldeirada, misturando bois a lavrar o mar, cemitérios no Canadá, estátuas, criancinhas sem pão, mulheres a chorar as iras de Neptuno, lotas de venda e traineiras, com excertos da Televisão nacadiana, misticismo lusitano e muita poesia. O filme introdutório cheirava a anos 40 do cinema português - a exaltação do mar e dos que o trabalham.

Sem princípio, meio ou fim, sem «argumento» ou espinha dorsal, o filme tanto se podia ver a partir do início ou de diante para trás, sem em nada prejudicar os efeitos que se propunha alcançar. Mas o carapau ficou politizado: depois do intervalo vieram os sábios para discutir a metafísica da pesca em Portugal.

Nesta sessão de politização do pescado, se a memória não me atraiçoa, quere-me parecer que pela primeira vez na história dos «debates» televisivos, todos estiveram de acordo: «se fôssemos capazes de...»; «buscar novos destinos, destinos alternativos»; «a solução não é estarmos presos ao passado». Todos os participantes no «debate» (sempre coom aspas, claro) subscreveram, ou estas frases ou outras de significado sinónimo.

Em aspectos televisivos formais, não existiu a menor ligação entre o filme da primeira parte e a pretensa discussão. Para introduzir *este* «debate», bastava o spot televisivo dos coongelados da Iglo - esse, sim, filme de qualidade e onde o boné do capitão do pesqueiro desempenha papel fundamental. Todos também sabemos que a Espanha é feia, forte e façanhuda, que nos rouba os carapaus e os mariscos, mas que raio, o Gama, o Cão e o Zarco, conseguiram notáveis ultrapassagens que ainda hoje comemoramos e sem complexos. Se eles, o Gama, o Cão e o Zarco, tivessem começado a politizar as Índias e a atirar as culpas aos castelhanos, em matéria de descoobrimentos ainda hoje estaríamos a chuchar no dedo, à espera que nos dessem a prioridade para alcançarmos o cabo. Aquilo tudo da sessão da noite de ontem, o tratamento do tema, a metodologia adoptada, a discussão que era suposto haver, cheirava muito a escola de artesanato. Politizado só ficou o bacalhau, evidenciando que desde os anos 40 em que na Praça do Império (junto a Belém) se procedia à Bênçãoo dos Bacalhoeiros até hoje, Janeiro de 90, muito pouco tempo passou. Não é só filmando a cores o problema das pescas que saímos do preto e branco da era de quarenta.

José S. Monteiro

Depois do deserto

Telectu ontem ao vivo: abertura dos Encontros de Nova Música Portuguesa foi aplaudida

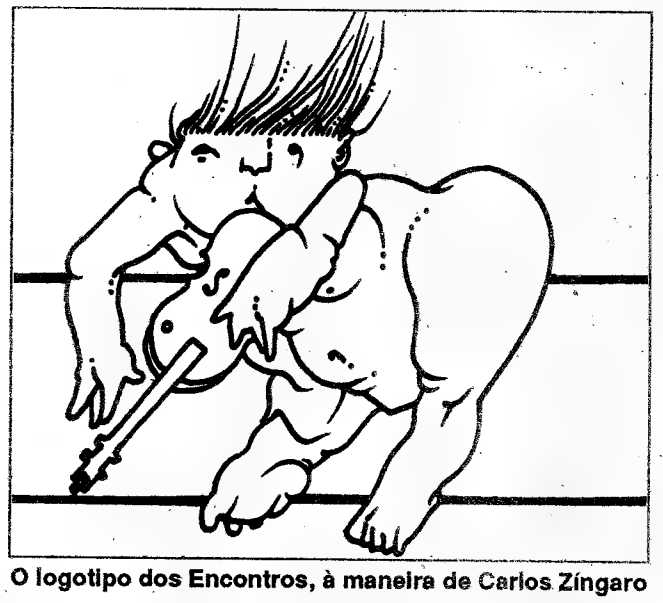
O duo Telectu abriu a noite passada aquele que será, até domingo próximo, o primeiro - e esperemos que não o único - dos Encontros de Nova Música Portuguesa organizados pelo serviço Acarte, ainda segundo o programa estabelecido por Madalena Perdigão antes da sua morte. Para quem já conhecia alguma coisa do percurso deste projecto fomentado por Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, aconteceu como que uma confirmação: o deserto foi deixado para trás.

De facto, com oito anos de travessia por uma cena musical em que foram os pioneiros de um militantismo continuamente mal compreendido, parece que os Telectu chegaram a bom termo e solidificaram a sua linguagem e os objectivos a que se vêm propondo com base em todo um manancial de referências musicais e teóricas estranhas entre si. Isto para já não falar dos critérios de qualidade que por vezes, no passado, deixaram a desejar mas que caminham finalmente para lugar seguro, aprendendo a razoabilidade de piscar o olho ao público.

Ou seja: está muito mais claro, agora, o que na verdade tencionam os dois músicos que pisaram o estrado da sala polivalente do Centro de Arte Moderna no serão de ontem, com a difícil tarefa de inaugurarem um ciclo que não se sabe muito bem o que virá a ser mas do qual é desde já possível prever uma função de «pivot» e balança das faculdades que daqui por diante enformarão as chamadas «novas músicas» - caso a direcção do Acarte que se instalar futuramente não contrarie demasiado os propósitos da sua desaparecida directora.

É evidente o risco de se intitular seja que iniciativa for, documentativa do estado actual das músicas «alternativas» portuguesas, como sendo de «novas» músicas, o mais não seja quando se sabe que na maior parte das vezes o que acontece nesta área é tão só a consagração de anteriores rupturas e resoluções criativas, ou se verificarmos que nem todas as novidades e originalidades musicais dos últimos anos foram contempladas na primeira edição da iniciativa, que esta noite prossegue com o Miso Ensemble.

Voltando ao concerto dos Telectu, refira-se antes do mais o estado de homogeneização que Lima Barreto e Rua garantiram para o prosseguimento das suas lides, tornando muito mais considerável para um maior número de melómanos a prática que vinham adoptando, primeiro pela via de um certo rock «de vanguarda», depois cultivando o minimalismo americano ou a improvisação livre herdeira do free jazz, com a aplicação dos conceitos electro-acústicos provenientes da música erudita contemporânea. Durante vários anos, foi difícil perceber qual seria a tendência de fundo mais definida dos Telectu, mas eis que a equação que faltava nos é documentada, meses depois de algumas previsões nesse sentido apresentadas no final do Verão passado na Knitting Factory de Nova Iorque e que serão reproduzidas brevemente por um disco ali gravado ao vivo.



O logotipo dos Encontros, à maneira de Carlos Zíngaro

O que resulta mais agradável, acrescente-se, é tal homogeneidade estilística nunca uniformizar o som dos Telectu, que ontem evidenciaram uma capacidade de multipolarização de ideias e soluções que mesmo no sector das «novas músicas» não é fácil encontrar. Todas as componentes da música de Vítor Rua e Jorge Lima Barreto são deixadas a claro, é perfeitamente possível destrinçar cada alusão e até caracterizá-las entre o espaço que ambos deixam para as derivas abstractas, jogando com efeitos tímbricos e devaneios electrónicos, e esse outro, omnipresente, que soma aos presentes Telectu aquilo que faltava (e faltando, nos exasperava já) nos de outras guerras - uma estruturação definida, com um balanço certo e uma batida rítmica que cita ostensivamente um africanismo percussivo, o rock e até o funky e que no concerto não deixou de provocar manifestações de agrado, e de alívio, na assistência.

Resta só rematar dizendo ter sido ontem demasiado evidente que, se Lima Barreto é a «cabeça» da música dos Telectu, as «mãos», essas, são muito obviamente de Vítor Rua, mais interessante, mais seguro e mais imaginoso no manejamento instrumental do que o seu companheiro. Já houve quem reparasse e aqui se repete: o jovem guitarrista e perito em electrónica é dos músicos maiores deste país. A ele, muito especialmente, se dirigiram as palmas do público que acorreu ao CAM. O mesmo CAM que, depois do casal Paula e Miguel Azguime, ainda receberá Carlos Zíngaro, Rui Azul e a dupla Rodrigo Amado/Luís Desirat, mais convidados.

Rui Eduardo Paes

Deus e o Mal na *Communio*

«Deus e o Mal» é o tema geral do 5º. número de 1989 da Revista Internacional Católica Communio, agora surgido a público.

Após uma análise do problema do mal na filosofia contemporânea (J. Cardozo Duarte) e na Bíblia (J. Carreira das Neves), este fascículo apresenta um estudo sobre os principais indicativos que resultam da históra da reflexão sobre este problema (K. Lehman).

Outros tês artigos procuram oferecer, de seguida, algumas perspectivas da experiência crente face ao problema do mal:

«O diabólico como expressão do mal» (Maria manuela de carvalho), «O crente perante a interpretação do mal» (J. Borges de Pinho) e «Mal e responsabilidade moral» (Faustino C. Ferreira).

Fora do tema geral, este número da Communio contém ainda um estudo sobre a tarefa da evangelização (Arnaldo P. Cardoso) e algumas orientações face ao problema da Sida (L. e J.-L. Archambault).

«Há questões que acompanham permanentemente o viver humano sem que o homem as consiga alguma vez pôr de lado como se já estivessem totalmente resolvidas - escrevem, abrindo o fascículo, Faustino Caldas Ferreira e José Borges de Pinho. - O problema do mal, na dramaticidade existencial que comporta e na opacidade com que se apresenta ao esforço de compreensão teórica, é uma dessas questões. Nela se manifesta, afinal, o mistério do homem, animado por enormes esperanças mas sempre ameaçado por poderes externos ou pelos seus próprios fracassos. Da permanência e da acuidade da questão do mal nosd dão testemunho ao longo da história tanto a linguagem do mito como a experiência das religiões, tanto os tateamentos da razão que pensa como os projectos da vontade que quer dominar o mundo pela técnica ou pelo esforço político.»

Morreu o pai da *pop art*

Inventor da expressão pop art, que defende uma corrente estética com particular incidência nas artes plásticas dos finais dos anos 50 até aos 60, Laurence Alloway faleceu aos 73 anos na sua residência de Manhattan, Nova Iorque.

Conservador de museu, historiador e crítico de arte, Alloway foi um dos primeiros defensores europeus da arte norte americana do pós-guerra.

Entre a sua vasta produção, dispersa por revistas de arte, merecem especial destaque a monografia sobre Roy Lichtenstein e um estudo sobre a violência no cinema norte americano

Falar de cinema

Uma aventura metafísica

O ABISMO (Abyss) - R: James Cameron (EUA, 1989); A: James Cameron; F (cor): Mikael Salomom; Cen: Leslie Dilley; Mont: Joel Goodman; M: Alain Silvestri; Ef. Esp. Visuais: Dream Quest, Hoyst Yeatman, Industrial Light e Magic, Dennis Muren; P: Gale Anne Hurd/20 th Century Fox; I: Ed Harris, Mary Elizabeth Mastrantonio, Michael Biehn, Leo Eurmester, Todd Graff, John Bedford Lloyd, Adam Nelson, Christopher Murphy, J.C. Quinn, etc.; D: 135 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Em estreia: Alfas, Amoreiras, Condes, Plaza (Lisboa); Cl: *** (/12 anos).

Enquanto se não verificam novas estreias em salas portuguesas, permita-se-me falar aqui de filmes ainda em cartaz, mas já há algum tempo. O caso de O Abismo, por exemplo.

Esta obra de James Cameron, ao contrário do que alguma crítica portuguesa afirmou, parece-me não só muitíssimo interessante, como igualmente de uma grande coerência de estilo, sobretudo tendo em conta as intenções da mesma. Servindo-se de uma estrutura narrativa que tem a ver obviamente com o filme de acção e aventuras, mas apelando essencialmente a um «suspense» derivado do chamado «filme catástrofe», Abyss afirma-se, porém, como um filme iniciático, uma aventura interior que culmina numa intencional vertente metafísica. Neste aspecto há que reconhecer que toda a obra «cresce» para um desenlace que a justifica, ao contrário portanto do que algumas vozes afirmam, dizendo que o final da película põe em causa o projecto global. Para mim, sem este final é que o filme não teria o sentido que julgo ser o seu. Mas vamos por partes.

Com pequenas e quase insignificante fugas a um espaço muito definido e determinado, vivendo num tempo preciso e rigoroso, aspecto que impõe uma luta contra-relógio donde resulta grande parte do seu «suspense», mantendo uma progressão dramática por etapas que, todavia, nunca deixa o projecto afastar-se do essencial, O Abismo adopta os contornos da tragédia clássica, com unidades de tempo, lugar e acção bem delimitadas. Esta construção é obviamente pretendida por James Cameron, não para desenvolver uma banal aventura, mas para abordar um tema forte e fulcral a toda a Humanidade. Este assume a forma exterior de uma aventura, mas ela é a aventura do Homem na Terra. Para dela falar James Cameron foi buscar uma história sua antiga, que fora escrita quando tinha apenas 17 anos e vivia no lado canadiano das cataratas de Niágara. Só outros 17 anos depois Cameron conseguiu concretizar o projecto, mas esta persistência da ideia demonstra que ela era essencial ao seu autor.

Montana, um submarino nuclear norte-americano, passa por estranhos acontecimentos e acaba por chocar contra as rochas do fundo do oceano, imobilizando-se a cerca de 8000 metros de profundidade, ao largo das Caraíbas. Alertadas, as autoridades dos EUA chamam em seu socorro Bud Brigman e uma equipa de exploradores que vive em Deepcore, uma base submarina petrolífera. A eles se junta um grupo de militares com uma missão não definida e Lindsay, mulher de Brigman, em vésperas de divórcio, ali presente na sua qualidade de desenhadora da base onde se encontram e pessoa que melhor a conhece nos mais ínfimos pormenores. Todos têm pouco tempo para levar a efeito a missão de que são incumbidos: chegar até junto do submarino e salvar os possíveis sobreviventes. Os militares têm algo mais a preocupá-los: desactivar ou destruir as bombas nucleares que o submarino transportava.

Inicia-se a viagem contra-relógio, com resultados finais desalentadores: nada mais do que cadáveres boiando nos corredores e cabinas do sumarino. Mas existem indícios de que algo de estranho vigia. Lindsey Brigman estabelece contacto com um «alien» luminoso, mas ninguém acredita nela, até que um novo «alien» aparecer no interior da base. Um militar permanece, no entanto, intransigente, vendo soviéticos por todo o lado e procurando rebentar as bombas que se encontram a bordo do submarino, para o que envia um engenho telecomandado até ao mais fundo do poço negro onde repousa o naufragado submarino.

O resultado será catastrófico para a Terra, o Homem e os «Aliens» que ali se sabe existirem também, se alguém não for perseguir a bomba e despoletá-la antes de explodir. Mas o tempo urge e a profundidade não o permite por meios convencionais. Brigman oferece-se, mas para tanto terá que ir imerso num líquido que o transportará de regresso a um período de gestação no ventre materno, quando ainda respirava através de líquidos. Irá morrer para regressar depois, percorrendo caminho idêntico ao de sua mulher Lindsey que, anteriormente para se salvar, tivera também que conhecer o estado «post mortem» e ressuscitar depois. Estamos abertamente num campo metafísico, de regeneração do Homem, de Salvação através da expiação dos pecados, empreendida como Sacrifício. Para salvar os homens, a Terra e mesmo os «seres misteriosos» que sabe existirem no mais profundo do oceano, Brigman aceita o sacrifício que o redime a si próprio salva.

Dito por outras palavras: a Brigman, Lindsey e companheiros depara-se-lhes o mistério do Além. Algo que não sabem explicar, mas de que vislumbram sinais. O esforço comum perante esse mistério nada consegue. As disputas humanas, os confrontos de interesses apenas agravam a situação. Será o homem, entregue a si próprio, revestido de elementos de alta tecnologia, mas afinal tão nu como quando veio ao mundo, que conseguirá salvar-se e salvar a Humanidade. O Homem que acredita nos seus poderes e aceita oferecer-se, imolar-se, para, «ao terceiro dia», ressuscitar. O «Abismo» é assim esse abismo que constantemente se encontra na nossa frente, desafiando-nos, impondo novas aventuras e outras tantas renúncias. Um abismo que «do outro lado do espelho» nos descobrirá arcanjos ou aliens amigos que viajarão em nosso auxílio, seres alados e etéreos que, segundo uma imagética ingénua e popular, como a que o próprio filme nos mostra, nos pegarão na mão e nos conduzirão a bom porto.

Construído de forma vertiginosa numa progressão claustrofóbica que culminará com uma fabulosa descida em que o homem isolado de tudo e de todos apenas consegue comunicar por uma insipiente linguagem, O Abismo demonstra claramente as potencialidades dramáticas de um cineasta que domina as imagens e o ritmo, que recria climas e densidades emocionais, que traça personagens e define situações de forma poderosa, com grande economia de meios e de processos. Super produção de orçamento inimaginável (fala-se em mais de 50 milhões de dólares, qualquer coisa como 8 610 000 contos), quase integralmente rodada debaixo de água (precisamente em dois tanques gigantescos construídos para servirem uma central nuclear do Estado da Carolina do Sul que nunca chegou a funcionar) em condições muito adversas e num clima de grande tensão nervosa sentido por parte de toda a equipa, Abyss é uma obra que impõe definitivamente o seu autor (aqui felizmente um pouco menos militarista do que em obras anteriores) e os seus principais intérpretes Ed Harris, um actor na melhor tradição «física» de Hollywood, e a surpreendente Mary Elizabeth Mastrantonio.

Lauro António

« O Abismo » de James Cameron

James Cameron

Nasceu em 1954, em Kapuskasing, no Canadá. Aos dez anos mudou-se para os EUA, tendo começado a interessar-se por banda desenhada e cinema. 2001, de Kubrick, foi a obra que o marcou definitivamente. Enquanto estudava Física na Universidade da Califórnia, era condutor de camiões e escrevia romances, até surgir a hipótese de ingressar no cinema pela mão de Roger Corman, como técnico de efeitos especiais, director artístico e mesmo director de fotografia (Battle Beyond the Stars, Galax of Terror, etc.). O seu primeiro trabalho importante foi como colaborador de John Carpenter em Nova Iorque 1997. Em 1981 co-escreve o argumento e realiza Piranha II, seu título de estreia como director. É ainda um dos argumentistas de Rambo II.

Esteve casado com Gale Ann Hurd, produtora dos seus três últimos filmes. Presentemente vive com a realizadora Kathryn Bigelow.

Filmografia:

1981: Piranha II (Piranha II, O Peixe Voador); 1984: The Terminator (O Exterminador Implacável); 1986: Aliens (Aliens, O Recontro Final); 1989: Abyss (O Abismo).

«A ementa do dia»

*****

A BELA DE DIA, de Luis Bunuel (reposição)

****

INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA, de Steven Spielberg
BATMAN, de Tim Burton
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, deJoão CésarMonteiro

***

PERIGOSA SEDUÇÃO, de Harold Becker
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO, de Steven Sodenberg
O ABISMO, de James Cameron
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPENSAS, de Terence Davies
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS, de George Soribuer

**

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA, de Blake Edwards
O VELHO GRINGO, de Luis Puenzo

*

Os DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys
OS CAÇA FANTASMAS II, de Ivan Reitman

Revista «Oceanos» já vai no segundo número

A malta das naus

Esperançosa de rumar a bom porto, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses continua a navegar de velas inchadas, ainda que sem a pompa e circunstância que «nuestros hermanos» decerto colocarão nos festejos das suas próprias façanhas marítimas. «Oceanos», espécie de orgão oficial da dita

Comissão que, aliás, já vai no segundo número, começa, no entanto, por contrariar esta tão apregoada inferioridade de meios dos portugueses, uma vez que tem como principal característica a exuberância da imagem, formato e qualidade dos extra-textos.

Um tal aspecto que, conforme se sabe, já fora herdado do primeiro número lançado em 10 de Junho último a propósito do arquipélago açoriano, sendo muito importante está, todavia, longe de constituír o único mérito da publicação em análise.

Assim, há a considerar a qualidade de vários artigos que têm a arte portuguesa dos séculos XV e XVI como principal objecto de estudo. Margarida Sobral Cid dá-nos, por exemplo, uma curiosa perspectiva do restauro do Cristo de madeira de castanho instalado no Mosteiro dos Jerónimos, enquanto Fernando António Baptista Pereira, director do Museu de Setúbal, nos traça o perfil possível da nossa pintura quinhentista a partir dos catorze painéis do antigo retábulo da igreja de Jesus na cidade sadina, executados todos eles na oficina que Jorge Afonso mantinha em Lisboa. A importância da obra é, de resto, convenientemente explicitada por José Sarmento de Matos na apresentação desse artigo: «(...)Baptista Pereira (...)»-refere-«(...)aponta-lhes (ao grupo de pagens no painel «Adoração») um carácter «rafaelesco», no entanto, com laivos bem portugueses, dada a convivência despreocupada entre dois europeus, um indiano e um africano (...), imagem decerto comum no séquito de um grande senhor português de então(...).»

Locais hoje tidos como artísticos e outrora tidos na conta de utilitários e quotidianos que também não passariam despercebidos aos nobres mais cotados da sociedade portuguesa, seriam as fortalezas erguidas quase sempre abruptamente sobre o mar, para proteger as margens de eventuais povos que se pudessem servir desse mesmo mar para veículo de intenções hostis.Neste segundo número, a revista «Oceanos» transporta-nos até à fortaleza de Luz em Cascais, com textos de Joaquim Ferreira Boiça, membro do Instituto Português do Património Cultural e Margarida Ramalho, arqueóloga profissional , cuja actual preocupação são as escavações que vem dirigindo nesta mesma localidade.

Astrolábio náutico português recuperado do galeão Nuestra Señora de Atocha

Os melhores textos da revista são, no entanto e de acordo com um critério óbviamente pessoal, a reportagem que Luís Torres Fontes e Bernardo Pinto de Almeida elaboraram a propósito das lendas, hábitos e histórias dos índios da Amazónia, bem como o extenso «dossier» relativo ao quotidiano nas naus que anualmente partiam em demanda das riquezas orientais. Tratando-se de uma condesação das várias comunicações apresentadas em Outubro de 87 na VIª Reunião da Hist`ria da Nàutica e da Hidrografia, o dito «dossier» foi aqui desprovido do aparato erudito que caracterizando-as originalmente, não seria viável numa revista de divulgação como esta. Os textos que têm como referência comum a carreira da Indias, a mais longa e penosa rota transoceânica que os marinheiros portugueses tiveram ocasião de navegar, versam, no entanto, aspectos tão diferentes dessas viagens como a (não) preservação dos alimentos, a ausência de cuidados de higiene, a cuidada preparação para a morte que os sacerdotes de bordo incutiam a todos os tripulantes, sem esquecer ainda as distinções hierárquicas e respectivas consequências que da vida em terra eram transpostas para a vida no mar.

De referir ainda as belíssimas representações dos biombos «Nambam» que ilustram profusamente esta interessante publicação que, como dissémos atrás, faz do apelo ao olhar um trunfo~pelo menos tão importante quanto a excelência dos textos, o que até não é de estranhar nesta sociedade onde o comércio da leitura já foi invadido por linguagens que até há bem pouco tempo lhe eram totalmente estranhas.

Maria João Martins

Encenação: colectiva da companhia; **Tradução e montagem do texto:** Luís Miguel Cintra; **Cenário e figurinos:** Cristina Reis; **Montagem:** Fernando Correia; **Interpretação:** Adriano Luz, António Fonseca; Cristina Cavalinhos, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luísa Cruz, Márcia Breia e Rogério Vieira.

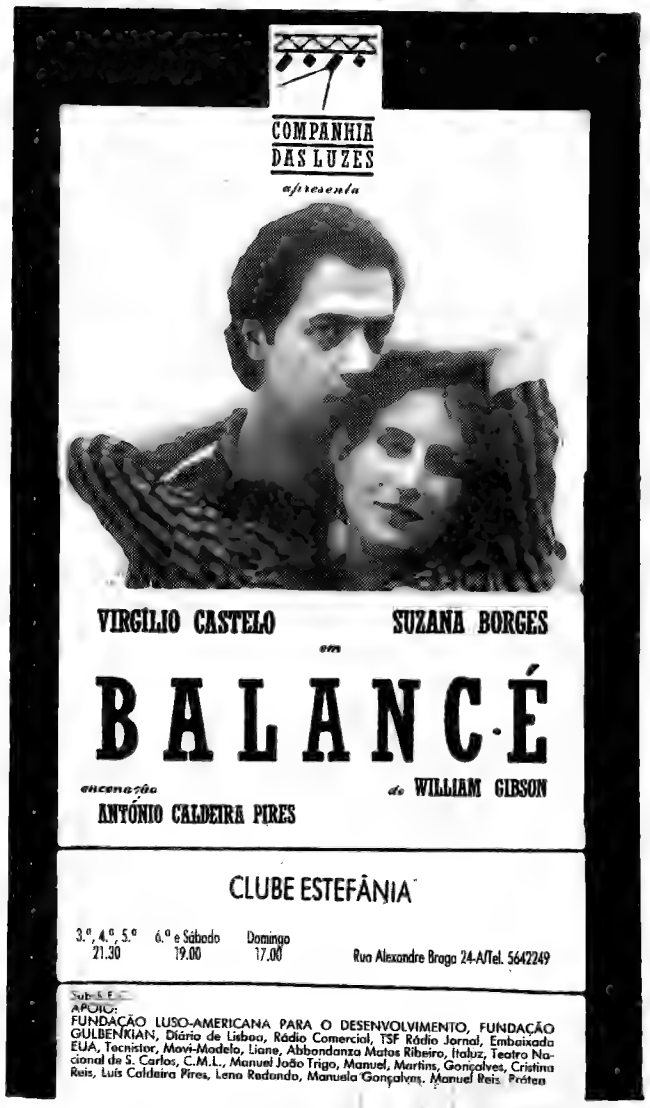
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.: 66 15 15/66 92 05

3.ª a sábado às 21.30 h — domingo às 16 h

Dia 5

ANTESTREIAS — Amanhã às 21.30 h
e domingo às 16 h

Início de carreira do espectáculo
Dia 24 de Janeiro



BREVES

Marlene Dietrich agraciada pela França

Marlene Dietrich, a lendária actriz, cantora e "sex simbol" do Cinema dos anos 40, agora com oitenta e oito anos, foi agraciada com uma das mais altas condecorações francesas: do grau de Oficial da Legião de Honra, atribuído em 1971, passou ao grau de Comandante da Legião de Honra, a terceira distinção mais alta de França.

Marlene vive num apartamento perto dos Campos Elísios, em Paris, após um longo período de fama como símbolo de sedução e "sex appeal" e também como actriz de talento.

Foi o filme «O Anjo Azul», do realizador Josef von Sternberg, que lhe deu fama mundial. Depois da glória no estrelato cinematográfico, Dietrich distinguiu-se como cantora famosa. Canção que deu a volta ao mundo: «Fall in love again» (canção, aliás, do filme acima mencionado).

De ascendência alemã, Marlene Dietrich cantou para as tropas aliadas durante a II Grande Guerra. Em 1937, obteve a cidadania norte-americana, mas nos anos 60 revelou a sua paixão pela Europa:

«Quando morrer - disse - quero ser sepultada em Paris. Mas gostava também de deixar o meu coração na Inglaterra - e nada de meu na Alemanha».

Escultura em madeira no Forum Picoas

Uma exposição de escultura em madeira de Jorge d'Ultra Machado é inaugurada no próximo dia 9 na Galeria do Coleccionador, no Forum Picoas.

Sobre a escultura d'Ultra Machado, Dorita Castel-Branco afirma que «esculpir é dar forma à matéria».

A exposição de Jorge d'Ultra Machado (nascido em Lisboa em 1933) estará patente ao público até 26 do corrente.

DESPORTO

Dinheiros em causa

Juca recusa proposta federativa

O actual elenco directivo da Federação Portuguesa de Futebol, liderado por João Rodrigues, terá cometido alguma precipitação na ligeireza com que procedeu à reformulação da equipa técnica, despedindo Juca e seus adjuntos (Costa e Barnabé) e nomeando Artur Jorge, Toni, Oliveira e Norton. Sabia-se que o anterior quadro técnico tinha contrato até Junho do ano em curso pelo que se impunha estabelecer acordos quanto à indemnização a pagar, o que ainda não sucedeu já que Juca e seus pares não se satisfazem com o simples pagamento dos salários, uma vez que existiam outras verbas em causa que João Rodrigues não deseja pagar mas de que os técnicos não prescindem. Convenhamos que o sucessor de Silva Resende não começou da melhor maneira o seu tão ansiado (e conseguido) mandato, já que, a juntar ao litígio aberto com os componentes da anterior Comissão Técnica, também está aberta uma certa «guerrilha» com Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos) acerca do processo do «doping».

«Derby» holandês no Estádio de Alvalade

Os mais cotados clubes holandeses de futebol (PSV Eidhoven e Ajax) defrontam-se hoje em Lisboa prometendo um jogo «a sério» e com as suas formações principais.

Os dois clubes holandeses jogam na segunda ronda da Taça Internacional de Lisboa, torneio em que aproveitam para rodarem durante o defeso da modalidde no seu país.

O vencedor do encontro, que se realiza às 20 horas no Estádio de Alvalade, será o finalista, com o Sporting, do torneio, na próxima quarta-feira enquanto o vencido irá defrontar terça-feira o Benfica, no Estádio da Luz.

Os militares (fardados) e os possuidores do Cartão Jovem têm entrada gratuíta no encontro de hoje.

Federação castiga

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, puniu o portista Demol com dois jogos de suspensão e Basaula (Estrela da Amadora) com um jogo.

«Chicotadas»

Trata-se da 16.ª alteração nos quadros técnicos em clubes da 3.ª divisão e coube a Armando Gonçalves, que cedeu o lugar de responsável do Fanhões a José Carlos. Entretanto no Atlético foi promovido a treinador principal o adjunto Jean Paul em virtude da saída de Norton de Matos para a Federação, onde se ocupará da selecção de esperanças.

Edu deixou as Antas

O futebolista brasileiro Edu, que no começo da temporada se vinculou ao FC Porto depois de não se ter adaptado ao futebol italiano, onde esteve ao serviço do Torino, resolveu solicitar aos dirigentes portistas a rescisão do contrato e regressou já ao Brasil, onde, ao que se consta, o aguarda um lugar no Flamengo.

Ronda futebolística

A contar para o nacional da 1.ª divisão eis o calendário: Vitória de Setúbal - FC Porto, Estrela da Amadora - Sporting, União da Madeira - Benfica, Tirsense - Braga, Belenenses - Portimonense, Boavista - Marítimo, Guimarães - Penafiel e Chaves - Feirense. O embate Beira Mar - Nacional já se processou, com o resultado de 1-0 favorável aos aveirenses.

Divisão 2

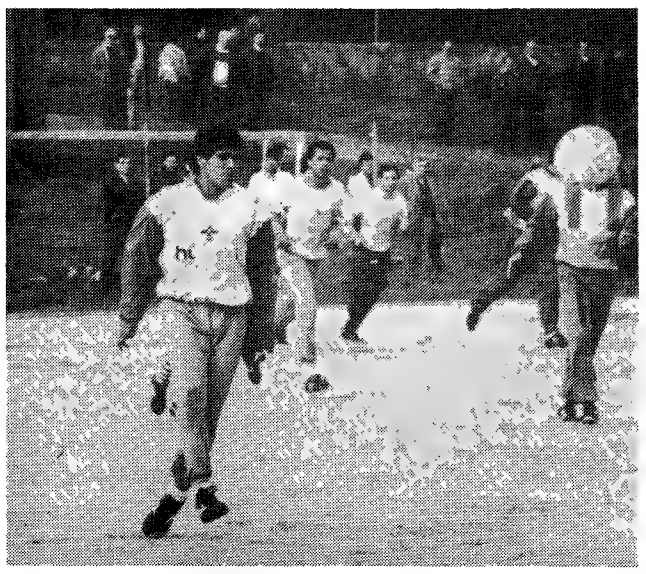
Zona Norte: Gil Vicente - Aves, Infesta - Marco, Joane - Trofense, Freamunde - Leixões, Rio Ave - Varzim, Maia - Paços de Ferreira, Vianense - Famalicão, Vizela - Felgueiras e Bragança - Fafe.

Zona Centro: Académico de Viseu - União de Lamas, Guarda - Oliveira do Bairro, Académica - Benfica de Castelo Branco, Mirense - Oliveirense, Caldas - Peniche; Salgueiros - União de Leiria, Covilhã - Lousanense, Espinho - Marialvas e Águeda - Mangualde.

Zona Sul: Portalegrense - Juventude, Sintrense - Torreense, Olivais - Lusitano de Vila Real, Estoril - Farense, Silves - Alverca, Louletano - Atlético, Olhanense - Seixal, Lusitano de Évora - Barreirense e Elvas - Samora Correia.

Divisão 3

Série A: Prado - Vieira, Amares - Valpaços, Maria da Fonte - Macedo de Cavaleiros, Ribeirão - Vila Pouca, Ponte da Barca - Arcos de Valdevez, Lanheses - Delães, Mirandela - Esposende, Caminha - Moreirense e Celoricense - Santa Maria.



Silas e companheiros preparam-se para o confronto da Reboleira

Série B: Sanjoanense - Vila Real, Sport de Rio Tinto - Santa Marta de Penaguião, Lixa - Ermesinde, Amarante - Valadares, Cinfães - Paivense, Sandinenses - Lousada, Leça - Lourosa, Paredes - União Desportiva Valonguense e Régua - Pedrouços.

Série C: Argus - Associação Desportiva Valonguense, Santacombadense - Oliveira do Hospital, Tabuense - Ovarense, Anadia - Seia, Mealhada - Luso, Gouveia - União de Coimbra, Valecambrense - Sabugal, Alba - Mortágua e Estarreja - Oliveirinha.

Série D: Ginásio de Alcobaça - Naval 1.º de Maio, Castelo de Vide - Sertanense, Torres Novas - Bombarralense, Mirandense - Alfeizerense, Marrazes - Fátima, Ferrel - Alcanenense, Marinhense - União de Tomar, Alcains - Estrela de Portalegre e União de Santarém - Nazarenos.

Série E: Oriental - Borbense, Lusitânia - União de Almeirim, Cartaxo - Campomaiorense, Odivelas - Fronteirense, Futebol Benfica - Santa Clara, Vilafranquense - Câmara de Lobos, Sacavenense - Atlético do Cacém, Fanhões - Praiense e Loures - Portosantense.

Série F: Vasco da Gama - Trafaria, Beja - Almancilense, Quimigal - Quarteirense, Estrela de Vendas Novas - Sesimbra, Amora - Montijo, Imortal de Albufeira - Montemor, Esperança de Lagos - Palmelense, Leões de Tavira - Moura e Pescadores C. Caparica - União de Santiago do Cacém.

EM AGENDA

HOJE: futebol em Alvalade, com a realização do encontro PSV - Ajax, para apuramento do finalista que, na próxima quarta-feira, irá discutir, com o Sporting, o 1.º lugar no Torneio «Cidade de Lisboa». O jogo terá início pelas 20 horas e tanto os militares (fardados) como os portadores do cartão jovem terão entrada gratuita.

AMANHÃ: andebol: Francisco de Holanda - ABC A, no Pavilhão do Inatel, às 21.30 horas; Fafe - Boavista, no Pavilhão Municipal de Fafe, às 21 horas; Sporting - Académica, no Pavilhão de Alvalade, às 21 horas; São Mamede - Vitória de Setúbal, no Pavilhão de São Mamede, às 21 horas; Benfica - TAP, no Pavilhão da Luz, às 21.30 horas; e Belenenses - Futebol Clube do Porto, no Pavilhão do Restelo, às 21 horas.

Basquetebol: Barreirense - Estrelas da Avenida, às 18 horas; Ovarense - Benfica, às 17 horas; Ginásio Figueirense - Guifões, às 18 horas; Futebol Clube do Porto - Imortal, às 17 horas; e Sporting - Illiabum, às 18 horas.

Futebol: Estrela da Amadora - Sporting, às 21.30 horas, com transmissão directa pela RTP-2, enquanto que, pelas 15 horas, decorrerá o confronto Torreense - Sintrente a contar para o «Nacional» da Zona Sul.

DOMINGO: Futebol a partir das 15 horas com a realização dos confrontos das três divisões nacionais. O jogo União - Benfica terá lugar a partir das 19 horas, com transmissão directa pela RTP-2.

Rali Paris- Dakar

Vatanen «reina» no deserto

O finlandês Ari Vatanen, num Peugeot 405 T16, venceu a sétima etapa do Rali Paris-Dakar, com meio minuto de avanço sobre o seu companheiro de equipa sueco Bjorn Waldegaard, quando a caravana entrou pela primeira vez no Chad.

A etapa, que ligou a localidade de Ngourti, no Níger, à capital do Chad, Njamena, tinha um percurso total de 647 quilómetros, incluindo um troço cronometrado de 499 quilómetros, que permitu ao finlandês aumentar para 47,31 minutos o seu avanço na liderança da classificação geral. O «rei do deserto» venceu a tirada apenas com 30 segundos de avanço do sueco Bjorn Waldegaard, que também alinha num Peugeot 405 T16, enquanto os franceses Philippe Wambergue e Alain Ambrosino completaram o domínio da marca francesa, ao terminarem com os seus Peugeot 205 T16 na quarta e quinta posições, respectivamente.

O espanhol Salvadore Servia acabou por ser o único piloto que logrou desafiar o «devastador» domínio dos bólides franceses, colocando o seu Range Rover na terceira posição, mas encontra-se apenas no quinto lugar da classificação geral, a mais de quatro horas de Vatanen, que venceu o Paris-Dakar em 1988 e 1989.

Na categoria de motos, a Cagiva superiorizou-se às máquinas japonesas da Yamaha com o italiano Edi Orioli, que ganhou a prova em 1988, venceu a tirada e «roubou» a liderança ao francês da Yamaha, Stephane Peterhansel. Após ver a sua Yamaha ficar duas vezes empanada por falta de gasolina, Peterhansel acabaria por gastar mais 46 minutos que Orioli, numa etapa em que italiano Alessandro de Petri e o espanhol Jorge Arcarons, seus companheiros na Cagiva, terminaram na segunda e terceira posições, respectivamente.

O francês Cyril Neveu, exlíder da corrida deste ano, foi segundo classificado no início da etapa, mas acabou por perder mais de uma hora e «cair» para a quinta posição da classificação geral, após partir o guiador da sua Yamaha numa queda a meio da tirada. O espanhol Carlos Mas Samora foi o único piloto que alegrou os responsáveis da Yamaha, pois, apesar de apenas ter sido sexto na etapa, acabou por ascender ao segundo lugar da classificação geral, a 28,55 minutos de Orioli.

Classificação geral após a 7.ª etapa: **Automóveis:** 1.º Ari Vatanen, Finlândia (Peugeot), 10.22.13 horas; 2.º Bjorn Waldegaard, Suécia (Peugeot), a 47.31 minutos; 3.º Philippe Wambergue, França (Peugeot), a 2.06.26 horas; 4.º Salvadore Servia, Espanha (Range Rover), a 3.38.05 horas; 5.º Alain Ambrosino, França, (Peugeot), 4.05.15 horas.

Motos: 1.º Edi Orioli, Itália (Cagiva), 33.26,32 horas; 2.ª Carlos Mas Samora, Espanha (Yamaha), a 28.55 minutos; 3.º Stephane Peterhansel, França (Yamaha), a 33.48; 4.º Gilles Lalay, França (Suzuki), a 39.56;

GREVE DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

Face ao pré-aviso de greve apresentado à ANA, EP — Aeroportos e Navegação Aérea, pelo SINCTA — Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo — que levará à paralisação em Portugal do transporte aéreo, das 00.00 h do dia 7 às 24.00 do dia 8 de Janeiro de 1990, a TAP Air Portugal vê-se obrigada a cancelar a sua operação de voos domésticos — Porto e Faro, assim como dos voos internacionais durante este período.

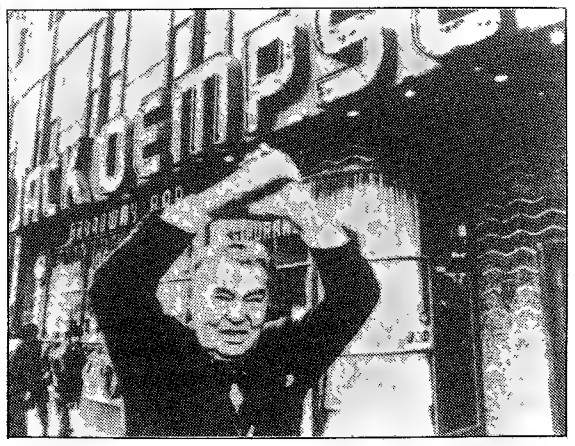
Os voos de e para as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira serão, no entanto, mantidos.

Serão ainda reforçados os voos da Transportadora Nacional, à saída de Lisboa, na 3.ª feira, dia 9 de Janeiro de 1990.

TAP AIR PORTUGAL
DIRECÇÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

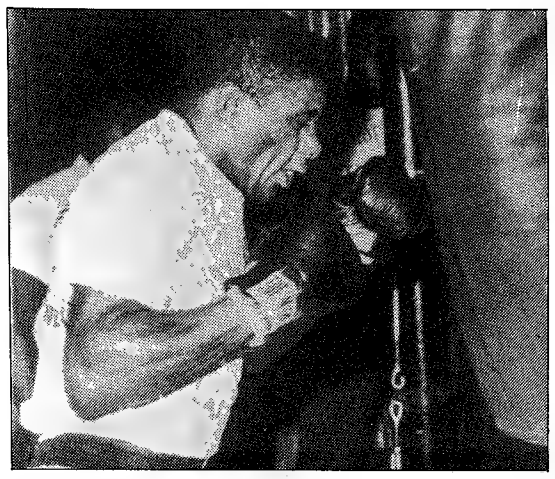
Foram quatro estrelas

Joe Louis: o«bombardeiro de Detroit» ganhou fortunas para ele e para os oportunistas que o manejaram. Teve mulheres deslumbrantes e morreu na penúria



Jack Dempsey: a Mafia não o conseguiu vencer. O colosso norte-americano soube amealhar para se tornar dono de um deslumbrante restaurante para granfinos

Rocky Marciano teve a vida em filme. Cobrou milhões mas nunca logrou adiantar-se às primeiras letras, acabando convertido num quase farrapo humano



Floyd Patterson: finíssimo a jogar, com excelente finta, acabou a carreira multimilionário e proprietário de um dos mais caros hotéis da capital dos EUA

«Dossier» boxe – 2

Grandeza e miséria sempre lado a lado

Raramente um pugilista emergiu de família remediada: a ânsia de subir na vida conduziu meninos de rua aos ringues onde podiam livremente dar evasão à sua força e conquistar a fama e fortuna que os escamoteavam ao anonimato

É isso: da pobreza para o luxo, até nova queda livre, sempre marcou o percurso da maioria dos boxeurs, poucos escapando à peneira. Aliás, as maiores fortunas ganhas nos ringues acabam muitas vezes nos bolsos dos promotores dos combates, que utilizando homens como se fossem meros e simples bonecos animados movimentam o «ranking» mundial consoante as suas conveniências, conforme o estudo de mercado lhes indica quem é capaz de catapultar multidões para as bilheteiras, quem é momentaneamente mais favorecido pelo interesse das televisões ou da Imprensa escrita.

Houve nomes que ficam na história do pugilismo: desapareceram vultos que marcaram épocas mas sempre vai surgindo um qualquer Mike Tyson que, campeão mundial de pesados na actualidade, hoje mesmo confessa que era um alcoólico inveterado, há menos de ano e meio. E adianta:

— *Ainda passei a beber mais a partir do instante em que a minha mulher* (a actriz Robin Givens) *anunciou que pretendia o divórcio. Só travei nessa desesperada marcha quando senti que tinha necessidade de testar a minha capacidade física e aproveitar o combate com o Frank Bruno* (em Fevereiro último) *para regressar à coroa de rei.*

Tyson vai mais longe:

— *O álcool é uma muleta. Nunca mais volto a cair na sua armadilha...*

Diz isso hoje, aquele que se pode considerar na linha directa de figuras como Joe Louis, Joe Walcott, Dempsey, Carpentier, Ray Robinson, Rocky Marciano, Tony Graziano, Primo Carnera, Uzcudun, Cassius Clay, Stevenson, Sugar Ramos, do infeliz Monzon que está num cárcere pagando em anos de reclusão o assassinato da mulher ou do desditoso Marcel Cerdan que, encanto e paixão de Edith Piaf, morreu num desastre de avião, na terra açoriana, quando ia em busca de Nova Iorque e do título universal.

Onde nascem os reis

Sem dúvida: larguíssima quota de pugilistas vem da fome e das ruelas, dos pequenos roubos em supermercados onde mais tarde acabam como «seguranças», quando não conseguem manter a réstea de aprumo obrigatória para funcionar como cartão de apresentação de guarda-costas de gente importante ou de *disciplinadores* de «boites» e «dancings» Tal como os espiões que saltam do frio vestindo fato cinzento, também os pugilistas saem frequentemente dos pequenos bandos de marginais que pululam nos bairros mais mal afamados, ainda que tenham surgido moços com capacidade intelectual que, bem conjugada com a destreza de pernas e a força de músculos, conduziu a bons proventos do espectáculo sobre os ringues.

Porém, é mesmo nos labirintos sociais que saltitam rapazes que (como escreveu Hernandez Estevez) *golpeiam o saco do ginásio com garra e dedicação, que saltam à corda e gastam a ilusão, lendo histórias incríveis que sucederam no fascínio de Madison Square Garden de Nova Iorque ou no deslumbramento do Luna Park de Buenos Aires.*

Acrescenta o conhecido comentador espanhol da agência EFE:

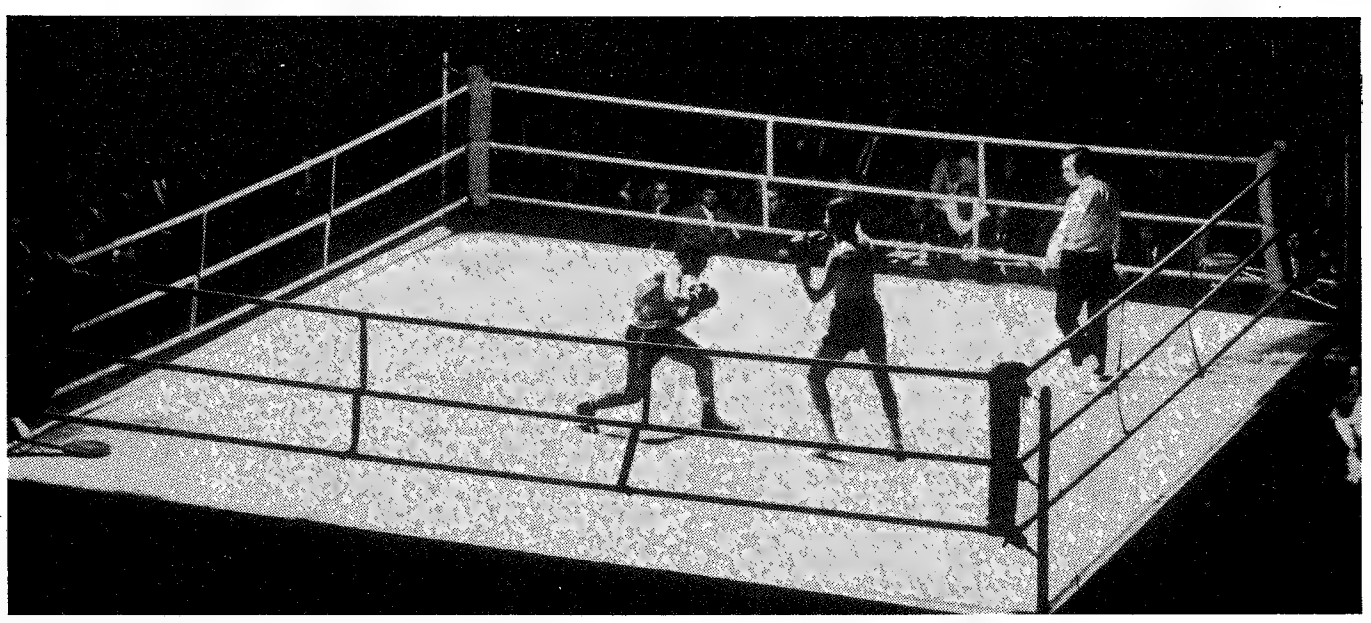
—*E, não me contem histórias de presunção: quanto mais pobres, melhor. Achamada «arte de socar a badana» e esquivar-se das que vêm de cima, foi sempre um desporto para pobres, para marginais.*

O tal íman: do nada à glória é um simples passo para os mais fortes nas lutas de beco. Quem quiser que imagine o que pode valer no bolso, por um só combate, coisa como quatro milhões de dólares (perto de 600 mil contos), aquilo que vai cobrando um simples candidato em potencial a um título estado unidense.

Por isso, enquanto a juventude mais letrada opta por outros caminhos para atingir a fortuna (ténis, golfe) os heroizinhos de países subdesenvolvidos só têm em mira as doze cordas do ringue, uma espécie de armadilha ou de teia onde acabam por vingar ou morrer. Curiosamente, nos próprios Estados Unidos, em França, na Itália, na Alemanha, surgem diariamente pugilistas com talento e arte: mas, que nos seja perdoada possível heresia, nesses países bem adiantados na cotação financeira também existem esfomeados e marginais. Aqueles que apenas podem fugir ao pulso da polícia quando se tornam personagens populares: e que mais rápido percurso que um ringue e um par de bons punhos?

Reflexo da sociedade

Curiosamente, são de raça negra a maioria dos grandes



Palco da nobre arte

Um ringue não é escolhido ao acaso: deve ter forma quadrada e será limitado por três cordas paralelas ao solo, revestidas de lona ou feltro. Os lados desse quadrado, medidos sobre as cordas, podem variar entre seis metros (máximo) e 4 metros e 35 (mínimo).

No seu livro «ABC do pugilismo», o falecido crítico Rafael Barradas esmiuçava: «a grossura das cordas, que devem considerar-se tensas e sustentadas por quatro postes forrados e chumaçados, regulará por dois centímetros. O sobrado tem de ser horizontal, sólido, composto por tábuas muito bem juntas e ultrapassará para o exterior o quadrado limitado pelas cordas em, pelo menos, meio metro. Sobre ele estende-se um tapete de feltro com um a dois centímetros de espessura, coberto por uma lona branca, muito bem esticada e fixa nos bordos do sobrado. Os postes que sustentam as cordas terão de estar a 30 centímetros delas e, do solo à primeira corda vão 40 centímetros, à segunda 80 à terceira um metro e 30 centímetros. Antes de cada combate, a lona deverá ser cuidadosamente limpa do pó e esfregada com água e criolina. Ao dispor dos combatentes estará um pequeno caixote com resina para eles poderem dar às solas das suas botas maior aderência à lona».

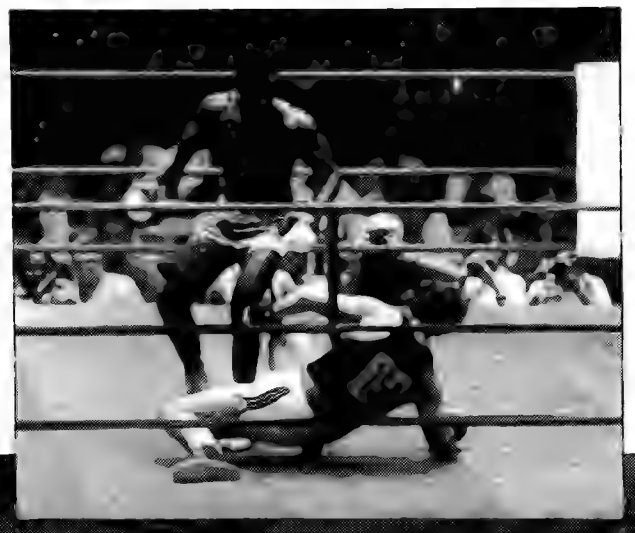
Madison Square Garden: «a catedral do boxe». A mais famosa casa de espectáculos nova-iorquina é tradicional palco dos grandes embates para títulos mundiais. Na plateia, cada um dos 18 096 lugares nunca fica por menos de 40 dólares (cerca de seis contos), com as primeiras filas a preços que normalmente rondam os 500 dólares (75 contos).

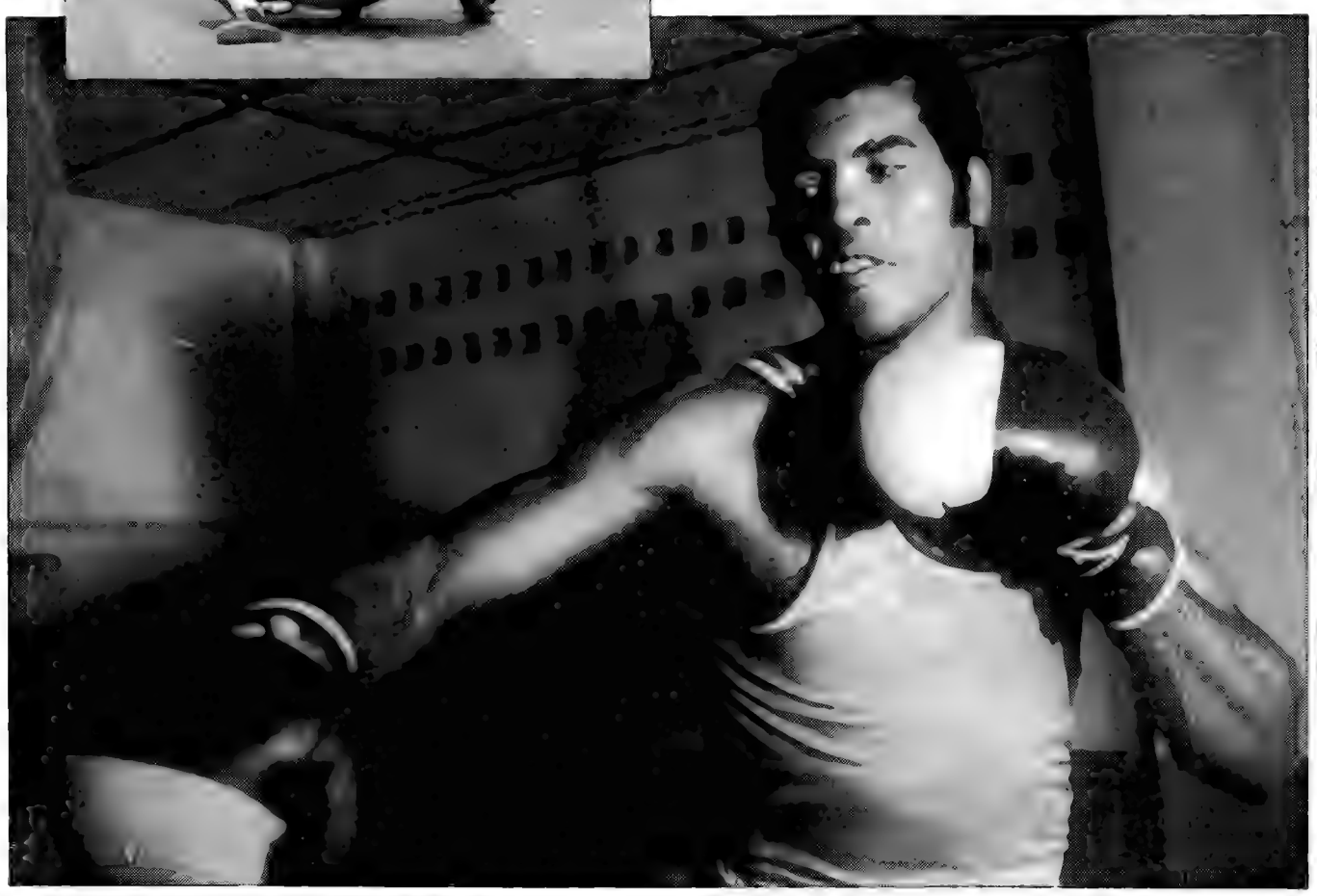
campeões de diversas modalidades, especialmente do atletismo como do pugilismo, já que poucos são atraídos pelas piscinas (luxo das impossíveis vivendas de milionários), pelo ciclismo (em muitos pontos do Terceiro Mundo não há máquinas nem estradas para as testar) ou por outras disciplinas desportivas que exigem um mínimo de cultura e anos a fio de treino intenso.

A arte do pugilismo nasce nas vielas: o boxe, bem vistas as coisas, acaba por ser um reflexo de dilatada fatia da sociedade humana e da sua evolução. Aumenta o rendimento *per capita* e com ele declinam muitas coisas, embora o cheiro da resina nos ringues, o sabor da aposta entre gente com charutos caros, o sádico prazer que ressalta para o olhar quando se vêem homens escorrendo sangue, partindo ossos, esmurrando-se impiedosamente como touros enfurecidos, continue a acorrentar milhões de cidadãos acima de qualquer suspeita. Os mesmos que vão às estâncias de esqui sempre esperando que um artista dê trambolhão de todo o tamanho, que cercam os autódromos em procura de um acidente fatal, que vão enrolando as arenas confiando que, tarde ou cedo, o matador acabe enfiado nos cornos do animal. O rosto desfigurado pelos murros sempre conquistou adeptos, sempre valeu a atenção ou a pesquisa de escritores de fama universal: desde Lord Byron a Oscar Wilde, de Bernard Shaw e Hemingway há uma intermi-

cont. na pág. 24

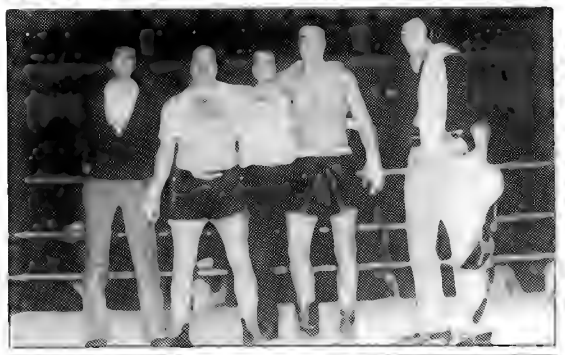
Bernard Shaw: o famoso escritor que se deixou apaixonar pelo boxe, dedicando-lhe páginas de louvor, mas também desvendando o que se movimenta por detrás de um par de punhos em fúria





Teófilo Stevenson: campeão olímpico, nunca quis abraçar o profissionalismo, permanecendo como uma legenda de primeiríssimo plano no desporto cubano, tendo recebido de Fidel de Castro a «medalha dos mais altos serviços prestados ao país»

Declínio



Belarmino Fragoso foi um ídolo: a história da sua vida, colocada em filme por Fernando Lopes, não está totalmente contada: engraxador, pintor de fotografias de prostitutas, servente num estabelecimento prisional, guarda-costas do proprietário de um bar mal afamado, simples sujeito que pedia uma coroas aos frequentadores do Parque Mayer que se recordavam da sua espectacular esgrima, dos seus passes de ballet entre as 12 cordas. Fez um último combate-exibição perante Chico Santos. Morreria vítima de atropelamento, numa rua de Almada. Pelo contrário, Chico Santos é hoje um próspero industrial radicado nos Estados Unidos.

Mas temos também Manuel Matos Ideias, o exemplo mais perfeito de um pugilista que foi sempre espoliado pelos donos do festim: o seu livro («O saco: memórias de um boxeur») mereceu, em Junho de 1977, desenvovida reportagem no «DL», feita por este repórter, verdadeiramente alarmado com os casos e nomes que Manuel Matos Ideias (Matos Júnior) contou em 240 páginas de lágrimas e sangue.

N. de S.

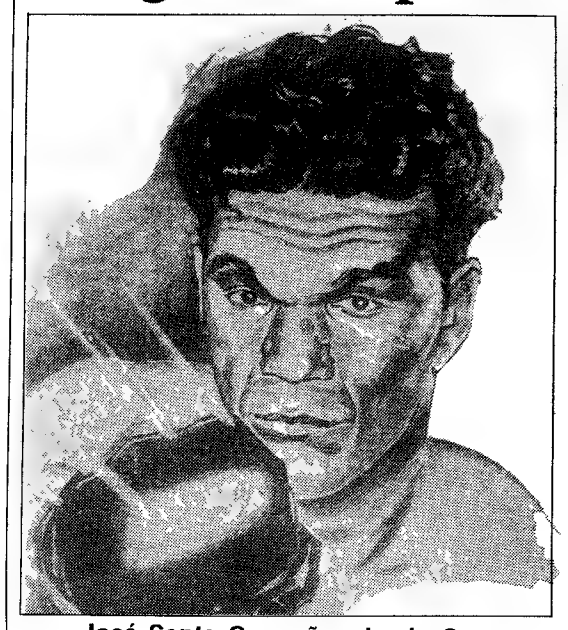
Escolha que se contesta

Tyson e Leonard «pugilistas da década de 80»

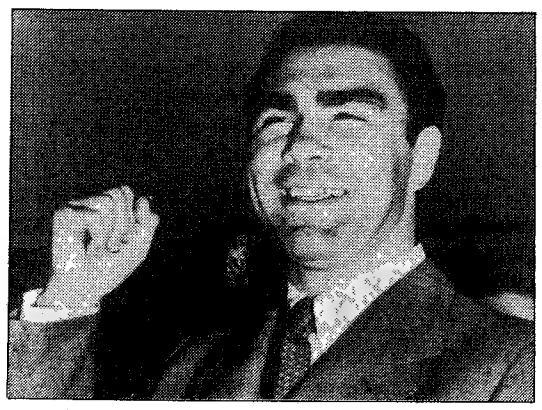
O Conselho Mundial de Boxe (CMB), que tem 131 países e nove federações filiadas, anunciou ter designado os norte-americanos Mike Tyson e Sugar Ray Leonard como «pugilistas da década de 80».

Numa cerimónia a realizar em breve na Cidade do México, será prestada «*homenagem aos pugilistas que mais se destacaram na década de oitenta, uma das maiores e mais espectaculares da história do boxe*», refere um comunicado do Conselho, assinado pelo seu presidente, o mexicano José Sulaiman. Nessa festa serão entregues menções de honra aos dez melhores pugilistas da década: Larry Holmes (EUA), Roberto Duran (Panamá), Marvin Hagler (EUA), Júlio César Chavez (México), Michael Spinks (EUA), Salvador Sanchez (México), Tommy Hearns (EUA), Azumah Nelson (Ghana), Jungkoo Chang (Coreia do Sul) e Jeff Fenech (Austrália). Uma classificação aliás extremamente discutível...

Ninguém esqueceu



José Santa Camarão: desde Ovar aos ringues dos Estados Unidos, para terminar como bombo de festa em espectáculos de luta livre. Um campeão que foi marioneta nas mãos de empresários sem o menor escrúpulo



Max Schmeling: as lutas entre as doze cordas tornaram este homenzarrão um ídolo de duas gerações especialmente pelo modo como sabia derrubar adversários de alta classe, após metódico estudo das suas pequenas fragilidades

Cassius Clay: correu mundo mostrando a potência dos seus murros, enquanto desfilava com belíssimas mulheres. Em plena Praça Vermelha (Moscovo) deu autógrafos à juventude da União Soviética, que o considerou o maior pugilista da década de 80

Houve pugnas verdadeiramente inesquecíveis, como a luta entre Johnson e Jeffries (4 de Julho de 1910) em que o chamado «paladino da raça branca» foi batido por Johnson em 15 assaltos (cada assalto tem três minutos). Ou a esgrima de punhos entre Georges Carpentier e Gunboat Smith, que terminou ao 4.º assalto, quando o estilista francês arrebatou o título de «campeão da raça branca». Mais: o embate entre o vitorioso Jess Willard e Jack Johnson, a 25 de Abril de 1915, em Havana (Cuba) que findou ao 26.º assalto, com os contendores completamente arrasados e desfigurados. Ainda aquele combate onde Jack Dempsey («o matador de gigantes», como dizia o cartaz) *arrumou* Jess Wilard em Toledo (Ohio) a 4 de Julho de 1919. A fulminante vitória de Carpentier sobre Joe Beckett (em 74 segundos) ou o triunfo de Marcel Cerdan sobre Agostinho Guedes, a 20 segundos do início do embate, que se processou no Coliseu dos Recreios e colheu meia plateia ainda à procura de lugar para contemplar o espectáculo.

«Dossier» boxe

Quando o «gong» toca

cont. da pág. 23

nável legião de famosos que cantaram (ou calcaram) aquilo que viam nos ringues.

Morte como meta

A mais popular revista mundial de pugilismo («The ring») que se edita nos Estados Unidos, fornece o número: mais de 650 «boxeurs» morreram em consequência dos golpes recebidos no ringue. E essa marca fica muito aquém da realidade, pois há centenas de outros cultores da nobre arte que não morreram entre as doze cordas ou nas horas sequentes a um combate mas acabaram por acumulação de lesões cerebrais.

É a partir dos anos 40 que a medicina começa a debruçar-se seriamente sobre o boxe, a expor (sem paninhos quentes) o que acontece na cabeça de um homem depois de uma sova em cada luta. Evidente que nem todos estarão de acordo em definir o boxe como um desporto brutal, que provoca mortes em torrente. Os defensores do pugilismo (estou aqui a recordar o escritor Romeu Correia, que também foi um praticante de estirpe) afirmam a pés juntos que, quando um «boxeur» morre vítima de golpes produziu-se um acidente, exactamente igual aos que acontecem em outros desportos. Contudo, aqueles que insistem em considerar o boxe uma violência sem dimensão, não alinham pela justificação de que é um desporto-evasão ao alcance da rapaziada arruaceira que, obrigada depois a respeitar a lei que rege a nobre arte do murro, encontra uma válvula de escape e torna-se cidadão exemplar. O boxe é (sinteticamente) a esgrima entre duas fúrias: dinamite em cada punho, uma broca que tenta trilhar a face contrária, rasgar o fígado do opositor, martelar os maxilares, corroer o estômago do antagonista. Tudo se configura para que a morte no boxe seja um fim bestial. Para ser notada de modo evidente, degrau a degrau, com um enredo deliciando as plateias, cada posição do homem a abater longamente digerida. «*Uma lição parva da psicologia fúnebre da sociedade. Um 'boxeur' que dorme para sempre depois de um KO será muito mais recordado que todos os milhares de homens, mulheres e crianças que morrem numa guerra qualquer, numa fome que golpeia irremediavelmente muito baixo*« (cito ainda Hernandez Estevez que recorda aquilo que denomina de «mortes históricas»).

E vem um extenso rol, escapando-lhe todavia a lembrança daqueles que sonharam com a glória e com a fortuna e que despertaram em outro mundo com as mãos vazias e sem nunca terem sido passeados em ombros.

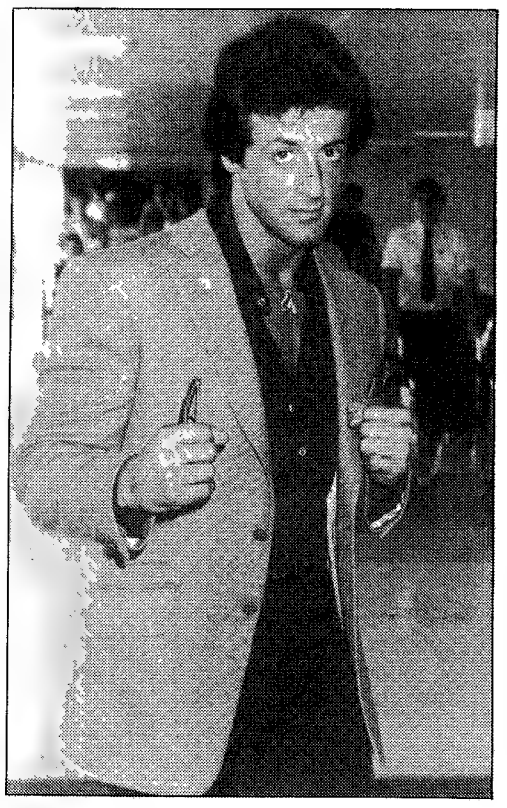
•

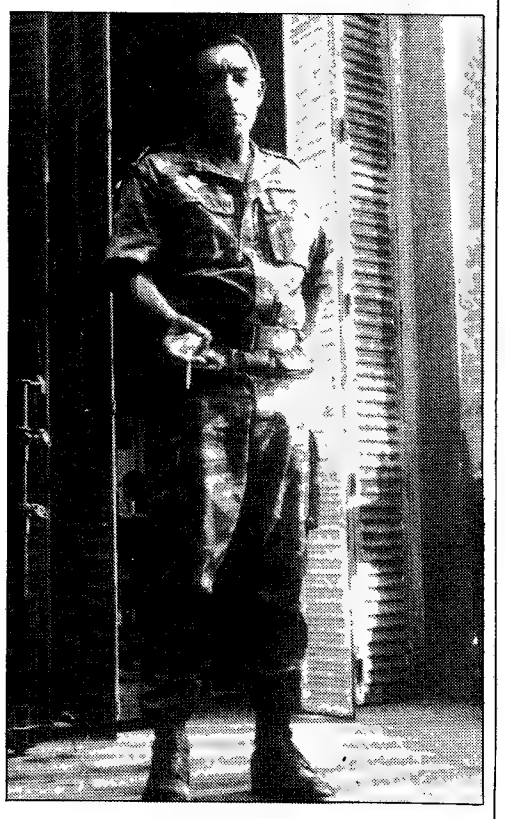
Andava-se por 1963 e aconteceu uma das mortes que mais polémica causou no mundo do boxe: a vítima foi Davey Moore, a quem Sugar Ramos deixou KO por muito mais tempo que a contagem regulamentar. Um ano antes, outro solitário pugilista morreu em pleno quadrilátero enresinado: chamava-se Kid Paret e o seu rival, o outro cidadão que o abateu (Elime Griffit) acabou os dias num manicómio, enlouquecido ao peso de remorsos.

A morte ronda sempre as arenas, os autódromos, muito especialmente os ringues. Praticamente, todos os países (desde a Tailândia a Portugal, do Canadá à Argentina, do Quénia ao Japão) têm sido testemunhas de consequências trágicas de combates de boxe. Todas as raças, todas as nacionalidades, estão presentes na macabra «hit parade» dos lutadores sobre o ringue. Nomes em profusão: Gino Verdinelli, Ali Sert, Jacob Sejersen, Samuel Shabala, Tormo, Rodriguez, Melero, Victor Romero, Johnny Owen.

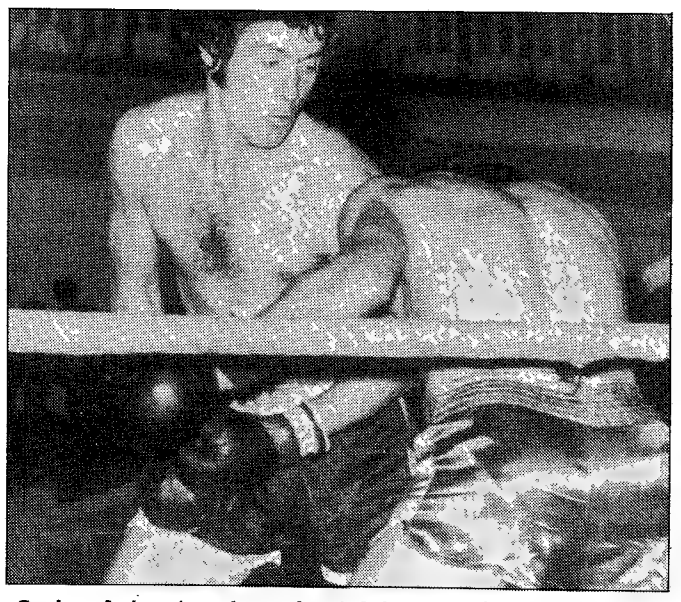
Ou, por exemplo, Harlan Hossier. Estava-se em 1980 e esse rapagão tinha sido o vencedor de um torneio realizado na Virgínia (EUA) entre grande fanfarra, muita gritaria e bom volume de apostas acreditando que se estava perante um futuro campeão mundial. O organizador do certame resolveu entregar o troféu ao triunfador, ali mesmo, no ringue:mal estendeu as mãos para receber o prémio, Harlan caiu no chão. Tinha morrido. O que despertou maiores críticas dos que não querem ver o boxe com lente deformada não foi o facto de ter falecido mais um pugislista: mas sim porque esse «boxeur» já tinha disputado 21 combates ante adversários mais velhos e acabara de completar, na véspera da sua efémera glória, apenas 13 anos de idade.

EFE / Neves de Sousa





Silvester Stallone (a agressividade) e Anthony Quinn (a dureza) interpretaram películas em que o boxe surge desvendado nas grandezas e misérias



Carlos Anjos (o «dourador») foi, nos inícios dos anos 70, um dos portugueses com mais arte sobre os ringues, esquivando à boa maneira de Belarmino mas com superior potência de soco

Esgrima de punhos

Os golpes, para se considerarem regulares, devem ser aplicados com a parte da luva que cobre os dedos nas falanges e atingirem qualquer parte do corpo acima da linha de cintura, excepto as costas, nuca e região occipital. Para reduzir o efeito dos golpes, tanto no corpo dos alvejados como nas mãos dos atacantes, empregam-se luvas chumaçadas com algodão ou crina, cujo peso oscila entre quatro a 12 «onças» (cada «onça» equivale a 28,35 gramas). Os golpes empregados durante os combates podem ser diferentes e variados mas reúnem-se em duas categorias distintas: os socos que se executam com o braço estendido («jaba», directos) ou com o braço curvo («uppercuts», «hooks», «crosses» e «swings»). Para facilitar a compreensão digamos que «uppercut» significa golpe dado de baixo para cima, um «hook» é o golpe aplicado com o braço curvo (estando o cotovelo abaixo ou acima do nível da mão) o «cross» é o golpe que atravessa sobre o braço do antagonista e o «swing» é o sôco que tem trajectória pendular e balanceada.

Torneio Cidade de Lisboa em cartaz

Interesses aventureiros no refugar do futebol

Não se questiona se Sousa Cintra, quando pensou em organizar um torneio internacional de futebol, agiu com o propósito de manter a equipa profissional no seu clube em contacto com congéneres da alta roda europeia, visando objectivos futuros, ou se, na ideia, estaria apenas o lucro imediato. Tão pouco cuidamos de saber se João Santos, Gaspar Ramos, Jorge Brito, Luís Tadeu e demais parceiros da liderança benfiquista, ao aderirem à participação conjunta com o vizinho de Alvalade (em confronto com as poderosas formações holandesas) tiveram o cuidado bastante para ajuizar se os «contras» superavam os «prós».

Julgamos que, uns e outros, fizeram avaliação apressada: os resultados aí estão. Na Luz, onde frente a frente se situavam elencos requintados e servidos por «vedetas» de várias estrelas, estiveram presentes umas dezenas (ou centenas?) de polícias, uma dúzia de «gandulas» sempre lestos no apanhar da bola saída fora das linhas do palco, mais umas dezenas de profissionais (jornalistas, funcionários dos bares, arrumadores e outros) e, quanto a espectadores arrastados pela programação, poucas centenas que, ao sair do estádio, certamente que prometeram não voltar a cair em semelhante armadilha.

Este tipo de torneios são necessários e terão êxito, desde que organizados em obediência a preceitos determinados pelo «marketing», e os «experts» há muito que os instituíram na fase de pré-temporada. Sabe-se porquê! aqui ao lado, para lá de Elvas, a norte de Valença ou a leste da Guarda, não há cidade que, nos meses de Julho e Agosto não brinde o público com excelentes espectáculos desportivos, feitos por «elencos» formados por artistas de valia inferior àqueles que estiveram na passada terça-feira no anfiteatro da Luz, dos que esta noite estarão em Alvalade e, na próxima semana, voltam a continuar em cena. Naturalmente que não sabemos quantas pessoas irão logo à noite ao «solar dos leões» observar a evolução dos holandeses do Ajax e do PSV, mas certamente que a «multidão» será inferior àquela que estaria presente se o torneio fosse programado para tempo oportuno.

Esqueceram-se, os gestores dos clubes, que o período escolhido poderá servir aos clubes visitantes considerando que o campeonato no seu país entrou em fase de pausa provocada por questões climatéricas, e que lhes interessa manter os jogadores em actividade. Só que, tanto Eriksson como o seu colega Raul Águas, naturalmente que vetariam a realização do torneio que, queiramos ou não, coloca na ponta da espada o prestígio da colectividade e, no fio da navalha, a sua própria dignificação profissional.

Dir-nos-ão que a prova permitiu a contrapartida pela entrada de uns milhares de contos nos cofres dos clubes. Certo. Mas o respeito para com os espectadores que são ludibriados pelo cartaz? E os riscos advindos pela denúncia do fracasso do espectáculo? E o descrédito internacional? Será que João Santos e Sousa Cintra terão estado atentos ao que tem vindo a ser noticiado pela imprensa holandesa? Espectáculos para preencher o tempo que se façam, mas com as portas dos estádios sem controladores.

Devem os dirigentes dos clubes do futebol profissional evitar os interesses aventureiros no refugar do futebol, para evitar que o espectáculo degenere em indigestivo cozinhado.

Alves Henriques

Holandeses trabalham no Jamor. Benhaaker (técnico do Ajax) e Gerets e Vanemburg (do PSV)

Como vai o futebol italiano

Televisão e violência afastam o público

O Campeonato Italiano de Futebol continua em acentuado declínio, expresso na diminuição de receitas, de espectadores e de interesse. Considerado como o «melhor campeonato do Mundo», o «cálcio», onde participam os melhores futebolistas da actualidade, movimenta (nas bilheteiras) uma verba calculada em 4,6 milhões de dólares (cerca de 700 mil contos).

A circunstância de estarmos muito próximo da fase final do «Mundial» poderá explicar a retracção do público, poupando agora para gastar depois, mas o acréscimo de violência nos estádios é argumento vincado por muitos dirigentes do mesmo modo que o elevado número de jogos transmitidos directamente pela televisão é tese por outros sustentada para explicar a ausência de mais público nas bancadas.

Para Paolo Borea, presidente do Sampdoria, «o futebol está transformado, cada vez mais, num espectáculo televisivo e isto é dramático podendo ser fatal para a modalidade».

As grandes «estrelas» do «cálcio», além da sua função de futebolistas, descobriram um outro filão, ao assinarem contratos milionários como comentadores das diversas estações de Televisão. Jogadores como Diego Maradona, Gianluca Vialli, Walter Zenga e Franco Baresi, são, frequentemente, pagos a peso de ouro, para comentarem jogos do campeonato inglês, alemão e espanhol transmitidos em directo pelos numerosos canais privados.

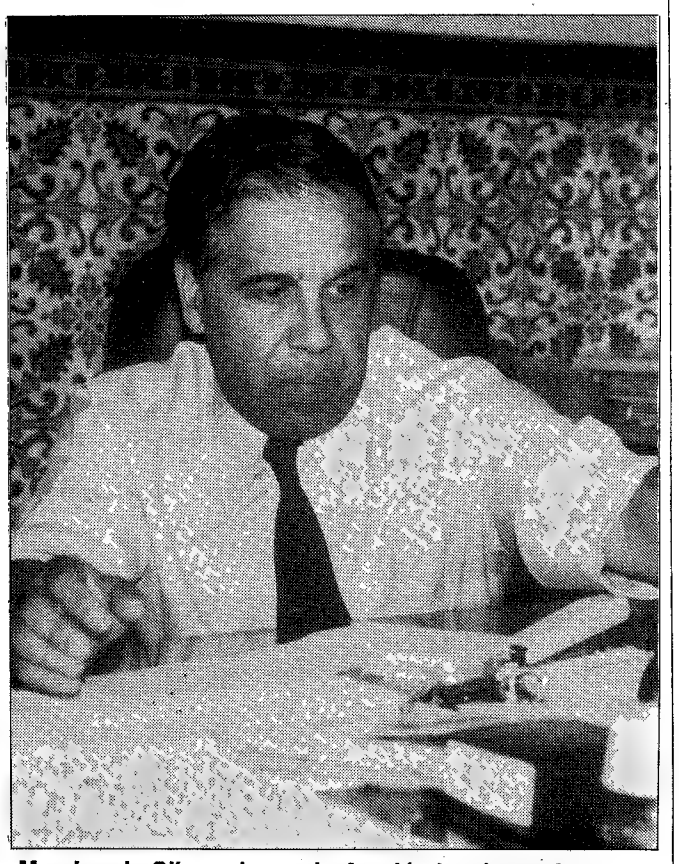
Como principal beneficiária do futebol, a Televisão é também generosa nas suas contrapartidas. A RAI (Televisão oficial) disponibilizou, esta época, 46 milhões de dólares (cerca de sete milhões de contos) para deter os direitos de cobertura e distribuição de todos os jogos do campeonato e, com este investimento, a televisão aumentou substancialmente as suas audiências, mas os estádios começaram a ter cada vez menos público, com a inerente diminuição pelo interesse dos jogos. Os números são esclarecedores: esta época, ao fim de 17 jornadas, calcula-se que tenham sido vendidos cerca de quatro milhões de bilhetes, ou seja, menos 500 mil do que o previsto.

A par da televisão, a violência vem sendo também apontada como a grande causadora pelo afastamento dos «tiffossi» das bancadas dos estádios e, segundo Constantino Rozzi (presidente do Ascoli), «a violência é culpada pela diminuição do interesse do campeonato destacando a necessidade dos clubes investirem na criação da sua própria segurança privada», enquanto Sacchi (técnico do Milão) afirma: «A violência nos estádios é um drama terrível que terá de ser vencido, sob pena de constituir a morte do próprio futebol».

Como vai a taça

Nos quartos-de-final da Taça de Itália, verificaram-se os seguintes resultados: Atalanta, 0 - Messina, 0; Roma, 3 - Ascoli, 0; Bolonha, 3 - Fiorentina, 2; e Sampdoria, 2 - Pescara, 1.

Lusa/«DL«



Mendes da Silva: «lugar da Académica é na 1.ª Divisão»

«Briosa» em tempo de ressurgimento

Viva a Académica! Salvé a «Briosa»! São gritos vibrados por Mendes Silva, Raimundo Traça, Dias Loureiro e mais um vasto punhado de saudosistas dos tempos idos. Mendes Silva é o futuro presidente da «velha» e prestigiosa Associação Académica de Coimbra, com acto de posse marcado para o dia 12 do corrente, substituindo, no «cadeirão do executivo», o eng.º Jorge Anjinho, enquanto Dias Loureiro rende Almeida Santos na Mesa da Assembleia Geral e Raimundo Traça (o homem que se distinguiu nas viagens ao Zaire para apurar a verdade sobre o caso N'Dinga) ocupará o lugar de presidente do Conselho Fiscal.

Académica (Organismo Autónomo do Futebol) que se deseja retorne, a curto prazo, ao escalão maior do futebol português para que ressurja na velha cidade a mobilização da boa gente de Coimbra que, penosamente, comunga a descrença em cada esquina da Lusa Atenas.

É tempo de atirar ao Mondego, com a lamúria e fazer ressurgir o gozo lúdico como muito bem disse, em tempo recente, o nosso estimado companheiro Soares Rebelo (Diário de Notícias).

Mendes Silva, Dias Loureiro e Raimundo Traça, mais os seus parceiros dos diversos órgãos sociais (ainda que eleitos por cerca de três centenas dos oito milhares de associados) já lançaram o brado do alerta. Importa acabar com a descrença que vai da cidade a todo o distrito. Remotivar Coimbra é a palavra de ordem, com todos envolvidos na irreverente mística dos tempos de Tibério, José Antunes e Faustino, de Bentes e «Nana», de capela e Branco, Castelo e Gil, Maló e Marques, Mário e Vítor Campos, Gervásio e Rui Rodrigues, Artur e Toni, Vieira Nunes e Crispim, Oliveira Duarte e Melo. Basta de nomes, porque foram muitas as centenas de estudantes/atletas que durante décadas cobriram de orgulho a história «Briosa».

Mendes Silva já lançou o grito: «*o lugar da Académica é na 1.ª divisão nacional, pelo que importa criar condições para que tal aconteça*». Necessário se torna que responda cada um dos oito mil associados da histórica e lendária colectividade coimbrã. Eles, todos os adeptos, porque a Académica é clube de milhares.

O futuro da nobre colectividade começa agora: e todos sabemos de onde deriva o seu enraizamento e para onde brota a sua romagem.

Mendes Silva, Dias Loureiro, Raimundo Traça, Emília Coroa, Vítor Campos, Mário Campos, Vasco Gervásio e demais parceiros dos órgãos sociais têm um programa que pretendem cumprir: só que não lhes será possível fazê-lo, se não forem acompanhados, empolgados e estimulados por todos quantos passaram um dia pela velha universidade, se habituaram às saudosas «repúblicas» e, aos domingos, faziam ecoar o brado no Calhabé.

O acto de posse dos novos dirigentes está marcado para o dia 12 do corrente e nenhum «português de Coimbra» poderá continuar indiferente ao futuro da Académica. O futuo já começou. FRA! FRA! FRA! Viva a Académica!

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: - céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Períodos de chuva ou nevoeiro durante a manhã.

Regiões do Sul: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco de Noroeste. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco de Nordeste. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação Sidpeste de 1 metro.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado, soprando fraco no Funchal. Agaceiros fracos a partir da tarde nas vertentes voltadas ao Norte.

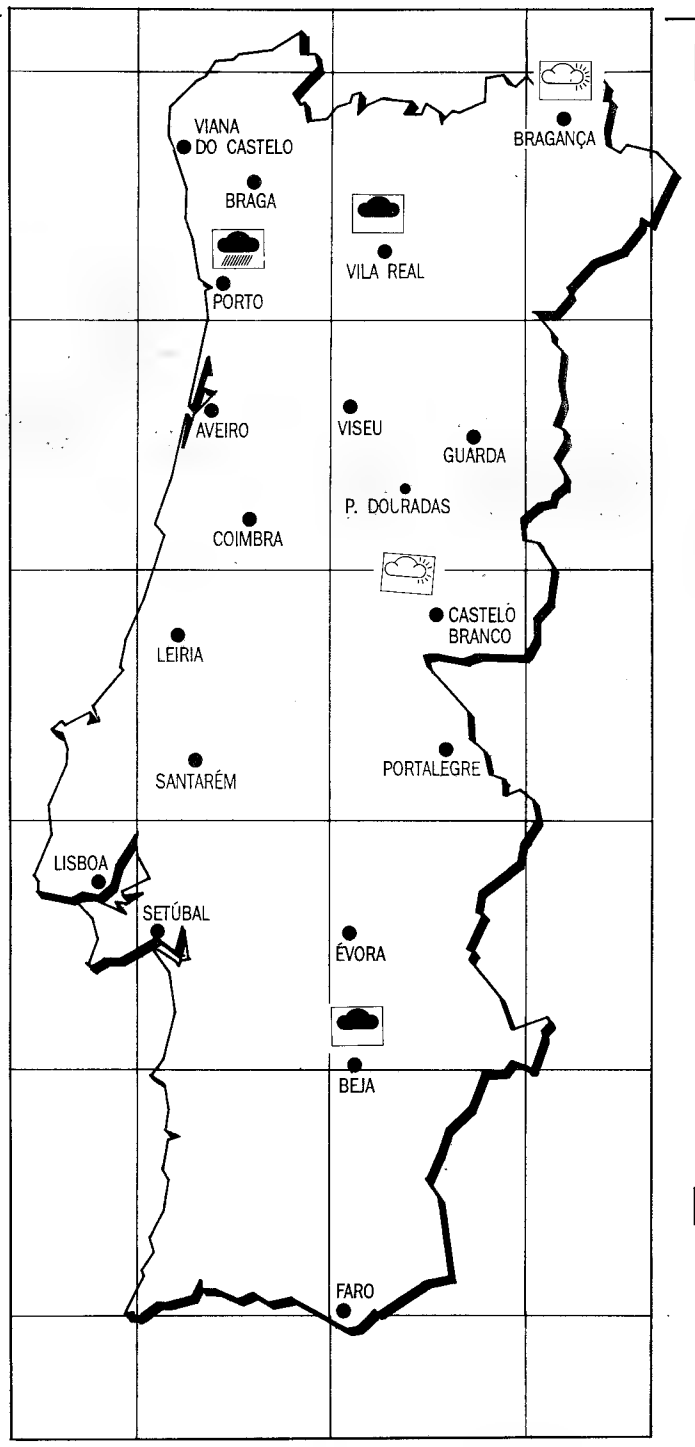
Depois de amanhã: - céu geralmente muito nublado. Vento Nordeste moderado a forte, soprando fraco no Funchal. Aguaceiros fracos durante a madrugada e manhã nas vertentes voltadas ao Norte.

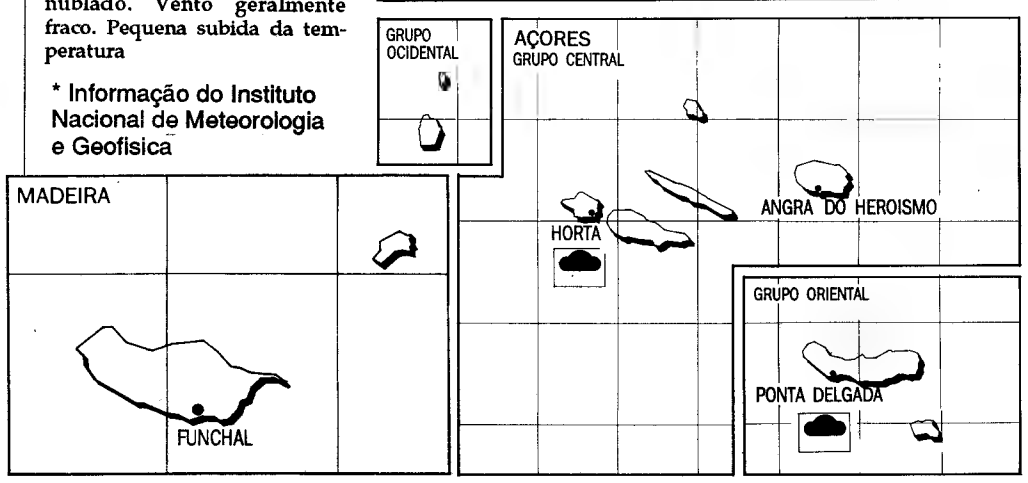
AÇORES

Em todos os grupos: - Períodos de céu muito nublado.Vento Noroeste moderado,soprando com rajadas. Aguaceiros em especial no Grupo Oriental. Pequena descida da temperatura. Mar cavado com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.

Amanhã: - Grupo Ocidental: - céu geralmenre muito nublado. Vento Sudoeste moderado.Períodos de chuva fraca.Pequena subida da temperatura. Grupos Central e Oriental: -Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Pequena subida da temperatura

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

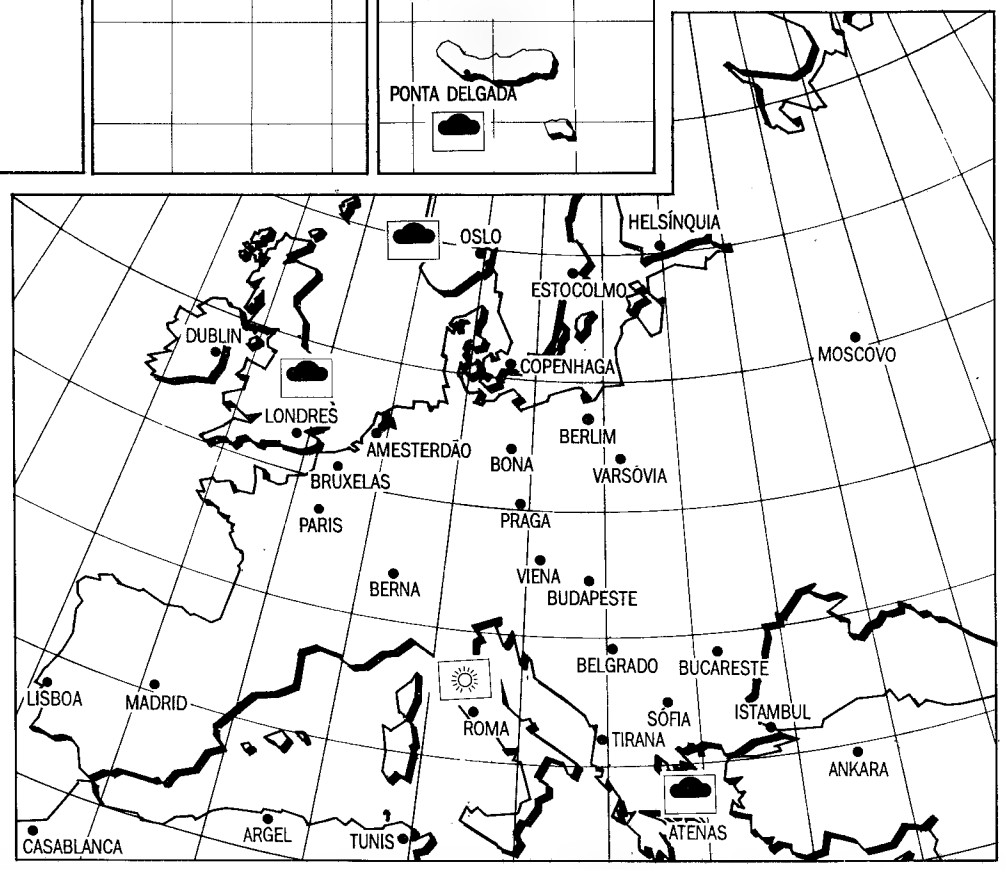
MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.00	3,3m	02.27	1,4m
21.44	3,2m	15.09	1,3m

Amanhã

10.18	3,3m	03.45	1,4m
23.03	3,3m	16.24	1,3m



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	4	4	Nevoeiro
V. Castelo	10	11	Chuva
Vila Real	6	6	Neblina
Porto	9	10	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	9	10	Encoberto
C. Carvoeiro	12	13	Encoberto
C. Branco	7	7	Neblina
Portalegre	7	7	Chuva
Lisboa	11	11	Nevoeiro
Évora	9	9	Encoberto
Beja	9	9	Nevoeiro
Faro	10	10	M. nub.
Sagres	11	12	M. nub.
P. Delgada	13	14	M. nub.
Horta	12	12	Aguaceiros
Funchal	12	13	M. nub.
Sines	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 14; Porto, 12, Faro, 16; P. Delgada, 16; Funchal, 18.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	2	2	P. nub.
Londres	3	6	Bruma
Paris	2	2	Nevoeiro
Bruxelas	1	1	Chuvisco
Amesterdão	3	3	Neblina
Genebra	-2	-2	Neblina
Roma	1	1	P. nub.
Oslo	-1	-1	Neblina
Copenhaga	-1	0	Chuvisco
Estocolmo	-2	-2	M. nub.
Berlim	-2	-1	Neve
Viena	-5	-5	Neblina
Varsóvia	-9	-9	P. nub.
Atenas	4	4	M. nub.
Moscovo	-18	-16	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-7	1	P. nub.
Houston	7	13	Aguaceiros
Los Angeles	7	21	Limpo
Montreal	-9	-7	Limmpo
Nova Iorque	3	6	P. nub.
S. Francisco	5	14	Limpo.
Toronto	-6	-3	Limpo
Vancover	6	10	Aguaceiros
Washington	2	6	P. nub.
Hong Kong	8	17	V. fraco
Melbourne	12	28	M. nub.
Pequim	-10	2	Neblina
Perth	15	27	Limpo
Singapura	23	30	Trovoada
Sydney	17	29	P. nub.
Tóquio	3	8	Limpo
Wellington	12	18	Chuva

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

Confirmado o massacre de Song My

ELES VIVEM DO FRIO

GRANDE OPORTUNIDADE OFERECIDA AOS CONCORRENTES: REPETIREMOS A PUBLICAÇÃO DAS GRAVURAS

O massacre de Song My

O senado sul-vietnamita, reunido em sessão plenária, ouviu hoje o relatório da comissão senatorial de inquérito acerca do massacre de Song My, cujas conclusões são formais e contradizem as do Governo: houve massacre e mais de cem civis foram executados por militares americanos em 16 de Março de 1968. O longo relatório redigido pela comissão, que era dirigida pelo senador Tran Van Don, chefe de fila da oposição, concluíu que «o presidente da república do Vietnam deve assumir perante a História e perante o povo a responsabilidade do massacre de Song My» (My Lai segundo os mapas norte-americanos).

Aves na guerra

O Pentágono está a pagar 600 mil dólares anuais á Universidade do Mississipi por um programa de pesquisas baseado na suposição de que «as aves poderão substituir eventualmente os homens em determinadas actividades perigosas, difíceis, dispendiosas ou aborrecidas.»

A crítica elogia Ingrid Bergman

Ingrid Bergman obteve elogios dos críticos norte-americanos pela sua interpretação no filme «Flor do Cacto», que assinala o regresso da actriz, depois de vinte anos de ausência, ao cinema dos Estados Unidos. Segundo o "New York Times", «ter juntado Ingrid e Walter Matthau foi uma verdadeira inspiração.»

EFEMÉRIDES

1876

No Porto, iniciam-se os trabalhos de construção da ponte ferroviária de D. Maria Pia

1895

O físico alemão Willhelm Roentgen anuncia a sua descoberta dos raios-X

1906

Morre o jornalista Alves Correia, fundador do jornal «O País»

1964

O Papa Paulo VI e o patriarca Benedito, de Jerusalém, encontram-se na Terra Santa, no monte das Oliveiras, no que foi o primeiro encontro, em cinco séculos, entre um Papa católico romano e um patriarca da Igreja Ortodoxa

1977

A Imprensa francesa publica a «Carta 77», documento elaborado pela dissidência checa, onde se solicita o estabelecimento da liberdade democrática e o termo das violações dos direitos humanos na Checoslováquia

1980

O ministro português dos Negócios Estrangeiros chama a Lisboa, para consultas, o embaixador de Portugal em Moscovo, na sequência da condenação portuguesa da intervenção soviética no Afeganistão

1984

O Conselho de Ministros determina que será de 1,5 milhões de contos o capital mínimo inicial para a abertura de um banco privado em Portugal

1987

O Conselho de Assuntos Hemisféricos (COHA) revela que os «contras» nicaraguenses foram os maiores violadores dos direitos humanos em 1987

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Alvalade - Pote d'Água: Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5 A-B, Tel. 890131; **Amoreiras - Campolide:** Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Anjos:** Góis, Rua dos Anjos, 12, 12-D, Tel. 8140101; **Areeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Baixa:** Teixeira Lopes, Rua do Ouro, 154-155, Tel. 324816; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **D. Carlos I:** Lys, Rua da Esperança, 17-19, Tel. 660913; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543936; **Sete Rios:** Canto, Estrada Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310810; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 474220.

REFORÇO

Alto Santo Amaro: Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada A - Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria, 16, 98-B, Tel. 688807; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10 - Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Olivais Sul:** Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** D. João V, Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; **São Vicente:** Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 31-37, Tel. 864351; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Permanente; Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. António S. Sá, 50-GE, Tel. 4377619. Permanente; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente.

OUTRAS LOCALIDADES

Moscavide: Pedro Gomes, B.º 25 Abril, Lote 13, Tel. 2519670. Permanente.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Benardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432839. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Modorma:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

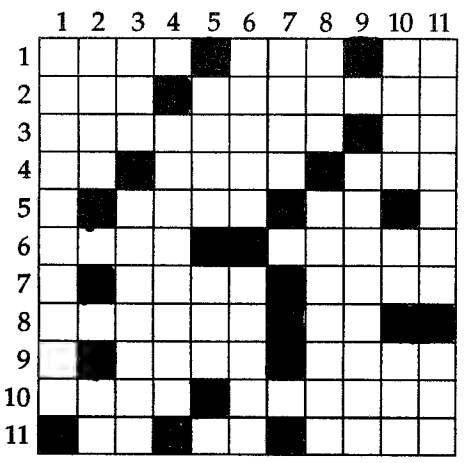
OUTRA BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 290002. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2531192. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, R. General Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente; **Seixal:** Soromenho, P. Paiva Coelho, 38, Tel. 2213560. Até às 22 h; **Moita:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025. Até às 19 h; **Montijo:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel. 2310008. Até às 22 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Coron. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Brasil, P. Brasil, 15, Tel. 24788. Permanente; Costa, R. Misericórdia, 48, Tel. 22760. Permanente; Bairros, R. Rodrigues F. Costa, 27, Tel. 23330. Até às 22 h.

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 766171 766178 766179

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17830

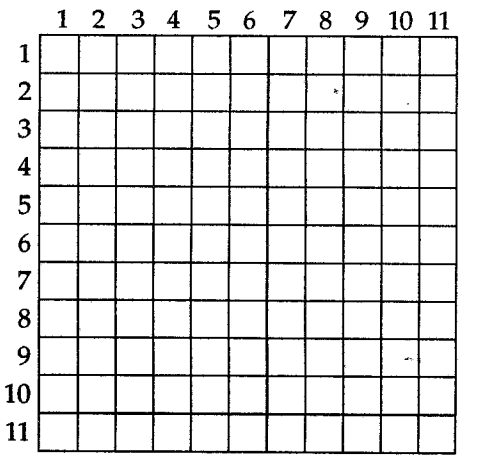
HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Possui. Batráquio.
2 Indiviso. Moles.
3 Ressonância da voz que, num doente auscultado, semelha o balido da cabra. Manuscrito.
4 Seguia. Escavas. Tanto.
5 Amanhã (ant). Concede.
6 Juba (inv). Desrama.
7 Cova. Mil duzentos e um em romano.
8 Presas com elos. Caminhar.
9 Magoava. Ilha do mar Egeu.
10 Nome científico do pato. Cidade da Boémia.
11 Abreviatura de Santíssimo. Nesse lugar. Rates.

VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Fafe.
2 Tambor de honra, usado no Daomé. Nosso Senhor.
3 A estrela da manhã. Doce de coco (pl).
4 Homens que, nas touradas, fazem as pegas.
5 Cratera. Tempo do verbo ir. Artigo definido.
6 Rio da Numídia. Poeta romeno que publicou em Jassi o primeiro jornal romeno.
7 Cidade da Grécia.
8 Triture. Subjugar.
9 Rei da Sicília.
10 Cidade de Itália. Depois de Cristo. Ilha do estado da Baía.
11 Chegai. Preposição e artigo (pl).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16640

HORIZONTAIS:

1 O mesmo que cozinheiro (fig). Exprimem por palavras.
2 Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros. Espécie de tambor indígena.
3 Curso de água natural e abundante. Pronome possessivo. Mãe de Rómulo e Remo.
4 Batráquio. Costurar. Segundo.
5 Transfiro para outro dia. Gelhas.
6 Arara. Isto é. Arsénio (s.q.).
7 Altar cristão.
8 Acorrenta. Pronome reflexo.
9 Letra grega. Preparar.
10 Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Compaixão. Vais para fora.
11 Sadio. Doença que dificulta a respiração. Apelido.

VERTICAIS:

1 Limpe com vassoura. Oportunidades.
2 Despachada. Cidade santa da Arábia.
3 Tanto. Tempo do verbo ir. Preposição e artigo.
4 Artigo definido (ant). Filtra. Zomba.
5 Porco. Brisa. Concede.
6 Sussurramos.
7 Que é do ar.
8 Ouro (s.q.). Rénio (s.q.). Asa.
9 Pátria. Fluído aeriforme. O mesmo que até.
10 Desmontas. Vais para fora.
11 Dais mios. Da Pérsia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17829

HORIZONTAIS: 1 - ÀS. Recamara. 2 - Amarai. Bo. 3 - Amimara. 4 - Em. Ácaro. Ar. 5 - Tarde. Alega. 6 - Égua. Al. 7 - Am. SSS. Pg. 8 - Única. Aar. 9 - Picado. 10 - Atues. DEZ. 11 - Atroas. Cora. VERTICAIS: 1 - METE. NA. 2 - Sa. Magana. 3 - Ma, Ruminar. 4 - Ramada. Cato. 5 - Érice. ~Ua. 6 - CAMA. OS. PÉS. 7 - Aiara. Sais. 8 - Rola. Ac. 9 - Aba. Prado. 10 - Ro. Agag. Der. 11 - Ural. Coza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16639

HORIZONTAIS: 1 - Amaça. Narra. 2 - Marre. Aluir. 3 - Acuar. Damas. 4 - Dá. Votas. Si. 5 - Ba. És. 6 - Virar. Oca. 7 - Pia. Gravata. 8 - És. Ciaram. 9 - Ras. Orara. 10 - Arão. Em. Dor. 11 - Samo. Ma. Aló. VERTICAIS: 1 - Amada. Peras. 2 - Maçã. Visara. 3 - Aru. Bia. Sam. 4 - Cravar. Oó. 5 - Aero. Agia. 6 - Terra. Em. 7 - Nadas. Aroma. 8 - Alas. Ovar. 9 - Rum. Acamada. 10 - Rias. At. Rol. 11 - Ársis. Ácaro.

PROVÉRBIO: ÀS DEZ, METE NA CAMA OS PÉS.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões (2.ª edição) - Informação; **17.15:** Porto d'Abrigo - RDP Norte

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** A Europa dos Doze.; **20.30:** Musical; **21.00:** Passos Perdidos - Actualidade Parlamentar (Informação); **21.30:** Livre e Directo (Desporto); Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.00: Dicionário Sonoro do Teatro; **17.30:** Sonata para Violino e Piano n.º 1, op. 80, de Prokofiev; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As 10 Sonatas de Scriábine, para piano; **19.26:** Álbum Musical. - Obras de Stravinsky, Satie, Ravel e Britten; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Canto Primeiro; **21.25:** Música de Hoje. - Obras de Iannis Xenakis, Stockhausen e Philip Glass; **22.00:** Música Antiga de Mozart e Haendel; **23.00:** Espaço Sinfónico. - Sinfonia n.º 2 em dó menor «Ressurreição», de Mahler; **00.30:** Concerto de Câmara. - Obras de Debussy e Beethoven; **01.30:** Canções Orquestrais Inglesas; **02.00:** Até às 08.00 horas Música na Madrugada em Disco Compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

14.00: Não há duas sem três; **17.00:** Contacto; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 24.ª Hora.; **01.00:** Fantástico; **02.00:** Serviço Nocturno. - Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97,4 MHz

15.00: Casa da Música; **16.00:** Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morrison Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

16.00: Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rosselini.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Filme de Robert Zemeckis com Michael J.Fox e Christopher Lloyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II
Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
COMO O CÉU SE ENGANOU
Filme de Emile Ardolino c/ Cybill Shepperd e Robert Downey.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Um filme de Robert Zemeckis.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
PERIGOSA SEDUÇÃO
Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
O MEU AMIGO MAC
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

Regresso a Viena

Em exibição na sala 3 Quarteto — Filme qualidade — M/12 anos

A SENHORA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
COMO O CÉU SE ENGANOU
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
OS HOMENS NÃO CHORAM
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
O BAR DA BORGA
Hard-core-1ª escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
MORTO À CHEGADA
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434773
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
BATMAN
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maires de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
O ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyid.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
O APELO DO AMOR
Com Brian Keith e Alexandra Paul
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
ESTRANHA ATRACÇÃO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO do T.N.S. CARLOS
Direcção Artística de ARMANDO JOSÉ

COPPÉLIA
(Bailado em 3 actos)

DEZEMBRO, 22, 27 e 28 (21.00 h), 23 e 30 (16.00 h)
JANEIRO, 4, 5 e 6 (21.00 h), 7 (16.00 h)
no
Teatro Municipal de S. Luiz

Coreografia: JOHN AULD,
segundo A. SAINT-LEON,
M. PETIPA e E. CECCHETTI
Música: LÉO DELIBES
Argumento: CHARLES NUITTER
e ARTHUR SAINT-LEON
Cenografia e Figurinos: PETER FARMER
Luzes: DAVID MOHR

ARTISTAS PRINCIPAIS
ADELINE CHARPENTIER,
DIDIER CHAZEAU (22, 23, 27, 28, 30)
CRISTINA MACIEL, PATRICK ARMAND* (4, 5, 6, 7)
JOHN AULD** (22, 23, 28)

BILHETES À VENDA: Bilheteira do Teatro Municipal de S. Luiz
AGÊNCIAS: ABEP e ALVALADE.

* Artista convidado
** Participação especial

Preço máximo: 1 650$00
Preço mínimo: 500$00

Apoio da Câmara Municipal de Lisboa
Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de S. Carlos
Dia 28 — Espectáculo para o "Metropolitano de Lisboa", E.P.

APOIOS: RTP / antena 1 / Rádio Comercial / Correio da Manhã

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30
★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA
TEXTO NATALIA CORREIA
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
MÚSICA JOSÉ MÁRIO BRANCO
2.º MÊS

A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

APOIOS • PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE • FNAC • CABELEIREIRO CITY • RÁDIO COMERCIAL • ANTENA 3 • DIÁRIO DE NOTÍCIAS •

PRAÇA DE ESPANHA T.726 0818
Subsídios - Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

CARTAZ

Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
COMO O CÉU SE ENGANOU
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
TAP-A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Dick Castle
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
LAS VEGAS ZONA DE PERIGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
FÉRIAS DELIRANTES NO HAWAI
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
TAP - A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Nick Castle.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00 e 24 .00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIANA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
O ÁS E O JOKER
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A MOSCA II
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
O PRISIONEIRO
Maiores de 16 anos

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Mairoes de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
SALA 2
CYBORG
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
SALA 3
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
REGRESSO AO RIO KWAI
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
AS VOZES DA IRA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CAÇA FANTASMAS PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALMADA

A C A D E M I A ALMADENSE
Telef. 2752127
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO

LISBOA

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45; Domingos e feriados às 16.00 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas com Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

A BARRACA - CINEARTE
Largo de Santos, nº2 - Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

TEATRO DO CASINO DO ESTORIL
Telef. 2684521
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
(Curta série de representações)
De Edward Bond com Fernanda Alves e Isabel de Castro

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Domingos às 17.00 horas.
PÉCORA de Natália Correia.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas; Domingo às 16.00 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO DA POLITÉCNICA
Rua da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingo às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª à 5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados às 16 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Encenado por Mário Viegas.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

CIRCO CHEN
Campo Pequeno
O MUNDO DAS MARAVILHAS
Últimas exibições no Domingo às 15.00, 17.30 e 21.30 horas

FEIRA POPULAR
Irmãos Cardinali, apresentam o circo Gigante das 3 pistas.
Últimas exibições no Domingo às 15.00 e 21.30 horas.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII de D. João V à Revolução Francesa

CARTAZ

PALÁCIO FOZ: por ocasião dos 150 anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal, a Lusa apresenta uma exposição comemorativa.
PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 10 de Janeiro, "Coco Frois David".
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 6 de Janeiro, Joalharia Contemporânea e obras de Ângelo de Sousa.
GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): até 7 de Janeiro, uma exposição de peças únicas em cristal superior da designer Niza de Melo Falcão.
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 ás 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon
GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarda.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, FernandoAnçã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.
GALERIA EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.
GALERIA MULTIFACE (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.
GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 6 de Janeiro, Cerâmica de Miguel Figueiredo.
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.
GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23): até 20 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, «Arremessos», Pintura-Video-Instalação de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu.
HOTEL ALFA LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.
HOTEL MERIDIEN LISBOA (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mouga.
GALERIA MÓDULO (Cª dos Mestrs, 34-A): até 4 de Janeiro, Pintura e Desenho de Pedro Saraiva.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pª Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.
GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20 horas, desenhos de Maria Soares

«Arremessos» de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu, na Galeria Novo Século

GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 8 de Janeiro, a exposição de Fotografia "O modelo visto pelos pintores", de Hervé Dangla.
GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
CASA DO HUMOR (Museu Raphael Boldallo Pinheiro-Campo Grande, 382): Encontro Luso-Brasileiro de Humor - caricaturas de artistas brasileiros e portugueses.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.
GALERIA NASONI/ LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): até 7 de Janeiro, Pintura de João Vieira.
GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.
POLIGRUPO/ RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): pintura e escultura de Lívio Morais.

ARREDORES

CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 7 de Janeiro, das 15 às 24 horas, o "Salão de Pequeno Formato. No Espaço 2, até 2 de Janeiro , com o mesmo horário, óleos do artista espanhol Manuel Pardo.
ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Janeiro, Pintura de Maria Filomena.
PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): até 6 de Janeiro, Pintura de João Viola subordinada ao tema "Verdes do Outono de Sintra" no Espaço "Ucharia Real".
GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.
HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
BIBLIOTECA PÚBLICA DE ALMADA: até 6 de Janeiro, uma exposição dedicada a nova joalharia, promovida pela Escola/ Galeria Contacto Directo em colaboração com a Câmara de Almada.
GALERIA DE SANT 'IAGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.

MARQUE JÁ A SUA MESA!!
TELEFONE 325140
3.ª a SÁBADO — 21.30h
SÁBADO e DOMINGO — 16h

UM ESPECTÁCULO PARA AMAR E DANÇAR DEPOIS!!

O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA

ENCENAÇÃO DE MÁRIO VIEGAS

«Assenta essencialmente nos actores Juvenal Garcês (Estica) e Eduardo Firmo (Bucha)... em ambos, uma entrega total, por vezes rodeada de humor esfusiante» — **F. MIDÕES** — D. Notícias

«Os espectadores não vão esquecê-lo tão cedo» **J. Lima Alves** — expresso

«Imaginativo e divertido» — **TITO LIVRO** — capital

Ritz Club p/todos
Rua da Glória 57
Lisboa

TEATRO DA POLITÉCNICA ♦ MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL ♦ MUSEU BOCAGE

D. JOÃO E A MÁSCARA

UMA FÁBULA TRÁGICA DE ANTÓNIO PATRÍCIO

ENCENAÇÃO MÁRIO FELICIANO
CENOGRAFIA MANUEL GRAÇA DIAS EGAS José VIEIRA
FIGURINOS HILDA PORTELA
MÚSICA ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA
LUZES ORLANDO WORM
PROJECTO GRÁFICO DIOGO VIEIRA ANDRE ROSÁRIO
FOTOGRAFIA HENRIQUE CRAVET

COM EUNICE MUÑOZ JOÃO GROSSO
ESTRELA NOVAIS RUI PEDRO FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA GARMEN SANTOS ILDA ROQUETE MARQUES D'AREDE PAULA MORA JORGE SEQUEIRA JOÃO CARRAL MARGARIDA MARINHO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ♦ CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA ♦ FUNDAÇÃO ORIENTE ♦ UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA LUÍS DE CAMÕES
COLABORAÇÃO DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II
COLABORAÇÃO DO TEATRO NACIONAL S. CARLOS

3.ª a sábado às 21.00h
Domingo às 16.00h

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA
1200 LISBOA
TELEFONE 67 44 74

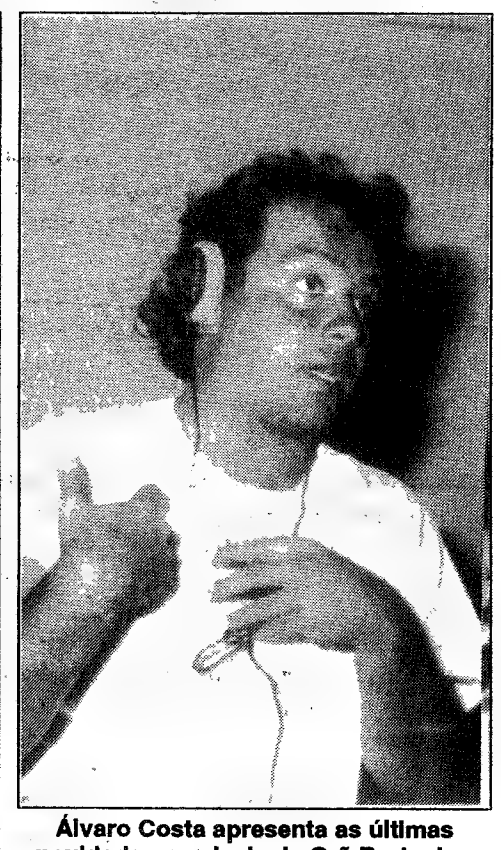
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Nesta edição, os mais pequenos podem assistir a mais episódios de «Virgul», «A Idade da razão» e «Um Olhar sobre o Mundo», uma série dedicada a crair nos jovens o gosto pela protecção do ambiente e o prazer das actividades ao ar livre. Destaque ainda para as vidas e os amores dos adolescentes de «Fifteen».
18.30 - RUA SÉSAMO
45º episódio: após se passarem mais algumas palavras pela letra C, segue-se um espaço dedicado às formas geométricas. O Poupas e o Ferrão animam como habitualmente o programa, que vai abordar também a profissão de guarda de Jardim Zoológico.
18.55 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.11 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.20 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.25 - VALE TUDO
21.15 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
De volta uma série documental já conhecida dos telespectadores, cujo título do episódio de hoje é «Descendo o Vouga». É um itinerário marcado pelo Rio Vouga e a Ria de Aveiro. Em foco, os aspectos paisagísticos e as actividades tradicionais das populações ribeirinhas.
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
15º episódio: Jim Phelps e o seu grupo rebem como missão deter lord Holman, um membro abastado da Câmara dos Lordes e que, após implicar elementos do governo inglês em rituais satânicos e assassínios, os submete a chantagem.
22.30 - TELEMUNDO
23.05 - CHEFE, MAS POUCO...
23.30 - 24 HORAS
24.00 - REMATE
00.10 - PELA NOITE DENTRO
«O Julgamento de Jean Harris»: este telefilme narra a história de Jean Harris, uma directora de escola acusada de ter morto Herman tarnower, seu amante e conhecido cardiologista. No decorrer do atribulado processo jurídico, Jean Harris defende-se alegando que a morte do companheiro resultou de um trágico acidente que ocorreu quando ele tentou impedi-la de se suicidar. Direcção de George Schaefer, com interpretação de Ellen Burstyn, Martin Balsam, Ricjhard Dysart, Peter Coyote, Sara Marshall, Pricilla Morrill.



Álvaro Costa apresenta as últimas novidades musicais da Grã-Bretanha: no 2º Canal, em «Via Rápida» a partir das 9 horas

Às 00.10 no 1º Canal, «Pela Noite Dentro» com «O Julgamento de Jean Harris»

RTP-2

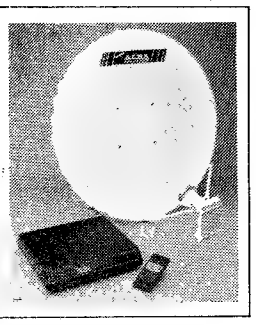
16.55 - 3, 2, 1 CONTACT
15º episódio:
17.25 - UM BILHETE PARA O OUTRO MUNDO
5º episódio
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
12º episódio: Caetano vai visitar Jandira e beija-a à força, mas ela diz que está tudo acabado entre eles. Na casa de Zezé, só existe lugar para a tristeza, na noite de Natal.
18.30 - HAJA MÚSICA
19.25 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina»
20.20 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.45 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
António é finalmente escolhido por Beija, que deixa bem claro que o facto não significa um compromisso.
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ESPECIAL DESPORTO
Resumo do jogo de futebol PSV-Ajax

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.00 - MUSICAL
Solti, dirige Beethoven
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - CAIXA ALTA
16.10 - SESSÃO DA TARDE
«Um Génio de Palmo e Meio»
18.00 - VIVAMÚSICA
18.45 - O MAR E A TERRA
19.10 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
21.30 - CAMA, MESA E ROUPA LAVADA
Teatro
23.25 - MUSICAL
Vicente da Câmara: 40 anos de carreira

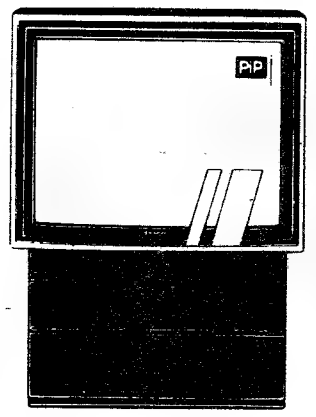
ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



RTP-2

09.00 - VIA RÁPIDA
10.00 - SÉRIE TV 101
10.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
15.00 - DESPORTO
Estádio
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
20.00 - MEU FILHO, MEU FILHO
21.00 - ESTÁDIO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
PELA NOITE DENTRO
RTP 2
DONA BEIJA
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Pronto. Tinha de ser. O Governo já está remodelado. Agora só falta remodelar a governação.»

Vítor Direito, «Correio da Manhã», 04.01.90

A PERGUNTA DO DIA

Machado Macedo bastonário da Ordem dos Médicos

O que pensa da substituição de Leonor Beleza por Arlindo de Carvalho como ministro da Saúde?

«Desejo expressar a confiança no novo ministro da Saúde e declarar que se abre à Ordem dos Médicos uma possibilidade de diálogo responsável, com respeito mútuo pelas instituições, para bem dos doentes, dos médicos e da saúde em Portugal.
A situação em que nos encontramos não parecia ter qualquer solução sem esta mudança.»

Segunda-feira no **Diário de Lisboa**

A crónica de Artur Portela

«A nova aposta da imprensa portuguesa» por Paquete de Oliveira

A sociologia da mudança em suplemento Anos 90

«O futuro sem destino» - entrevista a Edgar Morin

«D. Coiso de São Parlapito» - o cartoon de António Alfredo

O DL SUGERE

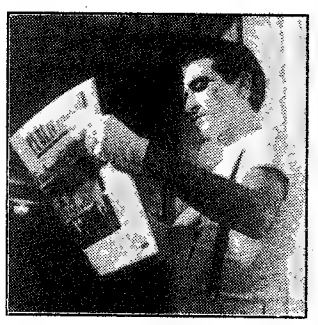
a Américo Amorim
Não perca HAPPY END, espectáculo do Novo Grupo em cena no Teatro Aberto. É uma peça de Dorothy Lane e Bertold Brecht, com música de Kurt Weill. Uma história divertida em que o «bem» e o «mal» se defrontam para se reconciliarem no final através da constituição de um banco, o «Banco Bill & Salvação Geral». Uma instituição que o poderá ajudar na finalização do negócio do ano: a compra do velho cinema Eden. É que o tal banco de «salvação» propõe-se, no seu manifesto, «destruir o património cultural existente (teatros, cinemas, museus, cafés) com vista à construção de novas sedes e filiais em lugares privilegiados»...

às telefonistas da Assembleia da República
Leiam o MANUAL PRÁTICO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, de Fernando Lozano. É um dos muitos manuais do género que tem a utilidade de fornecer pistas para um melhor atendimento do público. Quando se liga para o Parlamento, não raro se fica largos minutos «pendurado» ao telefone aguardando que do outro lado alguém nos dê uma qualquer satisfação. Os deputados nem sempre são fáceis de encontrar, mas isso não é motivo para desleixo e falta de consideração por aqueles que se julgam representados naquela Assembleia.

a Teresa Patrício Gouveia
Vá ver O REGRESSO DO BUCHA E ESTICA, um espectáculo de Mário Viegas, em palco no Ritz Club, em Lisboa. Para descontrair, nada melhor. É uma comédia imaginativa e que decerto a fará esquecer espectáculos tristes que não beneficiam a Cultura. Esperam-na em S. Bento, não no gabinete de Cavaco Silva onde só teve tempo de ouvir que estava substituída, mas na Assembleia da República. Aí poderá continuar a lutar por um orçamento mais gordo para a Cultura.

a José Eduardo Moniz
Não perca o TELEJORNAL da sua RTP. É o principal bloco informativo do País e poder tutelá-lo é de rei. Já o chamam até «rei Eduardo». Aparecer no Telejornal é uma honra de poucos. Daí que muitos se digladiem por uns segundos de antena. Há até um partido político que conseguiu um feito inédito: fazer uma comunicação ao País em directo naquele preciso horário. Provavelmente não deu conta desta conquista. Veja o Telejornal!

a Miguel Sousa Tavares
Leia O PÚBLICO, um jornal diário dirigido por Vicente Jorge Silva. A sua «Sábado» só terá a ganhar. Hoje, esta revista num artigo sobre o lançamento do novo jornal diz que «os semanários que até aqui não tinham concorrente têm agora pela frente um». Mas, a «Sábado», como se diz na publicidade «vai mais à frente». E antes que «O Público» tenha visto ainda a luz do dia, antecipa-se e diz: «*Olha ó Público* , é o novo pregão que já se ouve todas as manhãs». É o risco das antecipações, já sofrido por Nuno Rocha quando anunciou uma reunião do Conselho da Revolução que não viria a acontecer.



Mito-logias

"Fábula aplicada a uma religião politeísta" ... não, não deve ser isto.
"Narração dos tempos fabulosos ou históricos" ... ná, também não me parece.
"Alegoria ,que mostra, sob aspectos fabulosos, os fenómenos naturais, factos históricos, tendências filosóficas; exposição simbólica de factos " ... não, não, não deve ser ainda isto.
"Coisa rara ou totalmente fabulosa" ... talvez, talvez...
"Aquilo que apenas existe na imaginação de pessoas crédulas, coisa inacreditável: 'porque a perfectibilidade absoluta é um mito', Austregésilo, 'Pequenos males'." Isto será.
A Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e o Dicionário de Morais estão de acordo.

"Quem criou o mito da infalibilidade do primeiro-ministro não foi ele, embora o mito exista." António Capucho.

"Também tu, Brutus, meu filho!?" - Júlio César, ao tombar sob os golpes dos seus fiéis.

Diana Andringa

meteorologia

Bom fim-de-semana

Perguntei ao Director: — Sou obrigado a escrever também hoje?
— Faça-me esse favor, respondeu o interrogado com um sorriso tolerante.
— Eu sei que o bom tempo e a chuva se tornaram o meu pão de cada dia útil, mas hoje, francamente, não me dá jeito. Faço-me entender? **(Pausa)** **Meteorologia** não é necrologia. Sem inspiração, nada feito **(Pausa)**. Aliás, queria fechar a lojeca para balanço.
— Para balanço?
— Para balanço!
— Mas está a praticar a rubrica há pouco!
— Desde o ano passado.
— Desde Dezembro, décimo oitavo dia.
— Ainda por cima, estou com a garganta presa. Gritámos com o Senhor Presidente português o viva para o Senhor Presidente checo e eu, que não tenho a **endurance** de Mário Soares, apanhei uma constitpação. Estou de rastos.
— Beba uísque.
— **Slivovice**(*) faz ainda melhor. Também lhe trouxe esta garrafinha.
— Não sou alcooldependente. Agradeço, mas continuo incorrupto.
— Não abre uma única excepção...? Não instaura um dia sem meteorologia...? Uma mini-amnistia para mim e para os leitores...?
Mas o Director já não estava. Qualquer reunião o levara.
Não, meus senhores, hoje definitivamente não escrevo nada. Proíbo-me, pronto. E um bom fim-de-semana, sem boletim meteorológico!

(*) **Slivovice**, bebida checa, aguardente de ameixas. Uma jóia líquida, forte e justa. Cheira a fruta, a flor.

Jorge Listopad

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO
14 826
137 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
55 208
30 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
9 097
9 000 CONTOS

Na 6.ª feira, dia 12, Lotaria Extraordinária do
«Inverno»
105 000 CONTOS
Bilhetes a 10 000$00 e décimos a 1000$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – VISEU – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

Entradas de Lotaria Sai sempre. Experimente

CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
5 DE JANEIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA

O continente cinzento da vida quotidiana também é misterioso. As imagens impõem-se com mais rapidez quando não nos ensinam nada, ou quando agradam por aquilo a que se chama o seu estilo. Admiram-se, portanto, os fotógrafos apanhados na engrenagem das normas estéticas, murados pelo verniz das fachadas bonitas. E, no entanto, para a fotografia e para o resto, importante é procurar o que as coisas ocultam. É aí que entram em cena as noções de limite, de dissimulação.

A SEMANA

Rui
Eduardo Paes

Uma passagem de ano em Lilliput

Sexta, 29

«...nada do que se está a passar põe em causa o comunismo, e não põe porque hoje entendemos melhor que tudo ou praticamente tudo o que se fez e seria o caminho para o comunismo afinal conduziu a outra coisa...» A afirmação, crítica mas moderada, ou seja, meio-crítica, é de José Saramago e veio na edição de hoje de «O Jornal». Não sabia ele que uns dias depois Zita Seabra sugeriria no «Diário de Notícias» que o PCP mudasse de direcção, de nome e de prática política. Valeu à rebelde a expulsão sumária e a afirmação, reproduzida por todos os jornais, de que a renovação naquele partido «começa com o afastamento dos renovadores». O requiem de uma activista isolada, com quem nem os críticos se solidarizam, porque afinal só se pode pôr o comunismo em causa cá fora e a ex-militante queria fazê-lo lá dentro. Confusões...

Sábado, 30

E pronto. Cunhal não sai, pelo menos para já, o Partido Comunista continuará comunista embora a gente já não saiba muito bem o que isso quer dizer e as paredes de vidro ficarão foscas até ver. Tudo na mesma e na semana em que todos os balanços da década se lembram de Fukyama (um pouco graças a um dossier publicado no «DL», saliente-se) e da sua terna teoria do Estado homogéneo liberal como «fim da História», que é afinal a mera substituição de um deus ideológico por outro, à luz da filosofia do chato supremo do Ocidente, Hegel. Na melhor revisão dos últimos dez anos, a do «Expresso-Revista», faz-se o ponto da situação: «Já ninguém se identifica com uma classe ou com uma nação e os projectos colectivos de sociedade parecem ter sucumbido à regra do capitalismo liberal que concebe o mundo como um vasto mercado livre.»

Domingo, 31

O lugar de honra, e a capa a cores, do «DN Magazine» de hoje, vão para essa personagem da cultura portuguesa que tem com a celebridade uma relação que já não dá para compreender . Habituámo-nos à afamação das mediocridades mais provadas, conformámo-nos com os carreirismos da mundanidade intelectual e artística, mas o caso de Agostinho da Silva é o topo. Especialista de generalidades e lugares-comuns, mestre em superficialidades e frases feitas, ele é a personificação de outro fantasma deste tempo: a banalização da própria faculdade de pensar. E uma banalização perigosa, tendo em conta as «derivações» que da sua obra vão surgindo, da juvenália pop de um «Independente» ao neo-fascismo de certos Realistas e sonhadores do Quinto Império, espalhados em tudo quanto é lugar ao sol.

Segunda, 1

Como se fosse um sinal. É só hoje que vejo, algures na montanha de papel que vou amontoando, a MELHOR fotografia de jornal que imaginar se pode. No fundo a Praça Venceslau, em Praga, deserta, no primeiro plano um braço, obrigando o olhar a convergir no relógio: a hora zero, nos idos de 1968. É uma foto de reportagem mas, diferentemente de todas as fotos de reportagem, esta parou o tempo, centrou-se na realidade, circunscreveu tudo aquilo que só agora, 22 anos capícuas depois, se concretiza. É a actualidade em bruto, o «agora» mais imediato. Foi tirada por Josef Kudelka, o primeiro que agarrou o «impossível». Poderia ter sido ele o novo Presidente...

Terça, 2

«Tudo isto vai desaparecer. O Eden de 1990 é já o Eden de sempre. (...) Nada de novo na Lisboa dos anos 90» - as palavras são de Marina Tavares Dias e tornaram-se hoje letra no «Diário de Lisboa». Ao mesmo tempo em que, páginas adiante, Edgar Morin diz em entrevista isto que segue e que parece a explicação do fenómeno em causa, mais uma vez ilustrado por um fim: «Actualmente tudo é fluido, politicamente, economicamente (...). Não podemos espartilhar o futuro em esquemas pré-estabelecidos...» Se a atitude apontada pelo sociólogo francês pode ser boa ao nível das nossas reacções perante o que é novo, é esclarecedora também de uma péssima condição presente: deixamo-nos ir, e as mais das vezes consoante os ritmos e o vigor dos fluxos e refluxos de dinheiro. O comercialismo imobiliário manda? Que se feche o Eden! Um dia, desconfia-se, o Éden propriamente dito encerrará também os seus portões.

Quarta, 3

«Na minha próxima vida quero ser um canalha», disse o escritor e dramaturgo Peter Handke numa entrevista traduzida pelo «JL». O que é curioso é que nenhum verdadeiro canalha gostaria de ser qualquer outra coisa. Só um canalha pôde ser simultâneamente escritor e santo: Genet. E no entanto, parece estar na moda sermos tudo o que pudermos e estarmos em todo o lado que for possível, reproduzidos e multiplicados. Quem leu a Imprensa destes dias reparou com certeza nas assinaturas repetidas de jornal para jornal. Canalhas os seus autores não serão, obviamente, ou dedicavam-se a proventos que a clandestinidade resguardasse, mas não será de perguntar, sem aleijar ninguém, se estas ubiquidades não comprovam uma dose larga de desonestidade? Pois: vivemos no tempo dos especialistas mas, ao contrário do que poderíamos pensar sobre a parcialidade de certas especializações, o nosso «totalitarismo jornalístico» leva a que façam carreira profissionais da opinião sobre tudo. As passagens de ano são óptimas para os currículos...

Quinta, 4

Cavaco, em maré de remodelações, demite Teresa Gouveia de secretária de Estado da Cultura e senta Pedro Santana Lopes na cadeira da senhora, um especialista na administração de jornais em pré-falência e um quadro político médio, mediíssimo. Quem diz tudo é o cineasta João César Monteiro em depoimento ao «Diário de Lisboa»: «É como substituir a Mona Lisa pelo Mono Luso.» Não apreciávamos particularmente a política de Teresa Gouveia, a sua inércia «liberal», o seu silêncio, os seus nãos, a sua lei de mecenato sem conteúdo nem probabilidade, os seus subsídios ao teatro, mas a verdade é que ninguém, em governo algum, teve a competência que ela teve. Santana Lopes é apenas um delfim promovido, o peão de uma estratégia partidária. Ou seja: não é ninguém. A política sempre se sobrepõe à cultura, umas vezes com malícias, outras à bruta. Mas também pode ser que se proporcione assim a grande rasteira que a cultura lhe dê. É claro que o PM se vai estender ao comprido. «Não tendo outra alternativa, o sol brilhava sobre o nada de novo»: Samuel Beckett.

Os «homens fortes» também se abatem

A recente invasão norte-americana do Panamá, que tanta polémica suscitou na Imprensa internacional, teve esta semana o seu epílogo com a rendição, na quarta-feira, do general Manuel António Noriega, que se encontrava refugiado na Nunciatura Apostólica da capital panamiana. Foi o fim de duas semanas de tensão e incerteza, em que se colocou ao Vaticano o dilema da entrega, ou não, aos Estados Unidos, do ex-homem forte do Panamá. Washington, por seu turno, enfrentou um coro de protestos por parte dos mais diversos países, com especial relevância para os da América Central. No decurso deste intrincado processo, a Casa Branca ainda chegou a acalentar a esperança de Moscovo intervir nos acontecimentos na Roménia, para assim "legitimar" a sua interferência na soberania panamiana. Mas tal não só não aconteceu, como até o próprio Kremlin exigiu à administração Bush a retirada das tropas norte-americanas daquele país centro-americano. Foram momentos embaraçosos que o próprio Noriega acabou por pôr fim, entregando-se às autoridades norte-americanas, que lhe prometeram "um julgamento justo e digno" relativamente às acusações que sobre ele pendem, de envolvimento no tráfico de drogas.

Mas Noriega, que agora vai enfrentar os tribunais norte-americanos, é um homem que sabe muito, em virtude das suas antigas ligações à CIA. Existem até fotografias em que o ex-homem forte panamiano aparece ao lado de Bush, o que não abona muito em relação ao último. É aliás sabido que Noriega foi um "grande amigo" dos EUA. E agora? Uma de duas situações pode acontecer, quando Manuel António Noriega se sentar no banco dos réus. Ou põe a nu alguns aspectos pouco recomendáveis dos bastidores políticos norte-americanos (a Casa Branca diz que não receia o que ele possa dizer); ou então cala-se, na esperança de que isso possa ser tido em conta na sentença que lhe venha a ser atribuída. No entanto, fica sempre a sensação de que Noriega é o "pupilo" que se "transviou" e que agora vai receber um puxão de orelhas por parte dos antigos protectores.

Outro tema que esta semana também dominou as atenções mundiais, foi a conturbada situação na Roménia pós-Ceausescu. Viveram-se, em Bucareste e noutras cidades do país, momentos de tensão e terror, face a ataques esporádicos de parte das forças especiais do ditador deposto, que teimavam em resistir às novas autoridades. Mas o exército acabou por eliminar, pelo menos em grande parte, essa ameaça, dando-se então início a uma fase de lançamento de bases para o futuro, com a promulgação de novas leis conducentes à libertação da sociedade civil. Com eleições livres perfilando-se no horizonte, Bucareste encetou o debate político, para já protagonizado pela Frente de Salvação Nacional e o recém-formado Partido Democrático. Entrou-se pois na fase da normalização, depois de mais de duas semanas de confusão e incertezas.

Mas enquanto a Roménia iniciava a limpeza dos destroços deixados pelos bombardeamentos e incêndios ocorridos durante a revolução popular, um outro país do Leste europeu iniciava uma nova etapa no processo de democratização. Trata-se da Checoslováquia, que empossou no cargo de chefe de Estado um antigo dissidente, o escritor Vaclav Havel, um acontecimento que ainda há pouco mais de dois meses se afigurava inimaginável. Foi mais um pilar no edifício democrático europeu, antecâmara da futura Casa Comum.

Um outro continente, África, voltou à ribalta com a tomada pelas forças regulares angolanas de Mavinga, uma localidade estratégica para a defesa da Jamba, onde está instalado o quartel-general da Unita. O ataque foi confirmado por Washington, mas o movimento de Jonas Savimbi desmentiu que as forças do MPLA tivessem ocupado Mavinga. Foi mais um episódio no já longo desenrolar da guerra em Angola. Mas o conflito angolano, é hoje amplamente reconhecido, só pela via negocial poderá alcançar um fim. O que é preciso é que as duas partes em confronto assim o entendam.

Jorge Ferreira

GUIDINHA

VIVA A COMIDA PORTUGUESA

Ora ontem fui almoçar a casa da minha Tia Adélia que fez anos e a gente vai lá sempre almoçar quando ela tem universário que é uma coisa que lhe acontece todos os anos apesar dela ter feito menos anos do que em 1985 sim porque eu nao sou parva e sei muito bem que ela em 1985 fez 55 anos e desta vez só fez 50 mas como os anos sao dela nao abro a boca ela que faça os que quiser o almoço foi "à portuguesa" para a gente matar saudades começamos com uma sopinha de pacote Knorr daquelas que a gente come todos os dias tanto na Holanda como em Madrid se lá estiver depois foi umas postinhas de salmao noruegues com mayonnaise Helman's que é um nome muito popular no Minho onde toda a gente conhece a família dos Helmans basta perguntar que as pessoas dizem logo onde é que eles moram mas para quem nao sabe eu explico que é em Engersund-de-Cima, que fica mesmo abaixo de Valença onde toda a gente faz mayonnaise desde o século XIV eu julgo que até há uma referencia do Bartolomeu Dias a este molho tao português "Chegados ao Cabo da Boa Esperança mandei abrir um barril de mayonnaise minhota para satisfazer os descobridores que iam comigo e fizemos uma festa a comê-la com carne salgada de barril o pior foi que ficámos todos de c..." (palavra indecifrável devido ao mau estado do manuscrito) enfim lá comemos as postas com esse molho tao típico do Minho e passámos ao segundo prato que era croquetes de "pollo" espanhois com arroz de ervilhas de lata francesas eu pessoalmente nao sei ao certo o que é um "pollo" e mesmo quando fui ao Minho olhei todo o tempo para os campos para ver se via algum a pastar mas tive azar porque naquele dia estavam todos nos currais por causa da chuva e vai perguntei à minha Mai "Ó Mai o que é um pollo?" e ela disse-me para eu me calar porque estava farta de passar o dia a responder às minhas perguntas e que se quisesse perguntasse ao meu Pai que ele é que era funcionário da Câmara e sabia essas coisas e vai perguntei ao meu Pai "Ó Pai o que é um pollo?" e ele respondeu-me que era um animal que havia em Espanha mas que nao havia cá e quando lhe perguntei como é que os croquetes de pollo eram um prato português quando não havia cá "pollos" respondeu-me que era um prato muito antigo do tempo do D. Afonso Henriques e que nessa altura havia cá "pollos" enfim fiquei na mesma mas posso dizer que nao perdemos nada em nao ter cá "pollos" porque os croquetes só sabiam a molho branco velho e seco enfim o que interessa é o almoço e por isso digo que depois dos croquetes do "pollo" à portuguesa (à portuguesa porque nao chegaram para todos) vieram as sobremesas a primeira era arroz précozinhado feito com creme Royal que é uma empresa portuguesa que á em Inglaterra e com "Viva Portugal!" escrito em cima da canela de Ceilao e o outro era mousse de chocolate feita pela Belarmina que é da Beira Baixa e toda a gente sabe que a Beira Baixa fica em Portugal e é portuguesa e para acabar um cafésinho brasileiro que o marido da minha tia Adélia trouxe do Brasil quando lá este em 1980 e um licor comprado em Vigo que é onde ela vai comprar os luxos mais baratos emfim um almoço à portuguesa de alto lá com o charuto muito diferente dos que se comem em minha casa que sao todos à estrangeira para acabar bebi Pepsi Cola sumo de laranja alemao que sao duas bebidas nacionais e patrióticas dia a dia mais populares mas o meu pai que antigamente bebia bagaço e que agora desde que foi promovido na Camara só bebe bebidas finas bebeu whisky do verdadeiro para mostrar que é tao português como o D. Nuno Alvares Pereira que nao sei se bebia whisky ou não mas que era português com certeza vivam os almoços à portuguesa puros e castoços viva a comida portuguesa viva

Guidinha

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

A passagem de ano foi servida com um prato especial: o espectáculo «Só nós três», de Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes.

Seria redundante tudo o que se disesse aqui a respeito de um e de outros que Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes foram (e são) dos nomes mais importantes da música popular portuguesa e a sua influência, a sua qualidade específica, a sua contribuição para uma nova maneira de estar na canção — o entendimento da canção como apelo à inteligência e à poesia (Ary, Ary, como esquecer-te?) tudo isso não oferece discussão. Correndo embora o perigo de redundância — talvez não fosse má ideia recordar tudo isso, numa altura em que a recuperação do nacional-imbecilismo (com a preciosa ajuda da RTP) põe cada vez mais os corninhos de fora...

O mérito da Televisão foi proporcionar a milhões de portuguses um espectáculo muito badalado e a que poucos tinham acesso. As nossas palmas e o nosso obrigado.

Mas a actividade da RTP não pode resumir-se, em termos de qualidade, ao encontro amoroso assim fortuito. Uma vez por ano poderá ser natural para os casais acima dos noventa anos. Mas a RTP tão jovem, no fulgor das suas 32 primaveras...

Então é preciso que três artistas organizem um espectáculo no Casino para a RTP saber que existem? Por que é que a RTP em geral e tão afrontosamente os ignora?

Pergunto: há quantos séculos Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes não põem os butes nos estúdios da Televisão?

Será que, para os tornarmos a ver, deverá ser preciso entrarmos... noutra década?

SOLNADO, COM GARGALHADAS DE PLÁSTICO

O animador escolhido foi Raul Solnado. Ao longo da noite ele vestiu e despiu várias jaquetas. Meu Deus, a facilidade com que este homem muda! Ele foi apresentador fino, foi apresentador rasca, foi vocalista, foi musicolista, foi actor propriamente dito — desdobrou-se em esforços para fazer rir.

Conseguia-o? Não sei. Pelo menos havia gargalhadas em **off.**

QUANDO A GRAÇA É UMA DESGRAÇA

Cantaram. Não percebi bem se cantaram as **janeiras ou as asneiras.** Solnado, claro, estrela da companhia.

A versalhada cuidava do futebol (o Porto, o Benfica, ainda falavam da **chapa cinco,** imaginam ao tempo que isso foi!) e do Sporting.

Também havia «política»: piadas ao capachinho de Fernando Gomes (que mau gosto!) às vacas de Hermínio Martinho (é tão cómodo atacar quem está por terra...) e a Álvaro Cunhal — sugerindo-se a Gorbachev que o mandasse embora (!!!)

Confundir graça com gracinha é mau; confundir gracinha com graçola, é pior; confundir graçola com ofensa, é de mais.

Ainda estive à espera de ouvir qualquer referência a Marcelo Rebelo de Sousa. Mas as **janeiras** tinham-se esgotado. Foi pena. Nessa matéria, Solnado seria muito versado.

Ah, é verdade, também houve «uma» à remodelação governamental. O prof. Cavaco Silva agradece.

UM OVO SEM CLARA E SEM GEMA

As câmaras de Televisão espalharam-se por todo o País, para mostrar a alegria que lavrava por todo o lado.

A RTP esteve presente em Évora, Funchal, casinos de Espinho, Póvoa, Vila Moura, Figueira da Foz e na Quinta do Lago.

Ainda por lá se queixam de falta de meios. E não há? Há. Estas câmaras dispersas devem ser aquelas que não têm agora ministro a quem seguir.

O que mais me espanta é o imenso desperdício, a ostentação pacóvia. A Televisão ia lá, registava umas caras de damas e damos basto solenes, à mesa do repasto, os locutores diziam umas tretas género «reina aqui a maior alegria, como podem verificar» e pronto, vinha-se embora. Isto aconteceu em simultâneo de norte a sul do País!

Imaginem um imenso ovo sem clara, sem gema, sem nada de valer a pena.

O ano de 1989 terminava no vazio.

PARA ALÉM DAS ANEDOTAS

Na enorme rede de apresentadores sobressaíam nomes consagrados na mitologia do Lumiar, como António Sala e Luís Pereira de Sousa.

O primeiro apareceu numa discoteca da Quinta do Lago e estava muito contente por alguns países terem acedido à liberdade. Sala não terá querido perder a oportunidade de vincar a sua dedicação por uma causa à qual ele terá consagrado toda a vida, para além das anedotas.

Pereira de Sousa, no Funchal, para assistir «ao maior espectáculo pirotécnico do mundo» mostrava-se brutamente desanimado pois no Funchal chovia potes. Imaginem a vergonha para a classe, Funchal repleto de ingleses (só transatlânticos eram onze!), para aí uns 15 mil ingleses sem contar com os marujos, e a chover. Sim, o que é que os ingleses não irão dizer agora de nós, não bastavam os esquentadores, agora são, abertas, as torneiras do céu! De qualquer modo, Pereira tem esperança de que vejamos «a pirotecnia nos primeiros segundos da próxima década».

E o José Manuel Pinheiro, preocupado com os **númaros,** e sem saber que fazer da mão direita...

E o Ruy Castelar sempre de olhos em baixo, a despejar para dentro de um microfone sem ninguém lhe lembrar que estava em TV e não na Rádio...

E a Madalena Balça tão diferente, até a voz diferente, até parecia ter a boca torta, que raio se terá passado?

E depois...

UMA RAPARIGA TRISTE

Depois que vimos tanta alegria.

Os champanhes, perdão!, os champagnes.

O veado aux champignons.

Até aquele paté de rena...

Depois da Televisão nos dizer como todo o País estava feliz, e houve o relojinho a ganir a meia-noite, e houve o Solnado a abrir o espumoso, depois não aconteceu mais nada, nem festas, nem cantarias, nem entrevistas. Nada.

Deram um filme, para desmoer...

Francamente, a RTP, essa, não estava contente. Visivelmente o ano não lhe correra bem.

Pobre rapariga.

NOTAS AO CORRER DOS DIAS

Os países de Leste atravessam uma fase de grandes transformações. A RTP lança-se sobre eles com a ganância do abutre. A tal respeito, mesmo, só bebe «do fino». Homenageando o velho e sábio cronista, há quem chame ao Carlos «o Fino da Rua Lopes».

Informação à vezes erudita como um raio. Assim, em **off,** uma voz feminina comentava: «A perspectiva soviética para a Polónia é a de que os polacos já passaram o Rubicão.»

Claro. Ou bem que semos ou não semos greco-latinos. Ai é tão bom sermos cultos...

SOLIDARNOSC E DESEMPREGO

Pois, como íamos dizendo, os países de Leste. A Polónia.

O governo polaco anuncia austeridade. Para já, 400 mil desempregados, mas este número poderá subir aos três milhões, muito em breve. Não sou eu quem diz, é o **Telejornal.**

A estas horas, embora o cardeal já se mostre preocupado, haverá alguns padres que, dos púlpitos polacos, apelarão à tolerância e à submissão. Mas consta que já muita gente no Solidarnosc comenta:

— Ora bolas, assim também os outros...

A vida é que nos ensina.

A LUA, OS GATOS E A SOCIEDADE

Era a gala do volei. Defrontavam-se os Estados Unidos e o **Resto do mundo.** Curiosamente seja pelo que for, na RTP é sempre assim: Estados Unidos e o Resto do mundo.

Falou-se de um grande jogador americano que não participa já porque se dedica aos negócios. E há o grande nadador que se dedica à publicidade e os astronautas que trocaram os céus pelos dólares.

Nos Estados Unidos, a Lua é boa para os gatos. Que futuro pode ter uma sociedade assim?

POLÍTICA NO GOLFE

Estava o bom do Bush a passar o fim-de-semana. Estava a jogar o golfe, o bom do Bush. Então foi que um repórter lhe perguntou dessa história de terem violado a residência do embaixador da Nicarágua, no Panamá.

Entre duas clubadas, confessou que fora uma tolice. Depois, entre duas clubadas, rendeu preito à valentia dos «boys».

Nada mais. Que raio de ideia, irem estragar o golfe ao homem! Oxalá transmitam ao menos as imagens para o Panamá. Os «boys» haviam de gostar de ver.

TULIPAS PELINTRAS

Não sei bem como se escreve. PSV, ainda vá, mas depois há aquele Eidoven, ou Eindhoven, existe por ali um **h** que não domino.

Sabem, o grande clube holandês — ou belga? Recordo-me agora, é holandês, por causa do Ajax, que também é holandês.

O PSVETC é um grande clube. Mas imaginem, o seu estádio só tem lugar para 28 mil pessoas! Comparem com o Benfica. Miséria.

Holanda tem mais riqueza e mais futebol. Mas nós temos mais estádios e mais espectadores.

Uns pelintras, aqueles tulipeiros.

POIS, NA AMÉRICA É QUE EU GOSTAVA DE VIVER

Era a história de Adam, o menino desaparecido.

O FBI diz que não procura meninos desaparecidos.

Procura cavalos desparecidos porque os cavalos valem muito dinheiro.

Nos Estados Unidos desaparecem por ano um milhão e meio de crianças. Roubadas, violadas, assassinadas. De 50 mil nunca mais se sabe.

Grande país!

Adam aparece degolado.

Os pais sofrem tanto que não fazem ideia. Mesmo americanos, quando são bons pais, sempre sofrem, coitados.

Têm uma ideia: constituir uma Associação para Procurar Crianças Desaparecidas — **a APCD.**

A **APCD** consegue que se crie no FBI um departamento específico.

Vitória!

As crianças na América continuam a desaparecer. Não serão os extraterestres?

PARA QUANDO, NA PRODUÇÃO NACIONAL, AS LEGENDAS EM INGLÊS?

Caixa Alta desceu tão baixo que até na RTP perceberam. Baixaram-na de posto.

De horário nobre, para horário pobre. Na minha opinião, devia pura e simplemente ser destruída, para evitar contágio.

A mim, uma das notas que me davam mais gozo, eram os diálogos com legendas em português. Palermas. Às vezes, para percebermos o que diziam, deviam antes pôr as legendas em inglês.

Lá, a estrangeirice era tanta que uns intérpretes para dizer **Levi,** dizia **Levai**...

Viva a recta pronúncia!

UM CENTRO PERIFÉRICO

Na rubrica **PARLAMENTO** compareceram Carvalho Cardoso, do CDS; João Cravinho, do PS; e João Pinto, do PSD, um que há muitos, muitos anos, era da Juventude Social-Democrata, lembram-se?

Carvalho Cardoso achava que as modificações a Leste se estavam a fazer depressa demais.

A grande discussão foi entre Pinto e Cravinho. Este achava, ao contrário de Cavaco, que Portugal devia reivindicar não a periferia, mas o centro da CEE. A periferia era para a Hungria. Pinto não achava Portugal periférico, não se devia reivindicar o centro porque Portugal já está no centro da Europa. Cravinho teimava na visão periférica de Cavaco, e que se devia empurrar o Páis para o centro da CEE, mas como é que Portugal pode ir para o centro se ninguém o queria na periferia, se Cavaco falara na zona periférica foi porque... pois, pois (Cravinho) mas falou, e isso da periferia não é para nós, era o que faltava, Portugal deve exigir o centro da Europa!

Apoiado, Cravinho! Para um português que se preze, só o centro conta!

NÃO, NÃO É EM VÃO!

Nas questões nacionais, com as agências à perna, a RTP ainda se safa. Mas qualquer perturbaçãozita nacional logo põe à mostra as carências dela: má recepção, não há imagens, não há som, o diabo.

Viu-se nas cheias. Com uma entrevista em Santarém. Tão agitada que foi cortada.

E era o Vasco Trigo a perguntar, género bola de cristal: «Há pouco começou a chover. Acha que isto quer dizer alguma coisa?...»

E de Lisboa, o Manuel Meneses a interpelar o Vasco: «Queria saber se seria possível que perguntasses...»

Delicadezas britânicas.

Mas no tempo das grandes cheias houve dois momentos de grande elevação cultural.

Um, quando o ministro, a propósito, recordou o «efeito de estufa» ao qual «nós, em Portugal, estamos atentos».

Outro aconteceu com a intervenção do ministro Silveira Godinho o qual explicou: «A ocorrência fica a dever-se a uma pluviosidade anormal.»

Notável a lucidez política, a visão científica, a capacidade de divulgação!

Não é em vão que se é ministro!

TEXTO DE
JORGE SILVA MELO

COM CINCO PEDRAS NA MÃO

Eu gosto, por acaso gosto muito de críticos.

Até eles terem vinte e cinco, vinte e seis anos (vá lá, trinta), gosto de todos. Escrevam eles bem ou escrevam eles mal, defendam eles aquilo que me interessa ou o contrário, sejam ou não capazes de formular, copiar, digerir ou (já é pedir tanto!) ter ideias. Mas até essa idade, gosto.

E é interesseiramente. Através das suas qualidades e dos seus defeitos, das suas paixões e dos seus ódios, das suas injustiças e da sua arrogância, da sua justeza ou da sua malevolência, começo a perceber de que sonhos vai ser feito o Mundo que vem a seguir.

E isso sossega-me. Faço contas comingo próprio e vejo se lá vou ter um lugar ou se melhor não é arrumar as botas (que não tenho).

Porque até essa idade a actividade dos críticos é acima de tudo a promessa de um Mundo diferente deste. E se eu tenho cá umas ideias (nem sequer muito minhas) de como deveria ser esse Mundo diferente, interesseiramente acompanho as diferenças que os outros começam a desenhar.

Os críticos novos têm qualquer coisa de profético. Até porque irão envelhecer e desse modo sumário dar corpo às profecias. Leituras, gostos, visões que tiveram na sua recente adolescência e os impeliram a escrever (depois da medíocre escolaridade que nem sempre aproveitam) desenham com precisão as pragas e as pestes que nos aguardam. Já tenho aliás andado para sugerir a um vizinho meu que ocupa cargo de vulto na tropa que, em vez do serviço militar obrigatório (tropa não), se instituísse um **serviço crítico obrigatório**. O que isso poupava em sondagens de opinião, previsões do futuro, polícias secretas, colóquios superiormente patrocinados, consultas à bruxa ou mesmo horóscopos. Se todos os dias pudessemos saber de que gostam ou não gostam, por que razões, com que argumentos (e ortografia) os jovens (rapazes e raparigas) em idade militar.

Mas a partir dos vinte e sete anos (vá lá, trinta e um), a história é outra.

E aí só gosto (e nem de todos) dos que, amadores, na coisa amada se transformaram com risco de perdas e danos. E então aí a comovida homenagem ao Camacho Costa que começou crítico à lá Prado Coelho para depois se lançar como actor por revistas e variedades. Porque do que ele gosta é **disto**!

Ou então (e são ainda mais raros) dos que claramente assumiram o poder (ameaçado, local) e aos seus gostos intempestivos constuíram os Taj Mahais do cinema que são Chaillot e ali a Barata Salgueiro (traduzindo: Henri Langlois, Mary Meerson e João Benard da Costa), Orfeus que fazem o que o tão bem cantado herói não conseguiu com a flauta: recriar Euridice. E desse modo na coisa amada, amantes, se transformaram.

Porque, passado o momento em que disseram *A Nous Deux Paris*, os críticos Rastignacs que não pediram a reforma (eu gosto de Rastignac) ficam rezingões e, como as velhas tias de outros tempos e as receitas de leite-creme, azedam lá na sua incompreendida teimosia. Em cada meia linha se lê *eu tinha razão, já quando numa sala de Taiwan ou Massarelos vi o filme X eu percebera...* E em vez de prometerem um Mundo diferente daquele em que vivemos, querem mas é perpetuar, impor o Mundo que esteve quase mas não chegou bem a existir *no seu tempo*. Foi o caso esplendoroso de João Gaspar Simões que para além do humanamente razoável, queria ainda que depois de morta a **Presença** fosse rainha — e era incapaz de ver que o seu maior artista lhe era póstumo e nem era poeta nem psicólogo romancista mas sim heterodoxo cineasta, e era e é Manoel de Oliveira. E se a sua cosmurrice me era fundamentalmente simpática, não deixavam as quintas-feiras do **Diário de Notícias** de ser patéticas manifestações de um mal-humorado sebastianismo.

Mas há bem pior: os que, depois de comprada o primeira gabardina Burberry por muito terem escrito (e amealhado) sobre o cinema africano ou suiço de esquerda se transformam naquilo a que não há muito tempo se chamava os *catitinhas*: arrependidos (como os políticos), passam a, liberalmente, gostar de tudo mas de tudo mesmo o que vem à rede, numa ecuménica ânsia de agradar, de estar de acordo com o menino das fotocópias (mas, claro, por outras e bem mais chiques razões). São como aquelas pessoas que todos encontramos que, por mais patetices que nos saiam pela boca fora, estão sempre do outro lado da mesa a fazer que sim com a cabeça. Quando não a repetir pedaços da frase que a gente disse. Esses são vingativos: normalmente querem esquecer os anos em que andaram pobremente vestidos por incómodas salas de arte e ensaio sem bilhete numerado. E quando se lhes depara uma coisa mais delicada, mais insuspeita então aí é um ver se te avias de aos e anos de recalcado ódio. E fel que verte. Pudera.

Porque aqueles que começam por ser críticos nos informes anos da pós-adolescência (os tais de que eu, interesseiramente, gosto) das duas uma: ou é porque querem (mesmo que sem o saberem de saber certo) meter as mãos na massa, ou porque já aspiram ao poder que podem vir a exercer sobre quem na massa as mãos mete.

E quem mete as mãos na massa perde ou ganha. Ou perde umas vezes e ganha outras. Ao passo que os críticos do começo da calvície só ganham — aproximando-se do poder e exercendo-o impunemente (nem sequer sujeitos à tal alternância democrática). Começam a ser convidados por instituições para atribuirem prémios, dinheiro, estrelinhas. (Já viram quem são as pessoas que decidem do Prémio Garrett? Que engraçados!). Substituem homens e Deus, convidados que são a pôr e a dispor. De Rastignac convertem-se, com o avolumar do ventre, em conselheiros as mais das vezes Acácios: funcionários eventuais (guest-stars?) dos ministérios da cultura cujos corredores e antecâmaras conhecem como nenhum ministro, tendo sido sucessivamente convidados por todos e se calhar catrapiscado uma funcionária daquelas que têm sempre muitas pastas. Obtém por dá cá aquela palha passagens de avião e instalação em hotéis bem melhores do que aqueles que, com charme embora, eu frequento. Vão aos festivais sem terem nervos nem insónias nem dores de barriga (e até podem visitar os museus ao pé), e as suas opiniões chegam aos leitores mais cedo e com mais autoridade do que as daqueles a propósito de quem ditam a lei (ou, mais comezinho, à custa de quem vivem). Porque passam a ser a lei — que não ditaram mas a que se conformam: e essa, como se sabe, está de acordo com a sociedade que a aprova. Em vez de um Mundo diferente do de hoje, é um eterno hoje aquele com que desejam estrafegar não só o futuro como a memória. E se recusam, assim, a perder.

Depois de um filme mau (e tantas de um filme bom!), é possível que quem o fez perca tudo — dinheiro, projectos, trabalho, anos. O crítico terá apenas perdido duas horas adiadas. Os que foram perdendo o informe desejo que, nos anos dos cafés e dos blocos-notas semiescondidos semimostrados, os impelira à acção e às redacções dos jornais. E que no frenesim das opiniões (iguais às dos outros e sobre coisas que mesmo sem eles existem) foram deixando para amanhã o projecto de filme, os versos, o quadro, a encenação ou a cantiga que um dia prometeram (a si próprios e a mim que, semana sim semana não, interesseiramente os leio).

E que no fundo de si próprio sabem que tudo o que fizeram irá por água abaixo, como as *love letters in the sand* do ressuscitado Pat Boone. Daqui a anos, outros, vindos sabe-se lá de que subúrbio, irão fazer uma revisão crítica — e remeter então para as catacumbas os William Wyller ou os de Sica por quem mesmo os melhores de todos se bateram.

Que nos interessa Sainte-Beuve a não ser por causa do *Contre Sainte-Beuve* de Proust?

(E a sorte que ele teve! Imaginam algum cineasta a fazer um filme mesmo que em video-8 e só de cinco minutos chamado *Contra-Jorge-Leitão-Ramos*?)

Mas a tristeza vem de vermos gente que perdeu foi a vida. E não por delicadeza.

Por amor ao poder e rame-rame.

Que lindo que é (que foi) cruzar no Chiado a actrizinha que subia rememorando o papel. Imaginam Cesário a reparar no crítico que, com o seu ar embiucado de chapéu de chuva molhado (*vai cumprimentar? ou finge que não vê? como está a minha cotação na sua bolsa? olha: atravessou a rua e vem cumprimentar-me! digo-lhe ou não que devia mas era aprender a escrever?*), subia também o mesmo Chiado hesitando entre quatro ou cinco estrelas para o último Coppola (como se isso fosse alterar a face do Mundo ou alguma conta bancária)?

TEXTO DE
EDUARDA DIONÍSIO

CTT MEU AMOR

Sempre gostei dos CTT (que, aliás, entretanto perderam um T). Sempre simpatizei com aquele cavalo que não é bem alado, mas cavalgado a toda a sela por um homem de capa e corneta, que de há não sei quantos anos para cá é branco em fundo vermelho e anda aí pelas ruas, de marca em marco e de estação em estação, como mala-posta.

Sempre me fascinaram os sacos de serapilheira grossa para onde se atiram à baldroca, sem respeito pelos sentimentos, e donde se retiram, como presentes, cartas, postais, encomendas, mandados de esquina para esquina ou de antípodas para antípodas — o mundo inteiro para o mundo inteiro nem saco com papéis e letras.

Foi sempre para mim um mistério aquilo de, com tanta casa e tanta morada, as nossas missivas chegarem exactamente onde a gente queria. E sempre gostei de abrir a caixa do correio quando chegava a casa. Houve mesmo épocas, mais adolescentes e românticas, com sistemáticas partidas para o estrangeiro — exílios, fugas, deserções, especializações — e reclusões prolongadas nas prisões, em que chegava a descer a escada várias vezes ao dia: o carteiro ainda não passou!

O CORAÇÃO AMBULANTE DE TODA A HUMANIDADE

Para quê negá-lo? Essa profissão de carteiro sempre me fascinou. Mas estava longe do meu alcance. Não tinha as condições requeridas: estudos a mais e corpo a menos.

Cada carteiro sempre foi, para mim, o autor desconhecido do romance mais possível das nossas cidades: tem mais elementos do que qualquer cidadão ou do que qualquer serviço de informação para reconstruir a vida toda da gente e ainda as possibilidades todas de se enganar sobre a vida de cada um. À força dos dias que passam, sabe os jornais que cada um recebe da mais recondita província, os prospectos e convocatórias das várias organizações, os remetentes reincidentes, as interrupções das cartas da Argentina, as saudades à vista nos postais ilustrados.

Não gosto nada desta época em que já não me apetece escrever cartas, colaborando assim na perda de poder dos meus amigos carteiros. E também não gosto nada de abrir a caixa do correio e tirar 3 envelopes de impressos, uma conta do banco e um recibo da electricidade, essas missivas sem assinatura que seguramos nas mãos, cheias de sacos. Aborrece-me. Sobretudo, porque, assim, os CTT me aparecem esvaziados da sua orginária simpatia.

Por isso, apesar de não mandar boas-festas, se as recebo, fico contente e considero que é mais uma vitória dos CTT!

Cada vez que este Serviço de Utilidade Pública lança um novo serviço, o triunfo é meu e da Humanidade em geral: alegrei-me com o «meio caminho andado» e a batalha do código postal, com os envelopes normalizados (paguei, feliz, as multas da falta de disciplina), os envelopes almofadados, as caixas de cartão de tamanhos vários (menos daquele de que eu precisava sempre), o **express-mail,** o **fax** (sempre à espera do dia em que eu precisar de os utilizar).

Gosto dos coreios. É, de certo modo, uma paixão. Como todas as paixões, um pouco louca. Mas é uma paixão. E, o que é raro, por um ser todo ele sentimental.

Chega a época de Natal e ei-lo que se desdobra em carinhos: imprime cartões de boas-festas que vende prontos-a-mandar, por exemplo. Calcula o número de palavras que a gente tem necessidade de enviar em telegrama, quando alguém nasce, ou morre, ou faz anos. Os CTT são o pulsar da vida, o coração ambulante de toda a humanidade. Dá-nos oportunidades baratas de sermos humanos, neste mundo rápido e descarnado.

«NA SUA URGÊNCIA, A NOSSA RAPIDEZ»

As coisas complicam-se o seu quê, quando os CTT, para lá desta sua função apelativa, emotiva, afectiva, põem a tónica na sua «vertente» prática. Eu não lhes exijo tanto. Não preciso que me facilitem tanto a vida. Gosto deles como podem ser. Tudo se complica, de facto, quando este objecto da minha paixão insiste que quer fazer tudo por mim.

E, ainda por cima, não é verdade.

É só por não ser verdade que eles me ofendem. Por exemplo, quando nos trazem embrulhos a casa e ninguém atende (porque as pessoas não podem viver só da paixão e, apesar de tudo, têm que trabalhar fora de casa algumas horas por dia), deixam-nos um impessoal impresso a dizer que nos depositaram a encomenda num local longínquo onde temos de ir buscá-lo às horas em que não podemos e, se não formos, ai de nós. É um local onde, injustamente, a gente imagina bichas, esperas, conversas difíceis com funcionários, BI esquecido, a assinatura que não confere a necessidade de provas de existência e de honestidade. Mas esta é uma reacção ingrata, um mero sentimento de vingança por causa da curiosidade, do interesse, do desejo despertado e não satisfeito — reconheço. Por mim, defenderei sempre este Serviço do Estado, como continuarei a defender as Escolas Públicas e os Hospitais Civis, aconteça o que acontecer.

É precisamente para não estragar esta fascinante relação mental e sentimental que, confesso, evito entrar em estações de correios. Em suma, nem sempre tenho a disponibilidade de viver esta paixão, de me entregar nos braços dessa instituição que, logo à entrada, me previne que na minha urgência, está a rapidez dela.

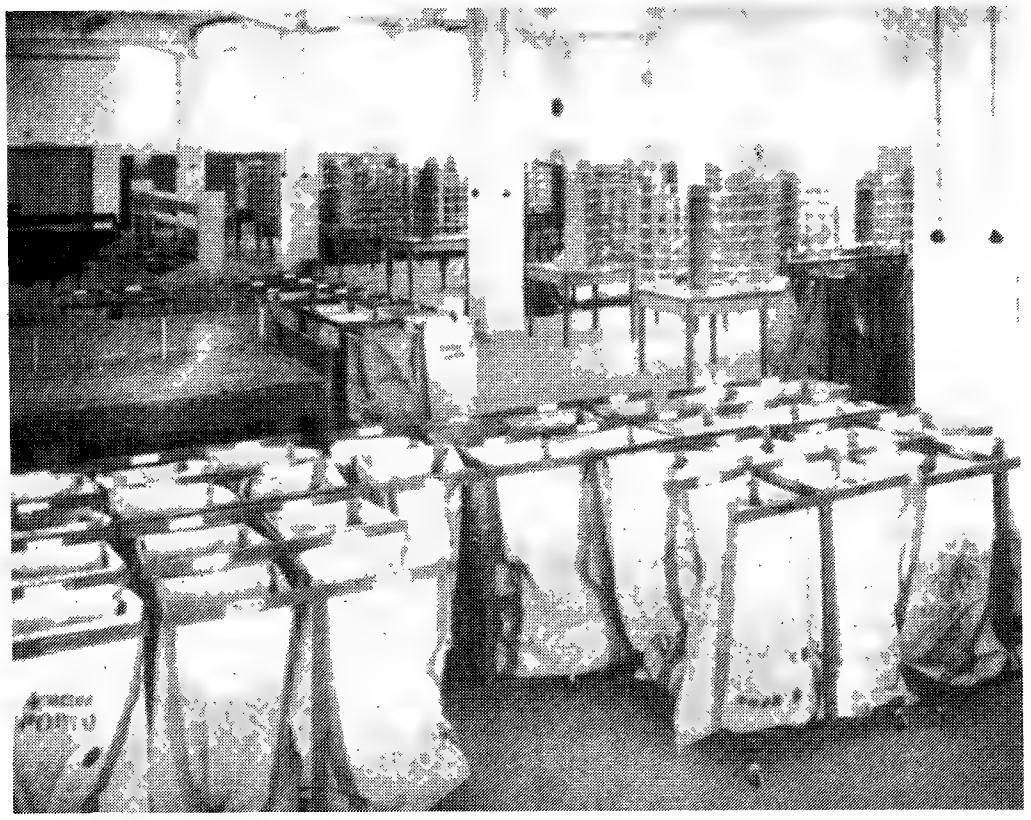
Falta de disponibilidade

Nem sempre. Apenas porque, antes tive e a seguir terei outras e numerosas bichas onde passar o tempo: ao volante, nas ruas entupidas; ao ar livre, para a cabine telefónica; debaixo de telha, para o pré-pagamento da bica, na bilheteira do cinema e do concerto, nas informações de qualquer coisa, na repartição de finanças, na caixa do supermercado, na cantina se quero comer pelo preço do subsídio, para ter mesa no restaurante, para depositar dinheiro no banco, e até (caso estranho) para comprar o jornal — tudo serviços mais ou menos públicos e obras mais ou menos sociais.

Claro que, se não fossem essas outras bichas, eu passaria com todo o prazer uma parte do meu dia numa Estação de Correios, apesar de as balanças já não serem as antigas e de não haver uma tão ritmada música de carimbos como outrora havia. Penso que não é a minha duradoura paixão pelos CTT que me faz considerar que uma Estação de Correios, sobretudo se tem daqueles boiões de cola com pincel aos cantos das janelas, é, de facto, um dos mais aprazíveis locais para pôr a render os tempos livres de que usufruimos nos dias de hoje. É que ela junta, como a sociedade moderna preconiza, a «vertente» instrutiva e cultural à «vertente» de convívio e de enriquecimento humano

A Estação de Correios como espaço didáctico

A Estação de Correios é, antes de mais, um espaço didáctico. Pelo menos, esta que trago hoje no coração, porque nela entrei, recentemente, em tempos exacerbados de natais — consumos, comércios e comunicações de sentimentos,



paz, amor, cooperação, solidariedade, esmolas.

Começa por nos instruir sobre as horas de abertura e encerramento — que são aquelas a que, precisamente, tenho dificuldade em lá ir. Mas compreendo: o problema é só meu. Considero justo que encerre para almoço dos funcionários — é uma prática de justiça social. Não tenho que me queixar. Ainda por cima, naquele dia até cheguei a tempo. É verdade que ainda fui assaltada por uma pequena e mesquinha inquietação: uma vez que faltavam 5 minutos para o encerramento e estavam por atender algumas dezenas de pessoas silenciosas, com volumes nos braços ou pousados no chão, a seus pés, entre pernas — paquetes de empresas, domésticas, magalas — seria que me iam pôr na rua antes de eu chegar ao almejado guichet?

Os meus receios eram, obviamente, injustificados: os trabalhadores das telecomunicações ali ficariam, até que se esgotassem as pretensões dos utentes, nem que chegasse, entretanto, a hora da nova abertura.

E foi assim que, ali postada, fora de horas, me foi dada a oportunidade de me instruir sobre assuntos vários, através de cartazes e prospectos colados em vidros, alargando assim a minha pacífica e perfeita inserção na cidade e ficando ainda com algumas hipóteses de comodidade em carteira.

A própria Estação, por via de uma fotografia de si própria com utentes que não eram aqueles que ali estavam, ensinava-nos a «fazer bicha», essa realidade intrínseca, como se sabe, à ideia de «Correios». Como se sabe também, aqui como em qualquer lado, o prazer só se atinge com esforço e provas de fidelidade. Importante é que o esforço seja um esforço civilizado, em que esteja presente a preocupação de justiça. Como quererá o utente que a sua «urgência» seja compensada pela «rapidez» dos CTT, se não se dispuser a fazer uma bicha **com justiça**? O cartaz explica: trata-se de nos mantermos ordeiramente numa única fila e seguirmos para o guichet da direita ou da esquerda, conforme o funcionário de cada um fique disponível para nós. É uma medida realista e liberal: admite que os ritmos de trabalho podem ser os mesmos e que os utentes têm direito a usar os serviços mais ou menos demoradamente... Tudo bem.

O potencial didáctico da Estação de Correios não fica, no entanto, por aqui. Por meio de dísticos diversos, incita-nos a que nos informemos sobre as formas mais cómodas de pagar nos correios o IRS (o que não deve ser entendido como uma crítica à burocracia das Finanças) e de abrir uma promissora conta-poupança — o que, eventualmente, nos privará da leitura dessa publicação, cujo título não pode deixar de encher o nosso coração de ternura, **O Livrinho da Poupança**.

Mas é, sem dúvida, no papel formativo que têm as longas permanências em pé, para atingir nobres objectivos de comunicação, que apostam os CTT. É uma educação sentimental como outra qualquer. Aliás, qualquer religião, desde que não seja primitiva, exercita a mesma capacidade de espera — é a resignação, o nirvana que terá a sua recompensa, além ou aquém túmulo. A expressão dos utentes bem demonstra que uns estão mais aptos do que os outros para a redenção, segundo a crispação dos lábios, os suspiros, o mover dos pés, a fixidez do olhar, os cigarros, os murmúrios — tudo num quase silêncio de igreja, que o local assim o exige. Estamos numa Estação de Correios! E os CTT bem o merecem, que são um nosso Salvador...

Entre o Inferno e o Paraíso

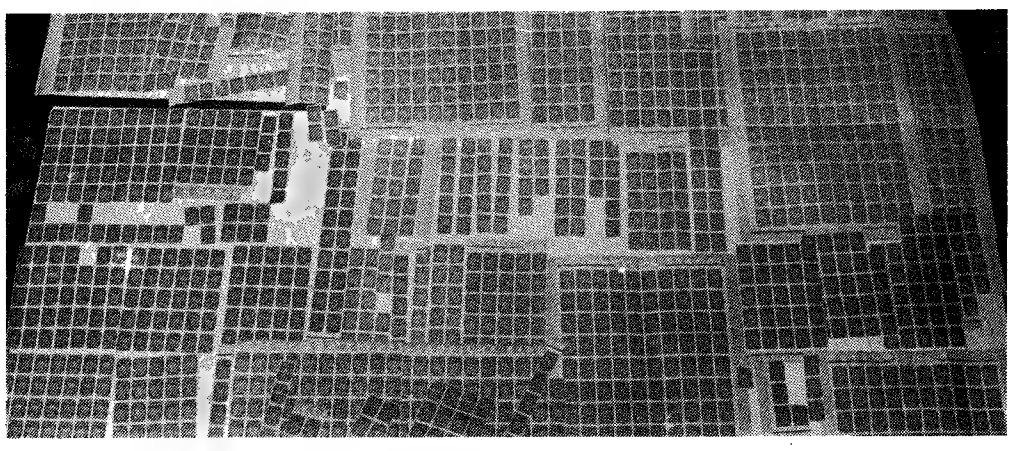
Neste ponto do meu discurso amoroso, tenho que recordar que os CTT são essa paixão que tenho. E estes pequenos contratempos, estes arrufos que não passam da imaginação gerada por um longo tempo de espera, só vêm confirmar que não há bela sem senão.

Aliás, que outro local nos proporciona tão profundos conhecimentos da espécie humana da Humanidade em estado puro de desejos, receios e anseios e contradições? Uma estação dos CTT tem um efeito moralizante, à semelhança de uma moralidade medieval.

Especada no purgatório, sem saber se o meu destino seria cair nos braços da funcionária da direita ou da esquerda, senti-me uma alma por julgar num dos Autos das Barcas. Refiz, tão rapidamente quanto podia, o rol dos meus pecados, verifiquei se tinha o impresso comigo, o BI, moedas para eventual pagamento (que nestas coisas de óbulos nunca se sabe...), a caneta, e fiquei longo tempo suspensa das imagens do Paraíso (à direita) e do Inferno (à esquerda) que se representavam a meus olhos e a dois passos. Retirei a moralidade do caso: os CTT são um mundo, neles cabem o Bem e o Mal. E, em virtude disto, a minha paixão só pode redobrar.

«A beleza do gesto também se paga»

À esquerda, tratava-se de pagar uma conta daquelas que se pagam mais comodamente nos Correios do que nos locais de origem. Onde estava o resto do recibo, a parte que interessava? A senhora utente era moderna e tinha pressa. Rapidamente, concluiu que devia ter perdido essa parte essencial, depois das procuras e reprocuras do papel. Lembrou-se de ir ao carro. A funcionária não acreditou que lá estivesse o papel. Mas, no seu ritmo antigo e resignado, deixou-a ir, condescendente. Toda a gente esperou pelo regresso vitorioso. certeza), mais seguro (o que a funcionária não confirmou nem desmentiu), e que eram — declarou — caixas de bombons para crianças, e quando é para crianças, a senhora funcionária compreendia, e ela, utente, também tinha muita compreensão, sabia perfeitamente, aceitava: **«A beleza do gesto também se paga»** — disse a utente, contente. E abriu o porta-moedas, que não devia ter muito mais dinheiro para além do que pagou.



Podia-se pagar em cheque? De facto, a lei obrigava a que se aceitassem cheques. Mas, abaixo de 5 contos, a senhora compreende..., só visado... Acontece que a utente era moderna, tinha dinheiro na conta e perguntou se não podia comprar selos até fazer 5 mil escudos, que nessa altura escusava de voltar para trás. A senhora funcionária considerou uma excelente ideia, porque assim se cumpria a lei, voltou a lembrar que abaixo de 5 contos, só visados (outra bicha — pensei).

À direita, o Paraíso, sem tirar nem pôr, na funcionária sorridente e na utente mais sorridente ainda, satisfeita da espera recompensada: dois pacotes feitos segundo as regras todas, normalizados, sem uma falha a apontar, a pagar segundo a taxa mais cara. E a utente, com as irradiações de Cristo nos lábios e nas pálpebras, vivendo o Natal da catequese, estava disposta a tudo, até a pagar um pouco mais. Mesmo com a funcionária a explicar-lhe que ficava mais barato se fizesse de outro modo, a utente queria ela que as cartas fossem dentro do pacote, era mais bonito, dizia (e a funcionária também achava), e até mais rápido (disso a funcionária não tinha a Olhei em volta para ver se se tratava de algum slogan que eu não tivesse lido, se seria uma pura e simples citação. Não, era pensamento próprio, pilar da felicidade absoluta. Trata-se de uma consumidora pura. Não havia dúvida: os CTT eram o espaço das almas sensíveis.

Esperei o tempo de a senhora sorridente comprar a colecção completa dos postais da Liga Contra o Cancro — que por sinal só podiam ser vendidos pela funcionária do lado, a porteira do Inferno, que não «facilitava» e até admitiu a hipótese de não ter a colecção completa. E esperei ainda o tempo de a senhora moderna e prática poder abandonar o local, depois do o cheque ter sido devidamente verificado.

Gostarei sempre dos CTT

Estranhamente, foi o Paraíso que me recebeu. E estava tudo como devia ser. Nenhum problema de letra, nem de morada, nem de BI, nada. Podia levantar a encomenda que estava depositada. Pensei que uma grande e longa paixão acaba sempre por ser compensada. Era mesmo Natal.

Saí, com dois volumes pesados. Eram uns livros que tinha adquirido pelo correio — coisa que, até à data, nunca me tinha passado pela cabeça fazer — para maior comodidade, para não perder tempo a arrumar o carro, para não andar com volumes na viatura (como nos aconselham as seguranças) para não estar em mais umas bichas.

Mas, ainda aqui, desculpei os CTT. Nisto tudo, tinha havido apenas pequenos erros de cálculo. Por exemplo, colocar uma estação com dois únicos guichets num bairro moderno mais ou menos abastado, que acabava por servir uma zona bastante extensa, de ricos, pobres e remediados, com comércio e serviços em expansão. Não era culpa de ninguém, se o bairro se tinha desenvolvido excessivamente para a estação de província que tinham ali instalado...

Desta visita forçada a uma Estação dos Correios confirmei que há sempre o lado bom das coisas e que só pessoas com muita maldade é que o não vêem.

Se o guichet da esquerda era a imagem do Inferno, o da direita foi uma súbita aparição da felicidade — um raio verde.

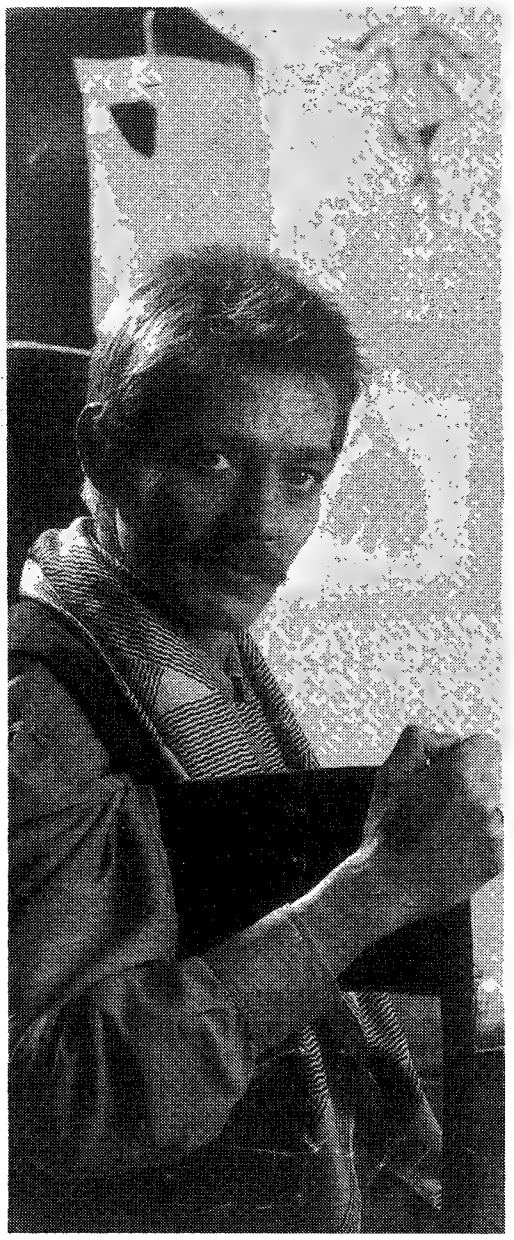
É por isso também que eu sempre gostarei dos CTT.

Texto de
Lourdes Féria

OS QUE NA MODA SE DESTACARAM

Terminaram os anos dos truques, dos passes mágicos, dos artificialismos, dos *pós* isto e aquilo.Todavia, na moda, as lições foram proveitosas. Depois da confusão criativa, exerce-se a filtragem, separando-se o trigo do joio com discernimento e sensatez. Extintas as "vítimas da moda", aliás estavam condenadas a um prazo de validade, surgem consumidores mais contidos, mais críticos perante a mercadoria que se lhes pretende impingir. As leis da sobrevivência, com a sua lógica implacável, induzirão alguns criadores a adaptarem-se às mudanças. Outros haverá que já namoram os noventa. Foi, entre esses, que escolhemos, os que consideramos mais sólidos e virados para o futuro. Um italiano, um inglês, uma japonesa, um espanhol e uma dupla de portugueses.

Yoneda Kasuko, vinda do Japão



Jesus del Pozo segue o exemplo do mestre

Martine Sitbon agrada a gregos e a troianos

Tendências barrocas

Quem é este homem baixinho, de aspecto insignificante, que consegue transformar um desfile num acto mágico? Discreto, púdico, secreto, avesso á luz dos projectores, Romeo Gigli prefere esconder-se atrás das cortinas. Em Março de 1989 conquistou Paris, fortaleza inexpugnável, onde se fabricam os ídolos do mundo da moda. Raramente concede entrevistas, vive alheado dos circuitos sociais, é a anti-*star* por excelência. Filho de um rico bibliotecário e de uma condessa, ele viveu a infância numa casa cheia de livros. Nas roupas que concebe, com invulgar requinte, transparecem os resíduos do seu passado *hippy:* gosto do exotismo, tendências nítidamente barrocas, sobrecarga de ornamentos. Ao contrário dos desenhadores japoneses que ainda não se desapegaram do minimalismo, polariza o faustoso e o preciosismo formal da cultura bizantina. Romeo Gigli flutua entre o Oriente, rota que trilhou quando tinha vinte anos, e o Ocidente, referência presente através das formulações renascentistas. Envoltas em amplos casacos, ricamente bordados, as suas mulheres, parecem saídas de uma iluminura. Rostos seráficos, habitados de um subtil misticismo, elas são as sacerdotizas de uma cerimónia iniciática. Delicadas e frágeis, portadoras de uma beleza espiritual, sugerem fantasias do onírico. Este italiano imensamente culto vai ser o paradigma estético, na área da moda, dos anos 90. Tem um enorme sentido das cores e das formas, criou uma imagem de mulher feminina e doce. Cuida dela com o mesmo cuidado que dispensa às roseiras do jardim da sua casa, na região da Emilia Romana.

Colorido exuberante

Em 1984, John Galliano abalou a fleuma inglesa ao irromper no cenário da moda com propostas que contrariavam a proverbial ortodoxia. Não se encaixa, porém, nos pavorosos exercícios da chamada "street fashion", distingue-se exactamente pela originalidade e o toque intelectual de que as suas colecções estão impregnadas. Nunca se limita ao fazer fácil, àquilo que é apenas fruto das intuições. Investiga e documemta-se sobre as cores, as texturas, as formas, os estilos. Quando começou, no princípio da sua fulgurante carreira, exprimia-se desenvolvendo um tema central. Assim, criou "Afganistão repudia ideais ocidentais", ideia que traduzida em roupa era um conjunto de peças baseadas nos tecidos e estilismo orientais. Ao fim de dois anos, abandonou essa obcessão dos títulos genéricos, dando ao público a liberdade de interpretar como muito bem entendesse o espírito de cada colecção. O que define John Galliano é a combinação das cores, o corte circular e a insistência nos drapeados. Já colheu alguns louros, em 1987 foi eleito o desenhador do ano pelo British Fashion Council e está representado no museu do vestuário de Bath. Provavelmente a paixão pelo colorido exuberante tem a ver com as suas raízes mediterrânicas. Nasceu em Gibraltar, filho de mãe espanhola e de pai com origem genovesa. Em Londres, na famosa St. Martins' School of Art, estudou desenho têxtil, grafismo, escultura, jornalismo, pintura e estilismo, o que prova possuir uma excelente bagagem. Autor de pirâmides, ovos, pétalas, chaminés e guarda-chuvas profere esta declaração de fé: "quero eliminar o supérfluo, sem no entanto cair na monotonia".

Mestiçagem cultural

De todos os desenhadores japoneses, actualmente instalados em Paris, Yoneda Kasuko parece ser a que melhor se ajusta à radiografia da década de noventa. A sua imagem convoca o rigor e a simplicidade, embora nela se insinuem algumas notas de humor com força suficiente para quebrar o ar sério e um pouco clássico. As suas pecas, de um corte hábil e impecável, assentam no corpo como uma luva. Os seus fatos de calça e casaco, talhados com um enorme depuramento de linhas, tornam a silhueta longilínea. Em termos de grafismo, ela denuncia uma mistura de influências que lhe determinam o estilo. Produto de uma mestiçagem cultural, os vinte anos vividos em Tókio somados aos quinze vividos em Paris, moldaram-lhe a personalidade. Concluído um curso de estilismo e modelismo no Japão, esta mulher de rosto misterioso decidiu buscar um lugar ao sol na capital da moda. Têve a sorte de ser financiada pelo poderoso grupo Itakin, o que lhe permitiu afirmar a sua identidade e tecer uma estratégia estética. Yoneda Kasuko exprime uma sensibilidade quase vagabunda, na medida em que mobiliza diversas referências. O minimal japonês, o barroquismo oriental, o dandysmo de 60, isto matizado por um ligeiro toque neo-grego que se observa, em especial, nas túnicas de corte assimétrico. Trabalha, como ela diz, "para mulheres sem uma nacionalidade definida ".

Um aluno aplicado

O espanhol Jesus del Pozo está na crista da onda. Em 1981 foi contemplado com a "agulha de oiro" e, no ano passado, recebeu o Prémio Nacional Cristóbal Balenciaga, um dos seus costureiros favoritos. Bom aluno, aprendeu com o mestre a estruturar as peças e a manejar os volumes. Nesse equilíbrio, na configuração arquitectónica que imprime aos tecidos, reside a particularidade do seu inconfundível estilo. O que faz é perfeito porque, como ele diz, "um produto medíocre já não se consegue vender", o consumidor tem exigências de qualidade que antes não tinha. Daí as preocupações que denota com respeito à matéria-prima. Nada de fibras artificiais nem de misturas espúrias, a lã tem que ser lã e a seda tem que ser seda. Não dispensa o selo de autenticidade, a pureza daquilo que vai manipular extraindo dela partido. Contudo, tanto a nível de formas como de côres, nunca se inclina para o demasiado óbvio. Prefere deter-se num território que não é neutro, mas onde as coisas somente se

insinuam. Até chegar ao patamar que hoje pisa, Jesus del Pozo percorreu um longo e sinuoso caminho. Emigrante na Alemanha, antiquário, decorador de interiores e, sobretudo, insaciável viajeiro. A Inglaterra, Turquia e a Grécia foram alguns dos seus destinos. Só depois do retorno a Madrid se convenceu de que as suas raízes estavam naquele espaço geográfico, era dali que devia partir. "Vi as orelhas ao lobo e decidi não voltar a sair de Espanha enquanto não estivesse preparado para enfrentar a concorrência estranjeira". Já o está. Cada colecção sua provoca surpresa, reune os ingredientes suficientes para se fazer notar no panorama da moda internacional. As roupas de que é autor, quando vestidas pela enigmática Violeta Sanchez, a sua manequim fetiche, adquirem um brilho indiscutível. Quando fotografadas por Javier vallohonrat atingem o cúmulo da perfeição.

No rasto do rock

Era inevitável destacar o papel de Martine Sitbon, agora convertida na rainha da moda parisiense. E quem triunfa em Paris, logo mete no bolso os públicos de Londres, Milão, Nova Yorque e Tókio, lugares onde se confirmam os valores, as tendências, as originalidades pessoais dos criadores. Tem o condão de agradar a gregos e a troianos, quer dizer a clássicos e a vanguardistas, porque ela consubstancia duas facetas aparentemente inconciliáveis. É como o Mr. Hyde e o Dr. Jekyll, sem a dualidade redutora do santo e do demónio. Quando se declara heroína da extragavância, cultiva um gosto duvidoso que remete para a estética dura de um certo rock da década de 70: muito couro negro, muito metal, muito adorno. O oposto do seu outro lado que se manifesta, sereno e sensato, na marca Chloé. Vende, assim, e com bastante sucesso, diferentes imagens. Representa o ecletismo dos anos 80, ainda que recuse participar da vida social e mundana tão apreciada por outras figuras da moda, caso de Jean Paul Gualtier, ele mesmo signo de uma época. "Talvez me considerem uma pessoa misteriosa porque não faço o jogo dos media". Bonita, discreta e cosmopolita engendrou Barbarelas, personagens de filmes sado-masoquistas, "Hell's Angels" na versão feminina. As suas mulheres surgem sob inúmeros disfarces. Exalta a moto, o psicadelismo dos *sixties*, o glamour um tanto pesado da periferia. "A minha roupa sou eu, encontram-se nela as minhas experiências, a minha cultura, a música que escutei." Será possível que esta rapariga de trinta anos tenha vivido tão loucas aventuras?

A demarcação do convencional

Também há portugueses que merecem ingressar nas fileiras dos criadores de moda destacáveis, ser içados ao *ranking* das mais categóricas esperanças da época que se inicia. Proclamar que o duo Eduarda Abbondanza e Mário Matos Ribeiro tem condições para ser um dos casos mais interessantes dos anos 90 não é nenhuma fábula Basta ver as últimas colecções que, em conjunto, produziram e onde transparecem já preocupações de rigor.

Eduarda Abbondanza e Matos Ribeiro, a parceria ideal

Ensaia-se uma vontade de fazer com que sejam perduráveis, não obstante se afirmar ainda um desejo de demarcação do convencional. Entrámos numa época mais firma e mais desmaterializada, daí que os códigos do vestuário, sem se afastarem do culto do corpo tão vincado na década de 80, se escudem num discurso menos efémero e talvez menos superficial. Reflectir, ponderar, assimilar e depurar, eis os verbos que agora se conjugam. As peças de Outono-Inverno, expostas na loja que Eduarda Abbondanza e Mário Matos Ribeiro partilham no Bairro Alto, evidenciam já sinais de maturidade, de sofisticação estilística, de uma relação com os materiais bastante mais selectiva. Os verdes e os vermelhos intensos constituem uma nota de alegria transbordante, as tropelias que introduziram nas golas dos casacos e blusas contagiam-nos ao ponto de nos sentirmos desanuviados do peso quotidiano. São a imagem do anti-conservadorismo, o triunfo de um espírito que não descura o pormenor. Quanto à colecção para as próximas estações, apresentada nos desfiles da FIL, revela um salto qualitativo no percurso destes dois autores cujo destino pessoal e profissional convergem.

John Galliano não repudia origens mediterrãnicas

Texto de
Paula Bach

OS SONS À NOSSA PROCURA

O PLÁCIDO É QUE É BOM

Afinal, qual é a lógica da vinda a Portugal deste «primo-uomo» dos nossos tempos? Deste cantor omnipotente que nos afaga com o brilho incandescente da sua presença...

Nós, portugueses, fartámo-nos de ser pequenos, terceiro-mundistas. Quisemos, pelo menos para variar, sentir o prazer de crescer, de ser maiores.

O nosso complexo de pequenez levanos então a actos como o de trazer o Plácido Domingo ao Teatro de S. Carlos. E assim, este presenteou os mais afortunados como *«aquela presença»*. Pena foi que para alguns tenha sido *«aquela desilusão»*...

Estivemos lá, nos dias 15 e 18, e abordámos brevemente algumas das pessoas bafejadas pela sorte de coexistir com o grande tenor, sobretudo na mesma sala.

«Foi a primeira vez que ele veio cá, suponho que seja a única... foi uma oportunidade» — disse-nos um dos raros espectadores que não usava «smoking». Uma oportunidade de ouvir o Placido Domingo, ou uma oportunidade de participar no acontecimento social «récita do Placido no S. Carlos»?

«Ah, sei lá, uma pessoa vibra imenso, mas... *é por ser ele...*» — comentou-nos uma jovem jurista, que tinha por hábito vir ao S. Carlos assistir não só a óperas como a concertos.

Placido surge-nos como «tudo», transpondo para segundo plano Verdi e Otello bem como a produção em si.

«Bem, no lugar em que eu estou, noto que a voz não tem aquela repercussão de que eu estaria à espera... e, os outros têm uma voz mais sonante..., mas claro que o Placido tenho-o em minha casa!» Há lugares e lugares, principalmente no S. Carlos. Era uma descendente de músicos e, consequentemente, mal instalada. Estava perdida num daqueles lugares do chamado «galinheiro» de onde só se vê a coroa real. Pertencia à velha guarda de «fans» de ópera, e faláva-nos das produções no Coliseu com uma certa saudade.

«Talvez não tenha a projecção dum Caruso.»

— Sim, então teve a oportunidade de ouvir o Caruso!?

«Bem, em disco, em filme...»

A sobrevivência da voz num espectáculo ao vivo, desde que entrámos na era dos amplificadores, nem sempre é fácil.

«Já ouvi opiniões de pessoas que estão realmente desiludidas, eu atribuo isso ao facto de estarem habituadas a ouvir o Placido em compacto e, sendo assim esperavam uma projecção vocal bastante diferente.» — Refere a nossa jovem jurista, num «tailleur» preto discreto, quando a questionámos acerca da sua reacção perante *aquela voz.*

Subimos as escadas e, depois de nos cruzarmos com algumas personalidades conhecidas do panorama político português, batemos à porta de um camarote de terceira ordem. Respondeu-nos um vendedor em mangas de camisa, aparentando um ar um tanto indolente. O que é que esperava aqui na récita do Otello?

«Para além de um alto tenor, ou seja, um cantor que domine perfeitamente as potencialidades vocais, espero um excelente actor... afinal vou ficar aqui quatro horas!»

Ou seja, agora no papel de comprador, exigia que não lhe dessem «gato por lebre». E depois, notava-se que era uma pessoa que tinha aprendido a dar valor ao tempo. Será que não estava habituado a espectáculos longos como o de ópera?

Quanto aos «assíduos frequentadores» do S. Carlos, têm aquele ar de «quem-sabe!». A sua opinião é «douta» e «esclarecida». Eles sabem que *o Placido é que é bom,* o problema é que, por vezes, não conhecem as suas interpretações nem mesmo em disco. E se trocássemos o disco? E se disfarçássemos outro tenor de Placido, mesmo sem ser tão «alto» como ele (como se sabe os «baixos» é que são altos... percebem?), e puséssemos o Placido na plateia? Abordámos duas senhoras, durante o intervalo, que passeavam no Salão Nobre, perto do «champanhe»:

— Qual foi a última ópera a que assistiu?

«Foi o Krauss, ...que veio cantar um concerto.»

— Não, ...a última *ópera.*

«Ópera? Não sei, mas... no ano passado só vim ao Krauss.»

— E, tem óperas em casa?

«Imensas!«

Queríamos que houvesse uma preocupação pela contexualização do cantor no ambiente cénico, literário e musical da ópera??? De qualquer modo, há quem reclame mais unidade. Simplesmente o critério parece ser o de multiplicar os Placidos:

«Sim, acho que é importante trazer vultos como o Placido Domingo a Portugal, desde que venham *decentemente* acompanhados. Eu nem sei quem é que veio com ele...»

Placido «acompanhado por»: a síntese perfeita de uma concepção de ópera.

Mas, a nossa «sondagem» leva-nos à conclusão de que Luciano Pavarotti é, por opinião geral, considerado ainda mais dotado que Placido Domingo.

«Eu acho uma maravilha ele ter vindo cá, acho que deviam vir mais, ...o Pavarotti e os outros todos!»

À espera do elevador estava uma senhora de fato castanho, que parecia ser uma incondicional admiradora do bel canto:

«Eu gosto mais do estilo *Pavarotxi* (sic).»

— E, acha que seria importante trazer o Pavarotti a Portugal?

«Espero que me digam com antecedência para eu reservar o bilhete... pois para arranjar este já foi um problema!»

Tivemos opiniões contraditórias acerca do coro e da orquestra do Teatro:

«Somos da Alemanha, é a primeira vez que vimos ao S. Carlos. Achamos o coro *maravilhoso...*»

Quanto às duas senhoras que encontrámos na «sala do champanhe»:

«A orquestra parece uma sarabanda (sic), é mazota, e o coro também não é assim muito brilhante.»

— E o maestro?

«Não conhecemos.»

Um casal conversava, perto do bar. Discutiam as impressões que tinha deixado a primeira parte da récita. Já tinham assistido a várias produções operísticas no estrangeiro, nomeadamente em Itália e na Alemanha, e congratulávam-se por isso. Mas, para eles era importante o Placido estar aqui, no S. Carlos:

«Acho óptimo, é uma possibilidade deles virem até nós e não termos que ir procurá-los fora do país.»

Entre os estrangeiros que abordámos estava um senhor brasileiro, que tinha provavelmente deixado o «smoking» no Brasil e que nos disse com um ar solene:

«Foi a primeira vez que vim ao S. Carlos e, devo dizer que isto é uma *obra de arte.* Sim, porque eu sou um *artista!*»

Depois de trocarmos mais umas frases com o «senhor que vinha do calor», apercebemo-nos de que era engenheiro. Só ficámos na dúvida se seria «engenheiro-artista», «artista-engenheiro» ou artista e engenheiro. Pelo menos ficámos com a sua opinião lisonjeadora.

Foi um *acontecimento,* e podemos mesmo dizer que tocou as raias do «sensacionalismo». Importante sobretudo para os que tiveram a oportunidade de fazer directamente parte dele, mas não só.

Encontrámos pessoas bem vestidas e outras que tinham feito os possíveis. Estudantes, políticos, músicos, advogados e outros. Era um público unido por uma causa: *«aquela voz».* da *voz* fez-se uma festa. Todos achavam uma boa política, a de trazer grandes vultos (músicos) a Portugal, embora por razões diferentes.

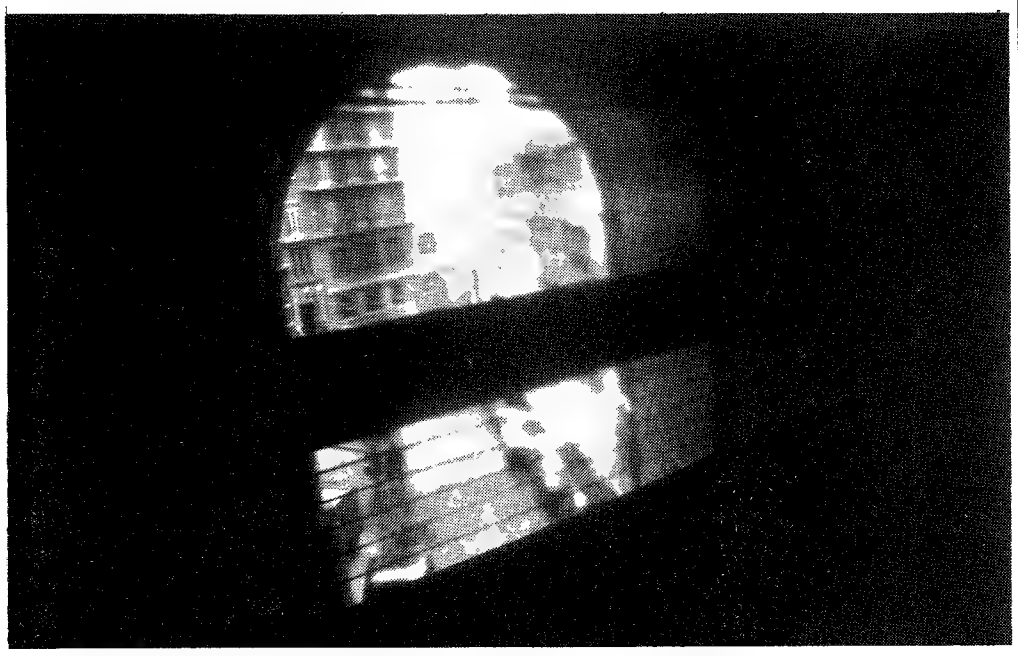
Para muitos era a estreia no espectáculo de ópera. E que estreia! «Acho que foi importante trazê-lo cá. É a primeira vez que venho à ópera, mas suponho que o S. Carlos é um teatro já com um certo carisma e que está à altura de qualquer Placido Domingo.»

Apesar da sua estreia na ópera, o nosso vendedor já soubera de antemão o valor de um teatro chamado S. Carlos. Esperamos que não se tenha sentido enganado...

Texto de
Duda Guennes

COMO ESTÁ A SUA CULTURA GERAL?

OS 100 MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA



FOTOGRAFIA DA SEMANA
GIL TEIXEIRA

«DEAMBULAÇÕES II»

Aqui não se vê nascer o sol, nem pôr-se sobre o mar
Sentimo-lo passar como uma língua de fogo doce

Jorge Fallorca

Em 1979, o astrónomo e matemático norte-americano Michael H. Hart, depois de dois anos de laboriosa pesquisa, deu por concluído um alentando trabalho, que depois divulgou em livro com o título *The 100: a ranking of the most influential in History* (A relação das 100 pessoas que mais influenciaram a História — tradução à balda). São 572 páginas, que provocaram acaloradas discussões nos meios académicos norte-americanos, tornando-se «best-seller» do ano.

Hart tem lá os seus critérios, que respeito, embora não os leve muito a sério. O livro, para mim, é mais uma curtição, passatempo para dividir com amigos, tipo jogo de cultura geral, pois alguns nomes do *ranking* de Hart são desconhecidos da maioria das pessoas das minhas relações. E é como jogo que proponho aos leitores para a avaliação dos conhecimentos de cada um.

Vamos, pois aos nomes. Nos dez primeiros lugares, Hart classificou 1.° — **Maomé**; 2.° — **Newton**; 3.° — **Jesus Cristo**; 4.° — **Buda**; 5.° — **Confúcio**; 6.° — **São Paulo**; 7.° — **Ts'ai Lun**; 8.° — **Gutenberg**; 9.° — **Colombo** e 10.° — **Einstein**.

Os dez primeiros nomes estão bem divididos, cinco orientais, cinco líderes religiosos, sendo que a escolha de Hart para pôr Maomé à cabeça é justificada pelo facto do profeta ter tido um comportamento mais completo e uma trajectória mais complexa; sua pregação não se limitou a apenas três anos, como o nazareno, e agiu sempre como homem, inclusive casando e procriando, escrevendo e legislando. Isto é, sem fazer *milagres*.

E LÁ VÃO MAIS 20

Vamos mais a um bloco de 20 do *ranking* de Hart; 11.° — **Marx**; 12.° — **Pasteur**; 13.° — **Galileu**; 14.° — **Aristóteles**; 15.° — **Lenine**; 16.° — **Moisés**; 17.° — **Darwin**; 18.° — **Shih Huang To**; 19.° — **César Augusto** e 20.° — **Mao Tsé-Tung**.

Aparecem já os primeiros filósofos e cientistas, sobretudo líderes e ideólogos de esquerda, entre os quais Hart inclui Moisés (?).

Seguem-se, em 21.° — **Gengis Khan**; 22.° — **Euclides**; 23.° — **Lutero**; 24.° — **Copérnico**; 25.° — **James Watt**; 26.° — **Constantine**; 27.° — **Washinton**; 28.° — **Faraday**; 29.° — **Maxwell** e 30.° — os **irmãos Wright**.

Aparecem os inventores e os primeiros norte-americanos (não fora Hart da mesma nacionalidade), embora haja controvérsias sobre a primasia dos irmãos Wright como autores do primeiro voo com um aparelho mais pesado que o ar. Há quem defenda a invenção ao brasileiro Santos Dumont.

QUARTA E QUINTA DEZENAS

Anotem: 31.° — **Lavoisier**; 32.° — **Freud**; 33.° — **Alexandre**; 34.° — **Napoleão**; 35.° — **Hitler**; 36.° — **Shakespeare**; 37.° — **Adam Smith**; 38.° — **Thomas Edison**; 39.° — **Van Leeuwenhoek** e 40.° — **Platão**.

Os políticos continuam em alta, a religião desaparece e entra a Literatura.

Vamos em frente: 41.° — **Marconi**; 42.° — **Beethoven**; 43.° — **Heisenberg**; 44.° — **Graham Bell**; 45.° — **Fleming**; 46.° — **Simão Bolívar**; 47.° — **Cromwell**; 48.° — **Locke**; 49.° — **Miguel Angelo** e 50.° — **Urbano II**.

Além da Filosofia, a ciência e a religião continuam presentes. Aparecem, contudo três novas categorias: música, artes plásticas e América do Sul.

CONTAGEM REGRESSIVA

Do meio para o fim, a grande surpresa: a primeira mulher, no 68.° lugar — uma rainha. Mas vamos pela ordem directa, agora em blocos de 25 nomes.

51.° — **Al Khatab**; 52.° — **Asoka**; 53.° — **Santo Agostinho**; 54.° — **Max Planck**; 55.° — **Calvino**; 56.° — **Morton**; 57.° — **Harvey**; 58.° — **Becquerel**; 59.° — **Mendel**; 60.° — **Lister**; 61.° — **Wikolaus Otto**; 62.° — **Louis Daguerre**; 63.° — **Staline**; 64.° — **Descartes**; 65.° — **Júlio César** (não sei qual o critério de Hart para colocar César Augusto em 19.° e Júlio César num subalterno 65.°); 66.° — **Pizarro**; 67.° — **Mernan Cortez**; 68.° — a já referida rainha **Isabel I**, a católica; 69.° — **Guilherme, o conquistador**; 70.° — **Jefferson**; 71.° — **Rosseau**; 72.° — **Jenner**; 73.° — **Roentgen**; 74.° — **Bach** e 75.° — **Lao Tsé**.

OS ÚLTIMOS 25

São os que se seguem: 76.° — **Fermi**; 77.° — **Malthus**; 78.° — **Francis Bacon**; 79.° — **Voltaire**; 80.° — **Kennedy**; 81.° — **Pincus**; 82.° — **Sui Wen Ti**; 83.° — **Mani**; 84.° — finalmente, ufa! o nosso **Vasco da Gama** (também não percebo porque Colombo em 9.° e Vasco da Gama em 84.°, mas tudo bem); 85.° — **Carlos Magno**; 86.° — **Cyro**; 87.° — **Euler**; 88.° — **Maquiavel**; 89.° — **Zoroastro**; 90.° — **Menés**; 91.° — **Pedro O Grande**; 92.° — **Mêncio**; 93.° — **Dalton**; 94.° — **Homero**; 95.° — **Elizabeth I**; 96.° — **Justiniano**; 97.° — **Kleper**; 98.° — **Picasso**; 99.° — **Mahavira** e 100.° — **Bohr**.

É esta a lista. A escolha é Michael Hart, que explica algumas das razões de ter incluído certos nomes em detrimento de outros. Kennedy, por exemplo, está no *ranking* e Lincoln não. Explicação do autor: Lincoln não simboliza a abolição da escravatura enquanto Kennedy representa a era espacial... Enfim, critérios.

Hart também considera Miguel Angelo bem mais representativo do Renascimento que Leonardo da Vinci, «é mais vigoroso», alega.

RESUMINDO E CONCLUINDO

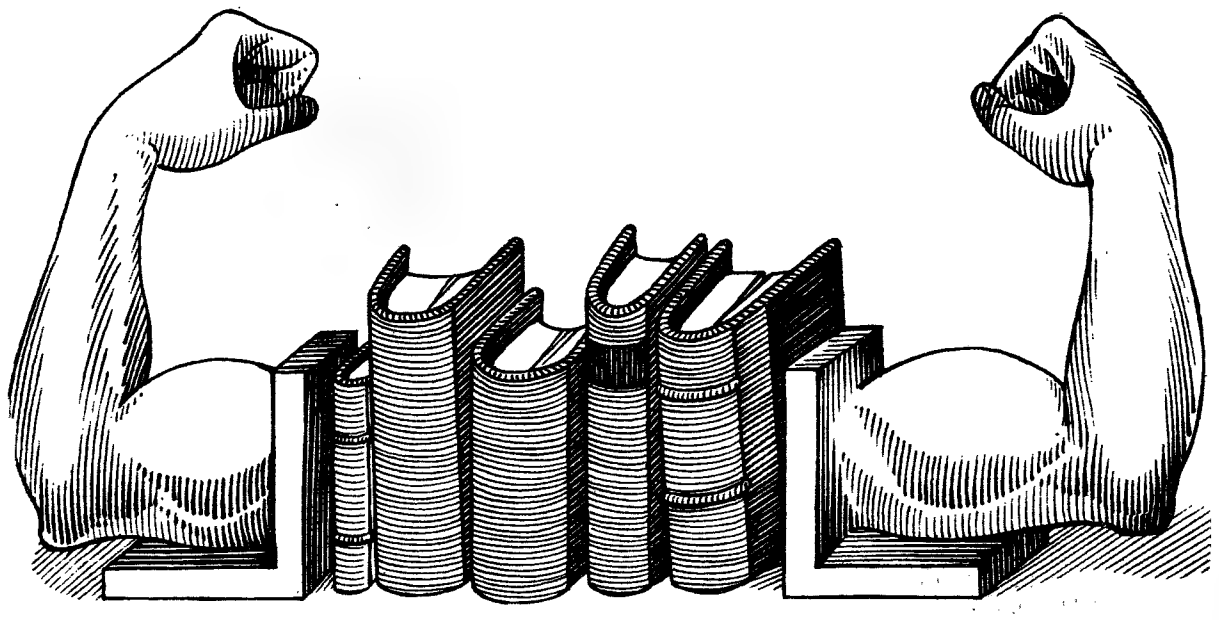
Desta lista, 80 por cento das pessoas são ocidentais e 20 orientais, 25 por cento são da Idade Antiga; a Idade Média é representada por oito por cento; a Moderna 34 e a Contemporânea 33 por cento. Há ainda a considerar que desde a sua publicação, 1979, uma década já se passou e muita gente nova apareceu, Gorbachev, Futre, Cadilhe, Madonna e outras que talvez merecessem constar deste *ranking*.

EM)Quanto à divisão continental, verificamos que 71 são da Europa, 18 de Ásia, 8 da América do Norte, 2 de África e um da América do Sul.

Muitos destes nomes não constam em algumas enciclopédias, por isso, para curtir com os amigos esse jogo de cultura geral — saber quem é quem — é bom estar munido de pelo menos três enciclopédias. Das boas.

De qualquer maneira, apenas duas mulheres presentes é muito pouco, o que deve demonstrar que o autor tem uma visão paternalista e patriarcalista da História. Para não dizer machista.

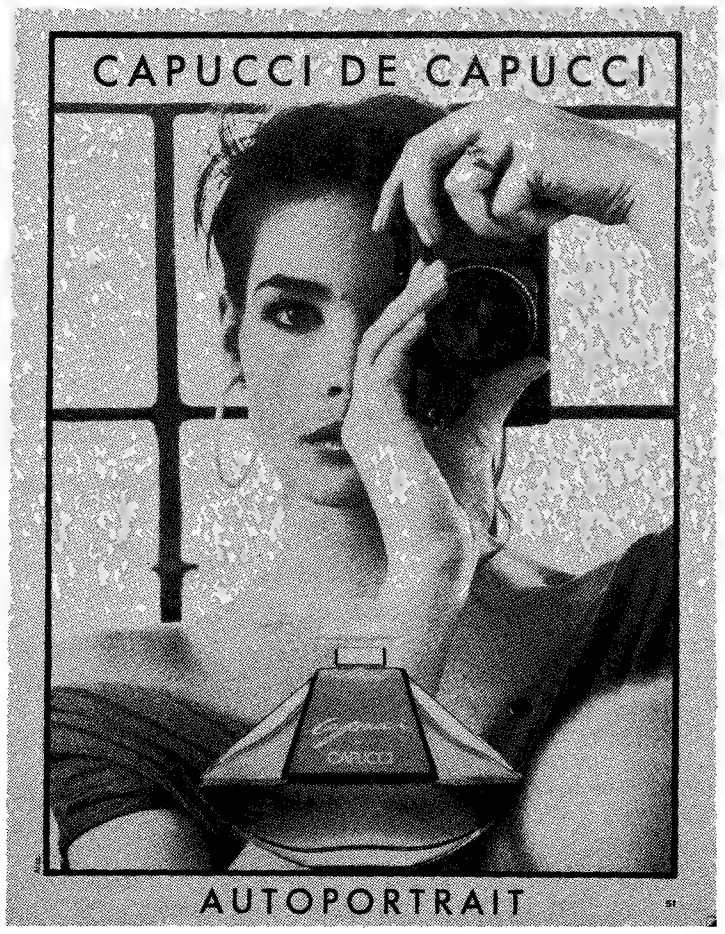
Ao leitor que souber quem são este cento de personalidades, parabéns, acertou na MOSCA.

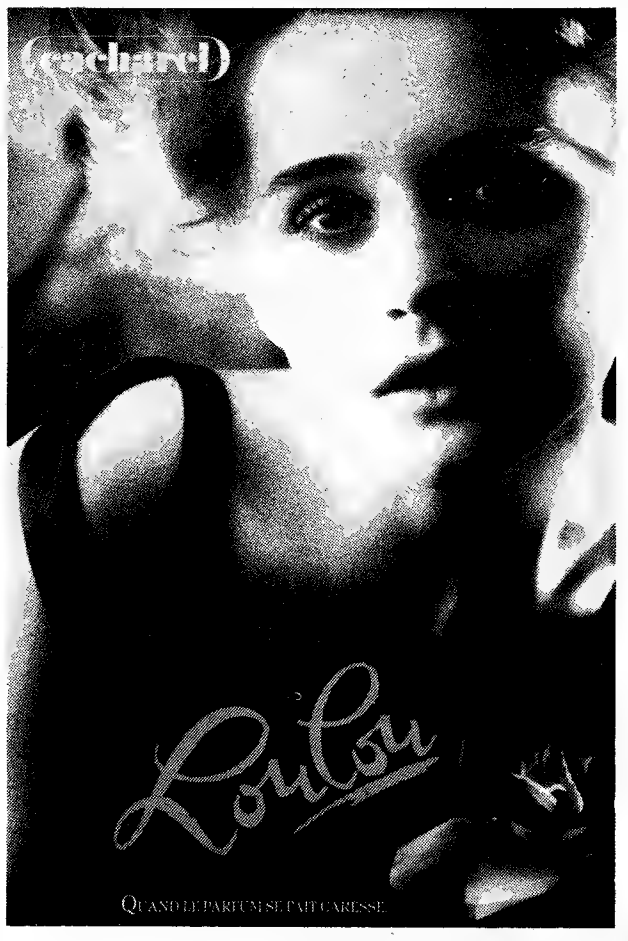


CRÓNICAS

DO EFÉMERO

MARIA JOÃO FREITAS





O PERFUME

1
O AUTO-RETRATO

Não se sabem muitas coisas acerca dela. Nem o nome, nem a idade, nem a morada. Permanece muito pouco tempo em cada lugar. Passa pelas coisas como uma sombra. Um dia pediram-lhe que se descrevesse. Queriam apanhá-la numa teia de palavras. Pegou na sua máquina fotográfica e fotografou a sua imagem no espelho. O resultado foi uma imagem a preto e branco. E um rosto parcialmente escondido. Era assim que ela se via.

2
A ESPERA

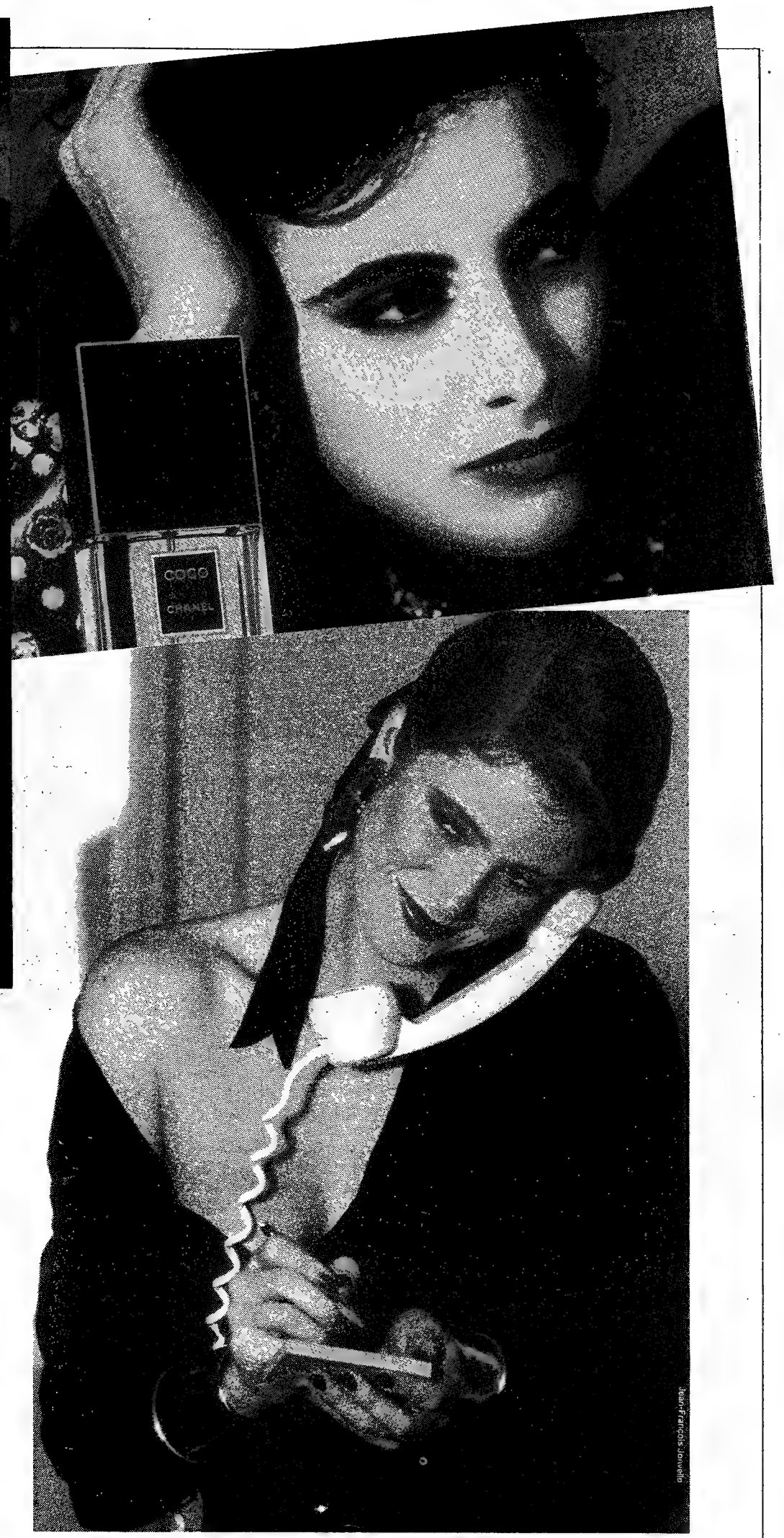
Um dia tiraram-lhe uma fotografia naquela sala. Fixaram a sua imagem. E ela ficou ali, entre a luz e a escuridão. Com o seu rosto iluminado. Repete insistentemente o seu nome, como se estivesse a chamar por alguém. está há muito tempo à espera que a tirem da escuridão.

3
A POSE

Nunca pára de surpreender as pessoas. Cada dia representa um papel diferente. Ela é muito caprichosa. E prefere seduzir a ser seduzida. O seu olhar tem uma força inegável. O mundo pára para a olhar. Ela permanece imóvel. Encontrou uma nova forma de sedução. Na mais perfeita quietude.

4
A DEPENDÊNCIA

Já está assim há algum tempo. É como se tivesse adormecido por tempo incerto. A sua imobilidade é perturbante. A pele branca contrasta com o vermelho dos lábios. Há quem diga que ela está a sonhar. Há quem diga que ela nunca vai acordar. Tudo depende da imaginação. Ela é a única que sabe a resposta.



5

A INSPIRAÇÃO

Ela não tem medo de nada. Consegue vencer todos os desafios. E anda sempre apressada. Não tem tempo para comemorar vitórias. Aparece sempre nos lugares mais inesperados. Ela é imprevisível, original, viva e impertinente. O seu perfume também.

6

HISTÓRIAS DE PERFUMES

Como é que se constrói a imagem de uma marca? Através do tipo de comunicação publicitária escolhida para divulgar o produto. Estes anúncios de Imprensa para perfumes de mulher mostram diferentes imagens. As motivações escolhidas são distintas e cada anúncio mostra o retrato de uma mulher. E a mulher identifica-se com o perfume que usa - é indizível com Capucci, doce com Loulou, sedutora com Coco, dependente com Opium e imprivisível com Rive Gauche. Cada perfume tem a sua personalidade. Capucci, de Capucci, para mulheres dinâmicas, empreendedoras, mas misteriosas e difíceis de definir. Loulou, de Cacherel, para as mulheres doces, sensíveis e muito femininas. Este perfume é escolhido por mulheres sonhadoras mas passivas, que estão à espera que algo de importante lhes aconteça. Coco, de Chanel, para mulheres muito complexas e femininas. A mulher que usa este perfume está destinada a alcançar uma posição de poder e está à espera que o mundo lhe preste atenção. Ela não é facilmente seduzida e sente-se muito confiante em relação a si própria. Opium, de Yves Saint-Laurent para as mulheres com espírito de aventura, que se entregam a uma dependência.

Texto de
João Alfacinha da Silva

MIRNIS

No dia em que chegou à nossa rua, caía uma chuvinha, passava pouca gente, eu estava à janela e protegia o cigarro com dedos frios. Ela ficou debaixo dum candeeiro, é estranho, normalmente as putas escolhiam montras ou abrigavam-se em vãos de portas, nas noites assim. Fui buscar os binóculos que a minha mãe leva para a ópera, quando voltei à janela, não a vi. Esperei meia hora ou mais, tinha desaparecido.

Essa semana correu mal, excepto uma das intermináveis e cíclicas discussões com o meu pai, ele não queria ver a mínima lógica na minha teoria de que o Universo deve ser simultaneamente finito e infinito, como sempre acabámos muito bêbados e lembro-me de a Mãe nos ter ido tapar com mantas e nos ter tirado os copos e os sapatos.

Ela ficava na sala, agarrada aos seus poemas e à sua música de câmara, ao lado do sofá um copo de **«bourbon»** onde especava a beiça no intervalo dos Grandes Compositores e dos Grandes Poetas, ouvido alerta e pronto a dar o alarme para quando o pai e eu nos começássemos a insultar, e então vinha de lá e pedia um minuto para Nos Dar a Escutar esta piquena maravilha e enrolava os verrsos na língua, esticava o pescoço ao lançar para o tecto as suas marravilhas, quando ela acabava o pai ia beijar-lhe a mão e dizia fan-tás-ti-co-que-ri-da, eu era um pouco menos hipócrita, olhava-a Nos Olhos, isso bastava para ela abanar toda de Felicidade e voltar ao seu Concerto Molhado para Família Perfeita, até à altura em que o pai se punha a contar as suas Viagens Favoritas e as Piadas Porcas Preferidas e nessa altura a Mãe vinha com novo poemazito, úma pérrola perrdida, o Dinheiro era dela, haveria de ter sempre os seus beijos-na-mão e Olhos-nos-Olhos, fechávamos a boca durante três-cinco minutos, quando voltava costas o pai fazia um gesto obsceno engraçado, esperávamos mais um — dois minutos e ele punha-se a contar que Uma Vez em África uma preta ou que Uma Vez na China um sacana ou que Uma Vez na Alemanha ou que Uma Vez um índio no México, o pai tinha estoirado mais de metade da nossa fortuna com Viagens Favoritas onde aprendera inúmeras Piadas Porcas que contava quando a música de câmara se ouvia muito mais alta que o costume e uma vez contou uma tão porca que quase sufocámos com riso.

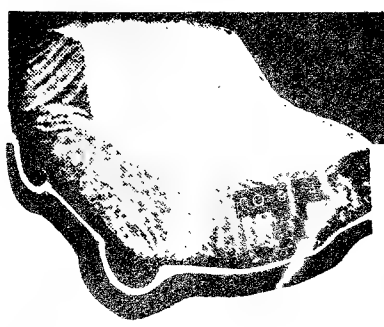
Ela voltou à nossa rua uma noite em que o pai me tinha transmitido os seus Infalíveis Truques para escapar às leis da hereditariedade, estás perdido se não controlas o teu código genético, escuta. Vi-a chegar de carro, ficou encostada ao candeeiro, loura e toda de negro, uns saltos de palmo, parecia uma mancha de óleo quando o petroleiro finalmente se afunda e o drama flutua, imponderável e definitivo. A luz batia-lhe no louro-cinza da cabeça, uns **«head-phones»** lá postos, o rosto na sombra olhava uma mão esquerda de unhas branco-leite, um corpo de morte jovem e eu vislumbrei, nessa noite em que o vento era brisa ou rajada, aquele demónio-fêmea das crenças orientais que come os cadáveres dos cemitérios, essa forma negra de predador desinteressado.

Pedi ao pai as chaves da carrinha que tem a aparelhagem electrónica de escuta, levei a correr a **«Nikon»** de longo-alcance-nocturno, ó esta música que é comum a galgos e raposas, ó mãe ouve a trompa e o sinal, ó pai sente esta energia sideral, adeus queridos, noite é caçar.

Quando cheguei à velha **Ford** de 8 lugares, que o pai mandara adaptar a estúdio-amador de espionagem, estava ela a arrancar num desses utilitários japoneses que até têm rodas, creme e rápido. Valeu-me o sinal vermelho frente ao cinema do bairro, colei-me a eles, sintonizei os microfones paternos, as mãos suadas de tensão, a febre fria que vos faz abrir os olhos sem pestanejar durante horas, tambores nos ouvidos, vi que se virava para trás e, sei que sim, sorria no escuro, sorria-me sardónica, senti que me convidava a ver e ouvir, peguei na **«Nikon»** e bati a primeira chapa no momento em que o cliente fazia o **«Honda»** chiar na excitação brusca do sinal verde. Ela fê-lo dar voltas e voltas, quarteirões desertos, arrastar-se ao longo do cais. Com os microfones direcionais eu podia ouvi-la dar ordens secas, esquerda, esquerda outra vez, em frente, uma voz onde julgava perceber entoações cansadas, e nelas as teorias pioneiras do meu pai quanto à genética do futuro, a ciência a vir será incontrolável, individual, se podes fazer uma bomba a partir de gráficos em revistas de divulgação, não faltará muito para que a biologia e a química te sejam tão acessíveis como hoje brincares com o teu vídeo, usa tudo em proveito próprio, evita que os teus colegas da universidade fiquem presos aos laboratórios das multinacionais, fá-los partilhar da urgência do poder individual, o saber gera poder, Uma Vez no Peru um traficante de coca, e eu ouvi a loura dizer abranda, pararam no alto duma colina, eu fiquei a uns 100 metros, faróis apagados, lá de cima vê-se o rio lamber a cidade e espalhar-se mais longe no oceano, quando era miúdo vinha para aqui gritar os piores nomes a todos os meus conhecidos, insultos que só terminavam quando ficava afónico, quando a raiva me trazia lágrimas, quando o eco se perdia a meio caminho da casa do professor de física, da filha do merceeiro ou da corneta acústica com que a minha avó tentava passar por surda.

O que é que eu ouvi a 100 metros do crime mais sofisticado e cruel? Que é que gravei e levei para casa, meia hora depois do **Honda** creme ter disparado estrada abaixo, só com o condutor lá dentro, alucinado, perdido, mais um? Ouvi e gravei, tirei mais fotografias dela junto aos penhascos, o triunfo triste da ave negra, porque é que não fiquei mais tempo, incapaz de assistir ao seu regresso faustoso, isso ainda estou por saber. Não foi por cobardia ou terror. Nem pudor ou repulsa. Terá sido para ouvir do meu pai a sua Super-Piada Mais Porca, ouvi-lo com a pose magnânima do Viajante Incansável, acenar às palavras terríveis que saíam da bobine, o Mestre revendo-se na perfeição da Obra.

Uma Vez na Grécia — começou, didáctico — encontrei numa ilha sem nome uma aldeia só de mulheres, não muitas, dez-doze, todas louras, altas e lindas. Todas com a muito rara faculdade inata da ventriloquia. Não me disseram como tinham desaparecido os seus homens, os velhos e filhos. Talvez os tenham morto, tenham fugido ou talvez sido expulsos. Qualquer delas podia reproduzir a voz dos seus, qualquer voz, mesmo em simultâneo. Criaram um mundo de fantasmas, patético e redentor, tornando-se exímias nas invocações ou fábulas com que dominavam elementos do seu quotidiano imediato como animais ou plantas, caçando com o poder do Verbo, arredando tempestades da ilha, capazes de matar uma águia que voava a 500 metros com uma interjeição gutural, capazes de rolar rochas com uma frase e coisas que nem imaginas. Amaram-me. Fui Senhor e acabei escravo. Sabia os seus segredos, consegui fugir numa jangada. A mulher que tu seguiste deve ser Mirnis, a especialista em sexo oral e histórias de pavor. Penso que a mandaram à minha procura. Penso que vem acabar comigo. Eu já viajei o suficiente e já contei demasiadas Piadas Porcas. Mas tu deves aprender a fórmula sagrada de autodefesa, ficarás imune. Ouve. E depois vai lá abaixo abrir-lhe a porta.

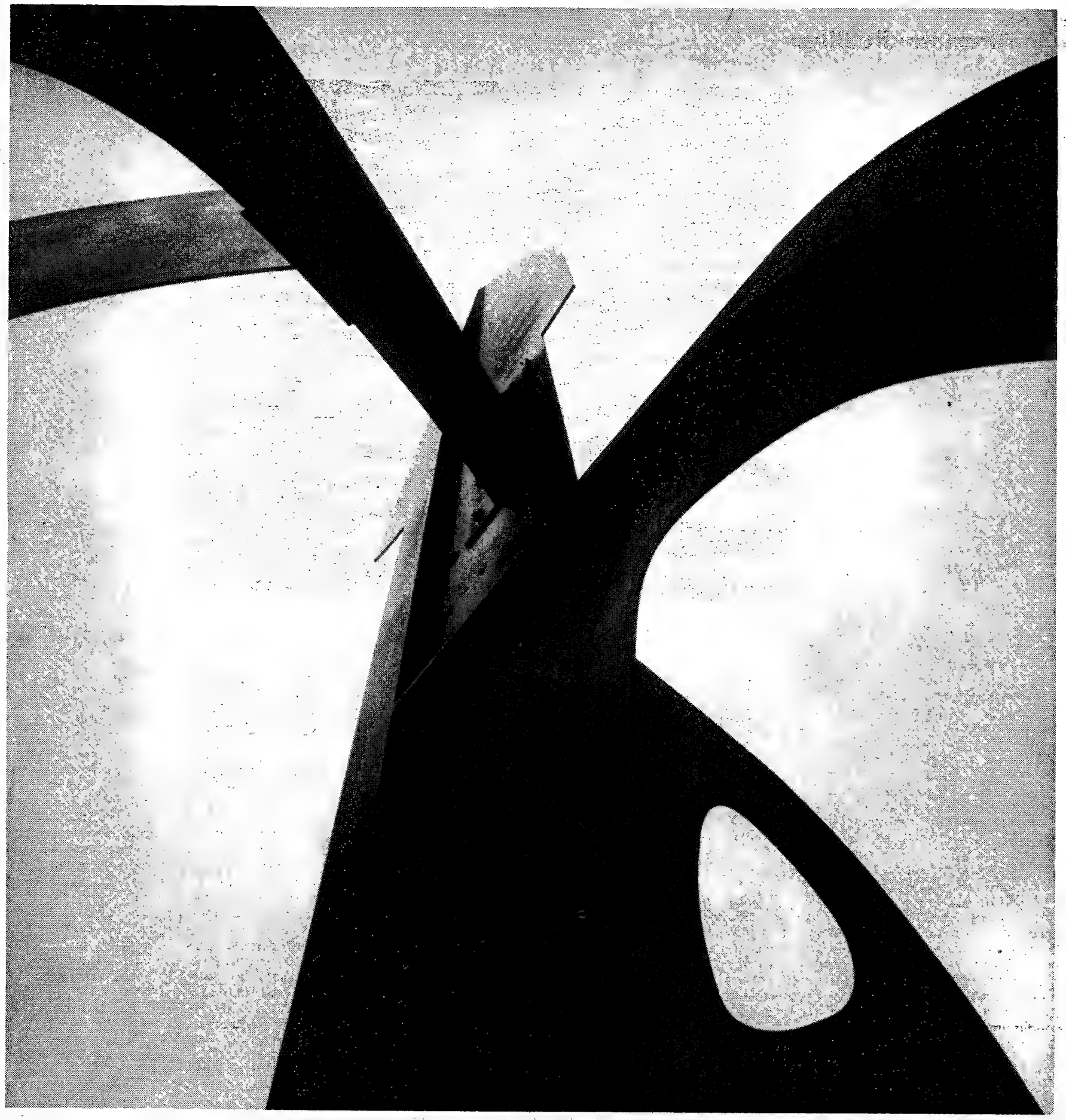

COBERTURAS IMPERMEAVEIS
PARA AUTOMÓVEIS
TODAS AS MARCAS E MODELOS

ENTREGA IMEDIATA

Joaquim Ezequiel, Lda.

☎ 2080613 (Rede de Lisboa) Vila Nogueira - 2925 AZEITÃO

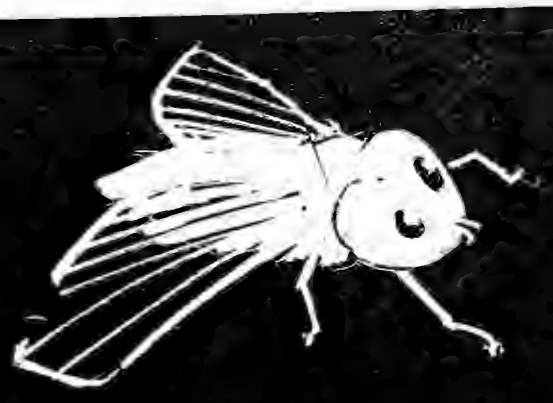
PERCURSOS



Fotografias de
Ernesto Siopa

Uma foto é já, não sendo completamente, um pequeno quadro. Trata-se de uma característica irritante que nos leva a pretender transformá-la definitivamente em quadro. Por outro lado, a foto possui qualidades específicas, impedindo-nos de estilizar, de ver falso, de dar uma interpretação demasiado pessoal do tema, e também permite ao artista fotógrafo ser tão universal, tão pouco pessoal quanto possível

Texto e fotografias de Inês Gil



Onde e que foi? Quem são?

Onde é que foi? Quem são? Isso é segredo. Mas através dessas f
construir um mundo. Os espaços e os ambientes ligam entre si.

No entanto, é mentira. Não foi cá nem lá. Ou talvez metade cá e m
diferente que não conheço e talvez que nunca hei-de conhecer. E
tem nada a ver com as minhas. Mas deixaram-se fotografar com entu

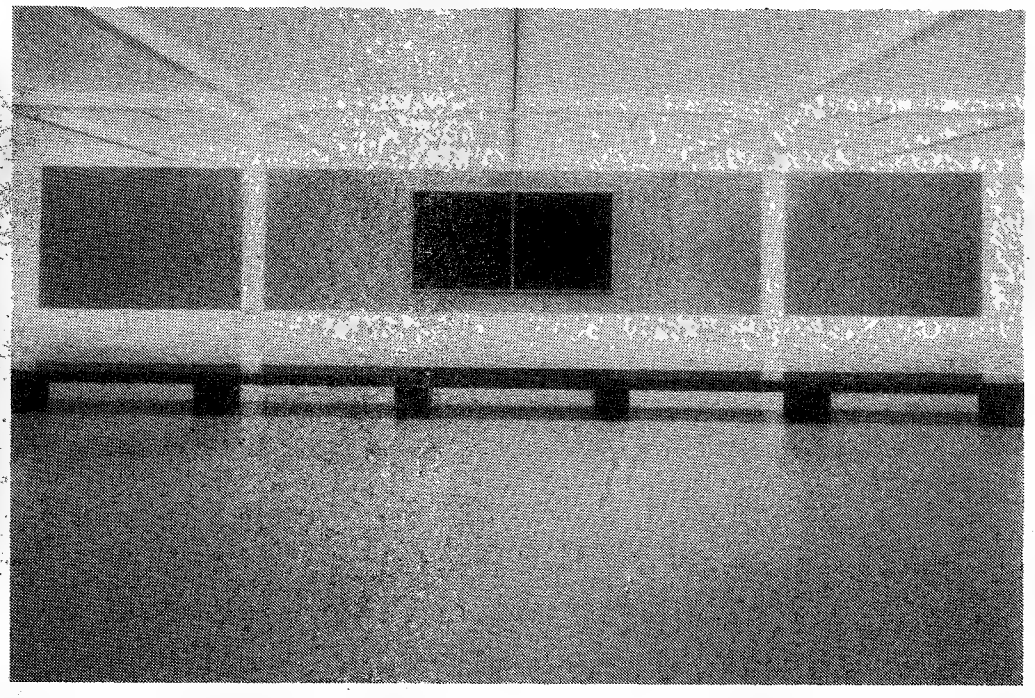
O miúdo pediu-me com uma grande excitação que lhe tire o retra
encontrou frente à máquina, tornou-se receoso como se fosse umacoi
mesmo tempo desconhecida. Pouco a pouco, vieram mais crianças v
aparelho estranho que «consegue fazer imagens iguais a mim» – di
Mas fartaram-se rapidamente. Uma vez que ouviram o «clic» do obtur
mais e voltaram às suas brincadeiras. Fiquei sozinha de repente.

Então vi numa janela uma luz intensa e branca. Como se houvesse
sagrado atrás. O sol estava alto e quente. Quando olhei de novo para a
que eu não estava onde devia estar. Eu era algo de profano naquela
naquele silêncio demasiado pesado. Mas isso já era num outro
primeiro e muito longe até.

dessas fotografias pode-se
te si.
cá e metade lá. É um mundo
ecer. É uma cultura que não
com entusiasmo até.
re o retrato, mas quando se
e uma coisa muito séria e no
rianças ver a máquina, este
im» – disse-me uma delas.
do obturador já não ligaram
ente.
houvesse qualquer coisa de
o para a janela, tive a ilusão
naquela quase irrealidade,
n outro sítio, diferente do

PERCURSOS

JORGE FALLORCA



Modernidade e coerência a três vozes: **Fernando Lanhas**, **Mike Biberstein** e **Rui Sanches**. Aceite a proposta do crítico de arte João Pinharanda, e membro da respectiva Associação Internacional (AICA), a Galeria Alda Cortez (Largo de Santos, 1F) inicia o ano com "uma dimensão de estrita sobriedade cuja relação não é imediatamente evidente". Os artistas em presença "não têm laços nem geracionais, nem de formação, nem estéticos".

O que dá unidade à exposição "é uma idêntica atitude de contenção dos artistas, uma capacidade para produzir o máximo de efeitos e emoções através de um mínimo de meios: intuir o sentido de uma energia cósmica (Fernando Lanhas), revelar a transcendência de uma paisagem (Mike Biberstein), procurar o modelo interior de uma imagem artística (Rui Sanches).

A nova temporada, as propostas para a nova década, começam (e com a de José Barrias) esta noite na Galeria Alda Cortez.

Mas o que se aguarda com natural expectativa é a **Archipittura** de Gerhard Merz, na Galeria Cómicos (Rua Ten. Raúl Cascais, 1).

Merz, que já se encontra em Lisboa, prepara uma instalação (granito preto, uma coluna de metal e um imenso painel verde) que se desenvolve na intercepção da arte e o que a circunda (arquitectura e ambiente). Nesse ponto de fusão encontramos a arte abstracta de Malewic e Ad Reinhardt, e a arquitectura racionalista dos anos 20, comTerragni, Alberto Libera e sobretudo Ludwig Mies van der Rohe.

Últimos dias:

Ângelo de Sousa - álbum e os desenhos de uma série que o autor alcunhou de Árvore, o álbum e os desenhos, na Galeria Diferença (Rua de S. Filipe Nery, 42).

Eduardo Batarda - pintura (e repintura) quase até à exaustão. Batarda tem o "condão" de deixar o espectador num eterno suplício de Tântalo. Galeria 111, ao Campo Grande.

No Porto, enquanto a Roma e Pavia, que mostra desenhos de **Pedro Proença**, não inaugura o novo espaço da Ribeira, a Galeria Atlântica (Rua Galeria de Paris, 67) apresenta a escultora norte-americana **Rita McBride**, proposta por Julião Sarmento.

Há Vestígios de José Barrias na Galeria EMI

"Que se diga o que deve ser dito e não mais. Que se diga só e que se diga não só mas também".

Começa assim o inventário que José Barrias faz dos **Vestígios** (desenhos e *assemblages*) que mostra na Galeria EMI-Valentim de Carvalho. Protagonista de um quotidiano que teima só em ser, Barrias dificilmente se liberta (e resta saber se isso o preocupa) de uma pesada herança literária que, se teve já a sua intemporalização em T.S. Eliott, conhece agora em Rilke o mergulho, o voo no sagrado.

E porque não só, mas também, Barrias afirma que são naturalmente vestígios seus, e do seu quotidiano no atelier, ao longo de alguns anos. "Sendo o espaço onde passo a maior parte do tempo, encontramos lá marcas, sinais, dos meus companheiros de viagem. Assim, aparecem as portas, cafeteiras, mesas, janelas, etc. E algumas coisas que vêm da memória. O atelier é também um espaço de reflexão, um espaço onde penso. Tens ali dois desenhos de barcos, e um deles é a recordação de uma viagem de regresso de férias onde reencontrei um velho amigo, director de uma livraria de Milão. Depois dessa viagem voltei a vê-lo, quando fui à apresentação de um livro na livraria dele, e combinámos visita no mês seguinte ao meu atelier. Só que entretanto ele morreu. Com esse desenho, quis recordar essa primeira e última viagem que fizemos. Haveria que encontrar um elemento, lúdico, sem que pesassem demasiado os elementos tradicionais da iconografia funerária. Daí o barco."

«DL» - O **buraco** na água também faz parte do teu quotidiano?

"Faz. Quer seja na água, ou não, tem uma intenção metafórica. Quando atiras a pedra, e depois o buraco desaparece, isso alude, decididamente ao quotidiano. Enquanto dizes que a história é o que se fixa e o futuro é algo que se destina, o quotidiano é o que **está,** sempre em movimento. O buraco na água é o sinal do que se produz e desaparece imediatamente".

«DL» - Porque é que apresentas os desenhos seguros por uma pequena mola? Faz-me lembrar um atelier de fotografia.

"Não há qualquer intenção. Não obstante as peças de ferro, tudo isto tem um ar frágil, ligeiro. As molinhas são as mesmas com que seguro os desenhos no atelier. Por vezes as molduras dão um ar pesadão, excessivamente oficial. A sugestão de os apresentar tal como estavam no atelier, até partiu da Maria (Nobre Franco, directora da galeria)".

«DL» - Partilhas o teu atelier connosco...

"É isso, e a mola também faz parte. Tem, se quiseres, uma função de sinal gráfico tão forte como o desenho, do ponto de vista do meu sentimento. A mola é da família..."

«DL» - Já não via trabalhos teus desde as exposições da Quadrum, Diferença... Houve um hiato de muitos anos.

"Quando nos conhecemos fiz três exposições de seguida. Fiz essas e também num sítio, a ARTA, que fundámos com uns amigos..."

«DL» - Exacto, o António Cerveira Pinto e o Leonel Moura. A partir daí perdi o teu trabalho, e a presença da escultura... É escultura?

"Puz entre aspas, porque de facto não são esculturas. São **assemblages**, pintadas. Só que aqui a expressão do quotidiano tem outra dimensão. É a cafeteira que comprei em Génova e que me acompanha há muitos; aquele anjo era um robot que algum miúdo perdeu, ou deitou fora, e que eu encontrei todo enferrujado e comido pelo tempo. Tenho uma relação muito íntima com o tempo. Não obstante a minha insistência no quotidiano, é uma relação apreensiva que tenho com o tempo. Todo o meu trabalho está atravessado por essa apreensão. Conservei esta figura ali, suspensa, porque achei que ela um dia ainda ia ser protagonista de qualquer coisa. Sucessivamente, encontrei no pátio do meu atelier os espaldares de uma biblioteca que tinham deitado fora. Quando os encontrei não havia qualquer relação com o robot. Passou a haver quando fui ao serralheiro unir os espaldares e construi uma estrutura, onde achei que devia poisar um anjo. E o anjo que nasceu sem asas e era um robot, colocou-se, lateralmente, à entrada dessa estrutura e simulou uma história que liguei ao conto, **Perante a Lei**, do Kafka".

«DL» - Não é por acaso que aquela estrutura pertenceu a uma biblioteca...

"Bom, a partir de agora podemos modificá-la como quizermos. E tu sabes que eu tenho uma relação muito íntima com a literatura. O meu trabalho não é descritivo, mas sugere sempre, ou quase, uma história".

«DL» - Também contas uma história com a peça intitulada **A queimadura brilha**, que é memória da viagem que nunca fizeste a Pompeia.

"Os desenhos não tem título, mas os das assemblages foram retirados ao acaso da **Poesia completa**, do Herberto Helder. Encontrei uma fotografia de uma parede de Pompeia numa revista do Franco Maria Ricci, que manipulei e montei sobre três degraus. Gostaria que o efeito deste trabalho fosse um pouco sentido como sagrado. É o silêncio. Pensa no expressionismo alemão e tudo é menos que silêncio, tudo aquilo é rumor. O meu trabalho é percorrido por uma certa melancolia, um certo isolamento, que é uma parte de mim".

«DL» - Aqui há também vestígios de um trabalho anterior onde a escrita desenhada era preponderante.

"Creio que te estás a referir a uma exposição que fiz na SNBA, em 85, e que incluía o díptico que mostrei na Bienal de Veneza. Havia uma escrita do lado esquerdo e uma lâmpada do lado direito. Essa escrita era uma colagem de excertos dos **Quatro Quartetos,** do T. S. Elliot. O Elliot é um grande poeta *católico*. Aqui é o Rilke. A presença do sagrado, do anjo. O grande vôo no sagrado. Esta imitação de uma lousa que mostro na exposição... Quando um dia perguntaram ao Italo Calvino o que é que gostaria de deixar como conselho aos poetas vindouros, ele disse esta coisa comovente: aprender *tantas* poesias de memória. É o Farnheit! Aprender, recordar. Ora o quadro, a ardósia, é o lugar da aprendizagem. É o lugar onde tudo se inscreve e tudo se apaga. O Blanchot diz que "o quotidiano é o espaço inacessível, onde não se entra e donde não se sai. É o espaço onde se **está**".

TEATRO

CARLOS PORTO

Ficheiro

BECKETT EM PORTUGAL

Glicínia Quartin — Dias Felizes, **encenação de Artur Ramos, na Casa da Comédia (1970)**

A primeira publicação portuguesa do teatro de Samuel Beckett surgiu por meados dos anos 50 numa edição da Editorial Gleba, colecção Fólio (Lisboa, s/d), e incluia as peças: **Esperando a Godot**, e **Acto Sem Palavras**, traduções de António Nogueira Santos, com prefácio de Luiz Francisco Rebello. Anos mais tarde surgiu no mercado a reedição da tradução de A. Nogueira Santos de **À Espera de Godot**, já com este título, correcto, e com a inclusão das peças **Fim de Festa**, tradução de F. Curado Ribeiro, e **A Última Gravação**, tradução de Rui Guedes da Silva. Edição da Arcádia (Lisboa, s/d).

Em 1959, o Teatro Nacional Popular, dirigido por Francisco Ribeiro (Ribeirinho), e a actuar no Teatro da Trindade, apresentou pela primeira vez Beckett num palco português com a estreia da peça **À Espera de Godot.** Tratou-se de Godot. Tratou-se de um espectáculo de importância histórica no teatro português do após-guerra, não apenas por ter revelado um dos grandes textos da vanguarda europeia, não apenas por se tratar de um espectáculo de grande qualidade, mas sobretudo por ter dividido o público que o aplaudiu e pateou, numa demontração plena da carga polémica do genial texto de Beckett.

Além de encenador, Ribeirinho foi o intérprete da personagem Estragon, sendo os outros intérpretes: Fernando Gusmão (Vladimir), Armando Cortez (Lucki), Costa Ferreira (Pozzo) e João Lourenço (Rapaz).

Em 1969, o T.N.P. que interrompera a sua carreira e recomeçara a trabalhar, ainda no Trindade, voltou a apresentar **À Espera de Godot**, encenação e interpretação, no mesmo papel, de Ribeirinho, e com Canto e Castro (Vladimir), Costa Ferreira (Pozzo), Rui Mendes (Lucki) e António Augusto (Rapaz).

No entanto, antes disso, encontramos um outro trabalho sobre esta peça de Beckett, este de amadores, do Grupo Desportivo do Banco de Angola, com encenação de Jacinto Ramos (Trindade/1967). Esta encenação propunha uma leitura diferente da peça, acentuando os aspectos circenses que são nela detectáveis. O cenário de João Vieira, que se teria inspirado em Svoboda, dizia-se na altura, propunha, em vez da árvore rubricada de Beckett, uma construção metálica constituída principalmente por rodas de bicicleta. Colaboravam, entre outros, os actores Luís Mata e Norberto de Sousa que viriam a profissionalizar-se.

No ano seguinte, estreia na Casa da Comédia (26-4-68) de outro dos grandes Beckett's portugueses: a encenação de Artur Ramos de **Dias Felizes**, interpretação sublime de Glicínia Quartin com Ruy Furtado; cenografia de João Abel Manta. Este espectáculo seria reposto em 1970 e em 1982, sempre com Glicínia Quartin desta vez acompanhada por Fernando Heitor.

Em 1971, o argentino Júlio Castronuovo dirigiu o TEP na estreia portuguesa de **Fim de Festa**, espectáculo marcado por um grande rigor.

Júlio Castronuovo voltou a Beckett, desta vez na Casa da Comédia, interpretando **Acto Sem Palavras** (1974), pantomima que Águeda Sena estreara no Teatro Experimental de Cascais em 1971 e que Inês Palma dirigira com os amadores do Grupo da Companhia Nacional de Navegação (1972).

Só nos anos 80 voltamos a encontrar Beckett nos nossos palcos. A Companhia de Teatro de Lisboa co-produz com o Teatro Nacional D. Maria II as peças **Eu Não** e **Play**, encenações de Carlos Quevedo, com interpretação de Graça Lobo, António Rama, Eunice Muñoz e Jacinto Ramos. Este espectáculo marcou o início, em termos públicos, das relações — ferozmente apaixonadas — de Miguel Esteves Cardoso com o grande irlandês.

No ano seguinte, 1984, surge uma outra irremediável paixão, a de Mário Viegas, que inclui a sua interpretação de **A Última Gravação**, texto a que voltará, no espectáculo **Confissões numa Esplanada de Verão**, no Teatro Aberto. Mas em 1985, voltamos a **À Espera de Godot**, encenação de Castro Guedes com o TEAR, do Porto, leitura que assumia abertamente o lado da esperança e do amor. Castro Guedes utilizou uma tradução nova da responsabilidade de Isabel Alves.

1987 — Voltamos a Mário Viegas, com um dos seus melhores espectáculos, criação do TEP. Com o título **Catástrofe ou o Mundo de Samuel Beckett**, Mário Viegas dirigiu **Acto sem Palavras-II, Improviso de Ohio, A Última Bobina de Krapp**, outro título para a **A Última Gravação**, e ainda **Catástrofe.** Ainda de 1987 é um outro trabalho sobre aquela peça de Beckett, espectáculo de teatro e vídeo, produção do Teatro da Rainha, com encenação de Fernando Mora Ramos e Edgar Valdez Marcelo e interpretação de Vítor Santos.

Em 1988, a C.ª de Teatro de Lisboa, desta vez com o Instituto Franco-Português, estreou **Fragmentos**, que incluia **Embalado, Fragmentos de Teatro-I, Vai e Vem, Quoi Où, Passadas.** Com Graça Lobo, Carmen Santos, Júlia Correia Lagos, entre outros.

Em 1989, Mário Viegas estreia, no Politeama, um espectáculo intitulado **Final**, que incluia outro **Fim de Festa**, com trabalhos de Manuela de Freitas, Glicínia Quartin, José Mário Branco e de Mário Viegas.

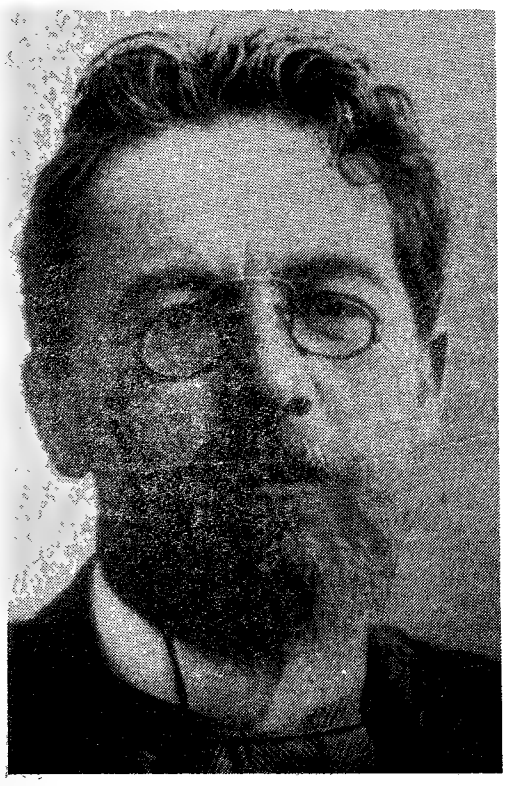
Por fim, Luís Miguel Cintra incluiu no mais recente espectáculo do Teatro da Cornucópia, **Céu de Papel** (1989) a peça **Catástrofe**, juntamente com fragmentos de peças de Pirandello.

Num espectáculo musical apresentado em 1989 na sala polivalente do ACARTE, com o título **Viagem de Inverno**, foi incluído o monólogo **Company**, com a voz **off**, de Luís Miguel Cintra e com o barítono António Wagner Diniz e o pianista Nuno Vieira de Almeida.

Além destes espectáculos, tenha-se em conta a vinda a Portugal de: **Fim de Festa**, pelo Brne Pantomim Moving Theatre, de Budapeste, na Semana Internacional de Teatro Universitário/Coimbra-1982, e **Doucement, Billy Doucement** (Fragmentos de Teatro 1), encenação de Maurice Yendt-Michel Dievaide com o Théâtre des Jeunes Années, de Lyon, no Instituto Franco-Português (1988).

P.S. — São estes os espectáculos com textos de Beckett que temos registados embora não possamos garantir a fidelidade dos registos.

1990 ANO TCHEKHOV



Por decisão da UNESCO, 1990 foi consagrado, mundialmente, ao escritor russo Anton Tchekhov, celebrando o 130.º aniversário do nascimento do autor de **A Gaivota.**

Está em organização, com o epicentro na União Soviética, um conjunto de manifestações dedicadas ao estudo da vida e da obra do grande escritor e dramaturgo, além da apresentação de espectáculos com a sua obra.

Nesta altura está em cena em Portugal uma das principais obras de Tchechov, **O Jardim das Cerejeiras,** cuja versão portuguesa tem a particularidade de ter sido revista pelo original russo, sendo talvez a primeira vez que isso aconteceu entre nós. Dizemos talvez porque admitimos que Jorge Listopad tenha revisto a tradução da peça **Platonov,** da responsabilidade de Natália Correia, que utilizou na sua encenação apresentada no Teatro Maria Matos («DL«/ 15-1-74).

O Jardim das Cerejeiras, encenação de Rogério de Carvalho com cenografia de José Manuel Castanheira, é um espectáculo do TEAR em cena no Porto.

Também Rogério de Carvalho e José Manuel Castanheira vão trabalhar com o TEUC numa co-produção do ACARTE de **Platonov,** precisamente, a ser apresentada em meados deste ano na sala polivalente do CAM.

O Teatro Hoje, por sua vez, anuncia um novo trabalho sobre **O Tio Vânia,** possivelmente a peça de Tchekhov mais representada em Portugal.

Será de esperar que a RTP promova um ciclo de filmes inspirados em obras do autor russo. Pela nossa parte, traremos aqui semanalmente informações sobre o teatro de Tchekhov em Portugal.

TEATRO

CARLOS PORTO

Carlos Paulo e Manuela de Freitas — *A Pécora*, de Natália Correia, espectáculo em cena na Comuna

SELECÇÃO

Produzido pelo Festival de Lisboa, mantém-se em cena, no IFICT, o monólogo de Adolfo Gutkin **A Companheira,** interpretação de Ana Magaia. Estreias recentes: **Verão,** de Edward Bond, pelo Teatro Hoje, no Trindade; **o Render dos Heróis,** de José Cardoso Pires, pelo CDIAG, no Teatro da Malaposta; **O Regresso de Bucha e Estica** criação de Mário Viegas, no Ritz Club.

Outros: **A Pregação,** encenação de João Brites com **O Bando,** na Comuna, que apresenta, por sua vez, **A Pécora,** de Natália Correia; no Teatro da Politécnica, **D. João e a Máscara,** de António Patrício. No Teatro Aberto, mantém-se **Happy End,** de Dorothy Lane e Bertolt Brecht.

Noutra área: **Ai Cavaquinho!** revista do ABC; **Os Meninos à Roda da Mamã,** comédia no Variedades; **Ora Bate... Batmanso,** outra revista, esta no Villaret.

No Casino do Estoril mantém-se o êxito de Filipe La Féria **What Happened to Madalena Iglésias?** No Porto, o Tear apresenta **O Jardim das Cerejeiras,** de Tchekov.

Voltemos a Lisboa para lembrar outra estreia recente, a da adaptação de Hélder Costa da peça de Marcelino Mesquita **Margarida do Monte,** espectáculo da Barraca, em cena no novo Cinearte.

ESTREIA

SALADA, montagem de textos e tradução de Luís Miguel Cintra, pelo Teatro da Cornucópia.
Depois de O Público, de Lorca, e Céu de Papel, **de Pirandello e Beckett**, a Cornucópia volta à temática do teatro, desta vez através de um conjunto de textos de cenas de palhaços, pela primeira vez, na Cornucópia, numa encenação colectiva.

(T. do Bairro Alto — R. Tenente Raul Cascais, 1-A — T.: 66 15 15; estreia amanhã, seis; para o público, a partir de 24 de Janeiro.)

SEMANADA

A Pécora, de Natália Correia, pelo Grupo Comuna. Enc.: João Mota. **Todos os elementos que fazem um grande espectáculo:** o tema e o **texto de Natália Correia, a encenação de João Mota, a música de José Mário Branco, a interpretação com Manuela de Freitas e Carlos Paulo. Por isso, um grande espectáculo.**

(Comuna. Pr. de Espanha. T.: 72 60 818. De segunda a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.)

A Pregação, sobre o Sermão de S. António aos Peixes, do P. António Vieira. Enc.: João Brites, pelo Bando. **Conhecer os peixes para conhecer os homens. Um espectáculo hermético, por vezes fascinante.**

(Comuna. Pr. de Espanha. T.: 72 60 818. Sextas, às 21.30, sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00.)

D. João e a Máscara, de António Patrício. Enc.: Mário Feliciano, pelo Teatro da Politécnica.
Uma abordagem inquieta de um texto que exigia quietude, com um elenco que inclui Eunice Muños e João Grosso.

(T. da Politécnica. R. da Escola Politécnica, 58. T.: 67 44 74. De terça a sábado, às 21.00 Dom. às 16.00.)

Happy End, de Dorothy Lane/Brecht. Enc.: João Lourenço, pelo Novo Grupo.

Quando o teatro é inteligente, divertido, feliz.

(Teatro Aberto. Pr. de Espanha, T.: 77 09 69. De quinta a sábado às 21.30; domingos, às 16.00.)

O Jardim das Cerejeiras, de Anton Tchekhov. Enc.: Rogério de Carvalho, pelo TEAR.

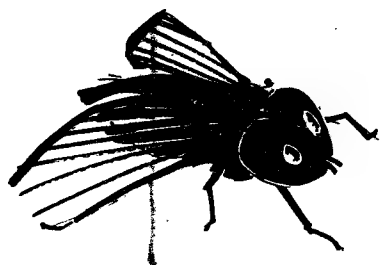
(TEARTO. Rua do Heroísmo, 86, Porto. T.: 57 32 65. De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.)

O Render dos Heróis, de José Cardoso Pires. Enc.: José Martins, pelo CDIAG.
Uma peça mítica dos anos 60 num espectáculo que se dá mal com os anos 90.

(Teatro da Malaposta. R. de Angola. Olival de Basto. T.: 98 73 299. De terça a sábado, às 21,30; domingos, às 16.00.)

Verão, de Edward Bond. Enc.: Carlos Fernando, pelo Teatro Hoje.
Para entender o mundo que passa veloz à nossa frente. Um texto realmente político. Fernanda Alves e Isabel de Castro estão lá. T. Trindade. R. Nova da Trindade. T.: 32 00 00. De terça a sábado às 21.30; domingo, às 16.00.)
What Happened to Madalena Iglésias?, de Filipe La Féria, pela Casa da Cimédia.
Para saber porquê?

(Casino do Estoril. T.: 26 84 521. De terça a domingo, às 22.00, domingos, também às 17.00.)



AS MÁGICAS

Veja isto, em Rimini, onde estávamos a filmar, ficámos dois dias à espera de chuva. Na minha carreira, nunca tinha visto uma coisa destas. O que é costume é esperar o Sol.

Michel Morgan (1989)

HEMEROTECA

El Público — Revista mensal do Centro de Documentação Teatral — INAEM — Ministério da Cultura — Madrid — n.º 70/71 (Julho/Agosto 89) — n.º 72 (Setembro 89) — n.º 73 (Outubro 89).

Com a regularidade habitual que o atraso desta nota não reflecte, o CDT tem continuado a editar a revista **El Público**, dirigida por Moisés Pérez Coterillo, com ampla informação sobre a actividade teatral não só em Espanha como noutros países da Europa, entre eles Portugal, e da América Latina.

No n.º duplo de Verão, entre outro material de interesse, um panorama de alguns dos mais importantes festivais espanhóis, incluindo o de Mérida; um texto de Moisés Pérez Coterillo sobre **A Celestina**, o último Vitez, em Avinhão; artigos sobre Heiner Muller, Ingmar Bergman, Lorca, entre muitos outros.

Portugal ocupa neste número seis páginas, muito ilustradas, com uma entrevista com Luís Miguel Cintra e uma nota crítica sobre o espectáculo do Teatro da Cornucópia, **O Público**, de Federico Garcia Lorca.

No número de Setembro, uma entrevista com Adolfo Marsillach, novo director do INAEM, continuação da cobertura dos festivais espanhóis, correspondência de França, Itália, Polónia, Argentina, Uruguai e Honduras, além de várias entrevistas e muita informação.

No número de Outubro, um «dossier» sobre o grande dramaturgo António Bueno Vallejo, artigos sobre festivais e espectáculos, assim como sobre a actividade de diversas companhias espanholas; um «dossier» sobre o Teatro San Martin, de Buenos Aires, cujo director, Kivo Staiff, foi demitido pelo novo governo argentino; e artigos sobre o teatro em Porto Rico, Brasil, França, Venezuela, Peru, Canadá e, ainda, Portugal, no qual se fazem previsões sobre a nova temporada. Como habitualmente, críticas a livros e publicações da especialidade e estatísticas referentes ao movimento de espectadores em Madrid e Barcelona.

Cada um destes números do **El Público** é acompanhado por um caderno ou por um volume da colecção de textos teatrais cuja publicação iniciou recentemente. A estes suplementos nos referiremos para outra vez.

ADE
N.º 13/14 — Madrid — Outubro 1989

O órgão da Associação de Encenadores de Espanha (directores de Escena) — ADE — começou por ser um boletim modesto, hoje é uma revista com colaboração interessante que vale a pena conhecer.

Na capa deste n.º duplo, José Luiz Gomez e Ana Belén, numa imagem da Encenação de **Hamlet,** trabalho de José Carlos Plaza no Centro Dramático Nacional Maria Guerrero, em Madrid. Uma das principais matérias deste ADE é precisamente uma entrevista com José Carlos Plaza que fala dos seus planos para a sala que começou a dirigir em 89. Outras matérias com interesse: extractos das comunicações apresentadas no II Congresso das ADE, referentes sobretudo às relações de trabalho do encenador e do actor; um artigo de Júlio Castronuovo sobre o 28.º Festival do Teatro Polaco Contemporâneo; artigos de Santiago Sanchez sobre o Teatro da RDA., de José Sanchis Sinisterra sobre «Leitura e Encenação» de Immaculada Alvear sobre «Electra, princípio e crise de uma Democracia»; de Guillerme Heras sobre «A imprescindível dialéctica de um teatro para o século XXI»; de Oleg Ramostroika sobre a «Formação do encenador na Finlândia»; de Eduardo Camacho sobre «A narração plástico-cenográfica de Józef Szajna».

Este n.º do ADE iinclui ainda textos de Patrice Pavis («Para uma encenação posmoderna»), de Norbert Servos («A Dança no Teatro — Encarnação da Arte Dramática?»), de Michael Merschemeier («A crise não acaba nunca»), de Nina Aguilheva («A última obra de Shatrov»); por último, uma entrevista com Juan António Hormigón, director do ADE, sobre a formação do Encenador.

O Actor — Expositor de Signos Teatrais n.º 9 — Outubro de 1989

Só agora recebemos o n.º 9 desta revista de teatro, que não é uma revista de teatro, publicado em Outubro. No saco de plástico habitual, encontramos: uma entrevista com Maria João Luís, a actriz que A Barraca revelou; artigos sobre o espectáculo do La Tartana Teatro, com textos de Heiner Muller apresentado no último ACARTE; outros artigos relacionados com o ACARTE: Tadeusz Kantor e Pina Bausch; um artigo polémico de Gil Mendo sobre o Ensino Artístico com o título «Liberdade, Diversidade, Solidariedade»; um texto de Filipe Petronilho intitulado «A falta»; um dossier de produção intitulado «Casa da Comédia — um projecto de rentabilização». Encontramos mesmo, neste n.º de «Actor», a comprida comunicação sobre Cenografia que apresentei na última BUC, seguida por um dossier sobre José Manuel Castanheira.

O saco inclui ainda: um exemplar do programa dedicado pela Casa da Comédia a «O Irmão», de David Mourão Ferreira, um postal da Galeria Monumental, o guião de Filipe La Féria para o seu programa radiofónico «O Prazer do Teatro», este dedicado ao actor Álvaro Benamor. Por último, o habitual caderninho com bibliografia de Teatro, referente a 1984.

Para 1990, o Actor promete menos: limitar-se-á a publicar o n.º 10, em Abril. Em compensação, propõe-se organizar uma série de debates, além do II Encontro do Jovem Actor.

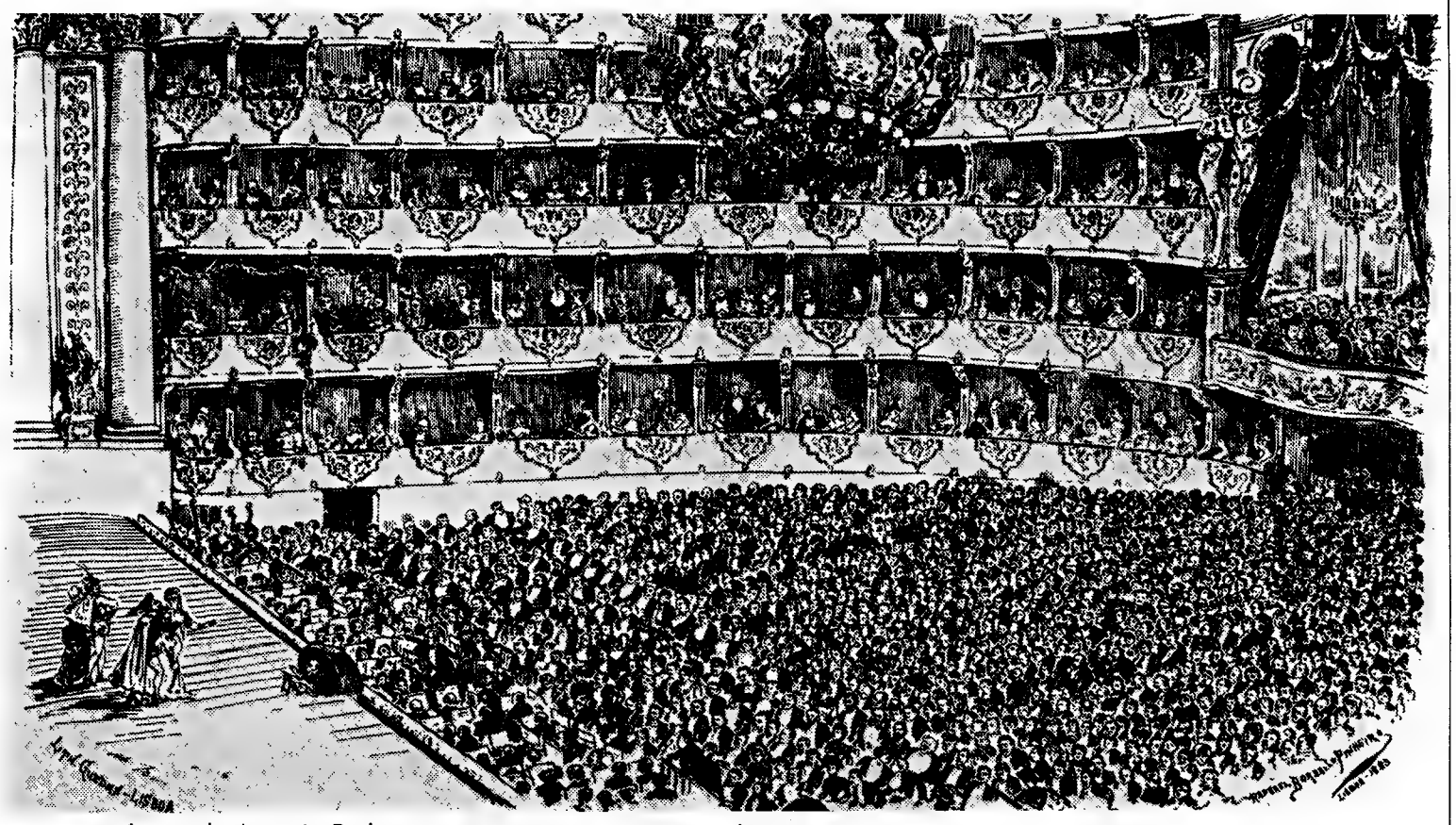
FALAS

Como Liubov Andréevna, volto à minha casa assombrada, à minha Cerejeira, *a de há vinte anos, para os meus actores de então que, hoje, estão mortos, para Ciubotarasu, para Fory, para Cotescu. Convocados pela mesma vibração de guizo «esseniniano» do copo de vinho tinto, recebeu-me à porta da minha casa destruída, quase com alegria, com uma alegria dilacerante. «Pois sim, talvez esteja bem assim, o tempo passa, que querem, uma versão nova; outros tempos, outra versão», dizem e riem nas suas barbas, divertidos e condescendentes, meus queridos espectros, a velar cordialmente a minha nova encarnação — passageira.*

Lucien Pintilié
(encenador romeno)

O Jardim das Cerejeiras
Fragmentos de um Discurso aos Actores
Art-Press — Especial/Teatro

APARTES
DA GERAL



Então não é que o Filipe La Féria anda com segredos para com os seus admiradores. Declarou ele ao «Correio da Manhã» (27-12-89) que tem dois projectos importantes para 1990, um deles já conhecido, a revista **Passa Por Mim no Rossio**, para o Teatro Nacional, o outro, pelas suas palavras, **é uma peça muito forte, chamada** Uma Visita Inoportuna. **É uma comédia que versa um dos temas mais sensíveis e assustadores da actualidade, mas prefiro que seja uma surpresa e não o revelo já.**

Com que então uma surpresa a peça de Copi? Vê-se que o Filipe não leu o «Diário de Lisboa» nestes últimos tempos, em especial no dia 25 de Novembro do ano passado.

Surpresa vem-nos também do lado do comentário político. Num artigo de «O Jornal Ilustrado» (29-12-89) Francisco Louçã põe na boca do Rei Lear, **ao morrer**, palavras que não são dessa personagem de Shakespeare mas de uma outra do mesmo autor que, aliás, mereceu já um aparte da geral. Referimo-nos a Macbeth, como o leitor sabe. As palavras exactas citadas por Francisco Louçã são as seguintes: **A vida não passa dum fantasma errante. Um pobre comediante que se pavoneia e agita na hora em que está em cena mas que, em seguida, ninguém ouve mais! É uma história contada por um tolo cheia de ruídos e fúria mas sem significado final**, fala de Macbeth quando sabe da morte de Lady Macbeth, colocada na 15.ª cena, na tradução de António Pedro que aqui utilizei.

Quanto às últimas palavras de Lear, elas são dedicadas à filha Cordélia que tem nos braços, morta. Talvez se possa dizer, no entanto, que as palavras que Louçã pôs na boca de Lear, apesar de tudo o que o separa de Macbeth e não obstante serem tão fundas as diferenças que separam as suas histórias, podiam ter sido, de facto, proferidas pelo rei deposto pelas filhas. Aliás quem, neste mundo e no outro, não poderia fizer, com razão, essas palavras?

A terceira surpresa bem da Revista do «Expresso» (23-12-89). O caso é o seguinte: lá por volta dos anos 60 surgiu em Paris um espectáculo que revelou um dos grandes revolucionários do teatro do pós-guerra. Tratava-se de **Le Regard du Sourd**, um espectáculo que tinha a duração de 24 horas e era da responsabilidade de um norte-americano, Robert Wilson. Depois disso, Bob Wilson produziu outros espectáculos revolucionários, entre o teatro e a ópera, um deles em colaboração com o compositor Philip Glass, **Einstein on Beach**, de que falámos aqui («DL«/4-12-76).

Portanto, temos de um lado, Bob Wilson, autor, encenador, do outro lado Philip Glass, música. Eis que agora no «Expresso» citado, numa entrevista com o músico norte-americano, o entrevistador, Luís Coelho, apresenta: **Bob Wilson, libretista habitual de Glass.** Caramba, aqui na geral muito se aprende!

Texto de
Manuel Cintra

RETRATOS NO TEATRO

ISABEL DE CASTRO

Dos seus olhos sorridentes parecem sair lágrimas grandes. Solta gargalhadas curtas enquanto vamos falando, e a tarde chega ao fim. Isabel de Castro está viva da sua vida de actriz. Procurou conciliar-se com o mundo, o mundo nem sempre se concilia com ela. E fala, com uma grande dose de paz, de coisas que a vida lhe trouxe. Do teatro também.

Nascida em Lisboa, passou a primeira parte da sua infância no Bairro da Sé, nessa altura ainda mais pobre do que hoje. Isso marcou-a muito; esteve, de pequenina, em contacto com a miséria e com a fome, com a injustiça de ser ela uma menina com comida e conforto, e outras com quem brincava terem, em vez disso, angústia, a pobreza. Isabel de Castro foi assim, desde sempre, como ainda o é, uma mulher confrontada com um mundo por vezes frio, mas tentando, embora hoje talvez de outra maneira, aproximar-se dele. Filha de uma cantora de ópera e de um escritor, esteve sempre rodeada de cultura; o contraste que essa cultura e o estatuto social que tinha faziam com aqueles que, do lado de lá da janela, nem sempre tinham para comer, terá originado muito do que Isabel é hoje.

Curiosamente, na peça em que actualmente representa, *VERÃO*, de Edward Bond, o papel que lhe foi atribuído é um pouco o contrário de si mesma. Trata-se neste caso de uma mulher que é, ela mesma, símbolo da injustiça assumida, da aristocracia como instituição e não, como lhe tocou a si, como estado de nascimento. Diz-me que foi portanto interessantíssimo trabalhar este papel, lutando com uma mulher em tudo contrária ao seu feitio e à sua atitude perante a vida.

Desde muito nova, Isabel conheceu, através da profissão da mãe, os bastidores do espectáculo. Tomou gosto por esse mundo onde tudo é mentira de um modo tão verdadeiro e apaixonado. Via a mãe na ópera, assistia aos seus recitais de canto e piano, ia com os pais ao teatro. Conheceu grandes nomes do teatro dessa época, como Maria Lalande, com quem aliás viria mais tarde a contracenar. Lembra-se de ter, desde sempre «brincado aos teatros» mas não acha que alguma vez isso lhe tenha dado vaidade. Não se acha de todo vaidosa. De facto, quem ouvir esta mulher falar de si e dos outros com um tal empenho e um tal interesse pelo que a vida tem de bom e de mau, compreende que não haja lugar para vaidades; há, sim, lugar para certezas: Isabel de Castro tem consciência do seu valor. Talvez apenas na medida do possível. Talvez eu, que a costumo ir ver ao teatro, tenha outra consciência, diferente da sua. Desde que há anos vi *Música para Si* de F.X. Kroetz, pelo Teatro da Cornucópia, nunca mais perdi, voluntariamente pelo menos, um espectáculo em que esta actriz participasse. Nesse espectáculo, em que Isabel estava só em cena, ao longo de mais de hora e meia, sem dizer palavra, ela prendia o espectador à cadeira, retratando com uma força tremenda uma mulher só, de classe social média, que vive asseada e metodicamente numa extrema miséria moral, numa extrema monotonia e numa extrema solidão. O que a leva ao suicídio, igualmente metódico e asseado. No final do espectáculo a emoção criada só o poderia ter sido por uma grande actriz, sem menosprezar o excelente trabalho de encenação de Jorge Silva Melo. Saía-se da sala de olhos abertos para este mundo por vezes tão terrível e frio, onde as solidões raramente se encontram. Desde então, Isabel de Castro participou em muitas peças e filmes, embora a este respeito me diga que lamenta nunca mais ter tido um papel de protagonista num filme, como tantas vezes na sua juventude.

De facto, aos 18 anos, tendo terminado o Conservatório e tendo dado, aliás com muito sucesso, os primeiros passos no teatro, Isabel «fugiu» subitamente para Espanha, onde fez cinema incessantemente até aos 25 anos. Trabalhou com realizadores como Ladislau Wajda e contracenou com famosíssimos actores, então em início de carreira, como Fernando Fernán Gomez, Fernando Rey e Paco Rabal. Guarda maravilhosas recordações desses tempos; trabalhava-se intensamente, de estúdio em estúdio, de exterior em exterior, e rodavam-se muitos filmes. Isso deu-lhe uma grande preparação, uma grande maturidade. E também um grande gosto pelo cinema, razão pela qual hoje se sente um pouco frustrada quando lhe dão pequenos ou médios papéis, num País como este em que ao contrário do que já então sucedia na vizinha Espanha, tão poucos filmes se fazem. Se foi uma aventura? Claro que sim; esta mulher é aventureira por excelência. Gosta do risco, da dificuldade. Aliás, quando fala, ainda hoje esse gosto pela aventura transparece. Talvez agora a aventura seja todos os dias, um simples virar de esquina, uma simples conversa de café... Talvez a aventura seja algo que se conquiste ao ponto de um dia se estar imóvel, a pensar, sentado, e no entanto em plena aventura. É pelo menos a ilusão que me chega de conversar com Isabel de Castro.

Um dia, cansada de passar tantas horas fechada num estúdio e de já não ter outra vida que não fosse a de actriz de cinema a tempo inteiro, Isabel largou tudo de novo e voltou para Portugal. Tinha então 25 anos. Desde então por cá tem vivido, por cá vivem também os seus filhos e netos com quem tem uma excelente relação; excelente não no sentido de nunca haver conflitos, mas sim de estes serem resolvidos. De não viver sempre em cima dos filhos o vice-versa, mas de haver uma independência recíproca. Sem que nada disto tire importância ao enorme valor que dá à sua família, e à noção de família em geral. Sente-se aliás que a essa noção de família se agregam os amigos, com quem tem partilhado momentos tão importantes da sua vida. Os amigos, que nem sempre são muitos: são aqueles que vão ficando, aqueles com quem se conta sempre. São uma das coisas maravilhosas da vida. Testemunhas dessa aventura, agora sem dúvida conquistada.

Nestes últimos anos, entre os mais ricos da sua vida artística, Isabel de Castro tem trabalhado no Teatro da Graça, no Grupo Teatro Hoje, onde, sob a direcção de Carlos Fernando, participou em espectáculos como a trilogia de Tenessee Williams ou mais recentemnte *A Voz Humana* de Jean Cocteau, por exemplo.

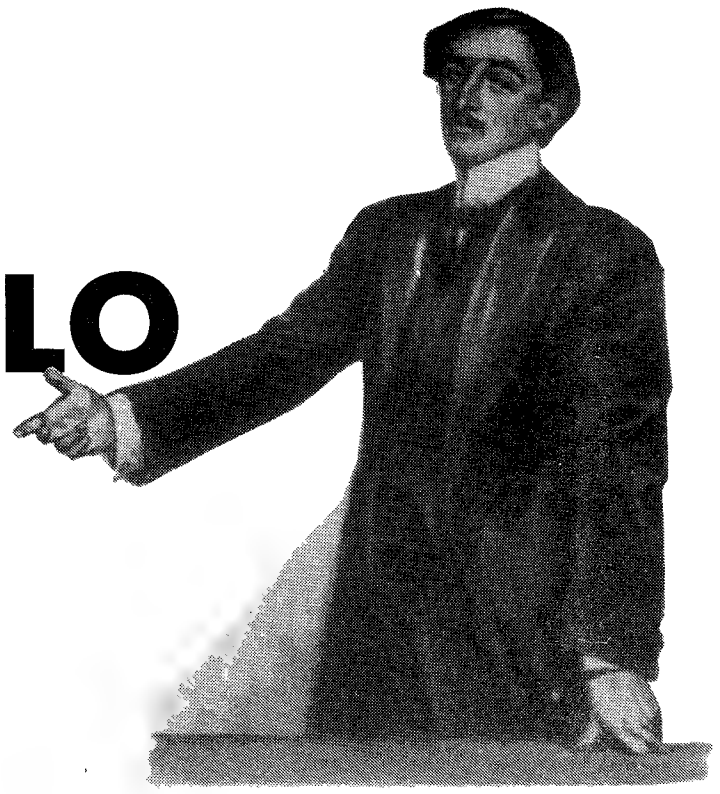
Durante esta conversa estamos num teatro, no Teatro da Trindade, onde agora já terá estreado a peça *Verão* de Edwardo Bond. Muito se disse para além do que aqui pode caber. Uma vida assim não cabe nesta página. Mas fica sobretudo a sensação de que esta mulher, que começa todos os dias a viver, vai decerto começar amanhã; que nos há-de surpreender sempre com a sua juventude de espírito, com o seu amor por certos valores da vida, alguns dos quais infelizmente se perdem para tantas outras pessoas. E lá fora, os eléctricos ainda passam, vestígios de um passado em que certas coisas, no teatro e não só, eram mais intensamente vividas e conservadas do que agora. Levanto-me, despeço-me, a sua vozinha aguda e agitada diz-me ainda uma série de coisas, falando ainda, como se nunca aquela conversa precisasse de parar.

Vou para casa, meio zonzo, sem saber por onde começar. Penso que o teatro, enquanto houver aventureiros, continuará a valer a pena. Penso que este artigo não tem começo, nem fim. Isabel de Castro está aí, no palco, todas as noites. Tentei falar dela, sinto-me previamente frustrado pelo que não soube dizer. Comecei pelos olhos; prefiro não acabar.

ANTOLOGIA

RAMALHO ORTIGÃO

DO CAPÍTULO DA EDUCAÇÃO



Acaba de ser nomeado professor de lógica e de retórica de Suas Altezas os Príncipes o Sr. Joaquim Alves dos Santos, antigo professor de hebraico no liceu de Coimbra.

O Sr. Alves de Sousa é um homem baixo, extremamente cabeludo e metafísico.

Autor de um compêndio de filosofia racional e moral, patenteou nesse livro de viagens em volta do senso comum que possui todos os segredos do ziguezague, toda a ciência dos rodeios, das curvas, das espirais, das reviravoltas, das fintas, das fugas, dos passes de agilidade e de destreza, do truque, da arremetida, da alçaperna, da cambalhota para diante e para trás, do câmbio, do passapé, de todas as habilidades da *Savate*, da esgrima e da capoeira, do salto, da cabriola, do pulo, de todas as evasivas finalmente e de todas as deslocações que o juízo humano é susceptível de conceber e de realizar, em redor de uma questão para o fim de nunca absolutamente a atingir, nem a penetrar, nem a resolver.

*

Para que o sujeito possa a todos os respeitos considerar-se um *gentleman*, acha conveniente o Sr. João Felix:

1.º Que ele faça a barba.

2.º Que se não ponha à janela em mangas de camisa nem com o pescoço descoberto.

3.º Que quando escarrar o não faça sobre a cara da pessoa com quem fale (*maxime* se é uma pessoa de respeito!).

4.º Que não tenha os olhos em contínuo movimento.

5.º Que nos jantares de etiqueta não limpe os ouvidos com o palito com que houver de palitar os dentes.

6.º Que não arrote à mesa.

Compêndio do Sr. António Francisco Moreira de Sá.

«Pergunta – A que se chama ferramenta de lavoura?»

«Resposta – A um instrumento simples, portátil, o qual posto que conste de diferentes partes, parece todavia feito de uma só peça.»

«P. – O que é o arado?»

«R. – É o que não tem jogo dianteiro.»

«P. – Que há a respeito do feijão?»

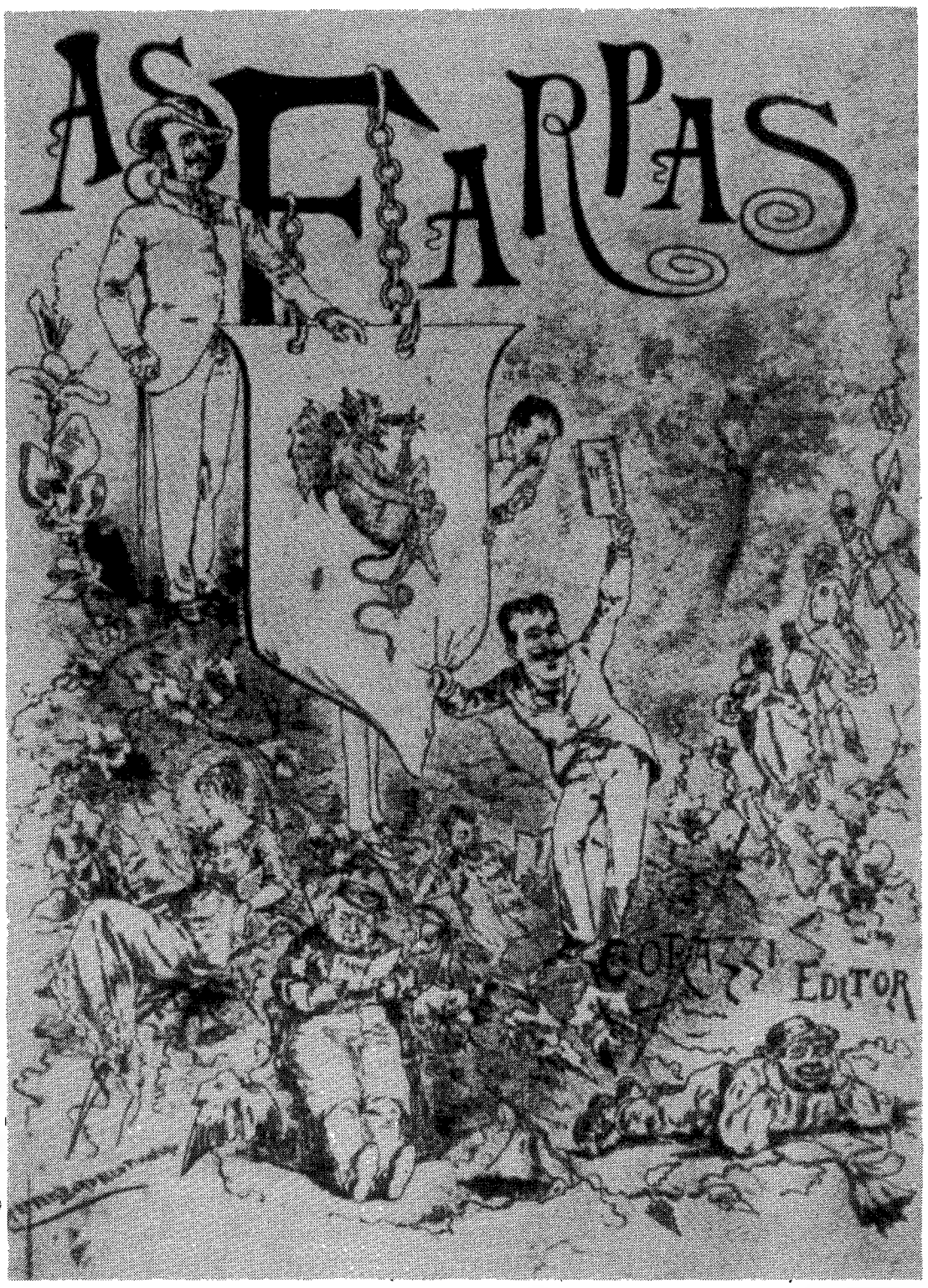
«R. – O feijão divide-s em várias qualidades.»

«P. – Que é necessário para haver bom esterco?»

«R. – Sabê-lo produzir, conservar e empregar.»

*

Em França há uns livros para fazer rir que se intitulam Mille et une bêtises, Cent mille bêtises, Un million de bêtises, etc. Em Portugal há uma colecção deste género, em que a toleima faz chorar pelas profundidades cómicas em que penetra no trágico. Estes livros portugueses constituem um comércio patrocinado pelo Estado e intitulam-se «Os compêndios de instrução primária aprovados pela junta consultiva de Instrução Pública».



MÚSICAS

RUI EDUARDO PAES

OBLÍQUAS

UMA ALTERNATIVA PARA AS ALTERNATIVAS

FUGIR AO TEMPO

Há uns meses a revista «Option», editada em Los Angeles com a vocação de cobrir as «alternativas musicais», publicava um frente-a-frente entre Elvis Costello e Tom Waits. No último número da publicação, uma carta dirigida ao seu director, Richie Unterberger, reagia assim:

«Já sei por esta altura que V. ouviu isto milhões de vezes, mas Elvis Costello e Tom Waits não são músicos independentes e «underground»!!!! Gosto bastante de ambos e era uma boa peça, mas francamente, será que eles já não têm suficiente cobertura na Imprensa convencional? Sim, sem dúvida, merecem-no e sabem debitar opiniões interessantes, mas o que vem a seguir, a foto dos Bon Jovi na capa? (...) Preferia saber da rapaziada que tem de abrir o seu caminho à força, aqueles cuja criatividade e trabalho duro são precisamente a razão por que ninguém os conhece. São esses rapazes quem merece a honra e a congratulação de aparecer. Não dois, por mais talentosos que sejam, já publicitados e distribuídos por poderosas corporações. Eles não precisam de vocês para sobreviver e vocês não precisam deles!»

Bingo. Estas palavras dizem tudo, dizem de uma ilusão que ainda crê ser bom para as práticas musicais «diferentes» subsistir numa espécie de «ghetto» com os seus códigos particulares, o seu mundozinho de dicas e tricas, os seus valores «ecológicos» e demais preconceitos, o seu círculo barricado de relações e rituais, a sua Imprensa. É claro que no meio deste totalitarismo da forma a nuvem se confunde com Juno, e entre subsistências incompreensíveis e injustificáveis, histórica e esteticamente, quase não valeria a pena salientar que, afinal, nunca nada disto foi autêntico. Substituir a realidade pelo desejo sempre foi uma tendência muito americana.

A haver vanguarda, ainda, ela é ideológica, e todos nós sabemos como as ideologias são as últimas a morrer - e até já se põe em dúvida que cheguem a esse momento. São «vanguardas» aceites pela moda, situam-se bem no centro deste tempo, pois. E no entanto são profundamente irrealistas.

Mas a carta do leitor da «Option» diz mais, muito mais. Põe por exemplo a nu o absurdo que, hoje em dia, é escrever sobre «músicas alternativas» nos media. Por vários motivos. Um é verificar-se que a tradição se torna uma alternativa às alternativas, já que andamos a ouvir novamente um Charlie Parker ou as óperas do século XIX, e isso sem procurar nenhum distanciamento, sem nos sintonizarmos numa perspectiva historicista. Outro motivo será a observação de que tais fórmulas musicais, anteriormente «oposicionistas», se encostam agora aos modelos dominantes num desespero de reconhecimento que não hesita em repegar nos clichés abandonados, e a revista que citamos, basta folheá-la, é isso tal e qual o que nos ilustra.

Um terceiro elucida-nos que, no sentido inverso, as próprias músicas «instaladas» gostam agora de adoptar certas e medidas irreverências que descobriram ao lado, quantas vezes na sarjeta, e é o caso, chapado, de Waits ou Costello. As suas canções, as suas imagens mediatizadas devem tudo à sofisticação maneirista da decadência e da ironia existenciais de subúrbio. Trata-se, obviamente, de um fenómeno de «recuperação».

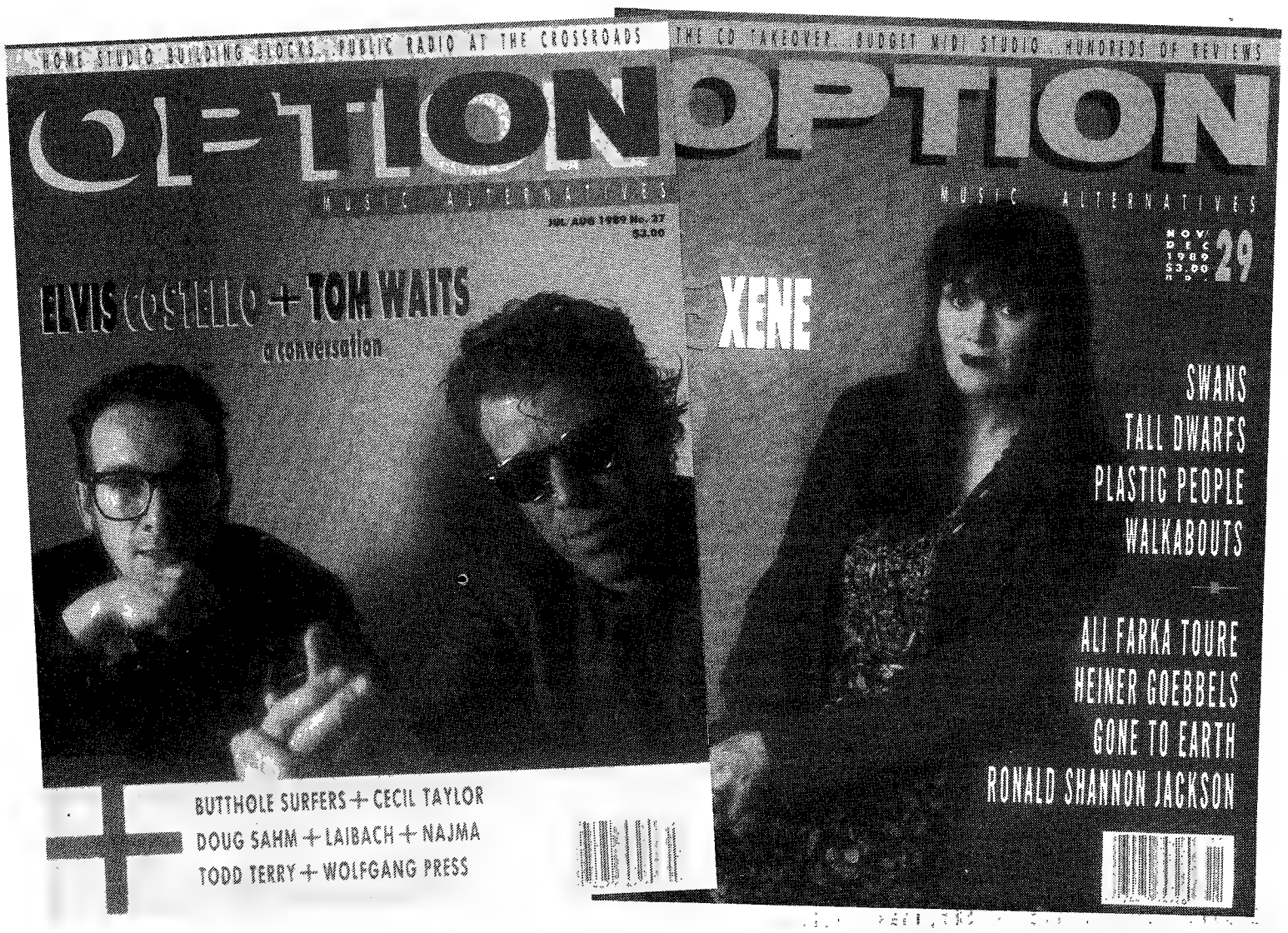
Bem concluídas as coisas, já não há nada a subverter. No «ghetto» não se transforma nada, pratica-se isso sim um onanismo doentio e estúpido. Cá fora as soluções multiplicam-se de tal modo que já não se prova o quer que seja. Ninguém dá atenção aos profetas, e os que de facto parecem sê-lo não podem e não pretendem mais do que cumprir um modesto papel (Elliott Sharp, Glenn Branca? Pequenos deuses deste fim do século eles serão, mas para meia dúzia de aficionados, porque outras meias dúzias escolheram outros pequenos joões e moisés). Já sabemos: não há expressão criativa que mais tarde ou mais cedo não possa vir a lume e ser ouvida por todos - pelo menos teoricamente, porque na conversão para o concreto os números fraccionam-se. A marginália cultural de sessenta, que foi um cavalo de batalha seriíssimo para o militantismo revolucionário maoísta, trotsquista e anarquista, desmantelou-se por sua própria mão.

Pode ser que em Portugal a diferença seja, ainda, um feto: é uma questão de desenvolvimento, de economia, de mentalidade, enfim, de padrão. Tudo bem, que nos States circulam as magazines especializadas e pelos vistos conseguem lucros, ainda que a sua diversidade não passe da estilização da pop ou da elaboração técnica e imaginativa do rock e não, ao contrário do que se esperaria, da radical formulação de outro objecto musical. Enfim, o mundo é dos sátiros, porque ao mesmo tempo em que esgrimam (sim, cá também e não se pense que com mais provincianismo) os soldados da «novidade» a todo o custo, a verdade é que não há nenhuma música «nova» que não seja a reposição de músicas antigas e a circunstância só serve para nos definir com maior clareza que já aconteceu o apocalipse dos experimentalismos.

O autor da carta ao responsável editorial da «Option», que até é reverendo e tem mais faculdade para a metáfora do que julga, dá de barato que a mediatização da alternativa é uma circunstância pacífica, uma conquista do capitalismo popular (aquele que teve a colaboração preciosa das lutas esquerdistas de três décadas, note-se), um capitalismo já de contornos socializantes, sabe finalmente como preencher as zonas mais obscuras do corpo social e cultural, indiferenciando a Livre Iniciativa na sua qualidade de modelo igualitário... para o risco.

E dá porque entende o espaço entregue a Elvis Costello e Tom Waits um erro e não um esclarecedor «recurso», não reparando, embora quase chegue lá, que um jornalismo como o desta revista não é a confirmação de um estado emancipado mas porventura, e com muito menor dignidade, a manifestação de uma derrota. A diversidade «aceite» perde distinção, e tudo se torna do mesmo modo numa «oferta de mercado»: tão simples quanto isso.

Se os Bootstrappers, Ben Neill, Sato



Michihiro, os Tall Dwarfs e Ali Farka Toure (há alguém que os conheça, por cá?) têm quem se lhes refira num órgão de Comunicação Social, não é tão-só porque adquiriram um determinado estatuto, mas porque a própria música de consumo, para a sua reprodução, necessita de interiorizar e converter uma força e uma criatividade que vai dando provas de não possuir. O parasitismo é evidente, e quem sonhava outras glórias que olhe em volta. Significam tais enredos que já não é possível uma «contracultura» musical, à velha maneira dos resistentes? Quase, porque se pressupõe, num primeiro entendimento, que é difícil, hoje, retornar aos antigos espaços de «silêncio» em que as propostas musicais «diferidas» ainda podiam ser coerentes e dar-se ao luxo de uma consistência completa.

Mas é a derradeira hipótese: fugir a este tempo, sair para outro lado, algures. Como o percussionista Glen Velez, que surgiu recentemente num disco de músicos tradicionais turcos cumprindo à risca todos os parâmetros ancestrais e por isso intemporais, ou como Stephan Micus com o seu folclore universal e absolutamente falso, despido de qualquer pertença, ou Keith Jarrett com uma arte pianística que confunde o jazz com o barroco bachiano, o impressionismo de Satie com o tribalismo étnico, desmontando a história e trocando os lugares da geografia. É uma opção, mas dela a «Option» ainda não está verdadeiramente consciente e é previsível que não estará nunca...

De repente, o tempo (ou a História, para ser mais exacto) tornou-se em algo de insustentável para a criatividade artística, levando a que explodissem as formas de o iludir e de o negar. Umas mais razoáveis, outras continuando afinal velhos equívocos e introduzindo alguns de proporções inesperadas. Uma dessas formas já apontámos nestas páginas, consistindo ela na tentação de retornar a um estado do jazz quando ainda era tomado como «arte nova». Eis que surge mais uma comprovação, «Fleur Carnivore», um disco de 89 gravado pela orquestra de Carla Bley na Watt Works/ECM, distribuído no nosso país pela Dargil, e que tem (teve) como motivação original assinalar o décimo aniversário da morte de Duke Ellington. Entram alguns famosos, como o fiel Steve Swallow no baixo, o percussionista Don Alias, os saxofones de Wolfgang Puschnig e Andy Sheppard, a tuba de Bob Stewart ou o trompete de Lew Soloff, entre outros de menor nome, tudo, no trabalho, tem a proporção certa, mas não acrescenta nada nas carreiras de cada um dos intervenientes.

Antes pelo contrário, serviu-lhes, o título, para se devolverem a um certo primado (estilístico, estrutural, expressivo, modal, improvisatório) do jazz orquestral, reencontrado, pelo menos por referência, com uma certa condição da música de salão, popular mas elevada, ligeira mas «blasé», uma música de baile e de jantar em casino, com ocasionais, e convenientes, ritmos salsa.

É bom, «Fleur Carnivore»? Sim, mas nada mais do que isso. A questão é que práticas musicais destas não nos levam a lado nenhum e podiam muito bem não existir que não faria diferença - as repetições da história são como a serpente que come a sua cauda. O mesmo se diga, no campo do rock, sobre «Charmed Life», o penúltimo dos Half Japanese na No Man's Land, comercializado pela Você Gosta de Música (o último, «The Band That Would Be King», em que entram como convidados de Jad Fair um Fred Frith, um John Zorn e um George Cartwright, ainda não chegou ao mercado nacional). O trabalho é caracterizado por insistentes citações a um folk/rock à americana e, ainda com mais evidência, ao punk, ou seja, enraíza-se numa linhagem temporalmente justificada e que se evidencia por reposição.

Como se sabe, o rock dos States é menos pop que o britânico, e se foram os recentes desenvolvimentos da pop que levaram a que se falasse, em determinada altura, num «pós-rock» que afinal rebentou como um balão, o propriamente dito enovelou-se numa linguagem que é claramente a arquétipa. A alternativa, a sê-lo, entra em incongruência consigo mesma.

Buscar a diferença pela inoculação de história num produto musical, depois de enterrados os vanguardismos estéticos, é substituir, nos limites do pânico, os abandalhamentos esquerdistas por não menos irritantes confusões reaccionárias. A coisa pode até resultar ao nível da audibilidade («Charmed Life» ouve-se muito bem), podemos perfeitamente compreender que após as grandes rupturas vêm as solidificações de todas as anterioridades recusadas mas outra vez aceites - o pior é o que está implícito e conotado. Tais remendos não resolvem nada: Jad Fair já o poderia ter digerido, ele que a solo, ou noutros contextos, soube dar um passo em frente.

O outro pé não acompanhou, e é pena, mas deixemos o juízo em aberto para o caso de o novo Half Japanese mudar seja o que for a este cenário. Mais grave é a situação de Carla Bley, que ousou uns tantos passos adiante e quando tudo parecia tomar rumo se resolveu a arrepiar caminho, sem perceber - e até estava ao seu alcance fazê-lo - que há mais de uma maneira de homenagear Duke Ellington.

Alternativas, na própria justeza do termo? Não resiste o autor destas linhas a sugerir duas, por mais improváveis que as julguemos num primeiro encontro. Trata-se de recolhas (com cariz documental, mesmo) de música tradicional na sua manifestação mais impoluta, defendida ainda de influências urbanas ou intuitos folcloristas: uma reúne interpretações da música aldeã do Nordeste da Índia, sob o título «Chant the Names of God», a outra, «Togo», engloba as músicas da África Austral interior. São dois discos da Rounder, comercializados pela Dargil em Portugal, e se aqui são indicados não é em defesa de qualquer verdade original ou entendendo-os como derradeiros baluartes de uma preservação ecológica e patrimonial, purismos que os cruzamentos culturais evidenciados por todo o lado desmentem à partida. Graças aos céus, os caçadores de exotismos (Brian Eno, Opal e quejandos) não pegaram neste material e não o converteram à indústria, mediante «tratamentos sonoros» ou arranjos tecnológicos de adequação.

Assim como está, o que ouvimos num e noutro caso não tem tempo nem fronteiras nem dimensões. Paira no limbo do nossa insatisfação, do nosso azedume até, e é quase a última hipótese para escapar aos tentáculos das lógicas governantes. Estas músicas vêm do princípio da vida mas presenteiam-nos uma nova inocência. Será também uma ilusão, mas é indubitavelmente melhor que todas as outras.

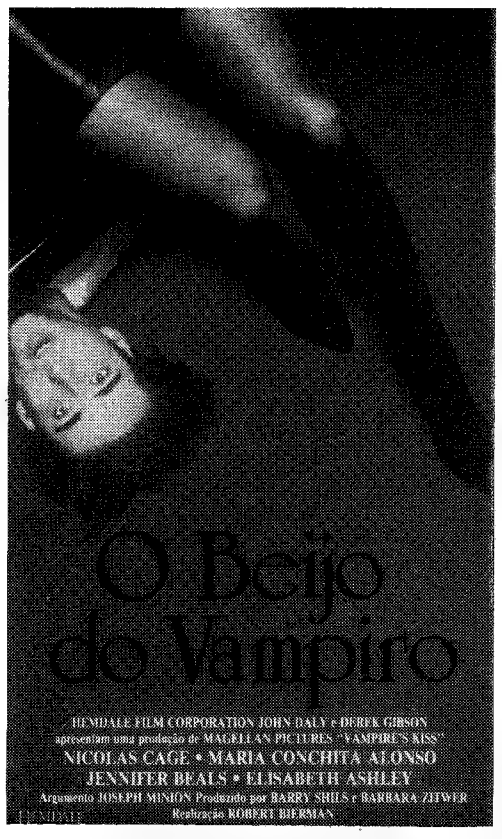
VIDEORAMA

Maria João Martins

(O) BEIJO DO VAMPIRO

É um daqueles filmes abomináveis que nos fazem detestar a ideia de comprarmos um vídeo.

«Vampire's Kiss». Realização: Robert Birman. (EUA-1988). Intérpretes: Nicolas Cage, Maria Conchita Alonso, Jennifer Beals. Cor. 108 minutos. Comédia. Para maiores de 12 anos. Edição Vídeo Time.



IMAGINE JOHN LENNON

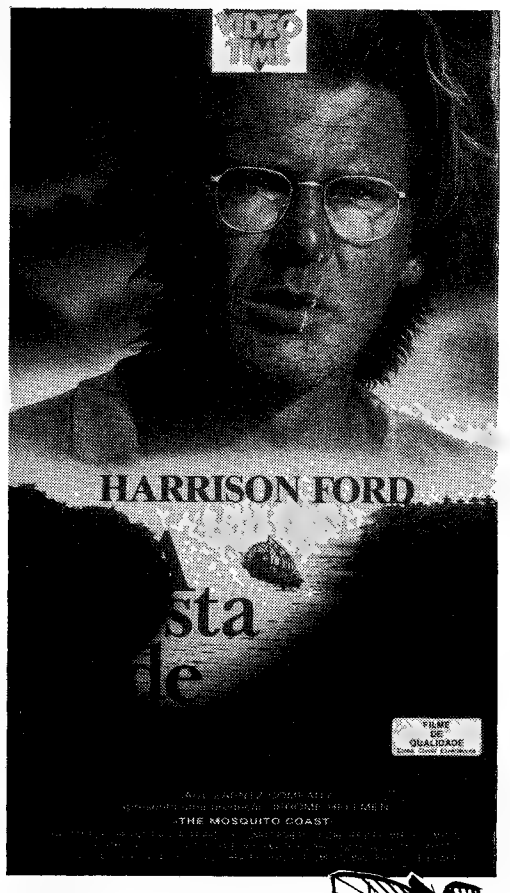
Se o leitor conta um nostálgico da década de sessenta ou com um amante fiel da boa música entre os seus familiares e amigos, não hesite. Este volume da colecção «Musicais da Warner» é a compra que lhe interessa. **Imagine John Lennon** de Andrew Solt é, com efeito, a melhor homenagem que a «língua» cinematográfica alguma vez podia prestar ao co-fundador do mais carismático agrupamento musical de todo o século XX. À memória dos melhores sucessos de Lennon há a acrescentar assim, numerosos excertos dos seus arquivos videográficos que acabam por nos revelar facetas inesperadas da existência deste astro que atravessou fugazmente a constelação onde brilhou com tamanho fulgor.

Imagine John Lennon. Realização: Andrew Solt. (EUA-1988). Cor. 100 minutos. Musical. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/Warner Home Vídeo. Venda directa.

(O) PARAÍSO DAS IMAGENS

Primeiro volume da colecção «Vasco Granja» comercializada em regime de venda directa pela Vídeo Crac, esta cassete inclui alguma da melhor animação canadiana de todos os tempos, com destaque para as curtas-metragens realizadas por Norman McLaren e por Evelyn Lambert. Este parece ser, aliás, o presente preferido pelos pequenos amantes do audio-visual e pelos «fanáticos» do desenho animado.

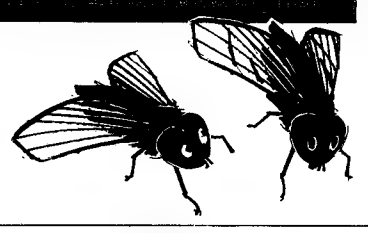
O Paraíso das Imagens. Realização: Norma MacLaren, Co Hoedeman, André Leduc, Evelyn Lambert. (Canadá). Cor. Animação. Para maiores de 4 anos. Edição Vídeo Crac Filmes. **Venda directa.**



(A) COSTA DO MOSQUITO

Intérprete versátil e de amplos recursos, Harrison Ford é hoje o actor americano mais apreciado no mundo inteiro e aquele que, sem qualquer dúvida, ainda pode transformar uma película vulgar num grande sucesso de bilheteira. Realizado por Peter Weir, tal como **A Testemunha**, este é um filme bastante curioso acerca de um americano que, cansado de automatismos, se decide a procurar a espontaneidade da vida no coração da América central. Nem tudo, no entanto, lhe correrá pelo melhor, uma vez que a sua própria família se mostra pouco compreensiva face a ideais tão peculiares. De destacar a ousada denúncia que este filme fez de situações específicas da sociedade de consumo como os falsários dos Evangelhos nos «States».

The Mosquito Coast. Realização: Peter Weir. (EUA-1986). Intérpretes: Harrison Ford, Helen Mirren, River Phoenix, Conrad Roberts. Cor. 122 minutos. Acção e Aventura. Música de Maurrice Jarre. Para maiores de 12 anos. Edição Vídeo Time.



OS FILMES DA SEMANA NA TV

O LESTE EM QUESTÃO

Foram-se as festas, ficam-se as recordações e a busca de contentamento nos dias que são iguais a todos os outros. Já não há árvore, presépio ou rabanadas e também já não é preciso gastar dinheiro em postaizinhos de Boas Festas em que por cada palavra de amor «a mais» se paga uma taxa suplementar. Consciente da alteração, a RTP regressa à forma mediana que a celebrizou, continuando a remeter películas muito interessantes para um Segundo Ca

nal de captação duvidosa para a maioria dos telespectadores.

Sexta, dia 5, 23.50

«O Julgamento de Jean Harris» de George Schaefer

É um telefilme e basta. Produzido para a TV, transmitido pela mesma, tem para o bem e para o mal todas as características que consagraram, ou melhor, que impuseram o género ao gosto geral. A história é a do processo de Jean Harris, directora de escola, que acusada de haver assassinado o amante, alega a ocorrência de um acidente fatal quando ela a salvava do suicídio.

Sábado, dia 6, 16.10

«Um Génio de Palmo e Meio»de Leslie Martinson

Mais um subproduto televisivo, tendo, desta feita, como argumento o caso de um adolescente que tem o azar de ser intelectualmente superdotado.

Sábado, 0.25

«Querida Mãe» de Frank Perry

Realizado pelo autor de «David e Lisa», este filme conta como base argumental o livro «Mommie Dearest» que Christina Crawford escreveu acerca da sua mãe adoptiva, a famosa e contestada estrela de Hollywood, de sua graça Joan Crawford . A interpretação está a cargo da não menos famosa Faye Dunaway que, aliás, consegue parecer-se bastante com a vedeta feminina de «Johny Guitar».

Domingo, dia 7, 14.30

«Sinfonia de Estrelas» de Busby Berkeley

O espectacular e bem-amado cinema musical norte-americano tem em Busby Berkeley um dos seus mais lidímos representantes, como autor que é de algumas das mais espectaculares coreografias de toda a história da M.G.M. «Sinfonia de Estrelas» que ele também realiza, é um desses filmes deslumbrantes, sem argumento que se veja, mas com muita música, muita dança e outro tanto de encantamento. Destaque para a presença da «menina de Marco de Canaveses», a mítica Carmen Miranda, que aqui interpreta «The Lady os the Tutti Fruitti Hat».

Domingo, 21.55, Segundo Canal

«Pather Panchali» de Satyajit Ray

Com este filme que assinalou a estreia do mais conceituado realizador indiano na área da longa-metragem , a RTP inicia no espaço do «Cineclube» um pequeno ciclo sobre o cinema do país de Gandhi. A história propriamente dita é a da infância de Apu, personagem

que Ray, aliás, retomaria nos dois filmes seguintes «Aparajito» (1956) e «O Mundo de Apu» (1959). Vale sobretudo pela descoberta do que dificilmente voltará a ser visto nos nossos «écrans».

Terça-feira, 9, 21.30, Segundo Canal

«O Menino Selvagem» de Truffaut

François Truffaut, senhor de uma sensibilidade como raramente se voltou a encontrar em toda a história da cinematografia, não era apenas o realizador das mulheres. Em «O Menino Selvagem» ele mostra-se particularmente seduzido pelo ser humano enquanto criança e pelo mito do bom selvagem que Rousseau difundiu nas vésperas da revolução de 1789. A acção do filme decorre, com efeito, no século XVIII quando um rapaz de oito anos é encontrado em estado selvagem num bosque de Aveyron. De salientar que Truffaut desempenha o papel do professor que iniciará a criança nos segredos da civilização ocidental.

Quarta-feira, dia 10, 21.15

«Reds» de Warren Beatty

Tido como um dos filmes mais célebres da década que ainda há pouco findou, «Reds» mereceu, quanto a nós injustamente, o título do melhor filme americano desde «E Tudo o Vento Levou». À parte estas idiotices publicitárias, «Reds» é, no entanto, um filme de grande mérito, baseado na obra «Os dez dias que abalaram o mundo» que, conforme se sabe, John Reed escreveu acerca da revolução de Outubro na Rússia. O elenco é soberbo, pois a par de Warren Beatty, que também realiza, encontramos Jack Nicholson, Diane Keaton e Maureen Splatenon que arrebatou o Óscar para a melhor actriz secundária no ano de 1981. Gravação quase indispensável, nesta época em que o Leste é protagonista de mudanças profundas e irreversíveis.

Maria João Martins

Warren Beatty

CLUBES DE VIDEO

video 1000

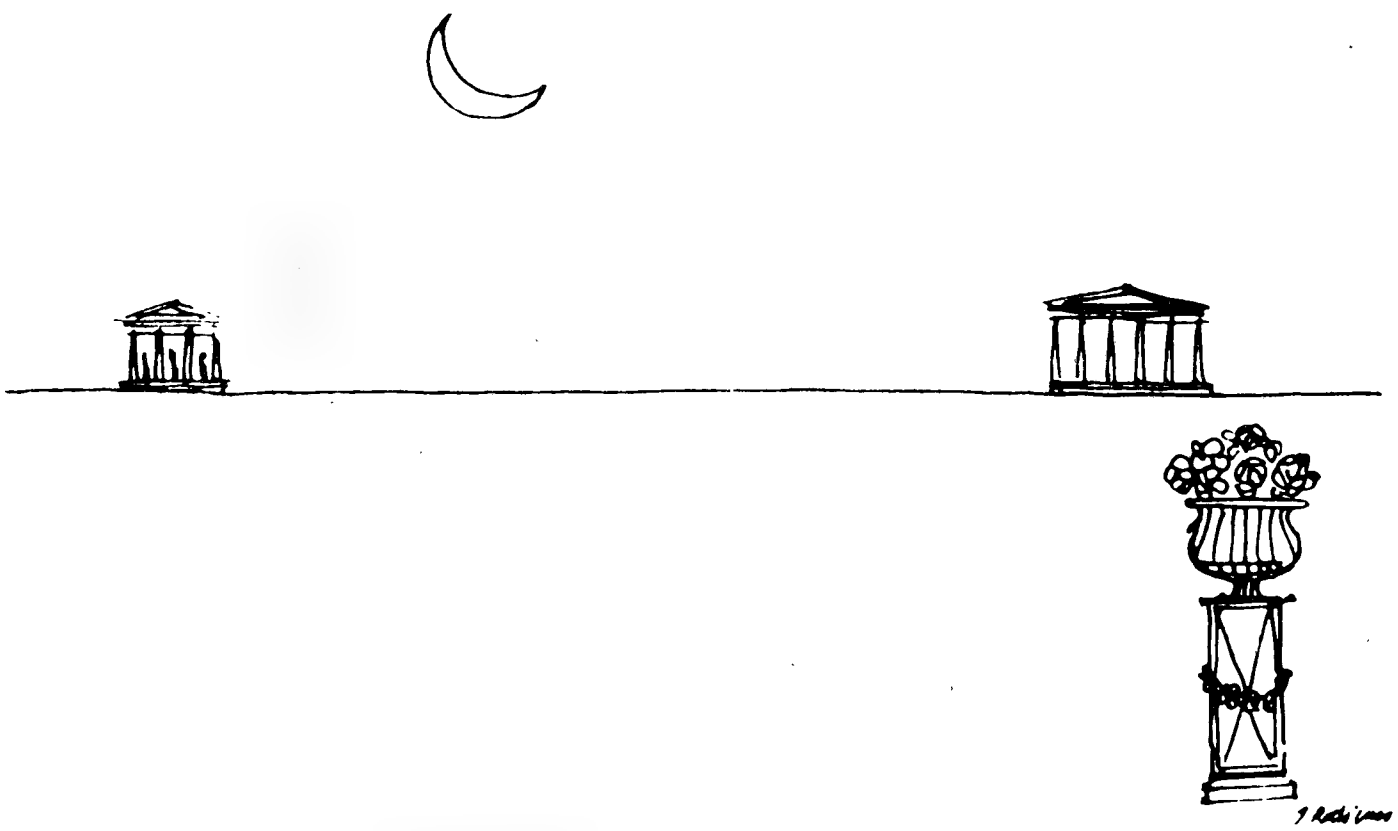
ALUGUERES DESDE

100.00

NOVO CLUB **Loja 1** — Rua Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — Rua Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — Cç. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. Madrid, 14-B (ao Areeiro) • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • LISBOA
Loja 6 — Rua Nova • Pederneira • NAZARÉ
NOVO CLUB **Loja 7** — R. Aldolfo Coelho, 12 • Tel.: 82 12 42 (Alto S. João) • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • **SEM JÓIA** • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

HISTÓRIA GREGA

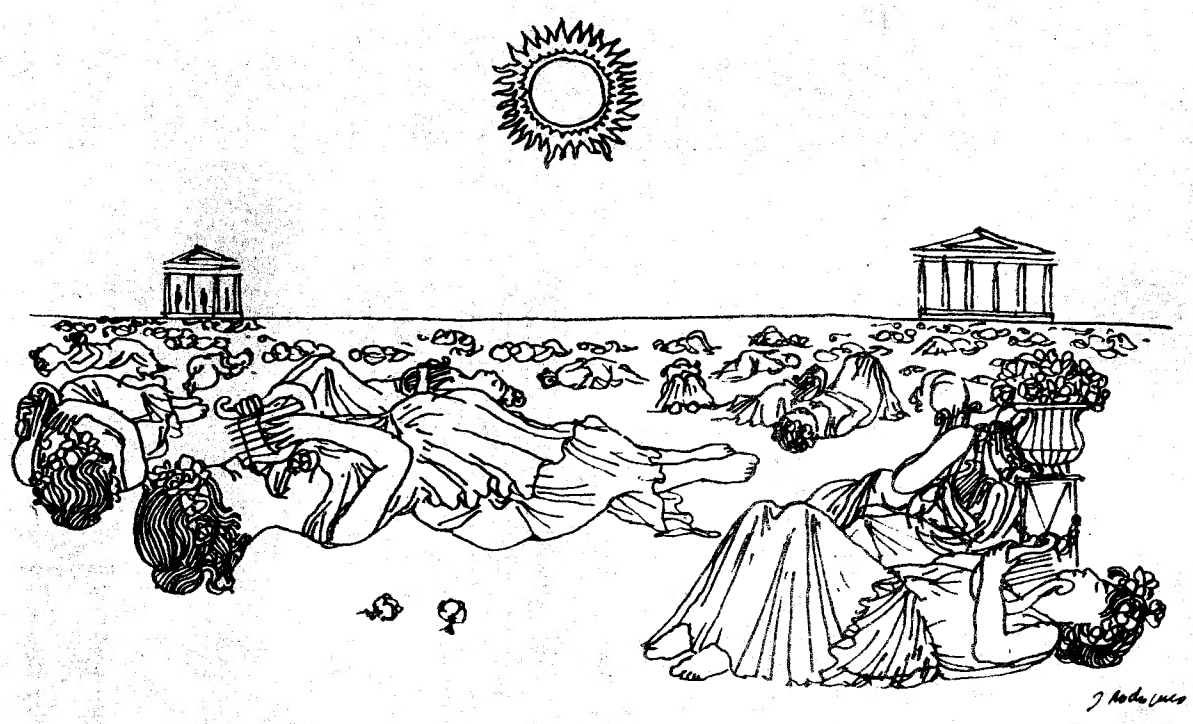


1.º DESENHO

2.º DESENHO

3.º DESENHO

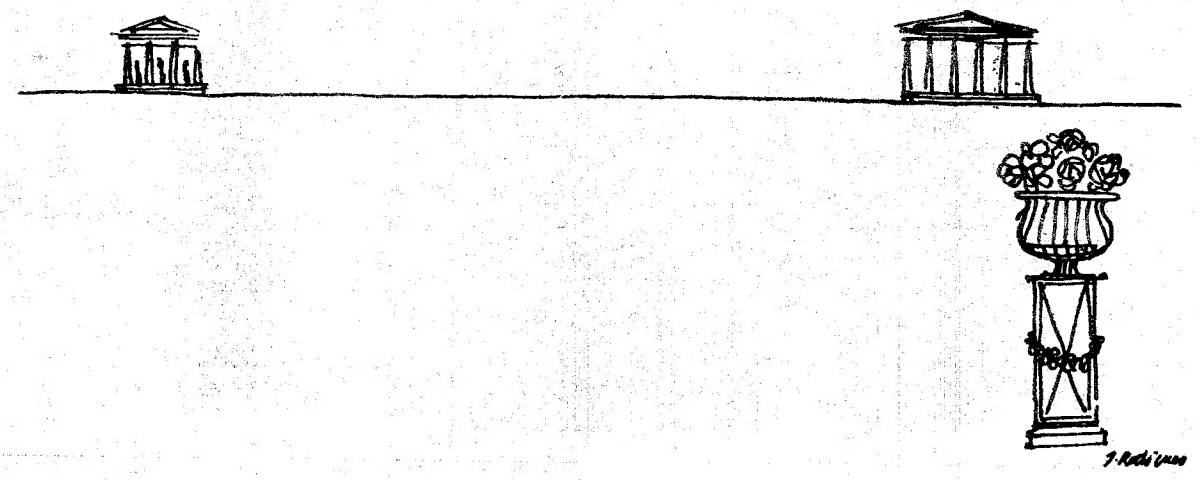
A MOSCA
PÁGINA 29



4.º DESENHO

5.º DESENHO

6.º DESENHO



7.º DESENHO

TELEVISÃO

SÁBADO

RTP 1

«Beethoven» à hora do almoço

09.00 - Juventude e Família
«Teatro Jovem»: a permissividade de hoje e o autoritarismo de ontem é o tema da peça que o grupo de teatro da Escola Preparatória da Póvoa de Santo Adrião levam à cena. E ainda as rubricas: «Cadichon», «Cão Vagabundo», «Transforms em Acção», «Concurso 'De Cor e Salteado'» e «Olho Vivo».
12.00 - Solti dirige Beethoven
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta
14.00 - Parlamento
14.30 - Crime, Disse Ela!
15.15 - Caixa Alta
Já expressámos a nossa opinião sobre esta série na passada semana: não a alterámos.
16.10 - Sessão da Tarde
«Um Génio de Palmo e Meio», de Leslie Martinson (EUA-1982), com interpretações de Gary Coleman, Dean Butler, Robert Guillaume e Kari Michaelsen. Duração: 99 minutos.
Telefilme que tenta refletir sobre os problemas de um adolescente super-dotado num universo mal preparado para o compreender e onde o choque com o mundo adulto está longe de ser fácil ou simples.
18.00 - Vivamúsica
18.45 - O Mar e a Terra
Ilhéus das Formigas, a nordeste da ilha açoreana de Santa maria é o cenário deste documentário.
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.20 - Descobrir os Descobrimentos
21.30 - Teatro
«Cama, Mesa e Roupa Lavada»: o teatro português volta à RTP, em horário nobre. A escolha da peça é que, parece-nos, poderia ter sido mais criteriosa.
23.25 - D. Vicente da Câmara
«40 anos de carreira»
00.25 - Cinema da Meia-Noite
«Querida Mãe», de Frank Perry (EUA-1981), baseado num livro de Christina Crawford. Interpretações de Faey Dunaway, Diana Scarwid, Steve Forrest, Howard da Silva, Mara Hobel, Rutanya Alda, Harry Goz. Duração: 124 minutos.
Baseado num livro auto-biográfico da autoria de Christina Crawford, «Querida Mãe» (Joan Crawford) é uma a reconstituição romanceada da vida da célebre actriz, a partir das evocações da sua filha adoptiva, que a acreditar no livro e no filme, foi martirizada por uma mulher instável, maníaco-depressiva e profundamente desiquilibrada.

RTP 2

09.00 - Via Rápida
10.00 - TV 101
10.50 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»
15.00 - Estádio
19.00 - Music Box Especial
20.00 - Meu Filho, Meu Filho
21.00 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
«O Meu Pequeno Ponei», «Brincar É Coisa Séria» e «All About Movies»
10.05 - TV Rural
10.30 - 70 X 7
11.00 - Eucaristia Dominical
12.00 - Juventude e Família
«Jim Henson Show»
13.00 - Notícias
13.10 - Allô, Allô
13.35 - À Conquista do Espaço
Habituados que estamos a pensar na conquista do espaço como um assunto entre norte-americanos e soviéticos, temos neste episódio a possibilidade de conhecer um outro «conquistador»: o Japão. Com a mesma prudência e convicção com que desenvolveu outras modernas tecnologias, o Japão tem hoje as suas bases de lançamento e construiu uma nova geração de satélites a custos relativamente baixos.
14.30 - Primeira Matinée
«Sinfonia de Estrelas», de Busby Berkeley (EUA-1943), com interpretações de Carmen Miranda, Alice Fay, James Ellison, Phil Baker, Benny Goodman, Charlotte Greenwood, Eugene Pallette e Edward Everett Horton. Duração: 99 minutos.
Na véspera da sua partida para a guerra no Pacífico, o sargento Andrew Mason, filho de um rico financeiro, apaixona-se por uma bailarina de um show musical, Sadie Allen (Carmen Miranda). Tudo se complica quando regressa e para a festa de boas-vindas, organizada pelo pai e pela noiva, está programada a actuação da sua nova apaixonada. «Sinfonia de Estrelas» é uma típica comédia musical americana dos anos 40 com um frágil argumento, onde a importância reside nos números musicais. E aí pontua Carmen Miranda, num dos seus papéis mais memoráveis.
16.20 - MTV - Video Music Awards 1989
17.50 - Ricardina e Marta
18.55 - MacGyver
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Descobrir os Descobrimentos
20.40 - Querido John
21.15 - Christabel
Estreia
22.20 - Domingo Desportivo

«Christabel»

RTP 2

Filmografia indiana em «Cineclube»

09.00 - Music Box Especial
10.00 - Troféu
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Horizontes
14.00 - Veterinário de Província
15.00 - Troféu
17.00 - Sobrevivência
18.00 - Quem Sai aos Seus...
18.30 - Imagem e Imagens
19.00 - Café Central
20.00 - Os Trintões
21.00 - Artes e Letras
«Pandi Ravi Shankar»: músico indiano de excepção na execução de sitar, que alguns «eleitos» tiveram oportunidade de ouvir ao vivo, há uns anos, num concerto na Fundação Gulbenkian. É o autor da música do filme «Pather Panchali», que a rubrica «Cineclube» apresenta já a seguir.
21.55 - Cineclube
«Pather Panchali», de Satyajit Ray (Índia-1955), com interpretações de Kanu Bannerjee, Karuna Bannerjee, Gupta, Subir Bannerjee e Chunibala. Duração: 110 minutos.
Numa aldeia de Bengala, na Índia, um aspirante a escritor e a sua mulher sofrem com uma existência sem grandes perspectivas e tentam simultaneamente, com os seus fracos recursos, educar dois filhos, Durga e Apu, e sutentar uma tia, irmã do pai. Um dia o pai parte para a cidade, e a pouco e pouco deixa de dar notícias, deixando a mulher com grandes dificuldades, acabando por expulsar a mão de casa. A filha acaba por morrer com febre, e o filho decide abandonar a casa com a família. Antes, porém, destrói a prova de um pequeno crime da irmã. «Pather Panchali» é considerado de longe o melhor filme de toda a Índia, fugindo aos rotineiros melodramas baratos que abundam no cinema indiano.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Rota de Howard
14.20 - Palavras Cruzadas
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Decimal, a Baleia», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»
18.25 - Rua Sésamo
Poupas dá-nos o conceito do grande e do pequeno. Carros de lata (mundo fabricado) de Cabo Verde: às ilhas deste país poucos são os brinquedos (como nós os conhecemos) que chegam. Mas lá as crianças também brincam: com restos de tudo o que apanham - latas vazias da Ajuda Internacional, bocados de cordel e de trapos ou mesmo pedrinhas da beira-mar - constróiem os seus próprios brinquedos e, com muita imaginação, brincam ao faz-de-conta a realidade diária. Há algum tempo, o Museu do Trajo, em Lisboa, exibiu uma verdadeira colecção das obras destes artistas «forçados».
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Clube dos Subscritores
21.35 - Os Opperman
Estreia
23.35 - 24 Horas
00.05 - Remate

«Os Opperman»: uma estreia aos serões de segunda

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Bonanza»; bloco B: «Fugitivo»
16.55 - Os Cinco
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.30 - Sida - Um Inimigo entre Nós
Um jovem adolescente e a sua família ficam traumatizados ao saberem que ele desenvolveu anticorpos do vírus da Sida, por ter recebido uma transfusão de sangue, três anos antes, devido a um acidente de bicicleta. Embora ele não tenha sintomas da doença e haja apenas uma possibilidade de 30% de a contrair, quem o rodeia reage com medo e confusão a este problema.
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Elogio da Leitura
20.45 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Teatro Português
«Por um Fio»

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
Estreia
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Decimal, a Baleia», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobre os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.15 - Clube de Subscritores
21.15 - Primeira Página
22.15 - Crónica do Crime
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Dick Powell»; bloco B: «Destino: Aventura»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Music Box - «Via Rápida»
19.35 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Cinemagazine
20.50 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois
«O Menino Selvagem», de François Truffaut (França-1969), com interpretações de François Truffaut, Jean-Pierre Cargol, Jean Dasté, Françoise Seigner, Paul Ville e Pierre Fabre. Duração: 81 minutos.
Em 1797, nos bosques de Aveyron, um grupo de habitantes consegue capturar um garoto selvagem. Após uma breve passagem pela cadeia local, o rapaz é enviado, a pedido do dr. Jean Itard, para o Instituto de Surdos Mudos de Paris, onde se conclui que ele não é surdo.Considerado um caso perdido, é recomendada a sua transferência para o hospício de Bicêtre. Porém, Itard, ansioso por poder demonstrar que o comportamento da criança resulta de deficiências culturais e não físicas, obtém a custódia do garoto e instala-se na sua casa de campo, na companhia da governanta. Aí, com infinita paciência, transforma o rapaz, a quem chama Victor, num ser receptivo à educação. «O Menino Selvagem» é talvez um dos mais estranhos filmes de Truffaut.
23.00 - Especial Desporto
Futebol: Torneio Internacional de Lisboa (apuramento dos 3º e 4º lugares)

«O Menino Selvagem»: a noite do 2º canal preenchida com Truffaut

QUARTA

RTP 1

«Reds»: a vida romanceada do autor de «Os Dez Dias que Abalaram o Mundo»
09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Decimal, a Baleia», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada
«Reds», de Warren Beatty (EUA-1981), com interpretações de Warren Beatty, Diane Keaton, Jack Nicholson e Pat Starr. Duração: 188 minutos.
Em 1915, o conhecido e radical jornalista John Reed choca o Liberal Club ao reduzir as motivações da Grande Guerra a uma mera questão de lucros e fascina Louise Bryant. Acabam por se envolver amorosamente e John convence-a a deixar o marido e a ir viver com ele para Nova Iorque. Um ano depois, John é hospitalizado com um problema de rins e Louise parte para França como correspondente de guerra. Ao saber que ela foi despedida pelo jornal para que trabalhava, John convence-a a partir com ele para Petrogrado, onde se agitam os ventos da Revolução, que John irá presenciar e registar para a posteridade no célebre «Os Dez Dias Que Abalaram o Mundo». Com 11 nomeações para os Oscares da Academia de Hollywood, «Reeds» acaba por conquistar três: melhor realização, melhor fotografia e melhor atriz secundária. «Reeds», nas suas limitações e grandezas, é considerado um dos grandes filmes da década, que Beatty teve a felicidade de assinar, um pouco contra tudo e contra todos aqueles que achavam que nesta década um fresco épico e histórico sobre a vida acidentada e absorvente de John Reed e a Revolução de 1917 não teria público nem sucesso. Enganaram-se.
00.45 - 24 Horas
01.15 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Justiceiro»; bloco B: «Casa de Irene» e «Duarte e Companhia»
16.55 - Os Campbells
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - O Homem na Terra
Estreia
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.20 - Lusitânia Expresso
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Jogo Final
22.30 - Século XX - a Revolução Genética

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «Decimal, a Baleia», «Um Toque de Magia» e «Tom Sawyer»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.15 - Justiça Cega
Estreia: Gora Davies, uma mulher irlandesa de meia-idade, vestida de freira, é presa quando se dirigia para o aeroporto. A polícia encontra cinco quilos de heroína escondidos no corpo de Gora. Katherine Hughes é a sua advogada, que se vai envolver num mundo de corrupção e subornos para a defender. Mas conta também com a ajuda de Frank Cartwright, outro advogado, que se interessa pelo caso.
22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate

«Justiça Cega»: a defesa de uma freira encontrada com 5 quilos cocaína

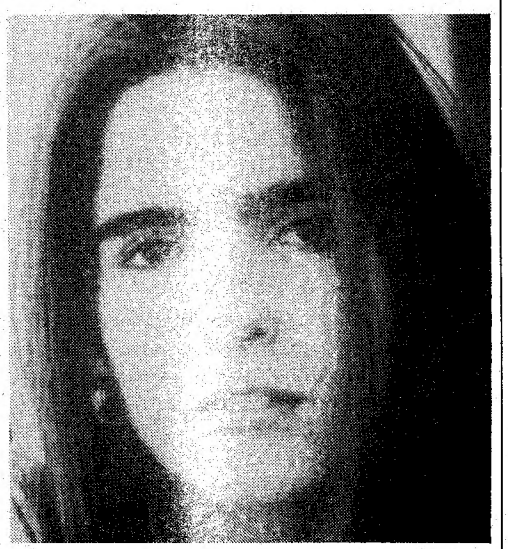
RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Nas Asas do Vento»; bloco B: «Maníacos do Desporto»
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.30 - Os Henderson
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Magazine Musical
20.50 - Obras-Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
22.00 - Sinais do Tempo
23.00 - Quinta Dimensão
Um homem já idoso sonha com uma mulher que está aterrorizada com qualquer coisa que está por detrás de uma porta e descobre que há algo mais do que um sonho. Algo está em jogo: a sua vida.

SEXTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.25 - Vale Tudo
21.15 - Mobil nos Caminhos de Portugal
Um itinerário marcado pelo Rio Vouga e pela Ria de Aveiro; paisagem, actividades iradicionais, gastronomia.
21.30 - Missão Impossível
22.35 - Telemundo
23.05 - Chefe, mas Pouco
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate
00.45 - Pela Noite Dentro
«O Julgamento de Jean Harris», de George Schaefer (EUA-1981), com interpretações de Ellen Burstyn, Martin Balsam, Richard Dysart e Peter Coyote. Duração: 153 minutos.
O julgamento em tribunal de um assassínio, com o fascínio que estas histórias sempre causam. Joan Harris é acusada de ter morto o seu amante de há 14 anos, um respeitado cardiologista. A defesa alega que a morte se deveu a um acidente quando o médico a tentava impedir de se suicidar.



«Fera Radical»: interminavel telenovela...

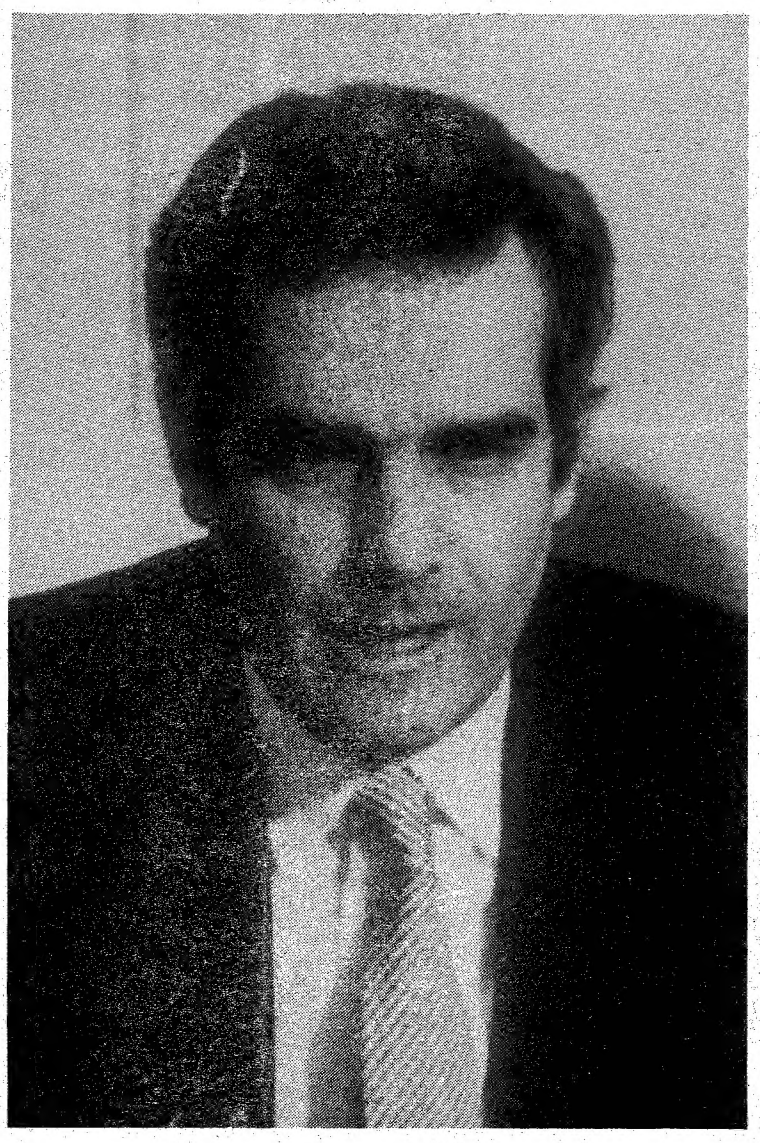
RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Director de Turma» e «Alf»; bloco B: «O Justiceiro»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
Nem Minguinho, o pé de laranja Lima, consegue alegrar o Natal de Zezé.
18.30 - Haja Música
19.30 - O Homem da Carabina e o Homem Invisível
20.25 - As Cidades e as Terras
20.45 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações

RÁDIO

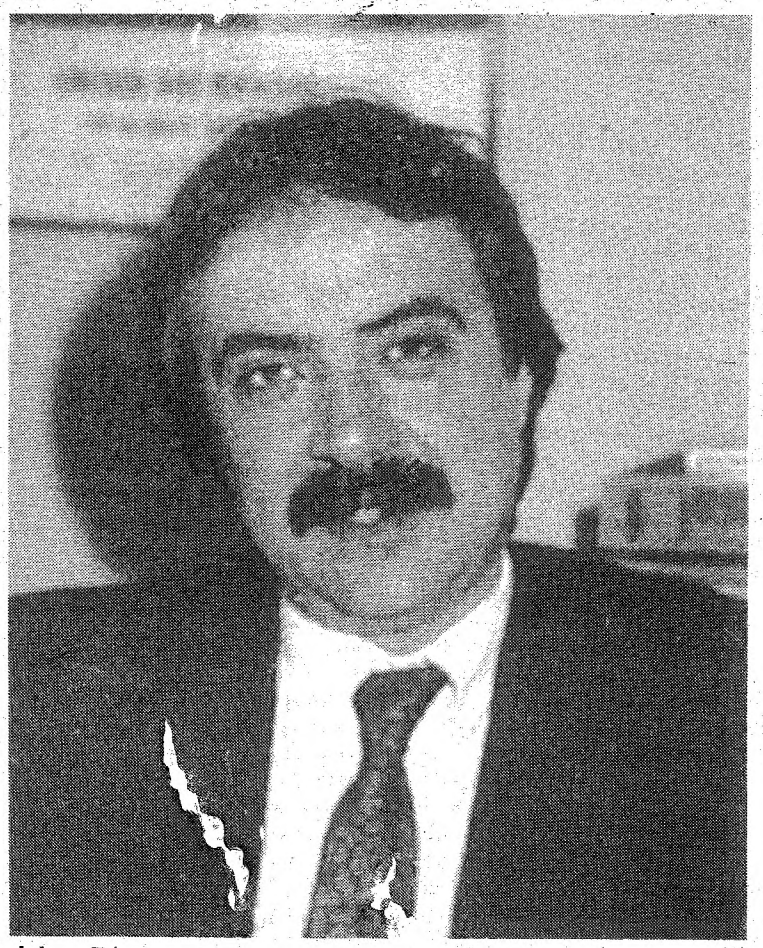
Rui Cartaxo

A DÉCADA DE 80

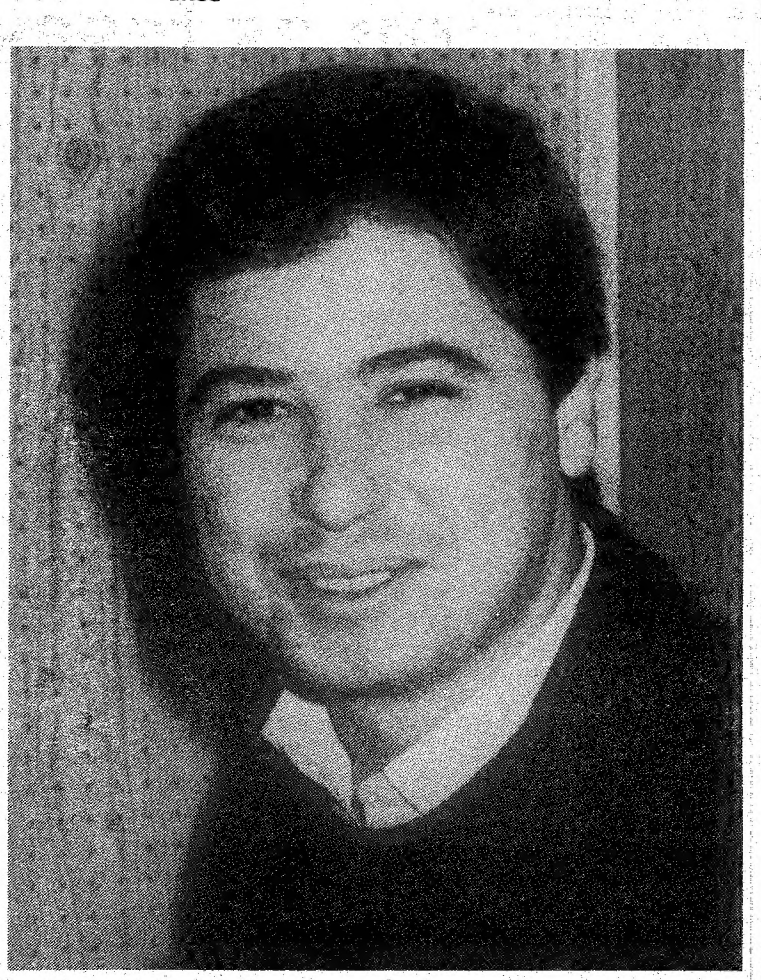


Emídio Rangel

João David Nunes



Jaime Fernandes



Rui Pêgo

A década de 80 termina, singularmente, como começou, com o predomínio e a afirmação da Rádio transmitida em FM estéreo, logo de grande qualidade sonora, «enterrando» a tradicional Onda Média.

Mas a década começara com a criação daquela que foi a Emissora Nacional mais coerente e pujante do País: em 1979, os canais 3 e 4 da RDP foram aglutinados numa única emissora, a *Rádio Comercial,* que conciliava a propriedade pública com um certo sentido empresarial.

Herdando os antigos emissores e frequências dos Emissores Associados e do Rádio Clube Português a Rádio Comercial nasceu com a década, marcou-a profundamente, passando agora por um (episódico?) declínio.

Com a Rádio Comercial, e nomeadamente o seu FM estéreo, foram os velhos modelos e estereotipos postos em causa. Um lote vasto de bons profissionais, em grande parte oriundos da Rádio Universidade, faziam uma informação moderna e atenta, assim como seguiram e mostravam atentamente a música dos nossos dias: o rock, ou música popular urbana de raiz anglo-saxónica, e as suas margens.

Foi o FM Estéreo, e sobretudo o FM da Comercial, que desarticulou o «nacional-cançonetismo», assim como deu um empurrão importante ao rock feito em Portugal.

A preocupação com o rock não excluiu outras músicas importantes, quer no campo erudito, quer no campo popular. Com o «Abandajazz» a Comercial transformou-se mesmo na única estação de rádio na Europa com um programa diário de jazz.

Ao êxito da Comercial não terá sido alheio o facto de ela ter sido dirigida desde sempre por dois excelentes profissionais, *Jaime Fernandes* e *João David Nunes,* eles próprios «dinossauros» do FM e oriundos da «casa».

A *Rádio Renascença,* não querendo perder o barco, criou também a sua emissora de FM, hoje denominado *RFM,* enquanto a *Antena 1,* embora tardiamente, autonomizou quase completamente o seu canal de *FM* Estéreo.

Aliás, o progresso tecnológico no campo do FM, que equivale à obsolescência da Onda Média, é tão grande que a Antena 1 e a RFM usam já hoje um sistema digital de informação e sintonização, o *RDS,* que permite transmissão de informações diversas para os auto-rádios bem como sintonização automática no território nacional.

Mas o FM tem também a particularidade de exigir poucos meios para a sua transmissão. Daí o irromper, a partir de 1983, de um imparável movimento de *rádios «pirata»*, que vieram subverter todo o espectro radiofónico.

Os arautos da «liberalização», que não fizeram mais que reforçar o duopólis Estado/Igreja na Rádio, não tiveram capacidade para estancar este movimento, mas retardaram-no ao máximo e tentaram mesmo distorcer as regras de funcionamento do «mercado».

Remando contra a maré ficaram (em boa parte) os melhores «piratas», ainda que limitados a frequências locais, de potência ridícula.

Tal não impediu que se constituíssem emissores de grande relevância, que vieram introduzir factos e métodos novos no panorama radiofónico português.

A fuga da *RFM* para o *CMR* de alguns jovens profissionais, «chefiados» por *Rui Pêgo,* jovem que é indubitavelmente a revelação radiofónica da década, confirmando amplamente as credenciais que trazia de Angola e dos seus programas pioneiros na Renascença (»Meia de Rock», etc.), permitiu a criação de uma estação de «music and music» (mais tarde transformada numa emissora de «music and news») sólida, com um projecto coerente e objectivos/públicos «alvo» claros, e que se transformou rapidamente na melhor estação musical do País.

O fenómeno da *TSF,* emissora surgida a partir de «dissidentes» da *RDP,* é ainda mais importante. Recorrendo a jovens repórteres, formados pela própria TSF, a TSF revolucionou completamente a informação radiofónica, ao modificar completamente o «timing» das notícias e sua actualidade, privilegiando as transmissões em directo e a reportagem na hora e em cima do acontecimento. *Emídio Rangel,* profissional de grande gabarito, dirigiu este processo.

Com as emissoras estatais, bem como a Rádio Renascença, em profunda estagnação, resta uma Rádio Comercial a perder audiência enquanto aguarda a privatização.

As esperanças para a década que se avizinhavam vêm no entanto das bandas das Rádios locais já implantadas, nomeadamente o *CMR* e a *TSF.*

Elas são a *Rádio do futuro!*